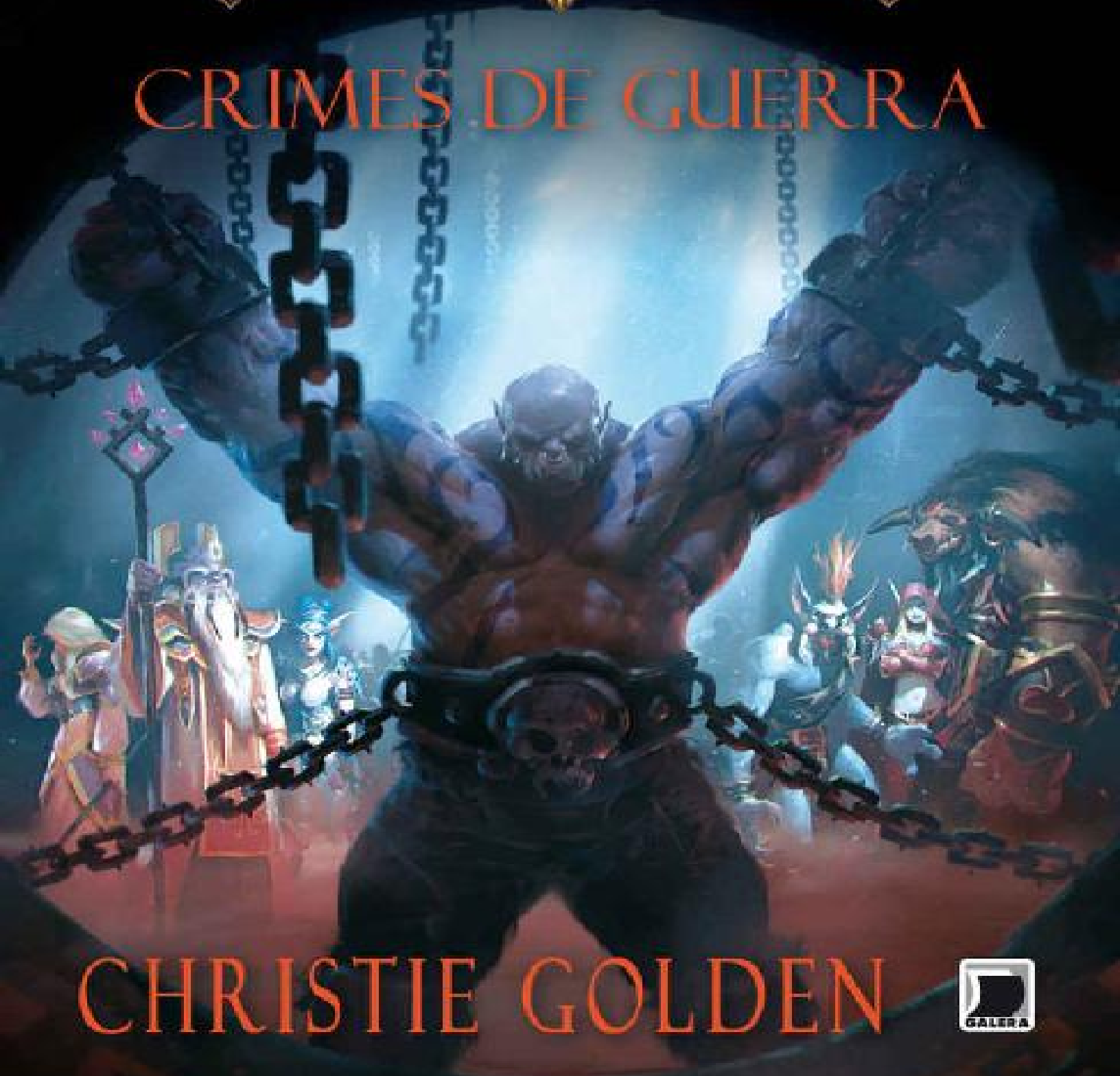


WORLD OF WARCRAFT

CRIMES DE GUERRA



CHRISTIE GOLDEN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas
pela Galera Record:**

World of Warcraft - Marés da guerra

World of Warcraft: A ruptura - Prelúdio de Cataclismo

World of Warcraft: Vol'jin - Sombras da horda

World of Warcraft - Alvorada dos aspectos

World of Warcraft - Crimes de guerra

Diablo III - A ordem

Diablo III - Livro de Cain

Diablo III - Tempestade de luz

Diablo III - Livro de Tyrael

StarCraft II - Ponto crítico

StarCraft II - Demônios do paraíso

WORLD
WARCRAFT®

CRIMES DE GUERRA

CHRISTIE GOLDEN

Tradução de
Larissa Salomé
Rodrigo Santos
Yuri Riccaldone

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G566w

Golden, Christie, 1963-

World of warcraft [recurso eletrônico] : crimes de guerra / Christie Golden ;
tradução Larissa Salomé , Rodrigo Santos , Yuri Riccaldone. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Galera Record, 2014.

recurso digital : il. (World of warcraft ; 5)

Tradução de: World of warcraft : war crimes

Sequência de: World of warcraft : alvorada dos aspectos

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-06899-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Salomé, Larissa. II.
Santos, Rodrigo. III. Riccaldone, Yuri. IV. Título. V. Série.

14-15707

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

World of Warcraft: War crimes

Copyright © 2014 by Blizzard Entertainment, Inc.

World of Warcraft: Dawn of The Aspects, Diablo, StarCraft, Warcraft, World of Warcraft, e
Blizzard Entertainment são marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados
Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos
proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2014 Edição
traduzida para o português por Galera Record 2014.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Coordenação de Localização

ReVerb Localização

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06899-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*Para Sean Copeland, extraordinário historiador,
por seu bom humor a toda prova, respostas rápidas
e úteis, e total entusiasmo e apoio ao meu trabalho.*

Obrigado, amigão!





PRÓLOGO



Draenor.

Terra natal dos orcs e, durante muito tempo, o lar de Garrosh Grito Infernal. Nascera nas paragens mais belas e verdejantes daquele mundo, as terras de Nagrand. Ali resistira à varíola vermelha e à desonra perpetrada por seu pai, o lendário Grom Grito Infernal. Quando a magia demoníaca corrompeu Draenor, Garrosh culpou aquela lenda. Ele sentira vergonha de ter o mesmo sangue que Grom até Thrall, chefe guerreiro da Horda, lhe contar que, embora seu progenitor tivesse sido o primeiro a aceitar a maldição, ele sacrificara a vida para dar fim ao suplício.

Draenor. Da última vez que estivera ali, com o coração cheio de orgulho e um amor ardente pela Horda de Azeroth, Garrosh defendera seu novo lar dos horrores do Lich Rei.

Eis que o orc regressava uma vez mais.

Draenor mudara muito desde sua última visita. Então, a terra emanava uma energia nefasta, os animais estavam doentes e eram poucos.

Desta vez, reencontrava o mundo de sua infância. E como era belo!

Garrosh ficou imóvel e contemplativo. Seu corpo forte e adornado pelas mesmas tatuagens que outrora adornaram a pele de seu pai voltava-se para o sol, deixando o ar doce e puro adentrar seus pulmões. Parecia impossível, mas era verdade.

Naquele lugar impossível, deu-se um fato impensável: diante de seus olhos, materializou-se a imagem de seu pai. Grom Grito Infernal sorria — e sua pele era castanha.

Por alguns instantes, o assombro fez com que Garrosh deixasse de ser um bravo guerreiro, herói e chefe da Horda para voltar a ser uma criança que vê o pai retornar após uma longa ausência.

— Pai! — gritou o orc, caindo de joelhos, sobrepujado pela visão. — Eu voltei para casa. Para a nossa terra natal. Perdoe-me por duvidar de sua honra!

Garrosh sentiu a mão do pai sobre o ombro e ergueu os olhos para fitar seu rosto. Com a voz trêmula, prosseguiu:

— Logrei vários feitos em honra de seu nome, e também o meu nome se tornou amado pela Horda e temido pela Aliança. Você... sabe dessas coisas? Por favor, pai, diga-me... você se orgulha de mim?

Quando Grom abriu a boca, ouviu-se um clangor metálico e a imagem do orc desapareceu.

Garrosh despertou em estado de alerta, como sempre fazia.

— Bom dia, Garrosh. — A voz era agradável. — Trouxemos o seu café da manhã. Por favor, queira se afastar.

Tivessem os carcereiros demorado um pouco mais, o orc ouviria a resposta para a pergunta que o assombrara e que mais o instigara em toda a sua vida. Se pudesse, estrangularia a pandarena pela intromissão. Sua compostura já bastava para causar ódio ao orc.

Garrosh, que trajava um manto encapuzado simples, limitou-se a apresentar uma expressão imperturbável enquanto se erguia dos pelames que usava para dormir. Afastou-se o máximo possível das grades de metal e das janelas da cela, que emitiam uma luz violeta, e aguardou. A maga vestia um manto comprido, adornado por padrões florais. Ela deu um passo à frente e iniciou um encantamento. A luz das janelas se apagou. Outros dois pandarens — gêmeos idênticos — se aproximaram. Um dos irmãos observava Garrosh, enquanto o outro fez deslizar uma refeição composta de chá e pães sortidos através de uma abertura no nível do chão. Ao se levantar, o guarda indicou com um gesto que Garrosh já podia pegar a bandeja.

O orc não se moveu.

— Quando será minha execução? — perguntou, impassível.

— Seu destino ainda está sendo decidido — respondeu-lhe um dos irmãos.

Garrosh quis arremessar a comida contra as grades, ou melhor, projetar-se num salto veloz e imprevisível, e esmagar a traqueia de seu sorridente algoz, antes que a pandarena pudesse intervir. Não fez nem um, nem outro. Com gestos calmos e controlados, dirigiu-se ao pelame e se sentou.

A maga reativou a barreira mágica violeta, e os três pandarens foram-se embora rampa acima. A porta bateu às suas costas.

Seu destino ainda está sendo decidido.

O que, em nome dos ancestrais, significava isso?

1



— **É** um lugar belo e sereno demais para servir de prisão a alguém tão horrível — ponderou Jaina Proudmore, enquanto se aproximava do Templo do Tigre Branco. Ela, o dragão azul Kalecgos, a General-patrolheira Vereesa Correventos e o Rei Varian Wrynn eram conduzidos por um coche. O iaque que o puxava tinha o passo constante e pelos macios, indicando que havia sido banhado recentemente. Cada sulco de terra que as rodas encontravam faziam o veículo inteiro se sacudir. Não obstante, ele fora revestido com um estofado de seda de cores vibrantes, em reconhecimento à honra de seus passageiros.

— É bem mais do que ele merece — sentenciou Vereesa. Ela fixou os olhos em Varian. — Você não deveria ter impedido Goël de matá-lo, Vossa Majestade. A única justiça que há para aquele monstro é a morte, e mesmo a morte ainda será uma punição misericordiosa demais para os crimes que cometeu.

O tom da general-patruelheira era enfático, mas Jaina não a culpava. Mesmo porque, compartilhava dos sentimentos de Vereesa. Garrosh fora responsável pela destruição — não, “destruição” é uma palavra suave e clínica demais para o que ele fizera —, pela *obliteração* da cidade-estado de Theramore. Num piscar de olhos, centenas de mortos jaziam aos seus pés. Garrosh, então chefe guerreiro da Horda, tramou um ardil que consistia em reunir vários dos melhores generais e almirantes da Aliança em Theramore para discutir os termos do que seria, supostamente, uma guerra limpa e honesta. Em vez disso, o orc lançou, no coração da cidade, uma bomba de mana cujo poder fora ampliado por um artefato roubado da Revoada Dragônica Azul. *Tudo e todos* no raio de explosão da bomba morreram. Jaina balançou a cabeça para afastar a triste lembrança dos vários amigos queridos que havia perdido. Jaina Proudmore nunca mais ocuparia o trono da grã-senhora de Theramore.

Um toque gentil em seu braço a trouxe de volta ao presente. Era o dragão azul Kalecgos, a única coisa boa que surgira nesse desastre. Ele e Jaina talvez nunca tivessem se encontrado, caso ele não tivesse ido a Theramore pedir-lhe ajuda para recuperar a Íris Focalizadora. Ao passo que a maré da guerra trouxera a Jaina um novo amor, esta mesma maré arrebatara o amor de Vereesa Correntos. Rhonin, o arquimago que antecederia Jaina como líder do Kirin Tor, postara-se no coração da cidade e atraíra a bomba de mana sobre si, de modo a reter a explosão por artes de mágica. Enquanto fazia isso, empurrara Jaina através de um portal, salvando-a. Jaina, Vereesa, a elfa noturna Shandris Plumaluna e algumas de suas sentinelas foram as únicas sobreviventes.

A líder do Pacto de Prata jamais se recuperara da perda — e, provavelmente, jamais se recuperaria. Vereesa sempre fora forte e franca, mas agora suas palavras eram rancorosas, e um ódio gélido e amargo, como

as neves de Nortúndria, habitava seu coração. Graças à luz, bastava dirigir-se aos filhos gêmeos, Giramar e Galadin, e o gelo derretia.

Tivesse isto se passado algum tempo atrás, Varian teria mordido a isca e se enfurecido com a reprovação aberta de Vereesa. Agora, ele se limitara a dizer:

— Seu desejo ainda pode ser cumprido, Vereesa. Lembre-se do que Taran Zhu nos prometeu.

Depois que Varian impediu Go'el — outrora conhecido como Thrall, antigo chefe guerreiro da Horda e atual líder da ordem xamânica Harmonia Telúrica — de desferir o golpe de misericórdia com o poderoso Martelo da Perdição, Garrosh fora entregue aos cuidados dos pandarens, um povo que possuía a confiança tanto da Horda quanto da Aliança e que já havia sofrido bastante nas mãos de Garrosh. Taran Zhu, senhor dos Shado-pan, assegurou-lhes de que o orc seria levado à corte e de que a justiça seria feita para todos. Ele estava preso no porão do Templo do Tigre Branco e sendo vigiado rigorosamente. Dois dias antes, um emissário do celestial Xuen levara a mensagem: *Solicitamos sua presença no templo para decidir qual será o destino de Garrosh Grito Infernal.*

Nada mais.

Todos os líderes da Aliança receberam a mesma carta. Jaina avistou alguns deles, no sopé da colina. Subiam em coches como aquele, que os levariam ao templo. A Rainha-regente Moira Thaurissan, uma das três líderes enânicas, discutia com um pandaren de aspecto sereno e apontava para o coche. Sem dúvida, não o achava digno de sua “imensa” majestade.

— Eu me lembro — retomou Vereesa. — Aparentemente, a questão é importante para os celestiais. Mas, se é tão importante assim, por que não nos deixaram ir para o templo voando? Por que perder tempo nessas carroças?

— Estamos aqui a convite deles — interveio Kalec. — Se estão dispostos a esperar pelos coches, nós também temos que estar. Além do mais, a viagem não é tão longa assim.

— Falou a voz da paciência dragônica — retorquiu Vereesa.

— Sou o que sou — respondeu-lhe o dragão, sem se deixar afetar pelo comentário.

Sim, pensou Jaina, de fato, ele era o que era, aquela era sua natureza, e ela estava feliz que assim fosse, embora ainda precisassem amadurecer muitas coisas em seu relacionamento.

Ela tentou se acomodar no banco estofado e desfrutar do lento passeio pela estrada sinuosa. Pandária esbanjava paz e beleza onde quer que os olhos pousassem. Cerejeiras rosa explodiam em flor, e seus galhos murmuravam ao toque do vento. Estátuas de tigres brancos guardavam o primeiro portão. A partir daí, o caminho ficava mais íngreme. O carro prosseguia em marcha constante, e o frio se adensava. Jaina sentia-se grata pelo calor das tochas que passavam e cobriu sua figura esguia com um manto. Uma neve rala surgiu na estrada, aumentando de volume à medida que subiam. Jaina sentiu uma leveza profunda e, subitamente, compreendeu o que se passava. Estava ciente da importância de se estar concentrado e focado para conjurar um feitiço. Tornou-se claro para ela que, à sua própria maneira, os celestiais ofereciam a seus convidados a oportunidade de se focar. Ao tomar o coche para subir a montanha e circundar a estrutura externa do templo, expostos à beleza e à paz que aquele caminho oferecia, Jaina e seus companheiros tinham a oportunidade de deixar de lado os deveres da vida cotidiana e chegar ao destino tranquilos. Então, deixou que o ar, perfumado pela fragrância das cerejeiras, limpasse sua mente.

Ela e Kalec estavam sentados de costas para a estrada, de modo que não viram o motivo que levara Vereesa a contorcer belo rosto num esgar e Varian a morder os lábios. O coche estacou diante da primeira das pontes de corda. Sem sequer pensar, a elfa superior levou a mão ao quadril e, ato contínuo, cerrou o punho ao se lembrar de que haviam lhes pedido que não trouxessem armas ao templo.

— O que *eles* estão fazendo aqui? — Chiou Vereesa, logo em seguida respondendo à própria pergunta. — Bom, Garrosh era o *líder* da Horda. É de se supor que estariam presentes quando fossem decidir seu destino.

Jaina se virou para poder ver o pátio do templo e, então, arregalou os olhos. Engolindo em seco, lembrou-se da estratégia que Garrosh usara em Theramore: reunir os maiores estrategistas da Aliança em um só lugar, fazendo-os acreditar que o convite também se estendia aos líderes da Horda. O novo chefe guerreiro e contraparte de Varian, o troll Vol'jin também estava lá. Um troll seria melhor ou pior do que outro orc? Havia alguma diferença, afinal? Nem mesmo o antigo chefe guerreiro, Thrall, que agora atendia pelo nome de Go'el, conseguiu arrefecer a natureza violenta da Horda, e não foi por falta de tentativa.

Foi exatamente enquanto pensava nele que os olhos de Jaina encontraram o xamã órquico. Ao lado de Go'el estava sua companheira, Aggra, que levava uma manta nos braços.

O filho de Go'el.

Jaina ouviu dizer que o orc havia se tornado pai, e corriam boatos de que Aggra já estava grávida de novo. Em tempos idos, Jaina teria sido convidada a embalar o pequenino, mas não agora. Go'el inspecionava a comitiva quando o azul de seus olhos encontrou o azul nos olhos dela.

Um misto de raiva e tristeza fez com que Jaina desviasse o olhar.

Buscando se distrair, ela se voltou para o mais alto dos líderes da Horda, Baine Casco Sangrento. Além de Go'el, Baine era o único líder da Horda que Jaina já considerara como amigo. Garrosh matara o pai do tauren, Caerne, e depois ficou de braços cruzados enquanto os Temível Totem atacavam o Penhasco do Trovão. Não obtendo ajuda alguma da Horda, Baine recorreu ao auxílio de Jaina na luta contra Magatha — favor que Jaina prestou com satisfação. Baine retribuiu alertando-a do ataque iminente a Theramore. No entanto, Baine presumiu que seria uma batalha comum. Ele não tinha conhecimento do roubo da Íris Focalizadora, nem dos propósitos letais que Garrosh lhe reservara. Na opinião de Jaina, a dívida estava paga.

Além do tauren, avistou outras figuras importantes: Lor'themar Theron, dos elfos sangrentos, com quem havia — relutante — negociado recentemente, e o desprezível Príncipe Mercador goblínico, Jastor Gallywix, com sua ridícula cartola de sempre.

Ao saírem do coche, um pandaren em trajes de monge recebeu-os com uma medida e disse:

— Que nossos honrados hóspedes sejam bem-vindos à primeira reunião de *todos* os líderes da Horda. Aqui, reinará a paz. Vocês juram obedecer a esta lei?

— Achei que havíamos vindo para ver a justiça ser feita — retorquiu Vereesa, mas Jaina a interrompeu com um toque no braço. Vereesa mordeu os lábios e não disse mais nada. Desde a morte de seu marido, ela gravitava ao redor de Jaina, e a líder do Kirin Tor era a única que conseguia pôr panos quentes sobre o ódio que Vereesa nutria pela Horda.

— Queiram compreender que em nossos corações não há paz — disse Jaina ao monge —, mas dor, raiva e sede de justiça, como disse Vereesa. De minha parte, contudo, não oferecerei violência.

Os outros três consentiram, embora Vereesa proferisse as palavras com dificuldade. O pandaren os convidou a acompanhá-lo. Atravessaram a ponte balouçante, subiram a imensa escadaria central e adentraram o coliseu.

Aysa Canta Nuvens, uma das primeiras pandarenas a se juntar à Aliança, estava à porta do templo. Os recém-chegados a cumprimentaram com uma mesura, e os olhos dela brilharam de felicidade. Aysa havia se estabelecido em Ventobravo, e Jaina não a havia visto desde então.

— Sabia que viriam — saudou-lhes Aysa, retribuindo a mesura. — Muito obrigada.

— Aysa — disse Varian —, o que está havendo?

— Tudo o que sei é que requisitaram aos líderes da Aliança e da Horda que viessem se reunir pacificamente, e que os Celestiais Majestosos tomaram alguma decisão. Peço-lhes que adentrem o templo em silêncio e que aguardem à esquerda da área central. Os celestiais chegarão logo, logo. — Seu tom de voz estava mais alto do que de costume, traindo certa inquietude. Não era um bom sinal, mas todos assentiram em fazer o que ela havia pedido.

— Ji também está aqui? — perguntou Jaina. Aysa hesitou. Ji Pata de Fogo fora o primeiro pandaren a se aliar à Horda, ao passo em que Aysa escolhera a Aliança. Isto os dividira, até que Garrosh se voltou contra Ji, o qual chegou muito perto de ser executado. Que os dois se gostavam muito era óbvio, mas o que aconteceria entre eles doravante não era assim tão claro.

— Está. Por ora, estamos juntos, e o momento é precioso para nós dois. — Limitou-se a dizer a pandarena. Jaina não insistiu no assunto. A arquimaga tinha esperança de que o julgamento servisse para mostrar a Ji que se aliar à Horda seria um erro.

O Templo do Tigre Branco era vastíssimo. Ali, na arena cavernosa, que ficava no centro do templo, os disciplinados monges pandarenos treinavam, sob os olhos vigilantes de Xuen, para se tornarem mestres das artes marciais. Apesar da vastidão, o ambiente não era opressor. Talvez isto se devesse ao fato de que, apesar dos inúmeros assentos, ali testemunhava-se apenas a habilidade, e nunca a morte.

A entrada ficava ao sul, e, no lado oposto, havia um trono flanqueado por duas tocheiras enormes. A oeste, norte e leste, viam-se vários estandartes. Sobre o chão, havia sete grandes aros de tamanhos gradativos, contidos uns dentro dos outros, sendo o central o mais robusto e mais afastado do superior. A luz do dia, que adentrava pelas portas abertas, e algumas lanternas, que pendiam do teto, iluminavam a câmara.

Alguns de seus companheiros já haviam chegado. O filho de Varian, o Príncipe Anduin, foi até eles e abraçou o pai. Jaina ficou feliz ao ver o carinho com que se tratavam, dado os transtornos que, fazia pouco, haviam perturbado sua relação. Anduin, que dentre eles fora o que passara mais tempo naquelas terras, pôs o dedo sobre os lábios, e todos assentiram em muda compreensão.

Conforme requisitado, dirigiram-se, em silêncio, à Alta-sacerdotisa Tyrande Murmuréolo, representante dos elfos noturnos, e à general das Sentinelas, Shandris Plumaluna. Velen, o antigo líder dos alienígenas draeneicos, cumprimentou-os com um meneio de cabeça. Anduin se pôs ao lado do professor e amigo enquanto os outros se ajeitavam. Genn Greymane, rei de Guilnéas, adentrou a câmara na companhia do Grão-faztudo Gelbin Mekkatorque. Atrás deles, vieram Moira, Muradin Barbabronze e Falstad Martelo Feroz, o triunvirato que representava os reinos enânicos.

Greymane optara pela forma de worgen. A escolha era bastante significativa. Ao mesmo passo em que declarava à Horda que alguns membros da Aliança conheciam o lado mais primitivo da natureza, dizia também aos seus aliados que isto não lhes causava vergonha alguma.

No lado direito da câmara, reuniam-se os representantes da Horda, cuja visão fazia Jaina retorcer os lábios. Então, Go'el estava acompanhado de seu velho amigo e conselheiro Eitrigg e de outro orc ancião — Jaina o conhecia. Era Varok Saurfang. Seu filho Dranosh tombara no Portão da Ira. O Lich Rei o ressuscitara, apenas para que tornasse a tombar — desta vez, a morte fora definitiva. Varok era um guerreiro empedernido, mas também era pai e pranteava um filho valoroso.

Notando a inquietação súbita de sua companheira, Jaina seguiu o olhar de Vereesa.

Uma figura esguia e graciosa adentrava o Templo do Tigre Branco. Num olhar rápido, diriam se tratar de uma arqueira élfica, porém sua pele era de um azul pálido, e seus olhos, de um vermelho vivo, como se deixassem entrever uma chama voraz.

Sylvana Correntos, Dama Sombria dos Renegados e irmã de Vereesa havia chegado.

2



Depois de Mulgore, o lugar que mais acalmava a mente e o coração de Baine Casco Sangrento era Pandária. Enquanto guerreiro, admirava a habilidade e a destreza demonstrada pelos monges do templo Xuen. E, no entanto, algo o inquietava.

Podia-se dizer que as vítimas do primeiro grande crime perpetrado por Garrosh, na Horda, foram os taurens: a morte do pai de Baine, o grande e saudoso Carne Casco Sangrento. Baine não tinha dúvidas de que seu pai teria emergido vitorioso de um duelo justo, como seria digno de um mak'gora. Carne não fora morto por um golpe superior, mas por um veneno que fora aplicado à lâmina de Garrosh sem que ele soubesse.

Mas Garrosh estava ciente de que Magatha, a xamã que “abençoara” a lâmina, estava contra seu próprio povo; jamais deveria ter confiado em uma taurena que não se recordava nem honrava suas raízes. E foi assim que, num ato de traição, o mais valoroso dos taurens foi assassinado. Talvez fosse inevitável que Garrosh, inocente deste crime, acabasse se tornando

perverso e cruel, capaz das atrocidades que posteriormente cometeria. Primeiro, aniquilou Theramore, lembrança que ainda assombrava os sonhos de Baine; depois, o Vale das Flores Eternas, ferindo o amor e a reverência profundos que o tauren sentia pela Mãe Terra.

O vale fora criado pelos titãs, uma terra de beleza impossível, abundância e harmonia. Selado após a derrocada da antiga raça dos mogu, guardiões zelosos cuidaram do vale. Somente agora a Aliança e a Horda haviam ganhado o direito de adentrá-lo. Fora necessário pouquíssimo tempo para que Garrosh Grito Infernal, com sua cobiça por poder, destruísse algo que perdurava há incontáveis milênios. As flores do vale não eram eternas afinal. Elas haviam desaparecido, não passavam de lembrança, embora uma vida nova — e uma nova esperança — tivessem chegado ao vale, depois da derrota dos sha.

Baine confiava na sabedoria e na justiça dos celestiais.

Então, por que estava tão agitado?

— Uma vez, eu disse a Garrosh que alguém ia cravar uma flecha no seu coração negro e que ele saberia quem foi. Conheço bem o motivo de sua inquietação.

Baine tomou um susto. Vol'jin aproximara-se tão silenciosamente que o tauren não havia percebido sua presença.

— É verdade. É difícil conciliar o que meu pai me ensinou sobre honra e justiça com o que eu realmente gostaria que acontecesse hoje.

— Bem-vindo ao clube — brincou Vol'jin. — Mas para começar do zero, vamos fazer como Varian falou. Garrosh já causou estrago demais vivo. Ninguém quer um mártir que influencie os orcs pro mal. Aquilo que os celestiais decretarem, ninguém tem direito de contestar.

Baine passou os olhos por Go'el, Eitrigg e Varok Saurfang. Go'el havia pegado o filho de Aggra e o embalava em seus braços. Tendo perdido o

próprio pai de forma violenta, ele certamente estava decidido a acompanhar de perto o crescimento do filho, imaginou o tauren. Caerne fora um pai tão presente. A cena insuspeitada comoveu Baine. Pais e filhos... Grom e Garrosh, Caerne e Baine, Goël e Durak, Arthas e Terenas Menethil, Varok e Dranosh Saurfang. O tema recorrente devia ser um sinal da Terra Mãe para as forças grandiosas do bem e do mal que se manifestavam através destas conexões profundas.

— Espero que esteja certo — disse Baine a Vol'jin. — Foi Goël quem pôs Garrosh no comando, e Saurfang nutre um rancor profundo por isto.

— São orcs. Aliás, orcs honrados, todos eles. Quem me preocupa é *outra* pessoa. Ninguém é capaz de tanto ódio quanto a Dama Sombria. E o ódio é um prato que ela gosta de servir bem frio.

O tauren fitou Sylvana. Ela estava sozinha, e sua postura era altiva. A maioria dos líderes trouxera outras figuras proeminentes de suas raças consigo; ele próprio trouxera Kador Canta Nuvens, o xamã que tanto lhe reconfortara durante os tempos sombrios, e Perith Casco Tempestuoso, seu mais fiel caminheiro. Sylvana raramente era vista na ausência de suas Val'kyr, criaturas mortas-vivas que outrora serviram Arthas e que agora a serviam — e a haviam salvado. Porém, naquela ocasião, dispensara a companhia, como se sua presença poderosa e iracunda bastasse para ver Garrosh morto, sem auxílio nem permissão de ninguém.

Seus olhos percorreram a arena até chegar ao local onde os representantes da Aliança se reuniam. O jovem Anduin e a Grã-senhora Jaina, de cuja companhia já desfrutara — a lembrança abriu-lhe um sorriso triste —, compartilhavam uma xícara de chá. Havia uma elfa superior ao seu lado que parecia estranhamente familiar. Devia ser Vereesa Correntos, irmã de Sylvana e de Alleria que estava desaparecida. Vereesa, no entanto, estava mais do que viva.

Aquele era o dia de abrir todas as feridas, pelo que parecia. Baine estava ansioso para que os celestiais chegassem logo e proferissem a sentença. De súbito, seus pelos se eriçaram e seu coração bateu mais leve no peito.

Quatro silhuetas assomaram contra a luz que vinha da porta. Quando elas adentraram a arena, Baine se deu conta de que reconhecia os Celestiais Majestosos com o coração e com o espírito, pois, aos seus olhos, eles haviam mudado completamente. Sempre os vira na forma de animais, mas, hoje, haviam escolhido encarnações diferentes.

Chi-Ji, a Garça Vermelha, portador da esperança, assumira a forma esguia de um elfo sangrento. Suas longas madeixas eram vermelho fogo, e o que Baine tomara por uma capa dourada eram, na verdade, asas. Xuen, o Tigre Branco, a quem pertencia o templo, encarnava um corpo humano de força controlada e movimentos fluídos, e tinha a pele e os cabelos marcados por listras pretas e brancas. Baine sentiu-se honrado ao ver que Niuzao, o indomável Boi Negro, decidira se mostrar aos olhos mortais como um tauren. Ele inspecionou os visitantes com seus radiantes olhos azuis, provocando enorme estrondo a cada passo de seus cascos reluzentes. A sábia Serpente de Jade, Yu'lon, escolhera a forma que mais intrigara Baine: uma filhote de pandaren. O tauren ponderava a questão quando seus olhos encontraram os dela e ela lhe abriu um sorriso. Deveras, optar por uma forma dócil e atraente era uma demonstração inegável de sabedoria, concluiu ele.

Os quatro celestiais atravessaram a câmara, dirigindo-se ao assento de onde Xuen conduzia as audiências. Baine sentiu a calma e a lucidez que lhe faltavam tomar conta de seu corpo. Respirou fundo e fechou os olhos em sinal de gratidão à presença dos celestiais.

Todos estavam em silêncio, aguardando ansiosamente que os celestiais se pronunciassem.

Mas eles não disseram nada. Em vez disso, viraram-se para contemplar uma figura que acabava de adentrar o templo.

Ela envergava uma armadura de couro negra, adornada na altura do ombro pela imagem de um tigre com os dentes arreganhados. O chapéu largo e o pano vermelho que lhe cobria o rosto teriam ocultado sua identidade, caso todos os presentes não o estivessem aguardando. Taran Zhu, líder dos monges Shado-pan, fez uma mesura desajeitada e sorriu, dirigindo-se ao centro do círculo com passos graciosos que não condiziam com a sua idade e formas redondas. Ato contínuo, fez uma mesura para cada uma das poderosas entidades e contemplou todos que estavam ali reunidos.

— Sejam bem-vindos — declarou ele. — Hoje, falo pelos celestiais e digo-lhes desde já que os recebemos com o coração cheio de gratidão. Peço-lhes que reservem o instante para apreciar esta cena, jamais vista neste mundo. Todos aqueles que desempenham um papel de liderança na Horda, e todos que falam pelos povos da Aliança estão reunidos aqui, hoje. Nenhum de vocês carrega uma arma na mão, e eu ordenei que erguessem um campo anulador para impedir o uso indevido da magia; inclusive a evocação daquilo que chamam de Luz. Estão todos aqui por um único propósito, como dantes outros propósitos nobres os uniram. Rogo-lhes que, por alguns instantes, olhem para os seus queridos amigos e honrados inimigos.

Baine olhou primeiro para Anduin, pois sabia que sua face não estaria contorcida numa expressão de ódio. Depois, seus olhos passaram pelo semblante austero dos anões e pelo focinho peludo de Genn Greymane. Vereesa parecia estar cerrando os dentes, assim como cerrava os punhos

pequenos, mas fortes; quanto a Jaina, imaginou se estaria ciente de quão visíveis estavam a tristeza e o ressentimento em seu rosto. Ao longo dos minutos de reflexão, Baine notou que, em ambos os lados, alguns dos rostos tensos relaxaram, enquanto outros ficavam cada vez mais impacientes.

— Sob nossos pés, numa prisão muito bem vigiada, encontra-se aquele cujo destino será decidido: Garrosh Grito Infernal — retomou Taran Zhu.

Baine engoliu em seco. Faltavam-lhe as palavras. Sentia a tensão no ar, sentia o cheiro da raiva, do medo e da ansiedade. Mas o plácido monge preservava a calma.

— Disseram-lhes que o destino de Garrosh Grito Infernal seria decidido hoje. Pois bem, isto é verdade. Os celestiais não mentem. No entanto, eles não lhes revelaram tudo. Após muita discussão e meditação, chegaram à conclusão de que Garrosh não deveria ser julgado apenas por eles. Todos sofreram nas mãos dele, não só Pandária, embora seu povo tenha amargado duras penas. — Ele colocou a mão na cintura, onde Uivo Sangrento havia enterrado seus dentes, pouco tempo atrás. — Portanto, vocês também merecem participar. Não há dúvidas de que ele é culpado, mas nós faremos um julgamento justo, conduzido pela Horda e pela Aliança, para determinar seu destino, com a possibilidade de uma sentença reduzida, quem sabe até a liberdade.

Imenso alarido.

Baine não sabia quem gritava mais alto, Horda ou Aliança.

— Julgamento? Ele se vangloriou do que fez!

— Ele merece a morte! Tantos morreram em suas mãos!

— Vamos julgar a Horda *inteira*!

— Nós sabemos o que ele fez! O mundo inteiro sabe!

Os olhos de Xuen se estreitaram e a sua voz ressoou, pura feito o sino, afiada feito a espada:

— *Silêncio no meu templo!*

Foi obedecido. Satisfeito, fez um sinal para que Zhu prosseguisse.

— Os Celestiais sabem que Garrosh Grito Infernal é culpado de crimes horrendos. Não há dúvidas quanto a isso. O que devemos decidir agora é a maneira pela qual ele responderá por esses crimes. A questão não é se ele *deve ou não* ser responsabilizado, mas *como*. E a única forma de decidir isso é através de um julgamento. Assim, Horda, Aliança e quem mais tiver algo a dizer terão a chance de falar, e todos serão ouvidos.

— Mas os celestiais vão continuar sendo os juízes, júris e executores, não é? — Foi Lor'themar Theron quem perguntou. Baine ponderou que a capacidade de “trabalhar em equipe” do elfo sangrento estava sendo testada ao limite.

— Não, amigo Lor'themar — respondeu Taran Zhu. — Os celestiais, de fato, se ofereceram para ser o júri, mas estão abertos a sugestões. Seria uma honra para mim desempenhar o papel de fa'shua, isto é, de juiz. Os celestiais são seres sábios e buscam a justiça verdadeira. Eu vim a conhecer muitos dos que se encontram aqui presentes. Elegeremos, segundo a antiga lei pandarena, representantes da Aliança e da Horda para atuarem como acusação e defesa.

— Ele já é culpado... você mesmo disse — interveio Vereesa. — Neste caso, como pode haver defesa e acusação?

— O defensor buscará uma sentença mais branda. O acusador, evidentemente, uma mais severa. Escolham alguém entre si. O outro lado terá direito a um veto.

— Pois que se vete todo o procedimento! — Irrompeu Genn Greymane — Garrosh Grito Infernal é um açougueiro, ele liderou a Horda

na guerra contra nosso povo, causando um massacre! Se vamos conduzir um julgamento, que seja um julgamento de verdade, para todos os líderes da Horda. Na melhor das hipóteses, eles não fizeram nada para impedir Garrosh; na pior, apoiaram-no ou — Genn lançou um olhar cheio de ódio sobre Sylvana — juntaram-se à ofensiva! — Ergueu-se um coro raivoso, em concordância com o worgen. Baine lamentou ao ver que Jaina unia sua voz ao coro dos descontentes.

— Isto demoraria tempo demais — retorquiu Taran Zhu, calmo. — Nem todos dentre nós são dotados de tamanha longevidade.

— A Aliança — cuspiu Gallywix — *sequer* deveria estar envolvida. Garrosh deveria ser julgado pelos seus pares para garantir que nos compense pelo mal que nos fez.

— Compensação financeira, é isto que você quer! — Riu Mekkatorque, com desdém.

— Seria uma forma de compensar, de fato — Assentiu Gallywix.

Taran Zhu suspirou e ergueu as patas, pedindo silêncio.

— O líder de cada facção decidirá. Vocês estão de acordo com os termos que apresentei, Chefe Guerreiro Vol'jin e Rei Varian Wrynn?

O troll e o humano se fitaram por um longo momento, então Vol'jin fez um meneio positivo.

— Os celestiais têm uma visão melhor das coisas que a gente, que tá no olho do furacão. Além disso, tu é um cara honrado, Taran Zhu. Prefiro ter a chance de ser ouvido do que simplesmente receber uma decisão. A Horda concorda.

— A Aliança idem — declarou Varian, de prontidão.

— Vocês serão levados a um lugar onde escolherão seu Defensor e Acusador — instruiu Taran Zhu. — Lembrem-se, há apenas um veto para cada lado. Escolham com sabedoria.

Ji Pata de Fogo, que até então estivera isolado num canto, aproximou-se de Vol'jin e fez-lhe uma medida desmedida.

— Eu o levarei a uma ala lateral do templo, onde haverá fogo — então, sua face peluda abriu-se num enorme sorriso e seus olhos reluziram —, comida e bebida.

O pandaren cumpriu a promessa. Quinze minutos depois, Vol'jin, Goël, Aggra, Baine, Eitrigg, Varok Saurfang, Sylvana, Lor'themar Theron e Jastor Gallywix estavam sentados num tapete que, embora pouco decorativo, insulava-os da pedra fria. Foram servidos de carne e bebida, e o fogo prometido aquecia o ambiente.

O troll indicou a comida com um gesto e disse:

— A cabeça pensa melhor quando a barriga tá cheia.

Eles comeram e, é claro, como estavam em Pandária, havia bastante cerveja para ajudar a comida a descer. Depois que todos terminaram, Vol'jin foi direto ao ponto, sem rodeios:

— Irmãos e irmãs órquicos, todo mundo sabe da consideração que tenho por vocês. Mas se a gente escolher um orc para defender Garrosh, é certeza que a Aliança vai vetar.

— É lamentável como Garrosh pôde ir tão fundo, chegando ao ponto de reduzir toda uma raça perante os olhos das outras. Por bem ou por mal, nada que um defensor órquico possa dizer será levado a sério — assentiu Goël.

— Pelo contrário, acredito que seria bom para todos ver um orc se portar com honra num evento público de tais proporções. Eitrigg é conhecido pelos modos calmos e pela cabeça sensata — discordou Baine.

Mas o velho orc já estava balançando sua sábia cabeça antes de Baine terminar de falar.

— Estimo muito suas palavras, Grande Chefe, mas Go'el tem razão. Eu, ele e Saurfang teremos a oportunidade de falar se quisermos. Foi o que Taran Zhu nos disse, e eu acredito na palavra dele.

— Eu defenderei Garrosh — prontificou-se Sylvana. — Todos sabem que eu e ele estamos em desacordo. A Aliança jamais me acusaria de ser leniente com ele.

— Tu daria uma ótima Acusação, é verdade — interveio Vol'jin, — mas nós tamo querendo é um *defensor*.

— Não me venha com essa, Chefe Guerreiro — retorquiu Sylvana. — Ninguém quer ver Garrosh sair deste lugar se não for para o corredor da morte! Você sabe disso! Você mesmo, uma vez, disse que...

— Sei o que eu disse melhor que tu, Sylvana — interrompeu Vol'jin, num tom baixo e ameaçador. — Não foi tu quem foi abandonada com a faca no pescoço. Sei muito bem o que todos sofremos no governo de Garrosh. Mas sei também que os celestiais querem que a gente seja o mais justo possível, dentro das nossas limitações mortais. Acredito que só uma pessoa pode fazer este trabalho. Uma pessoa respeitada tanto pela Horda quanto pela Aliança, que não possui amor nenhum por Garrosh, tampouco mentirá, e certamente dará o melhor de si.

Ele se voltou para Baine.

Por um instante, o tauren achou que Vol'jin só queria a sua opinião. Então, ele compreendeu.

— *Eu?* — perguntou ele. — Pela Mãe Terra, Garrosh matou meu *pai!*

— Você acaba de confirmar o argumento do Chefe Guerreiro — interveio Lor'themar. — Apesar do mal que Garrosh lhe fez, você se manteve leal à Horda o tempo inteiro, pois acreditava que Garrosh feria não só a si, mas à Horda também. A Aliança possui muitos espões, e você tem um bom histórico com a grã-senhora Proudmore.

Baine se voltou para Go'el, seus olhos grandes imploravam ao orc que interviesse. Em vez disso, Go'el sorriu.

— Os taurens sempre foram o coração da Horda. Se existe alguém capaz de defender Garrosh perante todos, este alguém é você, meu amigo.

— Eu não quero defendê-lo. Quero o mesmo que vocês. Garrosh merece mil vezes a morte.

— Faça com que o escutem — falou alguém que até então estivera em silêncio. A voz era grave e forte, apesar da idade avançada, e continha uma nota profunda de dor. — Não há dificuldade alguma em arremessar uma lista de atrocidades na cara de Garrosh — declarou Saurfang. — O desafio será fazer com que o juiz e o júri escutem com calma o que você tem a dizer, sabendo o quanto você sofre. Somente você será capaz disso, Baine Casco Sangrento.

— Sou um guerreiro, não um sacerdote! Não encho minha boca de palavras amáveis, tampouco toco a lira do coração.

— Garrosh também é guerreiro — argumentou Go'el. — Por bem ou por mal, você é o mais próximo que temos de um representante.

Baine rangeu os dentes.

— Se fui leal à Horda e ao meu chefe guerreiro, quando este título pertencia a Garrosh, certamente serei leal a você, que sempre se mostrou valoroso, Vol'jin.

— Não tô te dando ordem nenhuma — disse Vol'jin, colocando a mão no ombro do tauren. — É o teu coração que tu tem que seguir.

As coisas não estavam saindo da forma como Sylvana Correntos esperava. Não mesmo, nem de longe.

Primeiro, ela desejava — como qualquer membro da Horda, até mesmo Go'el que tinha o coração mole — que tivessem sido convocados

para decidir qual deles levaria a cabo a cobiçada tarefa de matar Garrosh. De preferência, de modo lento e bastante doloroso. Varian Wrynn já havia adiado este glorioso desfecho por tempo demais. Ouvir que os celestiais queriam conduzir um julgamento inteiro era patético. Até mesmo eles e Taran Zhu admitiam que Garrosh era culpado. A própria ideia de “justiça” e de “não agir por vingança” já lhe causava náusea, e não valia o tempo e a energia consumidos. A única parte boa naquilo tudo era a esperança de poder acrescentar à montanha de evidências dos crimes de Garrosh a sua parte da verdade, refletiu ela. Também ficou satisfeita por Taran Zhu ter sido o pandaren escolhido para ser fa’shua. Ele era o único pandaren que acataria uma pena de morte, ponderou ela; os outros pandarens que conhecera se contentariam em derramar litros de cerveja na goela do orc até ele ficar bêbado e começar a soluçar que estava arrependido.

Não esperava ser escolhida como defensora e sabia que, como dissera Vol’jin, estaria melhor como acusadora, quando muito.

Mas Baine?

O “guerreiro” mais sereno que já conhecera, membro de um povo gentil entre os gentis.

Um despropósito. Era tudo um grande despropósito. Baine tinha ainda mais motivos do que ela para querer Garrosh morto. O orc era praticamente a nêmesse de Baine, e, ainda assim, Sylvana tinha certeza de que, tendo aceitado o encargo, ele provavelmente desenvolveria um argumento tão bom que, ao fim do julgamento, todos levariam flores a Garrosh.

Com as orelhas caídas, o tauren suspirou:

— Aceito a tarefa, embora não faça a menor ideia de como cumpri-la.

Sylvana teve que se segurar para não contrair o rosto num esgar.

— A Aliança já escolheu o acusador. Se vocês já tiverem terminado, podemos voltar à arena — disse Ji, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

Eles o acompanharam de volta, pela trilha coberta de neve. Os representantes da Aliança já se encontravam ali e se voltaram para contemplá-los. Taran Zhu esperou todo mundo chegar e, então, se dirigiu aos dois grupos:

— Vocês tomaram a sua decisão. Chefe Guerreiro Vol'jin, quem vocês escolheram para defender Garrosh Grito Infernal?

Defender Garrosh Grito Infernal. A mera menção destas palavras era uma ofensa.

— Escolhemos o Grande Chefe Baine Casco Sangrento, do povo tauren — declarou Vol'jin.

— Aliança, alguma objeção?

Varian se voltou para os seus companheiros. Ninguém se manifestou. De fato, como previra Vol'jin, vários dentre eles pareciam satisfeitos com a decisão. Para o espanto de Sylvana, o rebento de Varian exibia um sorriso discreto no rosto.

— A Aliança aceita a decisão por Baine Casco Sangrento, a quem imputamos grande honra — anunciou Varian.

Taran Zhu assentiu.

— Rei Varian, quem a Aliança escolheu para acusar Garrosh Grito Infernal?

— Eu servirei a este propósito — replicou Varian.

— Absolutamente! — retorquiu Sylvana — Já basta das suas ordens!
— Ela não estava só, outras vozes raivosas se ergueram em protesto, e Taran Zhu teve que gritar para ser ouvido.

— Paz, paz! — Apesar do teor das palavras, seu tom era imperioso, e fez com que os gritos se reduzissem a murmúrios e, finalmente, ao silêncio.
— Chefe Guerreiro Vol'jin, você deseja exercitar seu direito de recusar o Rei Varian enquanto acusador?

Varian possuía alguns amigos na Horda. Muitos reprovavam sua aparente mudança de personalidade, e mesmo sua recusa em ocupar Orgrimmar não lhe rendera muito reconhecimento. Os humanos eram o inimigo, e assim seria *para todo o sempre*. Sylvana percebeu que o julgamento, que já causava desgosto à Horda, se tornaria ainda mais amargo se Varian fosse o acusador. Aparentemente, Vol'jin chegou à mesma conclusão.

— Desejo, Lorde Taran Zhu. A gente vai usar o veto — decretou o troll.

Curiosamente, a Aliança não tentou dissuadir a Horda. Sylvana, que estava atenta para a reação, compreendeu o truque assim que anunciaram o novo nome.

— Então nossa escolha para o papel de acusador será a Alta-sacerdotisa Tyrande Murmuréolo — disse Varian, num tom suave.

Tyrande Murmuréolo. De todas as raças, inclusive a humana, os elfos noturnos era a que mais odiava os orcs. E com razão, levando-se em conta o amor que sentiam pela natureza e o empenho dos orcs em construir prédios e maquinário de guerra. A princípio, Sylvana se sentiu ultrajada. Depois, ponderou se era, de fato, uma escolha tão ruim quanto parecia. A maioria dos membros da Horda teria preferido acusar Garrosh, ao invés de defendê-lo, como a relutância de Baine bem demonstrava.

Quando os olhos cintilantes de Tyrande percorreram a Horda, Sylvana não vislumbrou ali o menor sinal de empatia. Tyrande era uma sacerdotisa, mas também conhecia a guerra.

Taran Zhu retomou a palavra. Explicou como funcionavam as questões de ordem na lei pandarena e como iriam se desenrolar, mas a Rainha Banshee não estava prestando atenção.

— Bela jogada, Aliança — murmurou ela, em sua antiga língua élfica.

— Eles escolheram Varian sabendo que iríamos vetá-lo, de modo que pudessem colocar alguém ainda mais determinado no seu lugar, caso algum de nós ainda possuísse alguma afeição por Garrosh — respondeu alguém na mesma língua. — Acho que ainda não entenderam que nós o odiamos tanto quanto eles.

Sylvana se voltou para Lor'themar e franziu a sobrancelha. O líder dos síndorei sempre fora cortês, mas sempre que Sylvana tentava se aproximar para estreitar laços, ele a tratava com frieza e rancor, sempre resguardando sua dignidade. Será que aquela conversa em talassiano indicava uma mudança de postura? Será que isto se devia ao fato de ele ter sido ignorado para o cargo de líder da Horda?

— Ela não morre de amores por Garrosh — prosseguiu Sylvana.

— Ela não morre de amores pela Horda tampouco — contrapôs Lor'themar. — Talvez Vol'jin se arrependa de não ter aceitado Varian quando teve a chance. Enfim, teremos que aguardar para ver.

— Como sempre — finalizou Sylvana, curiosa para ver como o elfo prosseguiria naquela parceria implícita. Aparentemente, ele não ouviu esta última parte, pois fazia uma mesura a alguém no lado da Aliança, cujos representantes se organizavam numa fila. Sylvana virou-se para ver de quem se tratava.

Mas é claro: Vereesa e Lor'themar haviam se encontrado recentemente. A cortesia de sua irmã perante o líder sanguinéfico surpreendeu Sylvana. Ela ficou ainda mais surpresa quando, depois de cumprimentar Lor'themar, Vereesa a olhou no fundo dos olhos por um longo instante.

Era a primeira vez que as irmãs Correntos — duas delas, ao menos — se encontravam em anos. Era de se esperar que o reencontro provocasse

emoções intensas em Vereesa. No entanto, no seu rosto não se via tristeza nem amargor.

Tudo que havia ali era uma determinação algo sinistra e uma espécie de... satisfação.

E Sylvana não entendia o porquê.

3



Baine sentiu o peito mais leve ao pôr os cascos na querida terra de Mulgore — sentira-se restringido durante toda sua estada em Pandária. Inspirou profundamente o ar limpo e suave da noite e soltou-o num suspiro.

O xamã Kador Canta Nuvens estava à sua espera.

— É bom ter você em casa — murmurou Canta Nuvens, fazendo imensa mesura.

— É bom *estar* em casa, ainda que por pouco tempo... e para cumprir uma empreitada tão funesta — respondeu Baine.

— Os mortos estão sempre conosco. E os pranteamos por não desfrutar de sua presença física, mas suas canções deslizam no vento e seu riso corre nas águas.

— Quisera eu que eles nos falassem e aconselhassem, como fizeram outrora. — Só de pensar, Baine sentiu o peito doer novamente. Perguntou-

se se não seria tolice reabrir aquela velha ferida. Não, se tivesse dito algo tolo, Canta Nuvens certamente o teria dissuadido.

— Eles falam, Baine Casco Sangrento, mas não na forma em que estamos acostumados a ouvir.

Baine assentiu. De fato, seu pai, Caerne, estava sempre consigo. Ele e Canta Nuvens estavam no Rochedo Vermelho, um lugar ancestral aonde os heróis taurinos eram levados, ao morrer, para serem enviados à Mãe Terra e ao Pai Céu através das chamas purificadoras. O Rochedo ficava a uma distância pequena do Penhasco do Trovão e tinha este nome por se tratar de uma formação natural de arenito vermelho. Era o local ideal para o isolamento e a meditação, uma espécie de transição entre o mundo do Penhasco do Trovão e o mundo do além. A última vez que Baine estivera ali fora para se despedir de Caerne. Canta Nuvens também estava presente então. Agora, no entanto, não havia mais ninguém além deles dois. À distância, via-se a silhueta do Penhasco do Trovão contra o céu repleto de estrelas, suas fogueiras e tochas brilhando, como se fossem constelações diminutas. No Rochedo Vermelho, também crepitava uma pequena fogueira, provendo luz e calor.

Fogo. Baine fitou a plataforma das piras, onde não havia nenhum corpo à espera do fogo ritualístico. Somente o pó permanecia, e mesmo o pó era carregado pelo assobio dos ventos e espalhado pelos quatro cantos. Embora possuíssem um lar permanente, agora, no Penhasco do Trovão, os tauren preferiam não enterrar seus mortos. Seu ritual fúnebre dizia respeito a suas origens nômades; lançando seus entes queridos ao fogo e ao vento, libertavam-nos para errar pela morte, assim como haviam errado pela vida, se assim desejassem.

— Você teve tempo o bastante para se preparar? — perguntou ao xamã.

— Tive — aquiesceu ele. — Não é um ritual complicado. — Baine não se surpreendeu. Os tauren eram um povo simples e não tinham necessidade de palavras elaboradas, tampouco de itens estranhos e de difícil obtenção em suas cerimônias. O que a generosidade da terra lhes dava quase sempre bastava. — Você está pronto, grande chefe?

— Não, mas vamos começar mesmo assim — confessou Baine, num riso nervoso.

Trajando o couro de feras que ele mesmo matara, Canta Nuvens começou a bater os cascos num ritmo lento e constante enquanto erguia o focinho aos céus.

— Salve, espíritos do ar! Brisa, vento e tempestade vocês são, e outros mais. Esta noite, rogamos-lhes que se juntem ao nosso ritual e sussurem as palavras sábias do grande Caerne Casco Sangrento nos ouvidos ávidos de seu filho, Baine.

Era uma noite sem vento até então. Agora, um zéfiro gentil eriçava o pelo de Baine. Ele levantou as orelhas, mas tudo que ouviu foi um leve murmúrio. Canta Nuvens enfiou a mão em sua bolsa e retirou um punhado de pó cinza. Ele espalhou o pó no chão, traçando uma linha curva que ligava o leste ao sul. Nas cerimônias da vida, usava-se pólen de milho, mas, por se tratar de um ritual da morte, o xamã usava as cinzas daqueles que haviam sido enviados ao mundo espiritual naquele local.

— Salve, espíritos do fogo! — Canta Ventos fitava uma pequena chama, erguendo seu cajado para glorificá-la. — Fagulha incandescente, labareda e fogo infernal são, e outros mais. Esta noite, rogamos-lhe que se juntem ao nosso ritual e aqueçam Baine Casco Sangrento com a coragem de Caerne Casco Sangrento, seu amado pai.

O fogo se ergueu bem alto por alguns instantes, e Baine sentiu o calor intenso da coluna de fogo. Depois de tornar sua presença conhecida, o fogo

passou a um estado mais brando, queimando devagar e crepitando suavemente.

Então, Canta Nuvens virou-se para o oeste e evocou os espíritos da “gota de chuva, rio e tempestade”, pedindo-lhes que banhassem o grande chefe tauren com as lembranças do amor de seu pai. Por alguns instantes, Baine sentiu uma dor no peito e pensou: *as lágrimas também são feitas de água.*

Depois, foi a vez de dar boas-vindas aos espíritos da terra: solo, pedra e montanha, e também os ossos dos veneráveis mortos. O xamã pediu a Baine que buscasse conforto na terra à qual Caerne trouxera seu povo. Então, ele encerrou o círculo sagrado, desenhado com cinzas. Baine sentiu a energia do lugar se alterar, tornando-se cada vez mais intensa. A sensação era parecida com o aproximar de uma tempestade, porém, era estranhamente suave.

— Bem-vindo seja, Espírito da Vida — clamou Canta Nuvens. — Você é o ar que respiramos, o fogo que aquece o sangue, a terra que forma os ossos, a água das nossas lágrimas. A morte não passa da sombra da vida, e o fim de todas as coisas é tão natural quanto o seu próprio nascimento. Esta noite, rogamos-lhe que se junte ao nosso ritual e que nos traga alguém que caminha sob a sua sombra.

Eles ficaram em silêncio, no centro do círculo, respirando num ritmo constante. Após um tempo, Canta Ventos fez um meneio e convidou Baine a se sentar no meio das piras vazias, de frente para o Penhasco do Trovão. O chefe assim fez, mantendo a respiração profunda e retraindo os pensamentos que lhe vinham galopantes. O xamã lhe estendeu uma taça de argila, repleta de um líquido negro que refletia a luz das estrelas.

— Você receberá uma visão se a Terra Mãe assim desejar. Beba.

Baine levou a taça à boca e sentiu o gosto agradável de folha-prata, cravespinho e algo mais que não soube identificar. Então, devolveu a taça ao xamã.

— Não durma, Baine Casco Sangrento, mas olhe para o mundo com leveza — instruiu Canta Nuvens.

Baine obedeceu, relaxando o corpo e deixando os olhos perderem o foco. Ele ouviu o *tum-tum* de um tambor de couro, imitando o som de um coração tauren. Não saberia dizer quanto tempo ficou ali sentado, escutando Canta Nuvens. Só sabia que estava profundamente relaxado e que sentia bastante paz no coração, o qual batia no mesmo ritmo do tambor.

Então, devagar, ele percebeu a presença de alguém. Caerne Casco Sangrento sorriu para o filho.

Mas ele estava diferente do Caerne que Baine conhecera. O poderoso touro encontrava-se no auge de sua forma, e trazia os olhos aguçadíssimos. Empunhava sua lança rúnica, que estava inteira novamente, assim como ele próprio. Os músculos rijos, o tauren ergueu a lança em saudação.

— Pai — suspirou Baine.

— Meu filho — respondeu Caerne, os olhos brilhando de emoção. — É difícil fazer a travessia entre o meu mundo e o seu, e o meu tempo é breve, mas, sabendo o quanto seu coração está conturbado, eu tinha que vir.

Toda a dor que Baine escondera bem fundo dentro de si e que temia exprimir, receando que isto atrapalhasse seus deveres perante o povo tauren, jorrou de seu peito feito as águas de uma tormenta.

— Pai... Garrosh o matou! Ele o privou do direito de morrer com honra! Enquanto eu e o Temível Totem lutávamos feito... feito cães numa

rinha, ele não fez nada e só ficou esperando para ver quem sairia vitorioso! Ele profanou a terra, mentiu para o seu próprio povo e Theramore...

As lágrimas correram sobre o focinho de Baine, lágrimas de dor e raiva, e por alguns instantes ele não pôde mais falar. As emoções conflitantes o sufocavam.

— E agora, pediram a você que o defenda, quando tudo o que você mais quer é pisar na garganta dele.

— Sim. Você se opôs a ele quando ninguém mais tinha a coragem para fazê-lo. Pai... eu deveria ter seguido o seu exemplo? Será que eu teria conseguido detê-lo? O sangue... o sangue que ele derramou também manchou as minhas mãos?

Ele próprio se espantou com a pergunta. As palavras lhe saíram por vontade própria. Caerne sorriu-lhe, com carinho.

— O passado é passado, meu filho. Ele já se foi, carregado como pétalas ao vento. As escolhas de Garrosh só dizem respeito a si próprio, assim com a responsabilidade pelas suas ações. Siga sempre o seu coração e eu sempre estarei orgulhoso de você.

Naquele instante, Baine soube qual era a resposta que Caerne estava prestes a lhe dar.

— Então... você acha que eu tenho que fazer isso — sussurrou ele. — Você acha que devo defender Garrosh Grito Infernal.

— O que eu acho não importa. Você deve fazer o que sentir que é certo, assim como sempre fez. O que era certo para mim, naquela época, era desafiar Garrosh. O que foi certo para você, em outro momento, foi apoiá-lo enquanto líder da Horda.

— Varian devia ter deixado Go'el matá-lo — grunhiu Baine.

— Mas não deixou, e agora estamos aqui — retorquiu o velho touro, num tom plácido. — Responda a minha pergunta e você saberá o que fazer.

Se o fato de que fui morto por um ato de traição lhe causa dor, que caminho poderá seguir *você*, senão lutar pela justiça e pela integridade, ainda que, ou talvez especialmente por ser o caminho mais duro? Você tem outra opção, senão dar o máximo de si para honrar o dever que lhe foi dado? Filho amado do meu sangue e da minha carne, acho que você já sabia a resposta antes mesmo de ter vindo.

De fato, ele sabia, mas a resposta lhe doía muito.

— Eu carregarei este fardo — murmurou ele — e darei o melhor de mim para defender Garrosh.

— Se fizesse menos, não seria você mesmo. Quando isso tudo terminar, vai ficar feliz por ter tomado esta decisão. Não, não — disse ele, balançando as mãos em protesto, ao ver que Baine abria a boca para falar algo. — Não posso lhe revelar o que acontecerá. Mas prometo que seu coração ficará em paz.

A imagem de Caerne começou a desvanecer. Então, Baine se deu conta de que desperdiçara aquela oportunidade preciosa reclamando feito uma criança, enquanto seu pai... seu *pai*... !

— Não! — gritou ele, pondo-se de pé, a voz trêmula de emoção. — Pai, por favor, não se vá. Ainda não, por favor, ainda não...!

Baine tinha tanto para dizer. A saudade imensa que sentia de Caerne. O quanto se esforçava para honrar a memória de seu pai. Que estes últimos momentos significavam o mundo para ele. Tarde demais. Baine estendeu as mãos, em súplica, mas seu pai caminhava na sombra da vida, não na luz, e suas mãos só encontraram o vazio.

Os olhos tristes, Caerne também estendeu as mãos, desaparecendo logo em seguida.

Canta Nuvens segurou Baine antes que ele caísse ao chão.

— Encontrou as respostas que procurava, Grande Chefe? — perguntou o xamã, enquanto lhe estendia uma taça cheia de água fresca e límpida. Baine deu um gole e começou a se recompor.

— As respostas que eu procurava? Não. Mas encontrei as respostas de que eu precisava — respondeu, sorrindo com tristeza ao amigo. O xamã fez um sinal de que havia compreendido. O som da noite, a canção dos grilos e o soluço da brisa foram cortados por um zumbido familiar. Um redemoinho de luzes e cores se materializava no espaço.

— Quem ousa interromper nosso ritual? — grunhiu Canta Nuvens. — O círculo ainda não foi desfeito! — Baine se pôs de pé enquanto o xamã se aproximava do portal que se abria. Então, um elfo superior o atravessou. Era um exemplar típico da sua raça, com traços afilados e elegantes, cabelos longos e dourados e um tufo de barba adornando o queixo. Ele se dirigiu a Baine com urgência.

— Grande Chefe, meu nome é Kairozdormu. Taran Zhu me enviou para escoltá-lo até o Templo do Tigre Branco. Por favor, queira me acompanhar.

— Você está interrompendo uma cerimônia sagrada — disse Canta Nuvens.

O elfo lançou-lhe um olhar irritado.

— Sinto muito se estou sendo desrespeitoso, mas não podemos perder tempo!

Baine deitou os olhos sobre o tabardo do elfo. O tecido era marrom, e o motivo, dourado. No centro do peito, havia uma insígnia: um círculo dourado, adornado pelo símbolo do infinito. Era o tabardo usado pelos Andarilhos do Tempo. Baine resolveu arriscar um palpite:

— Não sabia que sua revoada continuava trajando esses tabardos. Achei que o poder sobre o tempo tivesse...

— A história é longa, e o tempo, curto — declarou Kairozdormu, balançando uma mão de dedos compridos e bastante impaciente.

— Que frase engraçada, vinda de você. Há algum risco de catástrofe temporal iminente?

— O motivo é muito mais prosaico... este portal não ficará aberto para sempre. — De supetão, o elfo soltou uma gargalhada. — Bom — consertou ele, exibindo os dentes brancos num sorriso inquietante — ,teoricamente, é possível, mas não será aqui nem *agora*. Grande Chefe Baine, queira fazer o favor.

— Muito obrigado por tudo, Kador, mas o dever me chama.

— O dever tem sotaque élfico, pelo jeito — replicou Canta Nuvens, despedindo-se com uma mesura. — Grande Chefe, estou certo de que parte com a bênção de seu pai.

A refeição foi leve e simples: pão de pinhão, queijo roquefort darnassiano e peras lunares frescas, acompanhados de suco de lunamora. No templo de sua amada Eluna, Tyrande contou ao Arquidruída Malfurion Tempesfúria o que havia acontecido no Templo do Tigre Branco.

Ela ficou satisfeita ao saber que Taran Zhu havia incumbido um mago de teleportar os envolvidos no julgamento. Yu Fei era uma pandarena de feições dóceis e trajava uma veste de seda azul água, combinando com seus olhos, um dos quais se escondia atrás de uma mecha de cabelos rebeldes.

— Chu'shao Murmuréolo — disse Yu Fei, usando o termo pandareno para “conselheiro” e fazendo uma grande mesura ao se apresentar —, é uma honra enviá-la à sua casa até que sua presença se faça novamente necessária. Não hesite em me chamar se precisar de qualquer coisa.

— Amor, tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou o arquidruída. As penas que cresciam ao longo de seu braço, lembrança dos

milênios que passara no Sonho Esmeralda, roçaram a superfície da mesa, e ele serviu a Tyrande mais um copo de suco. Então, Tyrande se deu conta de que havia enfim se acostumado às mudanças que afetaram Malfurion durante seu longo sono: as penas; os pés, que já se pareciam mais com patas de sabre-da-noite; e o comprimento e espessura de sua grande barba verde. Aos olhos de Tyrande, nenhuma mudança externa afetaria a sua beleza interior. Ele era, e sempre seria, seu grande amor.

— Você não sabe quanto tempo o julgamento vai levar, nem para onde essa história vai levar *voce* — retomou Malfurion.

Tyrande bebeu um gole do suco, tão fresco e doce quanto as horas noturnas da floresta.

— O mundo inteiro vai estar assistindo a este julgamento, coração. Além do mais, você é mais do que capaz de cuidar das coisas durante a minha ausência. Voltarei para casa toda noite e ficarei ao seu lado, o que é uma bênção de Eluna. Quanto aonde esta história vai me levar — então, sua voz assumiu um tom rígido — provavelmente, não terei que fazer muita coisa, além de apresentar as evidências. Já há muitas luas que Garrosh não é benquisto por muitos, ainda mais depois que findamos sua brutal carnificina.

— Não perguntei quão bem você se sairá no julgamento, mas qual o efeito que ele causará em você. — Com uma expressão sinistra, os olhos do druida buscavam os de Tyrande.

— Como assim? — Tyrande estava perplexa.

— Você é uma alta sacerdotisa devotada a Eluna, que glorifica a luz e a cura. Quando se faz necessário, é uma combatente bravia. Mas estará lidando com a palavra, que é esquiva e incerta, diferente do seu coração. Vai incitar o ódio e o desejo de condenar, não de iluminar.

— No fim, os fatos que vou apresentar vão iluminar a questão e a condenação justa de Garrosh vai curar as mazelas que ele deixou — retorquiui ela. O druida parecia perturbado. Abriu a boca para dizer algo, mas foi interrompido por uma voz feminina que vinha de fora do pavilhão, onde ele e Tyrande comiam sua refeição.

— Minha senhora?

— Entre, Cordressa.

O sentinela com mão esguia levantou a cortina e enfiou a cabeça de cabelos azul-marinho dentro da câmara.

— Você tem visita. Ela disse que veio tratar do julgamento e que o assunto é urgente.

Malfurion ergueu uma sobrancelha, interrogativo, e Tyrande balançou a cabeça, tão surpresa quanto ele.

— Obrigada, Cordressa. Traga-a até mim.

Mantendo a cortina do pavilhão suspensa, a sentinela deu um passo atrás e indicou à misteriosa visitante que podia entrar.

A hóspede era uma gnomida, que trazia os cabelos presos em dois coques, um de cada lado do rosto levemente sardento. Com os olhos verdes enormes brilhando de satisfação, saudou Tyrande e Malfurion.

— Arquidruida, Alta Sacerdotisa, como é bom vê-los novamente! Sinto muito pelo incômodo, Chu'shao, mas receio que o assunto seja muito importante.

Chu'shao, é claro, mais um título conferido a Tyrande, pelo menos por um tempo.

— Não se preocupe, Crona. — Sorriu Tyrande, ajoelhando-se perante Chronormu, a dragonesa brônzea, para olhá-la nos olhos. Ao ouvir o nome da dragonesa, a sentinela baixou a cortina silenciosamente para que tivessem privacidade. — Como posso ajudar?

— Os celestiais querem que você e o Chu'shao Casco Sangrento usem uma coisa ao apresentar o argumento. Vai ser mais fácil se eu lhe mostrar. Você se importaria em me acompanhar?

4



Ao chegar Templo do Tigre Branco, Baine fez uma mesura a Yu Fei, agradeceu-a por tê-lo teleportado e se voltou para o líder do Shado-pan.

— Saudações, Lorde Taran Zhu. Kairozdormu me trouxe até aqui, conforme requisitou.

Enquanto falava, Baine olhava a sua volta. O Templo do Tigre Branco parecia ainda mais cavernoso à noite. A lua e as lanternas iluminavam um pouco, mas, ainda assim, os assentos superiores jaziam ocultos na sombra. O tauren notou que haviam trazido peças de mobília especialmente para realizar o julgamento. Havia três áreas distintas: uma para ele e Garrosh, outra para Tyrande e outra para o fa'shua e as testemunhas. As seções da Acusação e da Defesa eram idênticas, tinham mesas retangulares, cobertas por um pano carmesim e dourado, e cadeiras simples. Uma das seções ficava dentro do círculo, a oeste; a outra, com duas cadeiras, a leste. Baine presumiu que esta pertenceria a ele e a Garrosh. Nas mesas, havia cinzeiros

e copos vazios, além de tinta, cálamos e pergaminho dispostos de maneira organizada, para que pudessem tomar notas.

Taran Zhu, por sua vez, ficaria num palanque elevado, e o seu assento era mais adornado que os outros, mas não chegava nem perto do trono ao norte, na área do público. Ao lado da cadeira, havia um pequeno gongo e uma marreta. À frente e um pouco à esquerda do assento de Taran Zhu, já no nível do chão, ficava o assento da testemunha, com uma mesinha sobre a qual jaziam um cinzeiro e um copo vazios.

Baine já esperava por tudo isso. Contudo, ao lado do assento de Taran Zhu, um pouco mais recuado, havia outro conjunto de mesas e cadeiras, sobre as quais jazia um objeto coberto por um pano negro.

— Se me permite, o que há debaixo do pano?

— É o motivo pelo qual requisitei a sua presença — respondeu Taran Zhu, dando uma explicação perfeitamente plausível, ao mesmo tempo em que não explicava nada. Então, ergueu a pata, interrompendo a próxima pergunta do tauren. — Quando a Chu'shao Murmuréolo chegar, tudo será revelado. Paciência.

— Retiraram-me de uma cerimônia ritualística sob a premissa de que o tempo urgia. Estou certo de que compreenderá que, no momento, não estou em condições de ter paciência — replicou o tauren.

Taran Zhu lançou um olhar de reprovação ao dragão brônzeo.

— Yu Fei reabriria o portal se fosse necessário. Ela não teria se importado. Sei que você não conhece os costumes das raças jovens tanto quanto sua companheira responsável pela Aliança, Kairozdormu, mas terá que aprender a respeitá-los.

— Sinto muito. Você tem razão. Crona tem essa vantagem. Espero que o Chu'shao Casco Sangrento aceite minhas desculpas e me ensine os costumes taurens. — O dragão parecia desconcertado.

As desculpas abrandaram um pouco o humor de Baine. O dragão não interrompera a parte principal da cerimônia, mas impedira o tauren de agradecer a presença dos elementos de forma digna. Ele resolveu deixar passar e voltou sua atenção para outra coisa que Taran Zhu havia dito.

— Quem é a companheira responsável pela Aliança?

— Assim como Kairozdormu está trabalhando com você, há uma dragonesa brônzea auxiliando a Acusação. Elas não tardarão a chegar.

Baine olhou novamente para o misterioso objeto e para os assentos vazios, que logo estariam apinhados de gente. Apesar do que dissera a seu pai, quando seu olhar recaiu sobre a mesa e as duas cadeiras, na área do defensor, soltou um grunhido só de pensar em ter que defender Garrosh e de ser obrigado a se sentar ao lado do orc todos os dias, enquanto durasse o julgamento.

— Algum problema? — perguntou Kairozdormu, esparramado no que seria a cadeira de Baine, as mãos cruzadas atrás dos cabelos dourados, enquanto fitava o tauren com uma expressão confusa.

— Muitos, Kairozdormu, mas não há nada que você possa fazer — respondeu Baine.

— Eu não teria tanta certeza, se fosse você. E, por favor, pode me chamar de Kairoz.

Duas figuras, uma alta e outra baixa, adentravam a arena. Com gestos graciosos, Tyrande Murmuréolo inclinou a cabeça.

— Boa noite, Chu'shao Casco Sangrento. Lorde Taran Zhu, espero não tê-lo feito esperar muito tempo.

A gnomida que a acompanhava virou-se para Baine:

— Olá, Grande Chefe. Como é bom ver você de novo! — Abriu-lhe um sorriso e foi falar com Kairoz.

— Alta Sacerdotisa Tyrande, Grande Chefe Baine — disse Taran Zhu — ,obrigado por terem vindo. Vou direto ao ponto. Todos concordam que, mais importante do que o que acontecerá a Garrosh é conduzir um julgamento honesto e justo. Do contrário, corremos o risco de transformar Garrosh num mártir e fazer com que vários membros da Horda lutem em vão pelo ideal que acreditarão ter herdado, ou de causar a impressão pública de muita leniência, o que alargaria ainda mais o abismo entre a Horda e a Aliança.

— A minha tarefa é simples, Taran Zhu — afirmou a elfa, com sua voz melodiosa. — As provas falam por si só.

— Todos sabem do desafeto entre mim e Garrosh, mas chegará antes o dia da minha morte do que o dia em que desonrarei uma tarefa que me foi dada — contrapôs Baine, num tom grave, beirando a afronta. Aonde Taran Zhu queria chegar afinal?

— Não tive intenção de ofender. Eu bem sei que nenhum de vocês recorreria à mentira e ao embuste. Ainda assim, há rumores que dizem o contrário.

— É uma pena — concordou Tyrande. — Mas isto é inevitável.

Os dragões brônzeos trocaram um sorriso que beirava a zombaria.

— Em uma empreitada ordinária, sim — aquiesceu Kairozdormu. — Mas não é este o caso. Vocês conhecem a Ampulheta do Tempo?

Era uma pergunta retórica. A Ampulheta, um artefato gigantesco e belíssimo, capaz de reverter o tempo, fora criada por Nozdormu, o antigo Aspecto do Tempo. Nozdormu anteviu sua própria corrupção e transformação no ser maligno chamado Murozond e deu àqueles que enfrentariam e derrotariam Murozond a Ampulheta para lhes auxiliar na batalha.

Baine e Tyrande trocaram olhares confusos. Eles haviam ouvido dizer que todos que já haviam auxiliado Nozdormu tiveram que enfrentar duplos malignos de si mesmo. A ideia não lhes pareceu muito agradável.

— Já ouvimos falar da Ampulheta — disse Baine.

— Pois bem, desde a derrocada de Murozond, eu venho trabalhando numa... é... — Kairoz procurava as palavras.

— Gambiarra — sugeriu Crona.

— Isso, gambiarra. Uma gambiarra mágica. Estou explorando a Ilha Perene. Combinei alguns grãos das Areias do Tempo, contidas na Ampulheta, com partículas das rochas das eras encontradas na ilha e criei um artefato que batizei de Visão do Tempo. Modéstia à parte, ficou uma coisa linda. Sua função é diferente da Ampulheta. Ela não é capaz de voltar o tempo, mas eu e Crona conseguimos configurá-la para exibir qualquer evento importante ocorrido na linha do tempo, exatamente da mesma forma que ocorreu. Já consegui até vislumbrar algumas coisas no futuro.

— Como é? — perguntou Baine, lançando um olhar inquieto ao objeto, que permanecia oculto.

— Ela cria uma fenda no tempo e possui uma precisão extrema.

— Você não corre o risco de alterar a história? — indagou Tyrande.

— De forma alguma — respondeu Kairoz. Ele parecia orgulhoso de si mesmo e com razão, pensou Baine. — Como eu disse, eu alterei as propriedades intrínsecas das Areias do Tempo. A Visão do Tempo não proporciona uma *manifestação* física dos eventos. Não há nada físico, somente a imagem e o som atravessam a fenda.

— Ademais, ele só funciona em um sentido — acrescentou Crona. — Não há risco de mudarmos nada.

— Vou mostrar a vocês. — Então, com um floreio dramático, Kairoz ergueu o pano negro.

A Visão do Tempo consistia em uma ampulheta adornada por dois dragões esculpidos em metal. Dragões brônzeos, literalmente. Cada um deles circundava um globo, tocando a cauda com o focinho. O trabalho era tão sofisticado que se poderia tomar as figuras por dragões adormecidos, em vez de estátuas.

— A areia do globo de cima não está caindo — observou Tyrande.

— Ela vai começar a cair quando eu e Crona ativarmos a Visão — explicou Kairoz. — A quantidade de areia no bulbo superior é limitada. Cada um de vocês terá permissão para usar um número limitado de horas, ao longo do julgamento. Vocês vão escolher quais eventos históricos desejam apresentar como evidência e a duração de cada exibição se abaterá sobre o total de horas.

— Em outras palavras — retomou Tyrande —, não haverá necessidade de testemunhas.

— Eu não chegaria a tanto. Vocês terão que escolher os eventos com sabedoria, pois a apresentação dos fatos pelas testemunhas pode tanto ajudar quanto atrapalhar um caso. Crona vai auxiliá-la a integrar tudo isso na sua apresentação, Alta Sacerdotisa. Já eu trabalharei com você, Grande Chefe.

— Então — ponderou Baine —, nada de mentiras, exageros ou dificuldades, caso uma testemunha não consiga recordar determinado episódio com precisão.

— Apenas a verdade, límpida e imaculada, sobre a qual não pode haver dúvida — concordou Crona.

— Ah, certamente deve haver motivações e pensamentos secretos, outros planos... — divagou Tyrande.

Crona ergueu as mãos para interrompê-la:

— Não entregue a sua tática, Alta Sacerdotisa! — urgiu ela.

— Como saberemos que eventos escolher? — perguntou Baine. — Por acaso, teremos a oportunidade de assistir a eles antes de exibi-los na corte?

— Claro — respondeu Kairoz. — Quanto a quais eventos escolher, é para isso que estamos aqui. Vocês dirão qual é o argumento que querem desenvolver, e nós os ajudaremos a encontrar o evento perfeito.

— Por que não voltamos a Darnassus para discutir como usar a Visão para fortalecer seu argumento? — propôs Crona.

— Suas palavras são sábias, Crona. Lorde Zhu, há algo mais que requeira a minha presença? — indagou a elfa.

— Você está livre para partir com a sua conselheira, acusadora. Você também, defensor. A partir de agora, nós não nos veremos mais, nem trocaremos nenhuma palavra, até o início do julgamento. Que a paz esteja consigo e que a sabedoria dos celestiais os conduza, permitindo-lhes desempenhar seu dever com zelo e honra.

O pandaren fez uma cortesia solene e manteve a pose por alguns instantes, embora ela claramente estivesse lhe causando bastante dor. Então, Baine sentiu o respeito e a gratidão que emanavam do monge.

Tyrande também fez uma mesura e partiu na companhia de Crona. Seus gestos seguiam graciosos e decididos, mas havia certa urgência em seus passos, traindo-lhe as emoções.

— Pelo visto, ela está bem satisfeita com a minha contribuição — comentou Kairoz, ao lado de Baine, observando-as partir.

— Ela tem bons motivos para se sentir assim — replicou o tauren.

— E você não, por acaso?

Baine lançou-lhe um olhar contemplativo.

— Todos sabemos que a verdade pura e imaculada não prestará favor algum a Garrosh. E como o meu dever é defendê-lo, independentemente

das minhas opiniões pessoais, a Visão me parece, mais do que tudo, uma grande dádiva à acusadora.

— Deixe disso, não desista tão facilmente. Até mesmo a verdade pura e imaculada pode ser interpretada de diversas formas, dependendo da perspectiva pela qual é vislumbrada. Seu direito de assistir aos eventos históricos não está restrito ao que *Garrosh* fez e falou, percebe onde quero chegar?

— É uma perspectiva interessante... devo admitir que estou intrigado. Vamos voltar ao Penhasco do Trovão, depois você vai me explicar como devo usar essa tal Visão.

Aquilo não era motivo para festa, e Jaina Proudmore estava ciente disso. A véspera de um julgamento onde o veredito certamente acarretaria numa execução, no fim de uma vida? Absolutamente, não era motivo para festejar.

E, no entanto, foi uma verdadeira festa.

Ela percebeu que mais gente compartilhava os seus sentimentos. Ninguém sentado àquela mesa faria um brinde a uma morte bem merecida — não abertamente. Mas as posturas estavam mais corretas do que o normal. As vozes, mais suaves — inclusive, ouviam-se risadas, um som que Jaina já havia praticamente esquecido como era. Há muito que não sentia tamanha alegria no coração, e ela ousou acreditar que, finalmente, os horrores da guerra haviam chegado ao fim, pelo menos por tempo o bastante para que pudesse prantear os mortos, rir com os vivos e iniciar a doce empreitada de aprender como se envolver com alguém tão diferente e, no entanto, tão verdadeiro.

O sentimento de paz, tão escasso durante tanto tempo, crescia em seu peito enquanto contemplava as pessoas que compartilhavam aquela

refeição, no Pico Violeta. Kalec (obviamente), Varian e Anduin Wrynn, e Vereesa Correventos.

Embora se sentisse grata pela presença deles, também sentia a falta dos que haviam partido. Percebendo sua dor, Kalec acariciou-lhe a mão.

— Você sente a falta deles — disse, num tom suave, e ela não se deu ao trabalho de negar.

— Sinto. Eles estariam aqui agora, Dolorae, Sussu e Tervosh.

Falavam baixo, mas quase nada escapava aos ouvidos de um elfo.

— Sim, estariam — fez Vereesa. — Eles, Rhonin e muitos outros.

O tom amargo de Vereesa inquietou Anduin.

— Estou certo de que, com os celestiais como júri e Taran Zhu como juiz, a justiça será feita.

— Concordo. — retomou a elfa. — É estranho terem escolhido Baine para defender Garrosh, mas não me oponho.

— Baine é um tauren honrado — afirmou Anduin. — Não tenho dúvida de que se empenhará ao máximo para executar o trabalho, apesar do que sente em seu íntimo.

— Mas não acho que a tarefa lhe desperte prazer algum — opinou Kalec.

— É verdade — falou Varian. — Ao contrário da tarefa de Tyrande, que provavelmente era desejada por todos da Aliança.

— Exceto por você — observou Jaina.

— Quero ver aonde este julgamento vai dar — explicou Anduin. — Se eu só quisesse ver Garrosh morto, bastava ficar em silêncio enquanto Goël brandia o Martelo da Perdição.

Vereesa contraiu os lábios, mas não disse nada. Jaina não a culpava. Ela própria possuía uma opinião bastante dividida a respeito da intervenção de Varian.

— Você fez a coisa certa, pai — falou Anduin. — Será um julgamento difícil, mas quem há de saber os benefícios que trará em longo prazo? Seja qual for a decisão, o julgamento dará um fim definitivo a esta história, ao contrário de uma mera execução.

Daria mesmo? Perguntou-se Jaina. O julgamento findaria seus pesadelos? Findaria as dores súbitas que sentia no coração ao se lembrar não só que seus amigos haviam morrido, mas *como* morreram? Lembrou de Sussu, esmagada sob o pé violeta. Então, dando-se conta de que estava segurando o garfo com tanta força que suas falanges já estavam brancas e seus dedos doíam, deitou o utensílio na mesa. Olhou para o faisão assado, ergueu uma de suas coxas, contemplou-a, sorriu e disse, em tom humorado e macabro:

— Não seria conveniente se Garrosh morresse engasgado com um osso no jantar, hoje à noite, e poupasse todo mundo desta trabalhadeira? — E, mantendo o tom mais suave possível, arrematou: — Quem ainda guardou espaço pra mais e quiser ficar, ouvi dizer que vai ter bolo.

5



Primeiro Dia

Jaina nunca tinha visto uma multidão e uma segurança como aquelas. Sentiu-se grata pelos guardas de Varian, que ajudaram a abrir caminho através do mar de gente que se acotovelava diante da entrada, possibilitando, assim, que ela, Kalec, Varian, Anduin e Vereesa chegassem aos assentos que lhes foram reservados.

Os líderes das raças da Horda já estavam presentes, os trajes coloridos e a presença ruidosa em forte contraste com a estoica Aliança, sentada do outro lado da câmara. Os Celestiais Majestosos haviam sabiamente posicionado os integrantes de facções não ligadas à Horda nem à Aliança nos assentos do meio, uma separação física, caso os ânimos se exaltassem. Jaina ficou surpresa ao ver naquela seção uma figura de traços élficos, com uma coroa de espinhos sobre as tranças ruivas. Seu rosto era gracioso, mas

marcado por uma expressão etérea de dor. A maga sentiu uma dor no peito.

— Alexstrasza — murmurou para si mesma.

— Ela não deveria ter vindo — suspirou Kalec, acomodando-se no assento ao lado de Jaina. — Isto só vai lhe trazer dor.

Sempre parecera a Jaina que Alexstrasza, a grande Mãe da Vida e antigo Aspecto Dragônico, estava acima dos julgamentos e dos métodos de justiça das raças jovens. Ela sempre se comportara com dignidade, coragem, graça e compaixão, mesmo quando confrontada por horrores inconcebíveis e perdas profundas. Sua irmã, a dragonesa verde Ysera, estava sentada ao seu lado e segurava a sua mão enquanto olhava ao redor com uma expressão ingênua de curiosidade e deslumbramento.

— Alexstrasza precisava vir — contrapôs Jaina. — Não pelo julgamento. Por si mesma. Assim como eu.

— Wrathion também veio — observou Anduin. — Eu o convidei para assistir e tirar suas próprias conclusões sobre o que é melhor para Azeroth. Fico feliz que tenha aceitado.

Jaina seguiu o olhar de Anduin, curiosa para ver pela primeira vez o ser que atendia pelo epíteto de Príncipe Negro. Poucos o conheciam, e ainda menos eram os que conheciam sua verdadeira identidade.

— Bom — sussurrou Jaina, de modo que sua voz só chegasse aos ouvidos de Anduin —, parece que todas as revoadas estão representadas.

Wrathion era, ao menos que se soubesse, o único dragão negro vivo não corrompido.

Filho de Asa da Morte, escapara do toque profanador dos Deuses Antigos ainda dentro do ovo, graças à intervenção externa. Tivera sorte, mas sua vida não foi nenhum mar de rosas. A revoada vermelha, sob a liderança de Alexstrasza, tentou encontrar uma maneira de purificar os

dragões negros. Rheastrasza, uma dragonesa vermelha, recorreu a medidas extremas: raptou uma dragonesa negra e a forçou a botar ovos. Com a ajuda de um inventor gnômico, Rheastrasza conseguiu expurgar apenas um ovo da insânia que atormentava toda a revoada negra. Asa da Morte não ficou nem um pouco satisfeito e destruiu o ovo — ou achou que o havia destruído. Antecipando o movimento, Rheastrasza trocou o ovo purificado por um corrompido, sacrificando não só a própria vida, mas também a do filhote que sequer havia chocado.

Apesar de ainda estar no ovo, Wrathion já possuía consciência e percebia tudo o que estava se passando, assim como já havia percebido que seria criado e observado de perto pela revoada vermelha pelo resto da vida. A “liberdade” veio quando seu ovo foi roubado por bandoleiros, de modo que chocou livre da influência dos dragões vermelhos. Como escapara de seus captores era uma mistério, mas ali estava, vivo e são.

Anduin e Wrathion haviam se conhecido e se tornado amigos em Pandária, e sua amizade se calcava no fato de que possuíam perspectivas extremamente discrepantes. A “idade” de Wrathion era difícil de definir. Se fossem medir pelos anos de vida, não passaria de um bebê de 2 anos. Mas, como era um dragão, possuía uma inteligência e sabedoria inatas e o aspecto de um jovem da idade do príncipe humano.

Jaina possuía um sentimento maternal por Anduin, e aquela nova amizade a inquietava. Por um lado, o príncipe não possuía muitos pares de sua idade. Por outro, Wrathion poderia ser, como se diz, “uma má influência”. Por estranho que pareça, o motivo da desconfiança não se devia ao fato dele ser um dragão negro. Antes de ter sido desvirtuado pelos horrores da loucura, Neltharion — mais conhecido como Asa da Morte — era o Aspecto da Terra, sábio e protetor. Eram as coisas que Wrathion dizia, das quais ficava sabendo através de Anduin, que a preocupavam. Não pôde

deixar de notar que o Príncipe Negro se sentou o mais longe possível de Alexstrasza. Conhecendo sua história, não o culpou.

Ele se parecia muito com um humano, mas a pele escura, os trajés incomuns, a calça abalonada, a túnica e o turbante eram dramáticos demais. Ao seu flanco esquerdo, havia uma orquisa cuja face parecia fixada numa expressão de fúria perpétua; ao lado direito, sentava-se uma mulher igualmente ameaçadora. Ele sorriu para Anduin e deitou os olhos brilhantes, a única coisa que indicava sua verdadeira forma, sobre Jaina. Inclinou a cabeça e também a agraciou com um sorriso, desta vez, como se visse algo engraçado. Jaina ficou tentando imaginar o quê.

Ao redor deles, postavam-se guardas pandarenos, plácidos como um lago montanhês, mas prontos para entrar em ação num piscar de olhos, caso fosse necessário. Se uma situação de violência irrompesse, teria que ser resolvida no braço. Jaina sentia a presença do campo anulador de magias como uma neblina opressora, e as armas estavam proibidas.

— Já vi isto antes — murmurou Varian.

— O quê? — inquiriu Jaina?

— Aquilo — disse ele, indicando com a cabeça os assentos da plateia, que começavam a se encher. — É o mesmo olhar que vi quando lutei no fosso dos gladiadores. Estão com sede de sangue.

— Não vão ver sangue hoje — interveio Vereesa. Não foi necessário acrescentar que *se a justiça for feita, verão sangue ao fim do julgamento*.

— Espero que não. Tudo estará perdido se esta história se dissolver no caos. Muitas vidas terão sido desperdiçadas — concluiu Varian.

Baine e Tyran já estavam presentes, cada qual sentado à sua respectiva mesa, aguardando. Isto não surpreendeu Jaina. O que a surpreendeu foram as outras duas pessoas que, junto deles, aguardavam a chegada de Taran Zhu, dos celestiais e de Garrosh. Reconheceu Crona, a poderosa dragonesa

brônzea que assumia a forma menos ameaçadora possível, mas não conhecia o bonito elfo superior com quem ela conversava. Ambos trajavam o tabardo marrom de sua ordem e sentavam-se a uma mesinha, no canto lateral. Sobre a mesa, jazia um objeto coberto por um pano.

Jaina se perguntava o porquê da presença dos dois dragões brônzeos — aparentemente, em encargo oficial — quando um pandaren, coberto por uma toga da cabeça aos pés, adentrou a câmara. Ele portava uma alabarda com o estandarte dos Shado-pan. Bateu a arma no chão três vezes. Todos fizeram silêncio e se endireitaram em seus assentos.

— O respeito pelo império da lei é caro ao povo pandareno. A lei é o meio pelo qual se emenda o mal e o equilíbrio é restituído. Hoje é um dia histórico, pois, pela primeira vez em nossa longa história, forasteiros participarão deste processo. Tradicionalmente, damos nome àquele que será julgado e àquele ou àqueles que buscam justiça. Portanto, é com toda solenidade que declaro a abertura do julgamento de Garrosh Grito Infernal pelos males perpetrados contra o povo de Azeroth. Por favor, queiram se pôr de pé para saudar os Celestiais Majestosos, que abrirão os ouvidos e o coração para o testemunho aqui apresentado, e também em sinal de respeito àquele que julgará a legalidade dos procedimentos, lorde dos Shado-pan, Taran Zhu.

Todos se levantaram de suas cadeiras. Chi-ji, Xuen, Niuzaio e Yu'lon adentraram o balcão. Mesmo em suas novas formas, eles pareciam se mover sem nenhum esforço, e sua graça e beleza, como sempre, fizeram Jaina perder o fôlego. Ela perguntara a Aysa qual era a razão das novas formas. A pandarena lhe explicou que se tratava de um gesto de respeito à Horda e à Aliança. Eram criaturas elevadas não só na aparência, mas na energia que emanavam. Taran Zhu era mais próximo, uma vez que era apenas um ser mortal, mas sua postura também era imponente, demonstrando a um só

tempo tranquilidade e poder. Ele ascendeu à cadeira do fa'shua, pegou a marreta, bateu no gongo três vezes e esperou o eco sumir antes de falar.

— Podem se sentar — declarou ele, sua voz calma e suave projetando-se através da enorme câmara. — Antes de o réu chegar, faço saber a todos os presentes que não tolerarei nada que atrapalhe este julgamento. Quem violar esta regra será mantido sob vigilância até o julgamento se encerrar. Por fim, devido às condições extraordinárias da situação, as evidências serão apresentadas de maneira igualmente extraordinária.

Então, meneou a cabeça para os dois dragões brônzeos. Eles se levantaram e removeram o pano que cobria o objeto, revelando uma ampulheta.

Jaina compreendeu o que fariam antes mesmo que começassem a falar. A voz dos dragões, explicando como o artefato funcionava, foi abafada por um rugido ensurdecedor na sua mente. Por alguns instantes, não conseguiu respirar; por alguns instantes, estava se afogando de novo, exatamente como na vez em que...

Sentiu sua mão sendo apertada com força, e a dor a trouxe de volta ao presente. Voltou a respirar, engasgando-se de leve com o ar que inundava seus pulmões. O rugido cessou, mas Jaina ainda sentia o coração bater acelerado, tão rápido quanto um coelho. Ela se virou para Kalec, que a observava atento, a preocupação estampada no seu lindo rosto. Lambeu os lábios secos, fez um meneio e articulou, sem produzir nenhum som: *está tudo bem*.

O dragão não pareceu convencido, mas relaxou a mão. Jaina respirou profundamente várias vezes, bem devagar. Os dragões brônzeos haviam concluído a explicação e dado um passo atrás.

Taran Zhu fez um sinal ao guarda:

— Pode trazer o prisioneiro.

O efeito daquelas quatro palavras foi galvânico. De súbito, todos na câmara ficaram alerta, os olhos fixos na porta que levava às câmaras inferiores.

Garrosh Grito Infernal adentrou a corte flanqueado por seis guardas — dois da Horda, um troll e um tauren; dois da Aliança, uma sentinela noctílfica e um vindicante draenaico; e dois dos pandarens mais robustos que Jaina jamais vira. De sua armadura característica, adornada pelas presas dos demônios mortos nas mãos de seu pai, Grom, não se via sinal algum. Ele vestia apenas uma túnica cintada e sapatos simples. O corte da roupa obviamente não fora feito para ele, e o tecido se esticava ao longo de seus imensos ombros. Traços enegrecidos se misturavam às tatuagens sobre a pele castanha — o legado dos sha. Correntes, cada elo maior do que os punhos de Jaina, atavam seu pescoço, mãos e pés, reduzindo seus passos largos a um arrastar interrompido e exagerado ainda mais pela perna ferida. Trazia no rosto uma expressão impassível, e sua postura não era de vergonha, tampouco de altivez.

Por alguns instantes, o silêncio foi absoluto, sendo rompido apenas pelo clangor das correntes e pelas botas dos guardas.

Então, o caos irrompeu.

Ondas de gente — tanto da Aliança quanto da Horda e dos grupos neutros — se levantaram dos seus assentos e correram aos balcões, vociferando epítetos e brandindo os punhos cerrados. Embora Jaina desgostasse do campo anulador tanto quanto todo mundo, sentiu-se grata pela sua existência, naquele instante. Deu-se conta de que não queria que Garrosh fosse linchado pela turba enfurecida. Queria que ele ouvisse e — graças aos dragões brônzeos — que *visse* tudo o que havia feito. A devastação que havia causado. O ódio que havia engendrado. Queria que soubesse que *toda* Azeroth havia se voltado contra ele.

E deu-se conta também, com uma pontada de vergonha, que, se não podia matá-lo, não queria que algum desconhecido da multidão tivesse a honra.

A resposta dos pandarens foi rápida. A maioria dos guardas posicionados na plateia eram monges cujos corpos eram armas letais. Rapidamente, controlaram os manifestantes e os removeram da arena. Os guardas de Garrosh desembainharam as armas e fecharam o cerco em torno dele, as costas voltadas para o orc e os rostos tranquilos voltados para a multidão.

Além dos guardas, os únicos que não pareceram se perturbar pela comoção foram Taran Zhu, os celestiais e o próprio Garrosh. A face castanha e tatuada do orc parecia ter sido talhada em pedra, pelo tanto de emoção que revelava.

O juiz declarou num tom grave:

— Vocês acabam de testemunhar o que acontece quando alguém perturba a corte. Os desordeiros ficarão sob vigilância e só serão soltos ao fim do julgamento. Todos que perturbarem este evento solene se juntarão a eles.

Com um gesto seu, os guardas ao redor de Garrosh voltaram à formação original. O orc foi levado para diante do estrado de Taran Zhu. Os dois pandarens robustos assumiram posição de sentinela atrás dele. Jaina sabia que, doravante, o único movimento que executariam — caso precisassem conter uma nova explosão de violência — seria um lento piscar de olhos. Os quatro guardas restantes fizeram uma mesura a Taran Zhu e se puseram em fila. O juiz contemplou o orc por alguns instantes.

— Garrosh Grito Infernal, você é acusado de cometer crimes de guerra, crimes contra todos os seres sencientes de Azeroth e crimes contra a

própria Azeroth. Você também será responsabilizado por todas as ações executadas no seu nome ou pelos seus aliados.

Garrosh ficou imóvel e em silêncio.

— Os crimes de que é acusado são: genocídio. Assassinato. Transferência populacional forçada. Desaparecimento forçado de indivíduos — prosseguiu Taran Zhu.

Somente a lista de crimes hediondos bastou para deixar Jaina tensa. Ela lançou um olhar sobre o local onde Vol'jin e os outros líderes da Horda estavam sentados. Ouvira falar do tratamento que Garrosh dispensara aos trolls e do que tentara fazer ao próprio Vol'jin.

— Escravização. Abdução de crianças. Tortura. Execução de prisioneiros. Gravidez forçada.

Ao ouvir isso, Anduin se retraiu inteiro. Jaina pensou nos horrores perpetrados contra Alexstrasza e contra toda a revoada vermelha. Kalec permaneceu imóvel ao seu lado. Ela se virou para ele, e os seus olhares se encontraram. Queria reconfortá-lo, e, em vez disso, foi Kalec quem passou o braço sobre seus ombros.

Ela se preparou para o que estava por vir.

— Destruição de cidades e vilas não justificada por necessidade militar ou civil.

O Vale das Flores Eternas.

Theramore.

— O que você tem a declarar sobre essas acusações, Garrosh Grito Infernal?

Garrosh não respondeu, e, durante um longo segundo, Jaina ficou imaginando se talvez, apenas talvez, o chefe de guerra ficaria comovido ao ouvir aquelas acusações de forma tão direta. Ela soubera da raiva do orc por um subordinado que matara inocentes em seu nome, sabia que até mesmo

os inimigos de Garrosh reconheciam a sua devoção passional pela própria raça. E já houvera um tempo em que fora reconhecido pela sua honra.

Ela fitou Garrosh, não ousando sequer piscar os olhos, sem saber se preferia que ele desmoronasse e implorasse perdão pelas atrocidades que cometera ou que permanecesse firme, de modo que pudessem matá-lo impunemente.

Então o orc sorriu e começou a bater palmas, embora as correntes dificultassem o gesto.

— O espetáculo mal começou — zombou ele —, mas já merece a minha ovação. Este julgamento promete! Vai ser mais divertido que a Feira de Negraluna. — Sua gargalhada desdenhosa reverberou pelo salão. — Não vou dizer que sou culpado, pois isto denota vergonha. Tampouco reivindicarei inocência, pois não acredito nela. Que a comédia se inicie!

Pela segunda vez, os membros da plateia se puseram de pé e pareciam querer atropelar uns aos outros para botar as mãos em volta do pescoço de Garrosh e estrangulá-lo. Jaina só foi perceber que ela própria se apoiara nos braços da cadeira para se soerguer quando Kalec e Varian a seguraram com força, um de cada lado.

— Não se levante, minha querida — urgiu Kalec, num sussurro. Então, ela se deu conta de que estava prestes a acrescentar seus gritos de ódio à cacofonia. O suor começou a escorrer de sua fronte. Cerrando os punhos, ordenou a si própria que se sentasse.

Enquanto isso, Taran Zhu perdia a paciência. Bateu no gongo várias vezes e vociferou ordens no idioma pandareno. Mais integrantes da Horda e da Aliança foram arrastados para fora da corte, onde poderiam refletir sobre seus atos.

Depois que a calma foi restabelecida, um Taran Zhu já recomposto fitou Garrosh.

— Uma vez que suas palavras não modificam em nada o intento deste julgamento, prosseguiremos conforme o planejado.

Então, fez um sinal aos guardas de Garrosh, que o escoltaram até a cadeira vazia ao lado de Baine, onde ficaria sentado durante todo o julgamento. Apesar das correntes, Garrosh se esparramou na cadeira, com um ar desafiador, provocando um ódio tão intenso e ardente em Jaina que faria a bomba de mana lançada sobre Theramore parecer a chama de uma vela.

6



Embora as palavras venenosas e a atitude arrogante de Garrosh já fossem esperadas, Anduin ficou desapontado. Tal sentimento era de causar espanto, uma vez que o príncipe fora atacado por Garrosh e por pouco não morreu.

Rumo ao fim de seu governo, Garrosh alimentou uma obsessão gradativa pelo acúmulo de meios espirituais e mágicos para sobrepujar a Aliança, não importando o preço que custasse. Anduin não dava crédito a todos os boatos que corriam sobre Garrosh, mas algumas das coisas ele havia visto com os próprios olhos. Ao contrário de Varian, o orc decidira usar os poderes sombrios do sha — manifestações físicas aterrorizantes das emoções negativas — para fortalecer suas tropas.

Para levar esta empreitada a cabo, Garrosh roubara uma relíquia mogu chamada Sino Divino. Ao ser tocado, este sino propaga caos puro e incessante. Assim como tudo em Pandária, havia um jeito de reequilibrar o sino: a Marreta Harmônica. Anduin reunira as partes do artefato e, ao

confrontar Garrosh, usou-o para tocar o sino, tornando o som da discórdia em harmonia.

Ele frustrou os planos de Garrosh. Enfurecido, o orc golpeou o sino com seu machado, Uivo Sangrento, estilhaçando a relíquia mogu.

E os ossos de Anduin.

Ele sentiu a dor remontar a cada parte de seu corpo que havia sido esmagada pelos estilhaços do sino que desabaram sobre si. Ela se manifestava levemente quando ele se movia, e de uma maneira mais profunda ao se recordar do incidente. Velen lhe dissera que ela jamais desapareceria por completo e que provavelmente aumentaria com a idade.

— O corpo não se esquece dos males que o afligiram, e cada um dos teus ossos possui uma memória própria — disse o velho draenei. Então, acrescentou sorrindo: — E graças à Luz, tu, jovem príncipe, viverás muito para que teus ossos te recordem o que aconteceu.

Aquilo bastou para Anduin. Se a marreta fez soar a harmonia no meio da discórdia, os seres vivos podiam fazer o mesmo, refletiu. Os draeneis e os naaru possuíam enorme sabedoria e acreditavam nisto. A Harmonia Telúrica, que tanto fizera para curar o mundo das mazelas perpetradas por Asa da Morte, era composta por xamãs de todas as raças. Eles se uniram ao Círculo Cenariano para restaurar Nordrassil, a Árvore do Mundo. A cooperação era possível, todos os indivíduos eram únicos e tinham potencial para crescer, Anduin vira isso com os próprios olhos.

O julgamento mal havia começado. Se a enumeração dos crimes não despertara nenhum sentimento em Garrosh, senão desdém, talvez a contribuição engenhosa dos dragões brônzeos o fizesse.

O jovem príncipe sentia-se mal por Baine Casco Sangrento, a quem considerava um amigo. Lembrou-se da noite em que ele e o tauren haviam se sentado no salão de Jaina, logo após Baine ter sido forçado a fugir pela

sua vida, durante o levante do Temível Totem. O fato de ter se responsabilizado a defender o orc que matara seu pai causou grande admiração em Anduin. Ele fitou Varian por alguns instantes, imaginando como seu pai teria agido no lugar de Baine. Esperava que ele defrontasse a ocasião com a mesma dignidade do tauren.

Tyrande Murmuréolo se levantou e caminhou até o centro da arena. Ela trajava um manto que poderia ser descrito pelo simples adjetivo “branco”, mas era muito mais do que isso: tons sutis de lavanda, azul, pérola e prata se uniam num traje a um só tempo simples e elegante, assim como a própria elfa. Anduin já tivera oportunidade de conhecê-la, e, de todos os líderes da Aliança — e inclusive da Horda —, ela era a que mais o intimidava. Não que tivesse sido impositiva ou arrogante, muito pelo contrário, fora gentil e graciosa.

O príncipe vira em Tyrande a mesma essência da beleza da deusa lunar, a quem a elfa adorava, e das matas à noite, tão benquistas por seu povo. E quando ela lhe falara pela primeira vez, a serviço de Magni Barbabronze, ele estremeceu ao sentir a mão dela sobre seu rosto, num gesto de compaixão sincero e profundo.

A elfa encarou os rostos na galeria por um longo momento, em silêncio, organizando as ideias, então se voltou para os quatro Celestiais Majestosos e disse:

— É meu direito, enquanto acusadora, falar primeiro ao júri e àqueles que aqui estão reunidos — iniciou ela, num tom melodioso e eloquente. — Este direito é concedido ao acusador para que apresente suas evidências. No entanto, sinto-me tentada a deixar o defensor começar, pois o Chu’shao Baine Casco Sangrento foi incumbido de uma tarefa muito mais difícil do que a minha.

Com gestos graciosos, deu alguns passos, as madeixas longas e azulegas caindo em cascata sobre as costas, o rosto voltado para o público.

— Afinal, Garrosh Grito Infernal prestou-me um grande serviço hoje. Não só admite ter cometido a longa lista de crimes de que é acusado, como se vangloria deles e arremessa insultos contra a corte. Não há ninguém neste templo — aliás, ousa dizer que não haja ninguém em Azeroth — que não tenha sido impactado pelos feitos deste orc.

Agora, olhava para Garrosh e, embora a mudança em seu rosto fosse sutil, Anduin pode ver o desprezo ali contido.

— Minha tarefa é, ao mesmo tempo, uma honra e um prazer negro: devo apresentar as provas de que Garrosh fez tudo de que é acusado. Além disso, mostrarei a vocês que ele fez tudo isso em plena consciência da angústia, do sofrimento e da destruição que estava causando.

Então, ela se deteve e se voltou para a mesa onde Crona e Kairoz estavam sentados. Com as mãos sobre o peito, fez-lhes uma enorme mesura.

— Devo agradecer à revoada brônzea, pois, de agora em diante, minha ferramenta não será mais a repetição das palavras, as quais cansam e enfastiam, e sim a reprodução fiel dos eventos conforme se desenrolaram. Vocês assistirão ao ardil de Garrosh Grito Infernal. Ouvirão as suas mentiras. E, no fim, serão testemunhas da sua traição.

Garrosh não fez nenhuma interrupção. A elfa apresentava a estratégia de acusação, a qual seria brutal e impiedosa. Anduin achou que Garrosh não conseguiria ficar calado este tempo todo, mas o orc não abriu a boca.

Se Tyrande estava desapontada, não demonstrava. Franzindo o nariz delicado, voltou-se novamente para a multidão e falou, desta vez, no tom gentil e compassivo de que Anduin se lembrava de ter ouvido quando a conheceu:

— Algumas das cenas que serão exibidas são horríveis, e sei que muitos de vocês sofreram pessoalmente com os crimes de Garrosh. A estes, ofereço um pedido sincero de desculpas pela dor que vou causar. Mas acredito que vocês sofreriam ainda mais se eu não fizesse tudo o que está em meu poder para que este... *orc*... seja levado à verdadeira justiça.

Então, ela se curvou perante os quatro celestiais, os quais estavam imóveis como pedras, mas cuja presença se fazia sentir através da arena, e prosseguiu:

— Celestiais Majestosos, vocês são bondosos e sábios. Duas qualidades que admiro. Rogo-lhes que façam a justiça verdadeira de que estou falando: Garrosh Grito Infernal, antigo chefe guerreiro da Horda, é culpado de crimes os mais *abomináveis* contra Azeroth, seus habitantes, suas raças e contra o próprio mundo, e merece sofrer a maior punição existente: a morte. *Shaha lor'ma*... muito obrigada.

Ao fim do discurso, Anduin soltou o ar que levava preso no peito. Os aplausos não eram permitidos. Se fossem, com certeza, a maioria esmagadora do público estaria batendo palmas e gritando em apoio à elfa. Garrosh, no entanto, seguia indiferente às palavras afiadas de sua adversária.

Cheia de brio e com gestos tão precisos quanto uma flecha élfica, Tyrande se sentou. Taran Zhu fez um meneio com a cabeça.

— Muito obrigado, Chu'shao. Passo a palavra ao defensor.

Baine não irradiava a energia calma, porém diligente, de Tyrande. Ele se ergueu lentamente, com dignidade, fez uma grande mesura aos Celestiais Majestosos e se virou para os espectadores.

— O acusado, Garrosh Grito Infernal, chamou este julgamento de “espetáculo”. Como não quero que seja percebido enquanto tal, nem como uma comédia, como ele disse, não ofenderei a inteligência de ninguém

reivindicando sua inocência. Tampouco correrei o risco de obter-lhes o escárnio, tentando convencê-los de que ele estava perdido, ou de que é um incompreendido. Não pedirei que sejam piedosos, nem que ignorem os crimes de que ele é acusado. Desde já, trato de esclarecer uma questão importante.

Baine ergueu-se em toda sua imensidão e estufou o peitoral robusto, lembrando a todos os presentes que era um guerreiro, um grande chefe e filho de um grande chefe.

— Garrosh Grito Infernal matou o meu pai. A maioria de vocês já sabia disso. Podem ter certeza de que não possuo afeição nenhuma por ele. Ainda assim, cá estou para defendê-lo. Por quê? Porque, Faʃhua Taran Zhu, Celestiais Majestosos e meus irmãos azerothianos, assim como vocês, eu também quero a “justiça verdadeira” de que minha estimada colega noctiélfica falou com tamanha eloquência. E também porque *é a coisa certa a ser feita*.

Ele se pôs a andar, olhando para a audiência como se desafiasse alguém a contradizê-lo.

— Não faremos a Garrosh o que ele nos fez. Não colocaremos nossos desejos e necessidades em primeiro lugar. Não deixaremos que o ódio incite ideias de assassinato e vingança por acreditar que assim recuperaremos a honra supostamente perdida das nossas raças. Somos melhores do que isso. Somos melhores do que *ele*. — Ao dizer isso, apontou para Garrosh, que sorria desdenhoso.

“E *porque* somos melhores, vamos ouvir, usar a mente e o coração para chegar a um veredito que gerações por vir concordarão ter sido a verdadeira justiça.”

Baine se voltou para os assentos da Aliança. Por alguns instantes, seu olhar encontrou o de Anduin; depois, virou-se para Varian e, finalmente,

para Jaina Proudmore.

Jaina franzia o cenho, exibindo uma fronte marcada por vincos e rugas. Geralmente, a expressão denotava concentração. Desta vez, no entanto, denotava insatisfação com o que Baine dizia, percebeu Anduin.

— Nosso desafio, o meu, dos Celestiais Majestosos e de todos os presentes, será manter a mente e o coração abertos. É junto ao coração sábio, e não ao coração partido, que devemos nos recomendar. Se realmente não querem que Garrosh “se safe dessa”, como ouvi dizerem, se realmente anseiam pela justiça, então terão que poupar sua vida. Enquanto estamos vivos, podemos mudar e tomar atitudes para emendar aquilo que destruímos. Muito obrigado.

Por fim, fez outra mesura e retornou ao seu assento.

O discurso de abertura de Baine foi recebido por um silêncio pétreo. Anduin não se surpreendeu. A empreitada do tauren consistia não só em nadar contra a corrente, mas cachoeira acima.

— Vamos fazer um intervalo de uma hora e, à tarde, retomaremos com a primeira testemunha — estabeleceu Taran Zhu. Ele soou o gongo e se levantou. Todos no anfiteatro repetiram o gesto. Então, irrompeu no ar o burburinho das conversas acaloradas, algumas vozes exaltadas, outras satisfeitas, mas todas — absolutamente todas — anti-Garrosh.

Anduin tentou olhar nos olhos de Baine, mas o tauren foi falar com Kairoz, andando com gestos precisos e uma expressão sombria. O príncipe o observou por alguns instantes. Gostaria de poder ir até o tauren, a quem considerava um amigo, e ficar ao seu lado para apoiá-lo. Talvez ainda chegasse o dia em que isto seria possível. Desviou o olhar para Garrosh e tensionou o corpo inteiro.

O orc estava olhando para ele.

Sua expressão era indecifrável. Sentiu que suava nas mãos, sentiu o peito se apertar sob o escrutínio frio de Garrosh e, de repente, foi levado de volta ao momento em que o confrontara.

O bater do sino, o caos transformado em harmonia. O momento em que disse a Garrosh o que aquela marreta havia acabado de fazer. A fúria de Garrosh.

Morra, seu rato!

E então...

Uma mão repousou sobre o ombro de Anduin que, ato contínuo, sobressaltou-se e enrubesceu ao perceber que era somente o seu pai.

— Está tudo bem? — perguntou Varian. Então, seguiu o olhar do filho e emitiu um grunhido. — Venha, vamos arranjar algo para comer. Não precisa olhar para ele se não quiser.

Apesar do medo que irrompeu em seu corpo ao fazer contato visual com o orc, Anduin percebeu que não se importava em olhar para ele. As palavras de Baine ainda ressoavam em seus ouvidos e coração, e Garrosh não mais demonstrava soberba. Pelo contrário, o orc baixou a cabeça em sinal de respeito e, logo depois, se levantou e acompanhou os guardas até onde faria sua refeição.

— Estou bem, pai — afirmou Anduin. — Não se preocupe. Você fez a coisa certa.

Varian compreendeu a mensagem do filho. Então, fitou Garrosh e contraiu os lábios.

— Já não tenho tanta certeza. Não faço ideia, na verdade.

Todos a haviam tomado por morta, e Zaela, senhora da guerra da Presa de Dragão, preferiu que continuasse assim.

Além do mais, ela chegara tão perto da morte que seria até difícil convencer todos de que continuava viva. Fora derrubada de seu protodraco, Galakras, durante o Cerco a Orgrimmar e mergulhou rumo à morte certa. Por incrível que pareça, sobreviveu à queda. Suas feridas eram graves, mas sua força de vontade era imensa. Determinada a cuspir na cara da morte, Zaela estourou uma bomba de fumaça para despistar os inimigos e, cambaleante, rumou para um lugar seguro, onde, enfim, desabou. Recobrou a saúde, movida pela certeza de que havia sido poupada para servir a um grande propósito. E este propósito era salvar Garrosh Grito Infernal, que estava sendo julgado e podia ser condenado à morte.

Ela e vários de seus irmãos da Presa do Dragão haviam voltado a então abandonada Grim Batol, onde haviam vivido os dias mais gloriosos de sua história até então. Lá, eles se recuperaram em segredo. Zaela trabalhava na mesma câmara em que a grandiosa Mãe da Vida, Alexstrasza, fora torturada e forçada a dar à luz dragões que serviriam de montaria à Presa do Dragão. Ao lado de uma corrente gigantesca, que outrora prendera a cabeça da dragonesa ao chão, Zaela admirava as ranhuras que Alexstrasza, em toda sua angústia, marcara na rocha da montanha.

Ela soubera que a “Horda” de Vol’jin rondava o Planalto do Crepúsculo a sua procura, e que havia uma recompensa pela sua cabeça. Sequer pensaram em procurá-la em Grim Batol. Zaela tinha certeza de que isso se devia ao fato de Vol’jin ser um troll. Um chefe guerreiro órquico o teria feito. Independentemente disso, não poderiam se instalar ali em definitivo. Logo teriam que procurar outro lugar.

Então, fitando o que restava de seu clã e com o coração cheio de orgulho, disse, com a voz trêmula de emoção:

— Irmãos e irmãs, vocês me seguiram e enfrentaram Mor’ghor, que outrora nos liderou, pois sabiam que a orgulhosa raça órquica jamais

poderá se deixar manchar por tamanha corrupção. Vocês seguiram Garrosh Grito Infernal, cujo único propósito era manter a Horda forte, pura e poderosa. Por sonhar com uma Horda verdadeira, ele agora jaz numa prisão, defendido por um *tauren*, com o destino nas mãos dos Celestiais de Pandária. Segundo meus espiões, ainda nos restam alguns dias para salvar nosso glorioso chefe guerreiro.

Ela olhou para cada um deles, sabendo que compartilhavam dos seus sentimentos e que temiam algo que talvez fosse inevitável.

— Vocês são bem treinados. Estão prontos. No entanto, estamos em menor número. Estão cientes, assim como eu, de que podemos fracassar e morrer todos. Mas prefiro morrer lutando por uma causa nobre a continuar escondida, ainda que seja aqui. Aqueles que estiverem comigo que gritem!

Um imenso alarido se ergueu no ar. Todos brandiam suas armas e bradavam a plenos pulmões, batendo os pés. Zaela soltou uma gargalhada e se juntou ao grito de guerra.

— Pelos ancestrais! Que nossa força de vontade e nossa coragem nos permitam triunfar!

Enquanto falava, viu um de seus batedores adentrar a câmara correndo. Ele desabou aos seus pés, ofegante, e disse:

— Senhora da guerra, vim o mais rápido que pude. Um intruso... pediu que eu lhe entregasse isto!

De sua mão, produziu um pergaminho ligeiramente amassado.

Aos grunhidos, Zaela, disfarçando a preocupação, rompeu o selo e leu:

Saudações à Senhora da Guerra!

As cabeças se curvaram, mas ainda não foram decepadas dos corpos. Enquanto o chefe guerreiro viver, ainda haverá esperança

*no coração daqueles que acreditam na Horda pura, como já fora
um dia e como voltará a ser.*

*Se compartilha desta esperança, se o seu coração bate
pela glória do povo órquico,*

rogo-lhe que me conceda uma audiência.

Posso lhe ser de grande ajuda.

De um amigo.

— Amigo — repetiu ela, fitando o mensageiro. — Um orc, presumo?

Os olhos arregalados, o mensageiro balançou a cabeça, enfático:

— Não, senhora da guerra. É um... um *dragão!*



Goël aproveitou a trégua para ordenar os pensamentos. A loba Nevecanto viera com ele para Pandária; era bom ter algum tempo para montar e refletir. Devido à idade avançada, a amiga de longos anos já não o acompanhava mais ao campo de batalha. Como ainda lhe restavam força e saúde, no entanto, em raros momentos os dois desfrutavam juntos de um revigorante passeio. Deixando o templo, os dois seguiram pela sinuosa estrada que se estendia pela paisagem; a vastidão o fazia se lembrar de Durotar.

Durak, seu filho, ia firmemente preso ao seu peito, confortado pelo calor e o pulsar do coração do pai. Enquanto o pequeno sonhava profundamente, Goël conduzia a loba a toda na direção de Barriluno, um pequeno vilarejo ao pé da Trilha do Vento Uivante. Sentindo a pequena criatura aninhada contra o torso, o vento adocicado acariciar sua face, o espírito do orc se acalmou.

Tyrande dissera a verdade. Ela podia vencer o julgamento simplesmente apresentando-se todas as manhãs e permitindo que os fatos falassem por si mesmos. Ainda assim, o novo elemento — poder mostrar cenas do passado — inquietava-o. Se palavras podiam ser distorcidas, certamente imagens também.

Seus pensamentos se voltaram para os berros de alguns membros da Aliança que, nervosos, queriam que toda a Horda fosse julgada. Goël estava certo de que à frente de todos os réus estaria ele, pelo crime de ter concedido tanto poder a Grito Infernal. Tudo poderia ter terminado diferente. Goël queria que Garrosh admirasse seu pai, e assim ele o fez — mas pelas razões erradas. Agora, toda Azeroth pagava por sua aposta na força de caráter de Garrosh. Ele mesmo se perguntava quanta culpa recaía sobre suas mãos. Garrosh causara tanta destruição — não só para aqueles cuja vida encerrara ou invadira, mas também para a Horda que ele clamava representar. Goël rogou aos elementos por justiça célere e verdadeira. Garrosh já fizera mal suficiente. Enquanto vivesse, pensou Goël, ele continuaria a fazer mais e mais.

Erguendo uma das mãos, ele apertou Durak contra o peito. O passado não podia, não devia ser mudado. O futuro sim. Goël sabia que muito, talvez tudo, dependia do resultado do julgamento.

Num silencioso voto, ele moveu o queixo para acariciar a cabeça do filho. Ele faria o que fosse preciso para proteger o futuro. A qualquer preço.

— Chu'shao, pode convocar sua primeira testemunha.

Tyrande assentiu.

— Se a corte permitir, convoco Velen, Profeta e líder do povo draenei, para dar seu testemunho.

Goël cerrou os dentes. Ao seu lado, com Durak nos braços, Aggra inspirou suavemente:

— As histórias que ouvi me fizeram pensar coisas muito melhores dessa princesa — disse ela ao companheiro. — Se os orcs odeiam os elfos noturnos, está claro que o sentimento é mútuo.

— Não sabemos o que ela pretende. — Ao dizê-las, ele sabia que as palavras eram tanto para si quanto para Aggra.

— Não é difícil imaginar — respondeu a orquisa.

Goël permaneceu em silêncio. Ele assistia a Velen, alienígena e indescritivelmente velho, que certa feita demonstrara grande benevolência para com o jovem Durotan, caminhar com distinção e dignidade para sentar-se no banco das testemunhas. Ele era ainda maior que o mais alto entre os draeneis que Goël encontrara em pessoa, mas parecia mais esbelto que os outros, massivos e musculosos. Sem armadura, ele portava trajes relativamente simples; vestes alvas e púrpuras levíssimas que pareciam flutuar com talante próprio quando ele caminhava. Seus olhos, emoldurados por rugas profundas, irradiavam um suave brilho azul. Curtos tentáculos adornados com ouro misturavam-se à barba de Velen; branca, descendo-lhe até a cintura, ela remetia a Goël a crista de um poderoso vagalhão.

Baine também observava Velen com atenção; Goël conhecia o tauren bem o suficiente para notar que seus músculos estavam tesos, em alerta.

O próprio Goël documentara a história de seus ancestrais. Uma documentação fragmentária dos eventos, uma vez que poucos entre os orcs remanescentes se lembravam com clareza. O sangue demoníaco correria-lhes pelas veias, alimentando seu ódio e obscurecendo sua razão. Quando Velen reemergiu em Azeroth, seu povo — previsivelmente, pensou Goël com uma pontada de pesar e amargura — escolheu se associar à Aliança.

Até o dia em que a paz e a confiança reinassem em Azeroth, Goël jamais teria a chance de se sentar para fazer perguntas a Velen como seu pai fizera no passado. Ele sabia que, mesmo que a Aliança e a Horda tivessem se unido para sobrepujar Garrosh, o orc provavelmente tornara tal futuro impossível.

— Profeta Velen — iniciou Tyrande, com formalidade —, aqui somente a verdade, aqui sempre a verdade. Esse é o preço dos ancestrais dos pandarens, cuja lei seguimos em busca de equilíbrio.

— Cuja lei *honramos* — interrompeu calmamente Taran Zhu.

Tyrande corou sutilmente e se corrigiu:

— Minhas desculpas, Fa'shua Taran Zhu. Cuja lei honramos em busca de equilíbrio. Você dá a sua palavra?

— Tens minha palavra — respondeu Velen imediatamente. Sua voz era poderosa, mas as poucas palavras que proferiu estavam repletas de ternura e serenidade. Com as mãos pousadas sobre as pernas, ele observava Tyrande com atenção.

— Profeta, estou certa de que todos os presentes neste tribunal sabem que você foi testemunha das referidas atrocidades — disse a elfa noturna.

Aí está, pensou Goël. Ela agora nos pintará a todos como demônios — ou de vermelho, com o sangue derramado no passado.

Baine saltou sobre os cascos:

— Com todo o respeito, eu protesto — interrompeu o tauren. — Fa'shua, estamos aqui para julgar as ações de um orc, não de todos eles.

— Com todo o respeito, Lorde Zhu — retrucou Tyrande —, a Defesa falou mais cedo do grande amor de Garrosh pelo seu povo. Meu desejo é contar ao júri a história dessas pessoas. Os celestiais sabem muito, mas não de Draenor, e sua compreensão da história e da mente órquica será vital para qualquer decisão que esperamos que tomem.

— Concordo com a Acusação — respondeu Taran Zhu.

Com as orelhas levemente contraídas, Baine inclinou a cabeça e, retomando o assento, acatou a decisão.

— Obrigada — disse Tyrande, e prosseguiu: — Profeta, você pode se identificar brevemente?

— Eu sou Velen e há milênios guio meu povo ao máximo de minha capacidade. Abandonamos Argus, nosso mundo natal, para fugir da demoníaca Legião Ardente. Chegamos a Draenor séculos atrás e de lá fizemos nosso novo lar. Posteriormente, como estou certo que sabeis, viemos para Azeroth.

— Vocês foram bem recebidos em Draenor? — indagou Tyrande.

— Não fomos mal recebidos — respondeu Velen. — Orcs e draeneis coexistiram pacificamente por um longo tempo.

— Seria correto afirmar que vocês e os orcs viveram lado a lado em Draenor por séculos, interagindo minimamente, estabelecendo um comércio pacífico, respeitando-se mutuamente?

— Sim, está correto.

A alta-sacerdotisa olhou de soslaio para Crona, que balançou a cabeça e deslizou da cadeira. Kairoz permaneceu sentado, observando atentamente.

— Se a corte permitir, gostaria de apresentar a primeira Visão de Velen.

Crona subiu na mesa, impossibilitada de alcançar a Visão do Tempo de outra maneira na forma atual. Ninguém, contudo, ousava rir de uma dragonesa, por mais que parecesse aprazível e alegre. Crona moveu as mãozinhas com a agilidade da raça gnômica, que tanto gostava de emular.

Os olhos do dragão entalhado ao redor da âmbula superior se abriram de estalo.

Um murmúrio contido, apreensivo, ressoou pela câmara. O dragão levantou a cabeça, sacudiu o corpo, despertando de seu sono, e agarrou a âmbula com as garras dianteiras. A areia no receptáculo irradiou um brilho do mesmo dourado dos olhos do dragão e começou a escorrer para o cone inferior, cujo guardião aguardava ainda imóvel, inerte como o bronze de que era feito.

Com os olhos emitindo o brilho que denotava a magia peculiar à sua revoada, Crona espalmou uma das pequeninas mãos. Um tentáculo nebuloso da mesma cor da areia emanou dela, envolvendo-se rumo ao centro do grande anfiteatro e enroscando-se como uma serpente, alterando sua forma até silhuetas tornarem-se claramente distinguíveis. Cores começaram a sangrar das formas enquanto os tons radiantes do bronze se transformavam para colorir as impressionantes figuras com matizes realistas.

Dois jovens orcs postavam-se com as peles castanhas cobertas de suor e poeira. De boca entreaberta e olhos apertados, ambos encaravam um guerreiro draenei que trajava uma armadura brilhante e os observava sobranceiramente. O guerreiro parecia preocupado; os jovens, consternados, mas não temerosos.

Goël sabia quem eram esses jovens.

Memórias inundaram sua mente: a admiração e o orgulho ao descobrir sua verdadeira história por meio de Drek'Thar; a alegria de “encontrar” os pais na história alternativa de uma linha temporal defeituosa; a angústia devastadora de vê-los morrer. Tendo ele mesmo se tornado pai, seus olhos percorreram raivosamente os traços juvenis de seu progenitor. Ao se virar para tomar o filho nos braços, ele viu que Aggra já se preparava para entregar-lhe Durak. Os olhos de ambos se cruzaram e se

conectaram num silencioso instante de amor e compreensão; então, com Durak nos braços, Goël voltou-se novamente na direção da exposição.

— Profeta — solicitou Tyrande —, pode esclarecer ao tribunal o que estamos vendo?

Velen suspirou e seus ombros penderam sutilmente:

— Sim — disse em tom melancólico. — Apesar de não ter testemunhado esse momento, reconheço os três.

— Quem são eles?

— O draenei era um caro amigo; Restalaan, capitão da guarda de Telmor. Os jovens orcs são Orgrim, posteriormente conhecido como Martelo da Perdição, e Durotan, filho de Garad.

— Tais interações eram corriqueiras?

Velen balançou a cabeça, sacudindo os apêndices tentaculares com o gesto.

— Não. Essa foi a primeira vez. Comercializávamos com os orcs, mas jamais havíamos encontrado esses jovens.

— E o que levou a isso?

— Ao fugirem de um ogro, os jovens foram socorridos por um grupo de draeneis. Restalaan, o capitão da guarda, impressionou-se com o fato de que, mesmo pertencendo a diferentes clãs, os dois eram amigos. Sabíamos o suficiente a respeito dos orcs para saber que se tratava de algo incomum. Era tarde para regressarem em segurança para casa, por isso Restalaan enviou mensageiros para notificar seus clãs e os convidou para permanecerem até o amanhecer. Para ele, eu me interessaria em conhecê-los. Com efeito, interessei-me. Ao jantar com os orcs, deparei-me com jovens inteligentes e de bom caráter.

Goël lembrou-se do relato de Drek'Thar a respeito desse encontro. O velho orc não o havia testemunhado em pessoa, mas ouvira a seu respeito.

Era bom que Drek'Thar não estivesse lá para reviver esse momento do passado, anterior a toda a escuridão.

— A cidade de que fala, Telmor, era fácil encontrá-la?

— Não — respondeu Velen. — Ela era oculta; mágica e tecnologicamente. Os jovens jamais a teriam encontrado se não os tivéssemos acolhido.

— Se a corte permitir, gostaria de apresentar a segunda Visão de Velen.

Tyrande acenou com a cabeça. Com as mãos como que cobertas por luvas luminosas cor de mel, Crona gesticulou. A cena dissolveu-se e deu lugar a outra. As Areias do Tempo começaram a cair novamente, um grão luminoso por vez; diante dos olhos de Goël, um segundo episódio começou a se desenrolar.

— Aqui estamos — disse a imagem de Restalaan. Ele desmontou do talbuque azulado, ajoelhou-se sobre a terra e removeu folhas e agulhas de pinheiro como se buscasse algo. Ao encontrar um belo cristal verde, o draenei o cobriu gentilmente com a palma da mão.

— *Kehla men samir, solay lamaa kahl.*

A floresta ao redor deles começou a tremeluzir. Por um instante, Goël se perguntou se a Visão do Tempo poderia estar falhando, mas logo percebeu que as figuras permaneciam imutáveis. O jovem Durotan ofegava. O brilho tornou-se ainda mais intenso; subitamente onde antes havia uma densa floresta, agora restava apenas uma estrada ampla, pavimentada, que ascendia lateralmente pela montanha.

— Estamos no coração da terra ôgrica, embora não o fosse quando eregiram a cidade tempos atrás — disse Restalaan, pondo-se de pé. — Se os ogros não podem nos ver, não podem nos atacar.

— Mas... Como? — questionou Durotan.

— Uma simples ilusão, nada mais. Um truque da... luz. Nem sempre os olhos merecem confiança. Acharmos que o que vemos é real, que a luz sempre revela tudo da mesma forma. Luz e sombra, entretanto, podem ser manipuladas, direcionadas por aqueles que as compreendem. Ao dizer aquelas palavras e tocar o cristal, alterei a incidência da luz sobre as rochas, as árvores, a paisagem. Por isso vossos olhos captam algo absolutamente diferente do que vós pensastes que aqui estava.

Restalaan riu calorosamente.

— Venham, meus novos amigos. Venham a um lugar em que vosso povo jamais esteve. Trilha a estrada que leva ao meu lar.

A imagem ficou estática e desapareceu. Os grãos da metade superior da ampulheta pararam de cair. O dragão de bronze voltou à posição original e, cerrando os olhos reluzentes, retornou ao estado de simples ornamento. O que estava enrolado na âmbula inferior, contudo, despertou e espreguiçou-se; em seguida, pousou as garras de maneira protetora ao redor do recipiente do qual era guardião.

— Restalaan revelou a Durotan e Orgrim o segredo de como os draeneis protegiam sua cidade. Os dois jovens guardaram tal segredo? — perguntou Tyrande contidamente.

Goël sabia a resposta.

— Não — respondeu Velen, tomado de pesar.

— O que houve?

Velen suspirou profundamente. Seus olhos percorreram o lado da arena destinado à Horda em busca de Goël. Quando o Profeta prosseguiu, foi como se falasse somente ao filho do pequeno garoto que acolhera no passado, não diante de uma plateia absolutamente absorta, atenta a cada uma de suas palavras.

—Anos mais tarde, enganados por Ner'zhul, os orcs traíram Gul'dan. Creio firmemente que Durotan sentiu grande remorso por...

Sorrindo com suavidade, Tyrande o interrompeu:

— Sua compaixão é inspiradora, Profeta, mas por favor, atenha-se a relatar os fatos como os conhece.

Aggra aparentava estar arrasada — e furiosa:

— Ela nem permite que ele fale o que seu coração sente! Por que Baine não protesta?

Baine permanecia em silêncio, mas suas orelhas aplainadas revelavam a Go'el todo o seu desagrado.

— Por que a solicitação de Tyrande é justa. Baine terá a oportunidade de falar, minha amada. Não se preocupe.

Todavia, Go'el não podia negar que compartilhava do dissabor da companheira.

Velen aquiesceu.

— Pois bem. Os fatos são que Durotan liderou uma força de orcs contra Telmor anos mais tarde.

— Obrigada — disse Tyrande. Virando-se para fitar os que assistiam, seu olhar percorreu as bancadas e se deteve na direção dos quatro celestiais. — Devo alertar o tribunal de que as cenas que verão são violentas e perturbadoras. Assim são a traição e o assassinio.

Uma vez mais, Baine não protestou. Go'el percebeu amargamente que Tyrande, uma vez mais, estava certa.

A seu favor, entretanto, a Acusação parecia descontente com o que faria. Ainda assim, ela disse:

— Apresento a terceira Visão de Velen; a tomada de Telmor pelos orcs.

Os grãos da Visão do Tempo voltaram a cair, revelando uma nova cena. Dessa vez Go'el reconheceu Durotan, agora um adulto. A armadura que o líder do clã Lobo do Gelo portava, Go'el reconheceu imediatamente como a couraça passada de pai para filho por dez gerações de líderes do clã mesmo sem jamais tê-la visto. Forjada de pesadas placas conectadas por correntes, ela trazia dois lobos brancos voltados um para o outro gravados na frente. *Ela deveria ter sido minha*, pensou Go'el. *Deveria, um dia, ter sido de Durak, se o destino assim permitisse.*

Mas o destino não permitira, lembrou ele. A armadura perdera-se no tempo; Orgrim pensava que havia sido roubada, talvez destruída pelos elementos. Além disso, ele chegara à idade adulta como prisioneiro dos humanos. A Horda, especialmente sob a liderança de Garrosh, tinha muito pelo que responder; por outro lado, a Aliança também.

Durotan e vários orcs prontos para a batalha estavam na mesma “floresta” da Visão anterior. Orgrim, agora com a aparência da qual Go'el se lembrava, aproximou-se do amigo, observando enquanto Durotan procurava algo no chão. Go'el sabia — ele tinha certeza de que todos sabiam — do que se tratava.

— Você encontrou — disse Orgrim.

Erguendo os olhos da pedra para os companheiros, Durotan assentiu.

— Entrem em formação — ordenou Orgrim aos outros orcs. — Por sorte não houve nenhum alerta antecipado.

Depois de hesitar por um instante, Durotan proferiu as palavras mortais:

— *Kehla men samir, solay lamaa kahl.*

A ilusão que protegia Telmor desvaneceu lentamente, revelando a estrada ampla, pavimentada, que se estendia à frente como um obsceno convite.

De uma só vez, foi como se a arena tivesse se transformado num campo de batalha. A escala era imensa, opressiva: orcs, montados em lobos encouraçados com as armas de prontidão, bradavam seus gritos de guerra e investiam. A Visão se concentrava neles, acompanhando-os enquanto as enormes feras que montavam acediam seu próprio uivo à cacofonia; um tempestuoso grupo em agudo e brutal contraste com a tranquilidade da cidade. A vista panorâmica deu, então, lugar a imagens individuais. Aqui, alguns draeneis atônitos, claramente aturdidos demais para tentar fugir ou se defender; lá, espadas e machados separavam cabeças corníferas de seus corpos com tanta velocidade que os rostos azulados ainda retinham um olhar profundamente desnordeado. O sangue anil espalhava-se em todas as direções, cobrindo as armaduras e a pele dos orcs, prendendo-se ao pelo dos lobos e deixando rastros.

Gritos aterrorizados e súplicas na cadenciada língua draeneica se juntaram à balbúrdia mortífera. O povo de Durotan avançava, a onda de guerreiros seguida de perto pelos então obscuros bruxos, que crivavam grupos de draeneis aterrorizados e desarmados com fogo, sombras e maldições.

Alguns dos orcs invadiam as edificações, perseguindo todos que, tolamente, buscavam abrigo. Instantes depois, emergiam cobertos de sangue em busca de novos alvos.

Defensores vieram ao auxílio dos habitantes de Telmor. Os guardas draeneis revidavam com magias muito além da compreensão dos inimigos. Luzes prateadas, azuladas e púrpuras combatiam o verde lívido e doentio da magia dos bruxos. O combate tornou-se obscurecido, mas a atenção de Goël estava firmemente fixa no pai. Como se seguisse os olhos de Goël, a Visão focalizou Durotan e a figura que acabara de atacá-lo com uma espada brilhante, coberta por uma energia anil.

Restalaan.

O draenei berrou algo que Go'el não compreendeu, agarrou Durotan e o empurrou da montaria. Surpreendido, o orc não pôde reagir a tempo e desabou. Durotan agarrou o machado bem a tempo de defender-se do golpe que Restalaan desferiu com a espada.

Girando para defender o mestre, o lobo negro de Durotan abocanhou o braço do draenei. A espada brilhante caiu da mão de Restalaan, e o machado de Durotan atravessou armadura e carne. Restalaan caiu sobre os joelhos. O lobo mordida cada vez mais forte enquanto o sangue jorrava profusamente do ferimento. Durotan atacou pela segunda vez, dando fim ao que deve ter sido uma dor excruciante. Assim, Restalaan, que se aproximara de Durotan e lhe revelara os segredos da cidade, morria.

Go'el pensou que era o fim da sangrenta apresentação, que Tyrande mais do que se fizera entender. Ao fitá-la, ele a viu de pé com os braços firmemente cruzados, os olhos fixos nas horrendas imagens exibidas na corte por ordem sua. Ela não dava nenhum indício de que era suficiente; a carnificina prosseguia.

Na visão, os orcs devastavam a cidade. Go'el percebeu, nauseado, que a morte de Restalaan, por mais terrível que fosse, era apenas o prelúdio do que Tyrande lhes reservava.

8



Os corpos eram tantos que, ao perseguir novas vítimas, os orcs tropeçavam. Em combate cerrado, ensanguentado como qualquer um de seus companheiros, Durotan golpeava, rasgava e investia com velocidade e precisão. A violência era tão real, tão presente que, no momento em que percebeu o que aconteceria, Go'el gritou. E não foi o único.

Uma figura abalroou-se com Durotan. Go'el assistia impotente e horrorizado.

A garota ainda era uma criança; curvas femininas, apenas insinuadas, jamais teriam a oportunidade de florescer.

Foi o treinamento de seu pai, refletiu Go'el, que impediu Durotan de partir a menina em duas. Sentindo os próprios músculos se retesarem, ele sabia quanto esforço e habilidade foram necessários, assistindo a Durotan menear o machado. Desprovida do mesmo escrúpulo, a garota atirou-se contra o orc pesadamente protegido e armado, esmurrando sua coxa com os punhos e nada mais. O destemor que demonstrara ao se lançar para um

destino inequivocamente fatal talvez fosse uma das atitudes mais corajosas que Goël jamais vira.

Contudo, Durotan não abateu a pequena draenaia. Goël sabia que ele jamais o faria. Fora outro o orc que não se contivera; Goël sentiu lágrimas de dor e indignação correrem suas faces ao ver a menina parar de se mover, seus olhos se fecharem, sua boca entreaberta verter sangue. Ela fora atacada por trás. O assassino moveu a lança de lado e atirou seu corpo no chão. Apoiando o pé na pequena draenaia ainda agonizante, o orc puxou a lança e sorriu na direção de Durotan, que observava enojado.

— Você me deve uma, Lobo do Gelo — disse o orc da Mão Despedaçada.

Os movimentos da cena cessaram; a imagem da menina assassinada perdeu por alguns instantes e esvaneceu.

Em sua mente, Goël assistiu a outra cena — uma que ele mesmo vivenciara. Pouco tempo depois de fugir do jugo de seu “mestre”, Aedelas Pantanegro, o clã Brado Guerreiro desejava testá-lo. Um garoto humano fora trazido perante si — um menino ainda mais jovem que a pobre draenaia.

— *Você sabe o que é isso* — dissera Iskar. — *Eles são nossos inimigos naturais... Mate a criança antes que ela cresça e mate você.*

— *Ele é só uma criança!* — Um garotinho assustado, nada mais; a memória acelerou o coração de Goël.

— Se não o fizer... tenha certeza de que não sairá vivo desta caverna.

— *Prefiro morrer a cometer uma atrocidade tão desonrosa.*

Grom Grito Infernal, o mais cruel, mais feroz entre os orcs, pai de Garrosh, acatara sua decisão.

— *Já matei crianças humanas* — dissera Grom a Iskar. — *Demos tudo de nós lutando dessa maneira, e o que isso nos trouxe? Esmorecida e*

derrotada, nossa gente perambula pelos campos e não ergue uma mão sequer para se libertar, muito menos para lutar pelos outros. Essa guerra, esse comportamento; foi isso que nos deixou assim.

Tyrande estava fazendo exatamente o que Aggra e Go'el temiam — distorcendo a verdade. O assassinato a sangue-frio de uma criança não atestava o que — ou *quem* — eram os orcs.

O horror, entretanto, não dava trégua. Quase imediatamente outra cena surgiu. Tratava-se claramente de outro momento do mesmo dia. Os orcs estavam cobertos de sangue e vísceras. Outrora belos, os cômodos que agora ocupavam estavam devastados, entulhados de cadeiras e outros objetos quebrados.

— E os draeneis que encontramos vivos? — perguntou uma voz a Durotan.

— Matem — respondeu Durotan com a voz áspera. — Matem todos.

A cena congelou e lentamente desapareceu. As areias da ampulheta pararam de brilhar.

— Sem mais perguntas, Lorde Zhu. — De cabeça erguida e dentes cerrados para controlar a raiva, Tyrande retomou seu assento no anfiteatro tomado pelo silêncio.

Perplexo, Anduin observava de boca aberta. Ele conhecia essa parte da história, claro. Muitos conheciam, e tendo vivido longamente com os draeneis, Anduin sabia mais que a maioria. Agora, contudo, ele compreendia que, escolhendo não revelar suas memórias daquele dia sombrio, os draeneis desejavam poupá-lo. Além de encharcadas de suor, ele notou que suas mãos tremiam.

Velen parecia mais velho, mais triste. Anduin sabia que o misericordioso Profeta lamentava pelos draeneis caídos e, também, pelos

orcs que os massacraram. O jovem vivera entre os draeneis tempo suficiente para compreender isso. As vítimas morreram inocentes. Os orcs tiveram que viver com as consequências de seus atos.

— Eu o pouparia da guerra se pudesse, meu filho. — Anduin virou a cabeça na direção do pai. A expressão de Varian era de sombria compaixão. — É uma coisa horrível. O que acabamos de ver, é o pior da guerra.

A boca totalmente seca impediu Anduin de dizer qualquer coisa. Claro que a guerra era horrível, mas o que eles testemunharam não era guerra. A guerra é entre dois lados iguais, armados e preparados. Aquilo fora nada mais — e nada menos — que o massacre de inocentes. Ainda aturdido, o príncipe observou o lado da Horda. Nenhum deles, nem mesmo os orcs, parecia contente com o que acabaram de ver. Não era necessariamente a violência que os perturbava, mas não havia nenhuma “glória” naquilo. Qualquer um podia chacinar uma comunidade desarmada.

Baine aguardou um instante e, então, ergueu-se para deliberar. Inclinando a cabeça em sinal de respeito, ele disse:

— Tenho certeza de que isso que acaba de testemunhar foi doloroso para você, Profeta; é uma pena que a Acusação tenha considerado necessário um ato tão gratuito.

— Com todo o respeito, eu protesto! — esbravejou Tyrande.

— Concordo com a Acusação. A Defesa deve se abster de comunicar à testemunha o que pensa.

— Certamente, Fa’shua. Presumir foi um erro. Peço desculpas. Você pode nos dizer o que pensou diante do que acabamos de ver, Profeta?

— Desculpas não são necessárias. Se puseste palavras em minha boca, Chu’shao Casco Sangrento, foram nada mais que as palavras que eu teria escolhido — disse Velen. — Estás certo, foi doloroso assistir.

— Você pode dizer à corte o que exatamente trouxe dor?

— A morte desnecessária de inocentes, dentre as quais crianças, é claro.

Baine assentiu.

— Claro. Isso é tudo?

— Não. Também me causa dor lembrar que alguém de natureza nobre e verdadeira foi compelido a agir de outra forma por seus superiores — respondeu Velen.

— Você está falando de Durotan?

— Sim.

— Não acha que a matança o satisfaz?

— Com todo o respeito, eu protesto — interpôs-se Tyrande. — A testemunha não tem condições de saber o que Durotan pensava.

Claramente esperando por isso, Baine virou-se com tranquilidade na direção de Taran Zhu:

— Se a corte permitir, desejo exibir uma parte da evidência apresentada pela Acusação; um momento específico que Chu'shao Murmuréolo decidiu deliberadamente não exibir.

— Prossiga — ordenou Taran Zhu.

Baine acenou para Kairoz. O dragão de bronze, colossal junto a Crona, levantou-se e, com movimentos velozes de seus dedos, deu vida às areias, que rodopiaram. Uma vez mais, a imagem de Durotan, sua loba, a jovem draenaia e seu assassino tomaram forma. O hediondo instante estava congelado; o sangue vertendo da boca da menina, a lança trespassando seu corpo.

Anduin quis desviar os olhos, mas não o fez. Onde Baine queria chegar com isso?

As figuras se moveram, a garota sucumbindo e convulsionando enquanto o orc puxava a arma.

— Você me deve uma, Lobo de Gelo — zombou o assassino.

Tyrande terminara sua exposição nesse exato momento; depois, adiantara-se até a declaração condenatória de Durotan: “Matem... Matem todos.”

E, no entanto, quem tinha olhos pôde ver a expressão de horror estampada no rosto de Durotan diante do corpo de uma criança assassinada; quem tinha ouvidos, pôde ouvir seu longo uivo de desespero, fúria e remorso. Quando o Lobo do Gelo ergueu a cabeça, Baine pediu:

— Pare. Exatamente aí.

Lágrimas corriam sobre as faces castanhas, não obstante todos saberem quão raramente os orcs choravam. A boca de Durotan estava congelada num silencioso lamento. Todos os presentes também permaneceram calados.

A imagem desvaneceu. Após um longo momento, Baine prosseguiu:

— Pode me dizer como se sente em relação aos orcs atualmente, Profeta?

— Com todo o respeito, protesto — interveio Tyrande.

— Concordo com a Defesa — respondeu Taran Zhu. — A testemunha pode responder.

Velen respondeu lentamente, sua voz devastada pelo pesar:

— Alegra-me que tenham conseguido vencer a maldição do sangue de Mannoroth.

— Você sabe quem libertou os orcs da maldição?

— Grom Grito Infernal, o progenitor de Garrosh — respondeu o draenei.

— Então você crê que é possível mudar — ponderou Baine. — Até mesmo Grom Grito Infernal.

— Creio. Com todo o meu coração.

— Até mesmo *Garrosh* Grito Infernal? — indagou Baine.

— Com todo o respeito, eu protesto! — vociferou Tyrande pela quarta vez. — A Defesa está manipulando a testemunha novamente.

Baine girou na direção de Taran Zhu com um semblante sereno:

— Fa'shua, a Acusação introduziu essa linha de pensamento com sua própria evidência — argumentou.

— Concordo com a Acusação — disse Taran Zhu. — Defesa, não solicite especulações por parte da testemunha. Reformule a pergunta.

O tauren assentiu.

— Em resumo, portanto, você pensa que o povo orc enfrentou um grande desafio e venceu. Eles mudaram quem são?

— Sim — disse Velen. — Sei como poucos o quão poderosa pode ser a influência demoníaca. — A voz sábia do ancião soava entristecida.

— Sem mais perguntas — disse Baine.

Tyrande, contudo, quis prosseguir com a oitava. Seu belo rosto mal tinha expressão quando se aproximou do draenei que ela mesma convocara para testemunhar:

— Tenho apenas uma pergunta, Profeta. Por favor, responda com simplicidade, sem emitir sua opinião. Durotan e os outros tinham comungado com o sangue de Mannoroth quando investiram contra Telmor?

— Não — respondeu o draenei.

— Suas mentes estavam livres? A mente de *Durotan* estava livre, capaz de tomar decisões livremente?

Com relutância, veio a resposta:

— Sim.

Tyrande mal conseguiu ocultar a expressão de triunfo.

— Obrigada. Sem mais perguntas.

Sábio que era, Taran Zhu determinou uma pausa de uma hora, sentindo que a audiência precisava sair e afastar da mente o que acabara de ver; senão, logo haveria mais gente para ser “contida” até o fim do julgamento.

Desculpando-se com Jaina, Kalec e seu pai, Anduin mencionou que precisava esticar as pernas, ainda em processo de cura, e respirar ar puro. Sua intenção, a bem da verdade, era fugir. A pausa era curta demais para retornar ao seu lugar preferido de Pandária, a Loucura do Alvanel. Tempos atrás, artesãos entalharam com esmero uma escadaria que não levava a lugar nenhum, exceto a uma vista excepcional. Ninguém sabia qual era seu propósito original. Além de adorar a ideia de escadas que davam apenas num belo cenário, Anduin considerava o lugar um santuário de tranquilidade. Agora, ele teria que se contentar com o templo, num ponto distante da área principal.

O pequeno mirante era apenas uma ramificação da área geralmente reservada para os monges e o Mestre Lao. Eles e Flecha Negra, o ferreiro grômulo, foram instruídos a ficar o dia longe do templo enquanto durasse o julgamento; assim, Anduin podia ter a privacidade que desejava.

O ar da montanha era fresco e revigorante, e os pés de Anduin deixavam marcas na neve fina. Correntes enormes circundavam o mirante, a fim de impedir a queda de incautos. A oeste, montanhas ancestrais projetavam seus cumes cobertos de neve, picos colossais envoltos em névoa varando as nuvens. A leste, Anduin viu dois dos pagodes menores, cingidos por cerejeiras e guardados por uma estátua do poderoso Xuen.

À sua frente, a vista do sul parecia pintada por um verdadeiro mestre; continha tanto a paz do templo quanto a vastidão de Pandária. Sentindo-se, como antes, amparado, Anduin perguntava-se como um lugar tão alheio a si e a tudo que conhecia podia fazer com que se sentisse tão acolhido.

— Deseja privacidade ou posso lhe fazer companhia? — A voz sedosa e jovial era familiar. Sorrindo, Anduin girou na direção de Wrathion, que aguardava sob o umbral.

— É claro, mas eu duvido que consiga ser boa companhia.

— A Alta-Sacerdotisa Murmuréolo; digo, Chu'shao Murmuréolo; começou com tudo — disse Wrathion, aproximando-se de Anduin. Com as mãos entrelaçadas atrás das costas, ele observava a vista como se estivesse mesmo interessado. Anduin sabia que não.

— É verdade — respondeu ele.

— Ainda assim, ela não disse nada de novo — prosseguiu Wrathion. — Garrosh já é odiado por todos. Por que falar de algo que aconteceu antes do nascimento dele? Uma tática... curiosa.

— Na verdade não — respondeu Anduin. — Ela está nos mostrando que os orcs não podem se eximir com a desculpa de ter bebido sangue de demônio. Garrosh é completamente livre; pelo menos disso. — Não da sede de poder, da insensibilidade ao sofrimento alheio que o consumiam tão profundamente que Anduin não podia sequer começar a compreender.

— E, no entanto, ele fez coisas terríveis — refletiu Wrathion, franzindo o cenho e remexendo o pequeno tufo de barba pensativamente. — Mas... pintar uma raça inteira com pinceladas tão frouxas vai acabar em problemas se ela persistir. É preciso dar nuança.

— Você sempre diz que é preciso dar nuança. — O comentário impaciente saltou dos lábios de Anduin antes que ele pudesse impedir. O jovem cruzou os braços com força e estremeceu. Com o tribunal aquecido por braseiros e calor corporal, ele se esquecerá de trazer o manto consigo. Além disso, Anduin apercebeu-se de que a cena com a menina morta o perturbara mais do que pensava.

Wrathion contentou-se em gargalhar, o ar frio transformando sua respiração em névoa.

— É porque eu estou certo. Nada está gravado na rocha, Príncipe Anduin. A raça aliada de hoje pode se tornar o inimigo de amanhã. — Wrathion fez um amplo gesto na direção das montanhas. — A própria terra muda. O fogo arde e, depois, transforma-se em brasa; o ar, de imóvel, torna-se torvelinho; os rios e oceanos nunca cessam seu movimento. Nenhuma verdade é inabalável.

Anduin apertou os lábios. Wrathion não estava certo. Não podia estar. Certas coisas *eram* universais, imutáveis. Algumas coisas *sempre* estariam erradas. Como o massacre de inocentes.

— Se nada é sólido, como construir algo duradouro? — indagou Anduin. Em vez de pergunta, suas palavras soaram como uma súplica aborrecida.

— Há diferentes graus de solidez — asseverou Wrathion. — Mesmo que rocha e água se movam, se tentar erigir uma casa sobre ambas, dificilmente você ficará molhado ao escolher a primeira como fundação.

Anduin permaneceu um instante em silêncio. Pensamentos cruzavam sua mente. Nenhum era aprazível, e todos tinham profundas implicações. Por fim, ele se virou para o príncipe dragão e perguntou em voz baixa:

— Wrathion, você pensa em nós como amigos?

Para divertimento de Anduin, Wrathion pareceu surpreso com a pergunta. Pendendo a cabeça coberta por um turbante de lado, ele apertou os lábios reflexivamente.

— Sim — respondeu, enfim. — Tanto quanto posso ter amigos, pelo menos.

Anduin sorriu pesarosamente diante do adendo:

— Então... será que... podemos ficar um pouco num confortável silêncio? Como amigos?

— Sim, é claro — disse Wrathion.

E assim eles fizeram.

9



– **P**or favor, diga-nos seu nome e sua profissão — solicitou Tyrande.

A segunda testemunha convocada por ela era um orc. De meia-idade, corpulento, a pele era de um verde invulgarmente pálido. A vultosa barba negra que ostentava talvez tivesse a finalidade de compensar a cabeça totalmente calva.

— Eu sou Kor’jus, planto e vendo cogumelos em Orgrimmar.

— Como se chama seu comércio e onde está localizado?

— O nome é Terra Negra, no Antro das Sombras.

Tyrande começou a caminhar ou, ainda, deslizar, tão elegantes eram seus passos. De braços cruzados, uma única ruga, sinal de seu estado de concentração, marcava-lhe a testa.

— Terra Negra — repetiu ela, com uma entonação dramática. — Antro das Sombras. Soa sinistro. Talvez... proibido. Algo que possa atrair atenção indesejada do Chefe Guerreiro, quem sabe? — Diante da ameaça insinuada na voz da elfa noturna, Kor’jus se encolheu.

— Meus cogumelos foram reconhecidos pelas mesas de dois Chefes Guerreiros — retorquiu ele. — Essa foi a única atenção que tive deles até recentemente.

— Se a corte permitir, eu gostaria de exibir ao júri o evento citado por Kor'jus.

Crona ativou novamente a Visão do Tempo; a imagem de Kor'jus de joelhos colhendo cogumelos surgiu. De costas para a porta, absorto em seu trabalho, ele nem sequer viu os visitantes alçarem a cortina. No entanto, talvez pressentindo algo, Kor'jus franziu o cenho e se virou.

— Pare, por favor — solicitou Tyrande. Crona congelou a cena. — Kor'jus, você pode nos dizer quem são esses orcs?

— Eu só sabia o nome de um, mas eram todos membros dos Kor'kron. O orc Rocha Negra, aquele com três dedos numa mão e a cicatriz na cara, é Malkorok. Ou era, pelo menos.

A identificação era necessária apenas como formalidade; a maioria dos presentes reconhecia o líder morto dos Kor'kron. Com a pele cinzenta coberta pela pintura de guerra vermelha, Malkorok tornou-se, para muitos, a epítome do pior dos orcs Rocha Negra. Sim, eles o reconheciam e o abominavam.

— Obrigada. Crona, por favor, prossiga.

— Leia a placa — disse a imagem de Kor'jus. — A loja só abre amanhã. — Seus dedos comprimiram a pequena faca que ele segurava.

— Não estamos atrás de cogumelos — disse Malkorok tranquilamente. Em seguida, ele e quatro orcs entraram na loja. O último fechou a cortina. — Estamos atrás de você.

Agora, Kor'jus parecia confuso:

— O que eu fiz? — questionou. — Eu sou um mercador honesto. Ninguém reclama de mim. O próprio Chefe Guerreiro come meus

produtos!

— É por causa do Chefe Guerreiro que estamos aqui — disse Malkorok, avançando lentamente. Kor'jus, contudo, parecia disposto a não arredar pé. — Se continuar falando coisas contra ele, talvez um dia seus cogumelos sejam colhidos com menos cuidado, hein?

Começando a compreender, Kor'jus franziu a testa:

— A Horda não é feita de escravos. Todos os membros têm valor! Posso falar contra as decisões do Chefe Guerreiro sem conspirar contra ele!

Malkorok inclinou a cabeça e bateu no queixo com a ponta do dedo, como se estivesse mesmo refletindo:

— Não — sentenciou o Rocha Negra. — Não pode.

A mão de três dedos agarrou o pulso do lavrador. Mesmo mutilado, o aperto de Malkorok era obviamente poderoso, pois Kor'jus soltou a faca e gemeu. Sem pressa, saboreando cada instante, Malkorok torceu o braço da vítima para trás. O osso se partiu com um estalo. Seus quatro companheiros, talvez temendo perder a oportunidade de diversão, avançaram, gargalhando como se tomassem parte num jogo embriagado, não no espancamento de um oponente que, em clara desvantagem, era massacrado.

Usando apenas os punhos, sua intenção era causar o máximo de estrago sem matar: rosto, pernas, braços. Com um soco certeiro, um dos Kor'kron esmagou o nariz de Kor'jus, espalhando sangue e muco. Com o segundo, sua cabeça pendeu e dentes voaram; quando o dedicado orc armou o terceiro, Malkorok o deteve.

— Se morrer, ele não poderá mostrar aos outros como tem medo — repreendeu o líder da guarda de elite.

De queixo erguido, Kor'jus assistia à Visão que recontava seu próprio espancamento com um olhar fixo. Enquanto pôde, enfrentando cinco

Kor'kron altamente treinados, Kor'jus, um mero comerciante, mantivera-se de pé. Ao chegar ao seu limite, ele sucumbiu de joelhos. Com o rosto praticamente irreconhecível, sua respiração dera lugar a arquejos cortantes, dolorosos. Mesmo quando um último chute o forçou a se encolher, ele resistiu e não gritou.

Na saída, os Kor'kron, que nem tinham começado a suar, congratulavam-se com tapinhas nas costas. Depois de os agressores terem partido, Kor'jus ergueu a cabeça, cuspiu sangue, mais dentes, e perdeu a consciência.

A cena desvaneceu. Kor'jus respirava rápida, raivosamente. Tyrande retomou a inquirição:

— Kor'jus, até onde sabe, esse ataque dos Kor'kron contra você foi o único do tipo?

— Não — respondeu o orc. — Houve outros. Surras feias como a minha, ou piores.

— Você foi espancado com *extrema* gravidade — observou Tyrande. — É um milagre que não tenha morrido.

— Com respeito... — interpelou Baine.

— Retiro o último comentário, Lorde Zhu — disse Tyrande, interrompendo a Defesa com um olhar de paciência aborrecida. — Por favor, diga ao júri a que se refere com “ou pior”.

— Eu me refiro à explosão na Estalagem do Monte Navalha tempos atrás — respondeu Kor'jus.

— O Monte Navalha não é exatamente conhecido pela tranquilidade — disse a elfa noturna, arrancando risadas da audiência. — Com certeza a violência lá, inclusive a explosão, pode ser explicada por clientes insatisfeitos, não os Kor'kron.

Apesar do divertimento dos membros da audiência, Kor'jus mantinha uma expressão sóbria.

— Eu estava lá. Eu estava na estalagem para ficar o mais longe de Orgrimmar que pudesse, a fim de evitar Malkorok. — O orc soltou uma risada curta. — Irônico, não é? Ele veio e começou a ameaçar um Renegado e uma elfa sangrenta. — Kor'jus parecia desconfortável. — Consegui sair sem ser notado antes de sua chegada. Tive sorte.

— É mesmo? Ele os ameaçou? Física ou verbalmente?

— Ele tentou intimidá-los, pelo menos no começo. Não sei o que disseram depois.

Tyrande assentiu com a cabeça.

— Crona, poderia nos fazer o favor? Vamos ver exatamente o que aconteceu.

Anduin, que jamais estivera na estalagem do Monte Navalha, não viu nada que despertasse qualquer desejo de conhecer aquele lugar antes de sua destruição e posterior reconstrução. Era sombrio, barulhento, imundo e, sem dúvida, malcheiroso. Ele notou que Kairoz, o dragão de bronze, ocultava o sorriso causado pelas reações que a imagem, mais que as outras, evocava.

Mesmo com toda a turbulência, o lugar parecia tomado por uma boa disposição, pelo menos até os Kor'kron chegarem. Parados diante da porta, suas silhuetas imponentes bloqueavam quase toda a luz que penetrava no salão principal da taverna. Dois fregueses que bebiam juntos, um Renegado e uma sin'dorei, viraram para observar os recém-chegados.

— Pause — pediu Tyrande. — Esses dois membros da Horda são o Capitão Frânio Farliss e Kelantir Lamissangue. O capitão Frânio foi enviado por Lady Sylvana para comandar as unidades de Renegados que serviriam sob as ordens do Chefe Guerreiro. Lamissangue, a Cavaleira Sangrenta,

serviu previamente ao General-Patrolheiro Halduron Asaluz. Segundo consta, ambos lutaram com bravura na batalha contra a Fortaleza da Guarda Norte.

Anduin observou os membros da Horda. Sylvana e Halduron estavam inclinados para a frente. O príncipe jamais ouvira a respeito de Frânio ou Lamissangue, mas a julgar pelas reações de seus líderes às imagens, ambos eram tidos em alta estima.

Lamissangue tinha os cabelos da cor do sol, e sua pele, de tão clara, parecia jamais ter sido tocada por ele. Mesmo fora de serviço, ela ainda portava peças da armadura. Antes de renascer como Renegado, Farliss já atingira um estágio avançado de putrefação; Anduin se perguntava como era possível derivar prazer da bebida com uma mandíbula que nem sequer se fechava.

Com um aceno para Crona, Tyrande prosseguiu com a exposição.

— Problema — disse Kelantir ao companheiro.

— Não necessariamente. — Frânio ergueu uma das mãos descarnadas e acenou. — Amigo Malkorok! Uma batida por essas bandas? Os conteúdos de um penico são melhores que a água suja servida pelo patife Grosk aqui, mas é barato e ouvi que faz o serviço. Venha, vamos lhe pagar uma rodada.

Malkorok sorriu. Anduin não gostava nada daquilo; e, se sua expressão servisse de indício, nem Kelantir.

— Grosk, uma rodada. — O orc Rocha Negra bateu com tanta força nas costas de Frânio que, por pouco, o Renegado não foi ao chão. — Espero encontrar taurens ou Renegados aqui. Mas você, se me permite dizer, parece absolutamente fora de lugar. — Enquanto falava, seus olhos estavam fixos em Kelantir.

— Não de todo. Já estive em lugares muito piores — retorquiu a paladina, apertando os olhos enquanto o estalajadeiro, presumivelmente o

patife Grosk, enchia os copos.

— Talvez, talvez — disse Malkorok. — Mas por que não está em Orgrimmar?

— Alergia a ferro — respondeu Kelantir.

Mesmo com toda a tensão, Anduin sorriu. Ele gostava da tal Kelantir. Tinha coragem. Era o tipo de coisa que sua amiga Aerin, uma valente anã desaparecida durante o Cataclismo, diria.

De início Malkorok pareceu ultrajado, mas depois gargalhou.

— Ouvi mesmo que você e alguns outros preferem ambientes mais rústicos. Onde estão Baine, a vitela, e seu sapo Vol'jin? Achei que teria a chance de falar com eles.

Todos os olhos saltaram para o novo Chefe Guerreiro e o réu. Eles, é claro, estavam vendo aquilo pela primeira vez, assim como a maioria dos presentes, e pareceram levemente incomodados com a agressividade do insulto.

— Há algum tempo que não os vejo — disse Kelantir. Apoiando as botas na mesa, seu olhar se mantinha firme. — Eu não me envolvo muito com taurens.

— É mesmo? — questionou Malkorok. — Pois testemunhas juram ter visto você e Frânio neste mesmo lugar na noite passada, conversando animadamente com o tauren, o troll e outros. Segundo elas, vocês diziam coisas como “Garrosh é tolo”, “Thrall deveria voltar e chutá-lo até a Cidade Baixa” e “foi covardia usar a bomba de mana contra Theramore”.

— E os elementos — acrescentou outro Kor'kron.

— Sim, e os elementos; algo sobre como foi uma pena Caerne não o ter matado quando teve a chance, pois Thrall jamais utilizaria os elementos de maneira tão cruel e insultante — prosseguiu Malkorok.

O belo rosto de Kelantir congelou. Com a caneca na mão, Frânio Farliss gotejava icor sobre a mesa.

— Mas, se você diz que não viu Baine ou Vol'jin recentemente, presumo que as testemunhas tenham se enganado — disse Malkorok.

— Sem dúvida — disse Frânio, recompondo-se. — É melhor arranjar informantes melhores. — Rapidamente, o morto-vivo voltou a beber.

— Nós faremos isso — concordou Malkorok —, pois é óbvio que nenhum de vocês jamais diria coisas assim a respeito de Garrosh e sua liderança.

— Ainda bem que você compreende isso — disse Frânio. — Obrigado pela bebida. Posso pagar a próxima rodada?

— Não, é melhor irmos embora — declarou Malkorok. — Talvez encontremos Baine e Vol'jin, já que infelizmente eles não estão aqui.

Felizmente para eles, pensou Anduin. Os loas e a Mãe Terra devem tê-los protegido.

Malkorok levantou-se e balançou a cabeça.

— Aproveitem a bebida — disse, caminhando porta fora com os outros Kor'kron logo em seguida.

— Essa passou perto demais para ficarmos tranquilos — disse Kelantir, suspirando aliviada.

— Tem razão — respondeu Frânio. — Por meio momento achei que seria preso; isso se não fosse atacado.

Kelantir olhou em volta.

— Estranho, Grosk se foi.

Frânio pôs a mandíbula de volta e fez uma careta:

— Quê? Com a estalagem cheia assim? Ele deveria estar contratando ajudantes, não vadiando enquanto clientes sedentos esperam.

Quando os olhares de ambos se cruzaram, Anduin soube. Com os pelos da nuca eriçados, ele quis gritar, alertá-los. Aquilo, no entanto, não era o presente, era o passado, e era tarde demais. A bem da verdade, já era tarde demais quando Frânio e Lamissangue perceberam o que estava havendo.

A desventurosa dupla saltou sobre os pés e correu na direção da porta, mas foi aprisionada pelo gelo, ouvindo seus estalos; tudo ficou branco. Um estrondo ecoou pelos salões, e a Visão desapareceu.

De pé no centro do tribunal, Tyrande fitava os celestiais. Era difícil decifrá-los de tão longe, mas Anduin, que conhecia bem ao menos Chi-Ji, compreendia que tivessem ficado tão perturbados quanto qualquer um dos presentes. A elfa noturna abriu a boca e fez menção de dizer algo ao júri, mas, pensando melhor, contentou-se em balançar a cabeça. Não havia necessidade de explicar o que haviam testemunhado. Todos compreendiam.

— Sem mais perguntas, Fa'shua Zhu.

Em seguida, ela caminhou de volta para o seu assento num imenso coliseu tomado pelo mais absoluto silêncio.

10



Depois de um bom tempo sentado, Baine esperava exsudar calma; na verdade, sua capacidade de questionar Kor'jus estava prejudicada, tamanha era a fúria despertada pelo que vira.

Como todos, ele suspeitava que a explosão na estalagem do Monte Navalha não tivesse sido um acidente, mas obviamente não restava nenhuma testemunha para provar coisa alguma. Pelo que soube, Grosk jurou não saber de absolutamente nada, insistindo que sua saída não passara de uma fortuita coincidência.

Não fazia diferença. Não fora ele quem atirara uma granada gélida e, em seguida, uma de fragmentação numa taverna cheia.

Baine rogou em silêncio por autocontrole ao se levantar e caminhar na direção de Kor'jus.

— Parece que você escapou por muito pouco — disse Baine. — Malkorok e os Kor'kron claramente decidiram que meras surras já não eram suficientes para desencorajar detrações a respeito de Garrosh.

Kor'jus assentiu.

— O que diz é verdade. Agradeço aos ancestrais por estar vivo.

— Sem dúvida Malkorok estava fazendo o que fizera na Montanha Rocha Negra — prosseguiu o tauren. — Revelando quem percebia como ameaça e eliminando todos sumariamente, como ameaças. Você disse antes, creio, que outros também foram alvos desse novo, obstinado Kor'kron.

— Sim, muitos outros também foram ameaçados.

— Algum deles já ouviu Malkorok dizer que havia recebido ordens diretas de Garrosh para... *intimidar*... alguém?

Kor'jus franziu o cenho, fitando o orc em questão. Garrosh parecia feito de pedra, seus olhos perdidos e desinteressados.

— Não, mas é claro que...

Baine ergueu uma das mãos.

— Por favor, apenas responda à pergunta.

Com a expressão ainda mais fechada, Kor'jus respondeu grosseiramente:

— Não.

— Então você não pode afirmar perante o tribunal que o réu já tenha *ordenado* o assassinato de seu próprio povo por se expressar?

— Não — repetiu Kor'jus, claramente se esforçando para não contra-argumentar.

— Então é perfeitamente possível que Malkorok e os Kor'kron tenham agido por conta própria, e que Garrosh nem mesmo tinha conhecimento desse incidente? Ou, nesse caso, de qualquer incidente? E que, caso tivesse conhecimento, talvez tivesse desaprovado e tomado medidas contra Malkorok?

— Com todo o respeito, eu protesto — disse Tyrande.

— Concordo com a Defesa — disse Taran Zhu. — A testemunha pode responder.

Rilhando os dentes, Kor'jus rosnou:

— S-sim. É possível.

— Sem mais perguntas. — Baine acenou com a cabeça para Tyrande, que se levantou, mas não foi até a testemunha.

— Fa'shua — começou ela —, solicito que um trecho das declarações iniciais seja novamente lido perante este tribunal. O segmento em que você se dirigiu ao réu antes de informar as acusações.

— Assim seja — disse Taran Zhu, gesticulando na direção de Zazzarik Fryll, o goblin cuja habilidade para a escritania e neutralidade puderam ser compradas por um valor razoável.

Zazzarik ajustou os óculos no nariz adunco e, enchendo o peito com muita importância, desenrolou o pergaminho.

— Garrosh Grito Infernal — começou, com a voz grasnante. — Você foi acusado de crimes de guerra e crimes contra a essência dos seres sencientes de Azeroth, além de crimes contra a própria Azeroth. Você também é responsável por todos os atos cometidos em seu nome, ou por seus aliados.

— Obrigada — disse Tyrande. Zazzarik voltou ao seu lugar, a pena já em punho para prosseguir.

— “Por todos os atos cometidos em seu nome, ou por seus aliados” — repetiu a elfa noturna, encolhendo os ombros em seguida. Voltando-se na direção dos celestiais, disse: — Há momentos em que as coisas são tão óbvias que minha presença aqui nem se faz necessária.

Baine irritou-se, saltando furioso sobre os cascos:

— O comentário da Acusação é absolutamente inapropriado! — vociferou, esquecendo-se de usar a formulação formal.

Tyrande sorriu e ergueu uma mão tranquilizadora:

— Eu retiro minha declaração, Fa'shua, e peço desculpas ao meu estimado colega. Sem mais perguntas.

— A testemunha pode retornar ao seu assento — determinou Taran Zhu. Transbordando alívio, Kor'jus levantou-se e correu de volta para o auditório. Taran Zhu ergueu os olhos na direção de Tyrande. — Chu'shao, devo pedir cautela com procedimentos assim. Eu não gostaria de ter que repreender você.

— Compreendido — disse Tyrande.

Baine fitou Garrosh com os olhos apertados e, depois, Tyrande:

— Solicito uma pausa de dez minutos para me reunir com o réu e meu assessor temporal antes da próxima testemunha, Fa'shua.

— Concedida — respondeu Taran Zhu, batendo no gongo logo em seguida.

Kairoz aproximou-se de Baine com um olhar intrigado. Ainda de pé em sua mesa, Tyrande acenou permissivamente para o dragão. Ele, então, tomou a cadeira que ela esvaziara, piscando e sorrindo de volta.

— Devolvo logo — prometeu ele à estupefata alta-sacerdotisa, e, então, empurrou a cadeira para junto de Garrosh, que estava acorrentado.

Baine disse com exasperação, mas serenamente:

— Tyrande não vai se esquecer daquilo.

— Não é essa a minha intenção — disse Kairoz, mantendo a voz igualmente serena. — Pelo que sei, e eu sempre estou certo sobre essas coisas, agora temos apenas sete minutos e dezoito segundos. Por favor, Chu'shao, fale.

Não era necessária mais nenhuma súplica. Virando-se para Garrosh, as narinas pulsando, ele disse:

— O que em nome da Mãe Terra você está *fazendo*, Garrosh?

— Eu? — riu Garrosh. — Nada em absoluto.

— É exatamente disso que estou falando. Você não demonstra remorso, não reage; nem mesmo um vago *interesse* por esse procedimento!

Garrosh deu de ombros, agitando as correntes e emitindo uma balbúrdia metálica:

— Isso é porque eu *não* tenho interesse... *Chu'shao*.

Baine praguejou por entre os dentes:

— Então você deseja mesmo a execução.

— Execução? Não. Morte? Se for para morrer gloriosamente em batalha contra a gente da sacerdotisa incumbida de me arruinar... sim. Eu certamente desejo isso.

— As chances de você ser solto e poder lutar mais uma vez diminuem a cada segundo que você passa sentado estoicamente nesta cadeira, sem fazer nada para se ajudar! — advertiu Baine.

— Não sou uma criança, histórias não me enganam, Casco Sangrento — asseverou Garrosh. — Eu *jamais* poderei lutar outra batalha, nem mesmo que vivesse tanto quanto esse lagarto cor de bronze.

— A vida é cheia de surpresas — disse inesperadamente Kairoz. — Mas, se quer saber, você certamente não verá outra batalha se sua cabeça estiver na ponta de uma lança como um frango num espeto, exibida em portões de Ventobravo a Orgrimmar.

O tempo passava. Baine se sentou por um instante, digladiando-se com a própria consciência. Se Garrosh não se importava com o que aconteceria e ele, por que se importar? *Tudo foi feito com honra*, pensou Baine. *Ninguém pode dizer que não tentei defendê-lo bem. E se ele receber um indulto? O que pode acontecer?*

— Chu'shao Casco Sangrento — alertou-o Kairoz. Baine ergueu a mão para silenciar o dragão.

Ele sabia que sua defesa era boa — provavelmente melhor que o orc merecia. No entanto, após a morte, ele conseguiria encontrar seu pai e dizer, *Voltei para casa, Pai, e fiz o melhor que pude?*

Baine sabia a resposta. Inspirando profunda, resignadamente, ele se virou mais uma vez na direção de Garrosh:

— Eu preciso de algo para contra-argumentar, Garrosh. Você não me ajudou em nada nesse caso.

— Você mesmo pode ver como isso está dando *certo* — disse Kairoz.

Baine lançou um olhar fulminante para Kairoz:

— Sua confiança é inspiradora. — disse. Depois, virou-se para Garrosh. — Mesmo que não queira falar comigo, ajude-me a defendê-lo... Existe *alguém* com quem você falaria? Algum guerreiro, algum xamã, alguém que tenha seu respeito?

Um estranho sorriso desenhou-se em volta das presas de Garrosh:

— Bem, Chu'shao... existe... *uma pessoa*.

Ainda se recuperando da inesperada demanda de Garrosh, Baine veio se sentar ao lado do orc momentos depois. O sorriso de Garrosh desaparecera, e uma vez mais ele se utilizava da máscara inescrutável que adotara por todo o julgamento. Tyrande dizimava tudo e todos de que Baine lançava mão. Não restava mais ninguém vivo que Baine pudesse usar para dividir a culpa com Garrosh, e poucos falavam dele, muito menos bem.

A próxima testemunha de Tyrande fazia os votos de honra perante o tribunal. Sombriamente, Baine pensou que os comentários de Kairoz foram certos. Ela havia convocado outro orc — um que era conhecido e respeitado por muitos dos presentes; um que Baine daria tudo para não ter que questionar.

Varok Saurfang.

Ele se sentou na cadeira, irradiando calma e carisma. Com a idade estampada em seu rosto, tanto o tempo quanto o pesar haviam entalhado rugas profundas em sua testa e ao redor das presas amareladas. Longas tranças brancas caíam-lhe sobre os ombros, ainda imponentes, e seus olhos permaneciam alerta. Sabendo aonde isso chegaria, Baine estendeu as orelhas à frente, esperando encontrar algo, qualquer coisa, que pudesse ajudar Garrosh.

— Por favor, diga seu nome — solicitou Tyrande gentilmente.

— Eu me chamo Varok Saurfang — respondeu ele, com uma voz profunda. — Sou irmão de Broxigar, pai de Dranosh. Sirvo à Horda.

— Broxigar é um grande herói não só da Horda, mas de toda Azeroth, correto?

Saurfang apertou os olhos, como se suspeitasse de algo.

— Eu e muitos outros o consideramos, sim — respondeu ele.

— Você mesmo é visto com os melhores olhos por todo seu povo e também pela Aliança — prosseguiu Tyrande. Baine distinguia respeito genuíno na voz da elfa noturna. — Muitos dos presentes sabem da grande tragédia que acometeu seu filho.

A expressão de Varok tornou-se cautelosamente impassível.

— Assim como eu, outros também sofreram sob o jugo sombrio do Lich Rei. Jamais esperei tratamento especial.

Suas palavras eram verdadeiras — o bravo Dranosh Saurfang fora morto naquela que se tornaria conhecida como a Batalha de Angrathar, o Portão da Ira, sendo mais tarde convocado a erguer-se como morto-vivo para desafiar seu pai e outros heróis da Horda. Tais horrores, contudo, eram tragicamente comuns. Muitos, como Varok, viram-se forçados a confrontar alguém que amavam e de quem já haviam se despedido. O legado sombrio do Lich Rei perdurava nos corações feridos dos

sobreviventes e dos Cavaleiros da Lâmina de Ébano, agora um incômodo para ambas, Horda e Aliança.

— Eu apenas gostaria que todos compreendessem a extensão de suas agruras, se a corte permitir.

Baine apercebeu-se, revoltado, de qual era a cena que Tyrande pretendia exhibir.

Não, não importava se Tyrande estava sendo calculista ou se agia em função de compaixão mal direcionada. Ele não podia permitir que ela...

Baine saltou sobre os cascos:

— Com todo o respeito, eu protesto! — clamou. — Varok Saurfang sofreu em demasia, Fa'shua, e o que Chu'shao Murmuréolo sugere é jogar sal nessa ferida. Não permitirei que ele seja forçado a assistir à morte do filho mais uma vez!

— Não cabe a você permitir nada neste tribunal, Chu'shao — advertiu Taran Zhu. — Entretanto, compartilho de sua opinião. O tribunal reconhece que Varok Saurfang é um honorável herói de guerra defrontado por uma grande perda, Chu'shao Murmuréolo, mas não vemos como isso pode estar relacionado a suas interações com Garrosh. Este julgamento não diz respeito ao Lich Rei.

As maçãs do rosto de Tyrande coraram.

— Retiro minha solicitação e peço desculpas à testemunha se a perturbei.

Rilhando os dentes, Varok assentiu secamente. A alta-sacerdotisa prosseguiu:

— Você concorda que é respeitado, Varok Saurfang? Que poucos, ou ninguém, pode duvidar de sua devoção à Horda?

— Não cabe a mim decidir como outros me veem — respondeu Saurfang. — O que posso dizer é, amo a Horda com todo o meu ser.

— O bastante para morrer por ela?

— Sim, é claro.

— O bastante para matar por ela?

— Certamente. Sou um guerreiro.

— Você diria que, assim como outros, usou a Horda como um tipo de... permissão para assassinar?

— Com todo o respeito, eu protesto! — esbravejou Baine. — O foco aparentemente obsessivo da Acusação em eventos passados que nada têm a ver com o réu já beira a fomentação do ódio!

Taran Zhu dirigiu-se com o semblante sereno para Tyrande:

— Chu'shao, pode explicar a pertinência dessa linha de argumentação?

— Estou tentando demonstrar que a testemunha é racional e responsável, Lorde Zhu. Isto é, a coisa mais distante da fomentação do ódio que consigo imaginar. — A elfa noturna lançou um olhar fulminante para Baine.

Taran Zhu ponderou e disse:

— Pois bem, eu permitirei que prossiga. A testemunha pode responder à pergunta.

— Minha resposta é sim — disse Varok.

— Você atualmente tolera esse tipo de comportamento? — prosseguiu Tyrande.

— Não, não tolero. E eu disse isso.

— A quem?

— Não é segredo. Não me orgulho do que fiz. — Varok falava mirando Velen.

— Você expressou tal sentimento para Garrosh Grito Infernal?

— Sim.

Tyrande assentiu.

— Se a corte permitir, gostaria de exibir uma Visão que, creio, seja pertinente à matéria. Que fique claro — acrescentou ela, dirigindo-se a Baine —, uma vez que fui solicitada a retirar minha primeira Visão escolhida.

— A Acusação tem permissão para apresentar sua evidência — disse Taran Zhu. Após o já familiar procedimento de Crona com a Visão do Tempo, imagens se solidificaram no meio da sala.

Pela primeira vez, os presentes olharam para Garrosh Grito Infernal não como estava agora — aprisionado, acorrentado; no rosto, nada além de uma expressão vazia —, mas como era alguns anos atrás, antes da queda do Lich Rei. Quando, refletiu Baine, seu próprio pai ainda respeitava o filho de Grom Grito Infernal.

Até mesmo o Lorde Supremo parecia mais jovem, notou Baine, observando com o coração pesado o alto preço que a perda do único filho cobrara do orc.

Garrosh e Saurfang estavam lado a lado na Fortaleza Brado Guerreiro, situada na Tundra Boreana, observando um grande mapa estendido sobre o piso. Sobre os pelegos remendados, pequenos estandartes da Horda e da Aliança marcavam as várias fortalezas; um zepelim de brinquedo zumbia, e caveiras pintadas representavam o aparentemente inesgotável Flagelo. Saurfang ajoelhou-se, apontando para o mapa enquanto falava. Garrosh permaneceu imóvel, empenhando-se em parecer desinteressado e aborrecido.

Saurfang tentava demonstrar a Garrosh a importância de apoiar as tropas em questões práticas quando Grito Infernal explodiu num gesto de desdém:

— Rotas... suprimentos... Você quer me matar de tédio! Não precisamos de nada além do espírito guerreiro da Horda, Saurfang. Agora

que estamos firmemente entrincheirados neste buraco congelado, nada vai nos deter!

Baine observou a familiaridade com que Garrosh se dirigia ao orc muito mais velho e experiente, e desaprovou. Saurfang, por sua vez, era inteligente demais para morder a isca e prosseguiu.

— Máquinas de cerco, munição, armadura pesada... — respondeu Saurfang. — Como pretende derrubar as muralhas da Coroa de Gelo sem isso?

Garrosh sorriu maliciosamente e empertigou o corpo com um estrondo.

— Pretende? — irritou-se ele. — Vou mostrar o que pretendo! — Uivo Sangrento abateu-se violentamente sobre as miniaturas que representavam a Bastilha Valentia. — Pronto... Agora temos uma rota de transporte. E só por precaução... — Valgarde e a Bastilha da Guarda Oeste foram esmagadas sob suas botas.

Saurfang disse amargamente:

— Assim disse o filho pródigo! O sangue de seu pai corre forte em você, Grito Infernal. Impaciente como sempre... Impaciente e imprudente. Você mergulha de cabeça numa guerra aberta sem ponderar as consequências.

— Não me fale de consequências, velho.

Baine sentiu um calafrio; aparentemente, o Saurfang da visão também. Ele se aproximou de Garrosh e rosnou:

— Eu bebi do mesmo sangue que seu pai, Garrosh. O veneno maldito de Mannoroth também correu em *minhas* veias. Com minha arma, devastei os corpos e mentes dos meus inimigos. Mesmo morrendo gloriosamente, libertando todos nós da maldição do sangue, Grom não

pôde eliminar a terrível memória de nosso passado. Seu ato não apagou os horrores que cometemos.

A imagem de Saurfang virou o rosto, agora falando mais para si do que para o orc mais moço. Em seus olhos, tormento:

— No inverno após o fim da maldição, centenas de orcs veteranos como eu caíram em desespero. Enfim nossas mentes estavam livres, sim... Livres para reviver os atos impensáveis que realizamos sob a influência da Legião. — Sacudindo a cabeça, como que prestes a chegar a uma conclusão, sua voz soava tão baixo que Baine teve que se esforçar para ouvir. — Acho que foram os gritos das crianças draenei que devastaram a maioria deles. Você nunca esquece... Já estive na Fazenda do Beberrão quando os porcos chegam à idade de abate? São os mesmos sons. O som do porco sendo morto... Torna-se ensurdecidor. Foram tempos difíceis para nós, velhos veteranos.

Velen fechou os olhos. Baine sentiu a atenção da sala voltar-se para o draenei, e pôde ouvir murmúrios desconfortáveis entre a audiência. Os celestiais assistiam atentamente à Visão, observou.

A imagem de Garrosh devastou o ar sombrio com palavras que fizeram Baine querer estrangulá-lo, palavras que iam direto contra o que tinham acabado de ver com Durotan.

— Você certamente não acha que aquelas crianças são inocentes, acha? Elas cresceriam e se armariam contra nós!

Para surpresa de Baine, Saurfang não reagiu à sugestão. Em vez disso, com uma voz fraca, distante, disse:

— Não falo só dos filhos de nossos inimigos...

Isso, por fim, pareceu calar Garrosh. Ele simplesmente se levantou, fitando Saurfang com uma mistura de repulsa e pena. Saurfang endireitou-

se e, ao se virar para falar novamente com Garrosh, sua voz soava firme e poderosa.

— Não permitirei que nos guie por este caminho sombrio novamente, jovem Grito Infernal. Eu mesmo o matarei antes que esse dia chegue.

Essa, sem dúvida, era a joia pela qual Tyrande esperava. Um grande herói de guerra ameaçando matar Garrosh antes que o impetuoso jovem mergulhasse os orcs em outra guerra devastadora sem razão.

A imagem de Garrosh respondeu. Baine ficou estupefato com a mudança no jovem orc. Em tom de respeito, quase admiração, ele disse:

— Como conseguiu viver por tanto tempo, Saurfang? Sem cair vítima de suas próprias memórias?

Saurfang sorriu:

— Parei de comer porco.

— Pare. — A cena congelou. Tyrande deixou que permanecesse lá, para marcar as mentes do júri e dos observadores, e só então acenou para Crona. A imagem desapareceu. Voltando-se na direção de Saurfang, a elfa noturna inclinou o corpo com sinceridade. — Obrigada, Lorde Supremo. Chu'shao, a testemunha é sua.

Baine aquiesceu e caminhou até Saurfang.

— Lorde Supremo, serei breve, para que não passe mais tempo do que necessário neste banco. Você falou em matar Garrosh antes de permitir que ele guiasse os orcs por um caminho sombrio.

— Sim.

— Era modo de dizer?

— Não.

— Você mataria Garrosh com suas próprias mãos?

— Sim.

— Você acredita que ele o fez? Guiou os orcs por um caminho sombrio?

— Sim. Foi por isso que peguei em armas contra ele. Depois de algumas das coisas que fez... — Enojado, o orc sacudiu a cabeça e fitou Garrosh com um olhar rancoroso.

— Então você ficaria contente com o veredito que Chu'shao Murmuréolo reivindica, a morte.

— Não.

Murmúrios ecoaram por todo o tribunal; Baine, por sua vez, sentiu um prazer contido. Ele estava certo sobre Varok. Permitindo-se uma olhadela para Tyrande, ele viu a kaldorei aprumada na cadeira, observando atentamente para não deixar passar nenhum pormenor. Baine não pretendia lhe conceder nenhum.

— O que você *gostaria* de ver?

Tyrande saltou sobre os pés:

— Com todo o respeito, eu protesto! As preferências pessoais da testemunha são irrelevantes.

— Fa'shua, estou tentando esclarecer o que o lorde supremo quis dizer com “eu mesmo o matarei”.

— Concordo com a Defesa — disse Taran Zhu. — Você pode responder à pergunta, Lorde Supremo Saurfang.

Saurfang não o fez imediatamente. Depois de observar Garrosh longamente, ele disse:

— Garrosh nem sempre foi como o veem agora. Como relatei, ele era imprudente e impulsivo, mas eu jamais duvidaria de sua lealdade à Horda. No entanto, ele deve pagar por seus crimes. Jurei matá-lo e estou pronto para manter meu juramento, mas jamais o entregaria à execução. Eu o desafiaria no mak'gora.

— Você acha que ele merece uma segunda chance?

— Se me derrotasse, sim. É essa a tradição órquica, a tradição verdadeira. Honra.

Baine mal podia crer no que ouvia.

— Não desejo interpretá-lo erroneamente, portanto perdoe-me pela repetição. Você não quer que Garrosh seja executado por este tribunal, prefere desafiá-lo para um combate honrado. Se ele vencesse, você o perdoaria?

— Ele teria que merecer a reputação de volta, uma vez que a desfez em pedaços e atirou o que restava na lama — retrucou Saurfang. — Mas sim. Se fosse vitorioso, ele teria essa chance. Ele foi honrado outrora, poderia aprender novamente.

Baine mal pôde conter um grito de deleite. Isso ele compreendia. Isso ele apoiava e, acima de tudo, era justo. Ele pensou no próprio pai, morto no mak'gora, e em como Caerne aprovaria, sabendo em seu coração que era o caminho certo. Apesar da raiva que sentia de Garrosh, Baine fazia, na verdade, a coisa certa.

Virando-se para Tyrande com um olhar triunfante, ele anunciou:

— Sem mais perguntas.

Para sua surpresa, Tyrande também não tinha mais perguntas. Quando Taran Zhu soou o gongo para encerrar o primeiro dia de julgamento, pela primeira vez desde que o procedimento tivera início, parecia que Garrosh Grito Infernal talvez pudesse, literalmente, manter a cabeça no lugar.



Quando Shokia deu as caras na Ruína do Martelo, a maioria presumiu que, comovida pela queda de Garrosh Grito Infernal, ela sentira necessidade de retornar às raízes órquicas; voltar ali — onde Orgrim Martelo da Perdição, outro grande Chefe Guerreiro, fora morto — e desaparecer na obscuridade, devotando suas notáveis habilidades como franco-atiradora para dar cabo de trolls e aventureiros da Aliança. Bem, a maioria estava errada, mas Shokia preferia mantê-los no engano. Seu objetivo não era se entocar para lambar feridas e lamentar falhas. Ela estava a serviço de alguém que compartilhava de sua causa — restaurar a glória da Horda — operando disfarçada.

Como a Ruína do Martelo tornara-se um refúgio extraoficial para aqueles que não conseguiam se encaixar no mundo atual, sua história nunca fora questionada. Ela mesma ficava contente em poder aguardar novas ordens usando sua mira telescópica para explodir cabeças de inimigos como abóboras.

Desde o início do julgamento de Garrosh Grito Infernal em Pandária, entretanto, ela estava ansiosa. Quando seu aliado a convocaria ao campo de batalha? Quais seriam suas ordens? Quem mais compartilhava do sentimento que os movia?

— *Espera pelas minhas ordens* — dissera ele, com sua voz sedosa. — *Eu as enviarei, mas só quando for chegada a hora certa.*

Quando Adegra, a estalajadeira taurena, informou-lhe de que uma carta havia chegado, ela mal pôde conter a alegria.

Sem dúvida seus dedos coçam para puxar o gatilho contra os inimigos. Antes, contudo, você deve reunir aliados. O que se segue é uma lista de pessoas que podem ajudá-la. Procure-as; quando estiver com elas, enviarei novas instruções.

Encontre-se com a primeira hoje na Garganta Seca.

Shokia empacotou o precioso rifle com o restante dos pertences, montou no lobo e, não mais que cinco minutos depois, chegou à garganta. Ela se posicionou acima da trilha, observando a tudo pela mira do rifle, mas não teve que esperar muito.

Um lobo negro de pelo lustroso surgiu à vista. A figura que o montava estava encolhida sobre a sela. O manto ocultava seu rosto, mas se agitava o suficiente para Shokia perceber que se tratava de uma orquisa. Um sorriso desenhou-se lentamente em seu rosto. Ela se perguntava se... Muito em breve ela descobriria.

A orquisa desacelerou e enveredou o lobo pela trilha. Sem revelar atrás de que rocha estava, Shokia gritou:

— Olá, saqueadora! Você é amiga do dragão?

Depois de deter o lobo, ela puxou o capuz, revelando seu rosto forte:

— Sob a maioria das circunstâncias, não sou amiga de dragões — respondeu Zaela, senhora da guerra dos Presa do Dragão. — Mas no momento, sim.

— Zaela! Ouvi dizer que tinha sucumbido em batalha!

— Eu sucumbi, de fato, mas vivi para continuar lutando por nosso verdadeiro líder. Eu vim sozinha, como fui instruída, mas o que resta de meu clã está pronto para a batalha.

— Então — disse Shokia, erguendo o pergaminho — vamos reunir nossos aliados!

Segundo dia

— Convoco Sua Alteza Real Anduin Wrynn, príncipe de Ventobravo, a fornecer seu testemunho.

Anduin temia profundamente a chegada deste momento. Ele sempre se ressentira do codinome que a Avin lhe dera, “Peão Branco”, e não tinha nenhum interesse em se envolver no caso, receoso de que ambos os lados fossem querer usá-lo. Seu pai sabia, claro, mas Jaina não; surpresa, transparecendo uma pontada de preocupação, ela assistiu a Varian puxar o filho pelo braço e, em seguida, Anduin descer do auditório para o banco das testemunhas.

Ele estava habituado a eventos oficiais, tinha até mesmo feito discursos para plateias maiores do que esta. Isto, contudo, era diferente. Antes, seu papel era de convidado, discursador, respeitado anfitrião; ele sabia o que fazer, como se comportar. Isto era algo completamente novo, e um tanto assustador. Enquanto tomava o assento, seus olhos cruzaram os de Wrathion. Ele quase pôde ouvir a voz do Príncipe Negro dizendo *Mas*

que realmente interessante! Divertir-se com o pensamento ajudou-o a se acalmar.

Tyrande sorriu calorosamente ao se aproximar:

— Príncipe Anduin — disse ela —, obrigada por estar aqui hoje. — Ele achou melhor não lembrá-la de que ele não tivera opção, resumindo-se a simplesmente balançar a cabeça. — Vossa Alteza é conhecida por toda Azeroth por advogar a paz. Isso está correto?

— Sim — respondeu Anduin. Ele queria discorrer mais, mas se lembrou do que o pai lhe dissera. *Atenha-se às perguntas. Não diga nada além do necessário. Tyrande sabe o que está fazendo.*

— Então é acertado dizer que não odeia a Horda ou suas raças.

— Sim, é verdade.

— Você trabalhou com eles em certas ocasiões e clamou por clemência mesmo em tempos de guerra, correto?

— Sim.

— Todos aqui conhecem Garrosh Grito Infernal de nome e reputação, é claro. Mas você já teve encontros pessoais com ele, não é verdade?

Lá vamos nós, pensou ele, desviando o olhar de Garrosh.

— Tive.

— Em quantas ocasiões?

— Duas.

— Poderia, por favor, falar sobre elas ao tribunal?

Anduin se perguntava por que não apenas mostrar ambos os encontros, dada a capacidade da Visão do Tempo. Talvez ela quisesse reservar o tempo que tinha disponível para algo mais emocionante do que pessoas sentadas, conversando.

— Uma foi em Theramore, numa conferência de paz. Meu pai, a Grã-senhora Jaina Proudmore e eu estávamos lá, e Thrall trouxe Garrosh,

Rehgar Terrafúria e alguns Kor'kron. — Havia muito que ele não pensava sobre o malfadado encontro; tantas outras coisas tinham acontecido. Anduin percebeu que observava o orc acorrentado, cujo olhar fazia-o se sentir como um inseto alfinetado na cortiça. Estranho... Garrosh era o prisioneiro, não ele, e mesmo assim foi Anduin quem quase se encolheu no assento.

— Como transcorreu a conferência?

— Foi um começo um tanto árido — admitiu Anduin. — Mas conforme as coisas progrediram, nós começamos a encontrar interesses comuns. Até mesmo Garrosh...

— Pode discorrer sobre o que quer dizer com “começo árido”?

— Bem, primeiro caía uma senhora tempestade, por isso ninguém estava com o humor particularmente bom. Todos estavam armados, para a deposição formal.

— Quem foi o primeiro a baixar a arma?

— Hum... Eu. Meu arco. Foi a primeira vez que falei com Thr... Digo, Go'el.

— O Rei Varian e o Chefe Guerreiro seguiram seu exemplo?

— Seguiram. Eles descobriram que tinham mais em comum do que pensavam ao se sentarem para dialogar.

— Qual foi a contribuição de Garrosh nessas negociações de paz?

— Bem... Ele não parecia compreender que ser um líder às vezes significa pensar em coisas que não são tão empolgantes. Ele interrompia quando Go'el e meu pai discutiam comércio. Falava o tempo todo sobre a Horda... tomar aquilo de que precisava.

Tyrande lançou um olhar contundente na direção de Garrosh.

— Certo. Continue, por favor.

— Goël e meu pai começavam a avançar nas negociações quando chegaram notícias de outro ataque do Lich Rei. Eles concordaram que deviam voltar as atenções para lá, mas nós fomos atacados pelo culto do Martelo do Crepúsculo. Depois disso, tudo se despedaçou. Era o que o culto queria, claro. O ataque foi dividido por raça: os membros do culto que pertenciam à Horda atacaram as raças da Aliança e vice-versa. Garrosh gritava “traição humana”, meu pai acreditava erroneamente que Goël tinha contratado um assassino, e...

— O resto foi documentado pela história, obrigada, Príncipe Anduin.
— Ela se adiantou deliberadamente; as costas para ele, o rosto virado para a audiência. Também virado na direção dos espectadores, Anduin pensou mais uma vez no comentário do pai a respeito das arenas dos gladiadores. Eles *estavam* sedentos de sangue, apercebeu-se, e a ideia o assustava e entristecia. Seu olhar mais uma vez voltou-se para Garrosh; o cansaço estampado na postura do orc fez Anduin se perguntar se Garrosh pensava o mesmo.

E se, finalmente, ele não quisesse mais lutar?

— Eu gostaria de avançar para o seu segundo... encontro... com Garrosh Grito Infernal.

Ele sabia que isso aconteceria, é claro, mas não estava preparado para a forma como respondeu. Foi como se não tivesse se passado tempo nenhum — como se apenas um instante atrás, o grande sino tivesse caído... Ele limpou a garganta e, incomodado, percebeu que a voz estremecia ligeiramente enquanto falava.

— Foi alguns meses atrás, antes...

Tyrande virou-se com um doce sorriso, mas erguendo uma das mãos para impedi-lo de prosseguir:

— Se a corte permitir — disse ela —, não é preciso que recontе, Príncipe Anduin. Eu gostaria de mostrar.

É pra isso que ela quer guardar a Visão...

— Você acha sábio? — indagou abruptamente Anduin. O terrível alarido do Sino Divino ainda estava deveras fresco em sua mente, bem como o efeito do som sobre quem levasse qualquer ordem de escuridão no coração. A possibilidade de repetir aquele instante o horrorizava. — E se...

Tyrande voltou a erguer a mão:

— Nada tema, Vossa Alteza. Sua preocupação é compreensível. Conversei longamente com Crona a respeito desse evento, que eu e ela já testemunhamos. Apesar de as visões concedidas pela Visão do Tempo serem notáveis, ver e ouvir o dobrar do sino dessa forma não causa o mesmo efeito de estar em sua presença.

— Graças à Luz — murmurou Anduin, acalmando-se e suspirando de alívio. Seus ossos doeram, abrupta e profundamente. Nem ele nem seu corpo pareciam contentes em rever os eventos associados ao Sino Divino. Com as palmas da mão encharcadas de suor, ele inspirou profundamente para se tranquilizar, sussurrando uma oração. Uma onda suave de energia curativa percorreu seu corpo, amenizando a dor.

— Agora que foi tranquilizado, Príncipe Anduin, pode dar detalhes acerca do que estamos prestes a ver?

O príncipe umedeceu os lábios e dirigiu o olhar para os celestiais. Mesmo que não demonstrassem qualquer reação, simplesmente vê-los acalmava Anduin. Mantendo os olhos fixos neles e evitando Garrosh, ele falou:

— Os mogus criaram um artefato que Lei Shen, o tirano conhecido como Rei Trovão, chamava de Sino Divino. Sua origem era violenta e cruel, adequada para a discórdia e os horrores que libertaria quando fosse soado.

Seu som alimentava a fúria e o ódio dos guerreiros de Lei Shen, concedendo-lhes força e poder sobrenaturais e, ao mesmo tempo, impingindo medo nos corações dos inimigos. Quando a Aliança descobriu sua existência, os elfos noturnos o esconderam em Darnassus. A ideia era mantê-lo longe do alcance de mãos que pudessem usá-lo indevidamente, fosse da Horda ou da Aliança. A própria grã-senhora Jaina providenciou proteções para mantê-lo seguro.

— Parece uma arma poderosa. — Tyrande, claro, sabia que era.

— Era uma arma de dois gumes — prosseguiu Anduin. — Ele tomava tanto quanto dava, talvez até mais.

— O que aconteceu ao sino?

— Um agente Fendessol, agindo por ordem de Garrosh, conseguiu penetrar as proteções de Jaina. Ele e vários membros da Horda o roubaram.

— Pelo que diz, aparentemente o sino teria tornado Garrosh Grito Infernal invencível.

Sem perceber, Anduin observava Garrosh. A expressão estampada no rosto do orc fez sua pele arrepiar, mas não de medo. A imobilidade era estranha a Garrosh Grito Infernal, de quem Anduin se lembrava sempre em atividade, aos berros. O príncipe estendeu a mão para pegar o copo d'água na pequena mesa ao seu lado antes de continuar.

— Os pandarens tinham criado meios de combater o som do sino. Eles criaram a Marreta Harmônica, capaz de transformar o caos do sino em harmonia. A marreta foi partida, e suas partes, espalhadas, mas, com ajuda, consegui encontrar e reunir os pedaços, além de um unguento para ativá-la. Com ela restaurada, fui ao encontro de Garrosh. Eu queria impedi-lo antes que soasse o sino.

— Sozinho?

— Não havia tempo para mais nada.

Com um aceno de Tyrande para Crona, teve início o que Anduin mais temia.

Dessa vez, no entanto, Anduin teve a chance de ouvir o que Garrosh disse antes de ser alcançado pelo príncipe humano.

Garrosh postava-se absolutamente imponente na Visão, da maneira como Anduin se lembrava dele, não como o orc imóvel como uma pedra do tribunal, assistindo a tudo com uma expressão vazia. Sozinho com Ishi, seu campeão, numa plataforma das Galerias Mogu'shan, ele perscrutava o sino enorme, muitas vezes maior que o próprio orc. Adornado com o rosto de uma grotesca criatura, espinhos se projetavam de sua base. Garrosh sorriu e, alçando os braços, urrou triunfante. Em seguida, dirigiu-se ao seu povo, ainda nas galerias:

— Nós somos a *Horda*. Não somos escravos de nada nem de ninguém! Com o Sino Divino, eu darei fim a qualquer resquício de fraqueza que haja em nós.

Garrosh tremia, percebeu Anduin, agitando-se com paixão e emoção quase incontrolláveis ao cuspir os nomes das emoções que desprezava:

— Medo... desespero... ódio... dúvida. As raças menores estão enterradas sob o próprio peso. Nós controlaremos seu poder. Juntos, destruiremos a Aliança e tomaremos o que é nosso de direito. Que tenha início a música da nossa vitória.

A despeito das palavras tranquilizadoras de Tyrande, Anduin cerrou os punhos com tanta força que as unhas se enterraram nas palmas de suas mãos, enquanto gotículas de suor salpicavam-lhe a testa. A música sombria ressoou, mas ele percebeu instantaneamente que a alta-sacerdotisa estava certa — o dobrar aterrador, dissonante do sino chegava-lhe aos ouvidos, não ao coração ou aos ossos. A gratidão o enfraqueceu por um instante enquanto assistia e ouvia.

Anduin viu sua imagem correr na direção do sino. Ele pensava em si como de tamanho mediano; seu pai, claro, era um humano particularmente avantajado, mas Anduin acostumara-se a isso desde o nascimento. Ver-se não só junto do então Chefe Guerreiro, mas também do sino colossal, mostrou-lhe como era frágil... quebradiço...

— Pare, Garrosh! Você não sabe do que o sino é capaz! — Sua voz soava firme, assertiva.

Garrosh girou sobre os calcanhares e encarou Anduin. Ao perceber que o príncipe era tudo o que o separava da vitória, o orc sorriu. Com a cabeça pendendo para trás, ele gargalhava.

— Então, no fim, não é Varian, mas seu filhote quem vem me desafiar. Você abraça a morte com coragem, criança.

Tyrande solicitou, e a cena congelou. Anduin piscou, retornando ao momento presente:

— Isso foi de fato excepcionalmente corajoso, Vossa Alteza.

— Eu... é... nem tanto — admitiu Anduin. — Eu estava morrendo de medo, mas tinha que impedi-lo, custasse o que custasse.

Tyrande pareceu surpresa, mas sorriu com doçura, genuinamente:

— Ah — disse ela, com uma voz suave —, fazer o que é certo mesmo diante do medo; isso é coragem.

Anduin sentiu o rosto corar, mas tudo o que disse foi:

— Bem, isso é verdade. Ele não podia prosseguir.

A elfa noturna acenou para que Crona continuasse.

— Não permitirei que faça isso. Eu juro — urrou a imagem de Anduin.

— Então venha me impedir, humano — provocou Garrosh, ciente de que Anduin não seria capaz de impedi-lo fisicamente de soar o sino pela segunda vez. Não seria capaz de segurar seu braço massivo, poderoso; não

seria capaz nem mesmo de chegar até ele ou até o sino rápido o bastante. Garrosh seguiu zombando da ameaça de Anduin.

Novamente o som aterrador, horrendo em sua beleza, ressoou, dessa vez vitimando o campeão de Garrosh.

Ishi gritava, seu corpo se contorcendo enquanto as entidades conhecidas em Pandária como os sha — as essências do ódio, do medo, da dúvida e do desespero — abatiam-se sobre ele, para *dentro* dele. Mesmo agora, o sofrimento do orc trazia dor ao coração de Anduin.

— A dor! — berrava o orc, que provavelmente suportara mais do que a maioria podia imaginar. — Não consigo controlar!

Os dois príncipes — o do tribunal e o da imagem — assistiam, petrificados, ao suplício de Ishi. Sem dúvida atraídos pela balbúrdia, membros da Horda começaram a emergir das profundezas das galerias. Ishi investiu contra os seus, forçando-os a lutar ou serem dizimados.

— Pause — pediu Tyrande. — Príncipe Anduin, por que não atacou antes, ou agora?

— A marreta funcionaria apenas uma única vez. Um golpe errado teria desperdiçado a oportunidade. Eu tinha que esperar até poder golpear com força, precisão. Quanto ao porquê de não ter feito nada... Eu não sabia o que isso faria a Ishi.

— Você estava preocupado com o bem-estar de um campeão orc? Anduin parecia confuso.

— Por que não estaria?

Tyrande o encarou por um instante antes de se recompor.

— Continue — solicitou ela a Crona.

Garrosh continuava a encorajar Ishi a “lutar”, “controlar”, “usar” os sha; Ishi, por sua vez, enfrentava todas as emoções negativas imagináveis —

duvidava da força da Horda, lamentava os caídos e temia a morte, que veio em seguida. De joelhos, num derradeiro vislumbre de dever, ele gemeu:

— Chefe Guerreiro! Eu... falhei.

Depois de caminhar até o guerreiro agonizante, Garrosh disse calma e brutalmente:

— Sim, Ishi. Você falhou.

Subitamente, Anduin sentiu-se tomando pela fúria. Garrosh forcara Ishi a receber os sha, e ambos, ele e Anduin, viram como o campeão lutara para dominar coisas que, a bem da verdade, não era capaz. Ele dera sua vida pelo Chefe Guerreiro e, por seu esforço e sofrimento, recebera de Garrosh as palavras mais cruéis possíveis. Sentindo o rosto corar de tanta emoção, Anduin virou-se na direção do prisioneiro e rilhou os dentes ao perceber que Garrosh se permitia um leve sorriso de satisfação.

Seus ossos doeram.

— Sua interferência me custou um grande guerreiro, jovem príncipe — dizia a imagem de Garrosh. — Você pagará com a vida.

— É aí que você se engana, Garrosh. — A voz de Anduin soava impossivelmente jovem aos seus próprios ouvidos. Ele assistiu a si mesmo saltar, lembrando-se de rogar silenciosamente, com todo o seu ser, para que a Luz lhe trouxesse paz e guiasse seu único golpe, permitindo que fosse certo. A imagem de Anduin meneou a marreta obtida a duras penas contra o Sino Divino, abrindo uma fenda na superfície adornada, imponente. Garrosh cambaleou para trás atordoado, praticamente incapaz de manter o equilíbrio diante da onda sonora que o sobrepujava, atravessando seu corpo.

O Anduin da imagem se virou, e seu jovem rosto reluzia repleto de esperança. Ele abriu a boca para falar e...

Garrosh recuperou-se, rosnou “Morra, criança!” e investiu — não contra o príncipe, mas contra o sino, que jamais evocaria os sha novamente. O sino que soterrara Anduin numa chuva de metal e agonia. O sino que despedaçara seus ossos, que agora doíam tão profundamente diante da lembrança do tormento que era tudo o que Anduin podia fazer para não resfolegar.

Sua lembrança seguinte era de acordar aos cuidados dos monges pandarens e de seu mestre, o gentil e sábio Velen, responsável por salvar sua vida. O que a Visão do Tempo exibia agora era novo para ele, e Anduin se forçou a concentrar-se no que via, em vez da dor gélida de seu corpo.

Para sua surpresa, o Garrosh da Visão parecia perturbado, não satisfeito com o golpe fatal que desferira contra o filho de seu maior inimigo.

— Há muito que não sei sobre este artefato — balbuciou ele. — Os fracos não conseguem controlar a energia dos sha, mas eu irei *dominá-la*.

Ninguém ousava dirigir-se a ele. Até mesmo seu próprio povo permanecia em silêncio, sem dúvida imaginando o que viria depois. Garrosh endireitou-se:

— Pelo menos o príncipe humano está morto — disse Garrosh. Suas palavras penetravam fundo. — O Rei Wrynn agora sabe o preço de sua insolência interminável. — Com a testa poderosa franzida, voltando-se uma vez para dentro, ele acenou desdenhosamente uma das mãos. — Deixem-me. Tenho muito em que pensar.

A cena se esvaiu. Anduin ficou feliz ao vê-la terminar, mas as palavras de Garrosh, e também sua expressão, confundiam-no. Ao observar o orc, ele viu a mesma expressão da exibição — a testa franzida em profunda reflexão, mas nenhum indício acerca da natureza de seus pensamentos. Perscrutando os olhos amarelos, só a voz de Tyrande o trouxe de volta:

— Chu'shao, a testemunha é sua — disse Tyrande, dando um passo atrás. Ela se curvou diante do príncipe de Ventobravo e havia gentileza em seus magníficos olhos. Anduin abriu um sorriso amarelo e endireitou-se no assento. Era a vez de Baine interrogá-lo.

12



Baine inclinou a cabeça. Anduin pensou ter captado um traço de desapontamento no tauren, mas, se ele realmente existira, desaparecera no instante seguinte.

— Todos nós vimos as agruras que enfrentou, Príncipe Anduin — disse o tauren. — Por algum tempo, circularam rumores de que você estava morto. Alegra-me que tenha sobrevivido.

— A mim também — respondeu Anduin, causando uma onda de risadas no tribunal. As orelhas de Baine se agitaram.

— Você disse que, ao confrontar Garrosh, sentiu medo. O que sentiu quando percebeu que o sino estava desabando sobre você?

Anduin piscou os olhos e recuou ligeiramente diante a pergunta. Então, recuperou-se e respondeu:

— Eu... tu-tudo... aconteceu tão... rápido.

— Por favor, tente se lembrar.

O príncipe umedeceu os lábios.

— É impossível descrever o terror que eu senti. O quanto me senti... *traído*. Eu sei que isso é idiota, achar que um inimigo me “traiu”.

— Por que você foi ao encontro de Garrosh?

— Para impedir que ele evocasse os sha.

— Sim, mas por quê?

— Porque... — Anduin parou por um instante. A resposta óbvia, claro, era que ele queria impedir Garrosh de usar os sha como armas. Ele mesmo convencera seu pai a não fazê-lo, argumentando persuasivamente que as abominações fariam mais mal que bem. Varian reconhecera a sabedoria nisso. — Eu queria que Garrosh compreendesse o que estava fazendo — irrompeu o príncipe. — Eu pensei que se pudesse fazê-lo entender o preço que pagaria pela vitória, ele... talvez ele...

— Ele o quê?

— Ele visse que não havia honra. Que era... algo sombrio, mais sombrio do que eu achava que *ele* era. Que sacrificar seu povo para aquelas... coisas... não era o caminho para nenhuma vitória que valesse a pena. — As palavras saltavam de sua boca irrefreavelmente, impensadas até passarem por seus lábios. Anduin soube, pelo alívio da dor que acometia seus ossos, que era verdade — e era da Luz.

Baine sentiu o corpo estremecer sutilmente; perscrutando o príncipe, ele se aproximou:

— Quando você sucumbiu sob o peso do bronze, imagino que tenha sido invadido pela fúria. Que ao despertar para uma longa e agonizante recuperação depois de tentar ajudar Garrosh com sabedoria, tenha desejado vingança por cada osso quebrado em seu corpo.

Anduin serenamente respondeu:

— Não.

Baine insistia:

— Você não estava em agonia? Com medo de jamais andar novamente? Com raiva?

— Sim, tudo isso, com certeza.

— E, ainda assim, você atesta aqui, sob juramento, que *não* deseja vingança.

— Correto.

— É uma atitude notável. Por que não?

— Por que não vai fazer bem algum. Não vai remendar meus ossos, nem trazer os mortos de volta. Não vai trazer nada além de mais estragos.

— Agora as palavras fluíam com facilidade; simples como respirar, e também necessárias à vida.

— Você também não quer ver Garrosh fazer nenhuma das coisas das quais é acusado novamente, quer?

— Não. — *Basta de tormento e dor. Estamos aqui para nos ajudar. Para crescer e prosperar juntos.*

— Bem, a Acusação sustenta que a única maneira de garantir que essas atrocidades não ocorram de novo é tomando a vida de Garrosh Grito Infernal. É isso que *you* deseja?

— Com todo o respeito, eu protesto! O que a testemunha deseja não é relevante para o veredito a ser alcançado neste tribunal! — Gritando com a voz apinhada de tensão, os movimentos de Tyrande foram ligeiramente menos graciosos que de costume quando a elfa soturna saltou da cadeira. Seus olhos, perplexos, fitavam Anduin.

— Fashua — disse Baine —, a maioria das vítimas de Garrosh está morta e não pode falar por si mesma. O Príncipe Anduin é uma que sobreviveu para nos dizer o que pensa. Se pretendemos obter justiça, aqueles que sofreram os maiores males devem ter permissão para expressar suas opiniões.

O pandaren lançou um olhar para Baine e, em seguida, para Tyrande.

— Você compreende, Chu'shao Casco Sangrento, que essa é uma espada que pode cortar em ambas as direções? Se eu concordar em permitir que a testemunha emita tal opinião, as outras testemunhas da Acusação poderão fazer o mesmo.

— Eu compreendo — respondeu Baine, e agora o olhar de confusão de Tyrande transferira-se para o tauren. Anduin se questionava acerca da tática da Defesa, que certamente dava uma poderosa arma a Tyrande ao permitir a opinião de uma testemunha acerca do destino de Garrosh Grito Infernal. Baine era inteligente demais para não perceber isso.

— Muito bem, permissão concedida. Príncipe Anduin, pode responder à pergunta.

— Por favor, diga ao tribunal, Príncipe Anduin — disse Baine. — Você deseja que Garrosh Grito Infernal morra pelo que fez?

— Não — respondeu Anduin Wrynn bem baixinho.

— Por que não?

— Por que eu acredito que as pessoas podem mudar.

— O que o faz dizer isso?

— Eu vi o que aconteceu ao meu pai — Os olhos de Anduin saltaram para Varian, que parecia surpreso.

— Você acha que Garrosh Grito Infernal pode mudar?

Uma pausa. Anduin virou a cabeça coberta de cabelos dourados na direção de Garrosh. Em seu coração, nada de medo, apenas paz. Ele inspirou profundamente, enchendo o peito para que a verdadeira resposta pudesse sair.

— Sim.

Baine deu um passo atrás e assentiu com a cabeça.

— Sem mais perguntas. — Tyrande olhou para Anduin, depois para Baine, então de volta para Anduin e meneou a cabeça.

Anduin se permitiu um tímido suspiro de alívio ao se levantar e retomar o assento na audiência.

Sentada imóvel como uma pedra, Sylvana sentia arder dentro de si uma fúria que contradizia seu exterior gélido. Ela não podia acreditar na incompetência da elfa noturna. Se fosse parte da Acusação, Sylvana teria *muitas* perguntas a fazer ao jovem príncipe humano, sedosas e traiçoeiras como a teia com que a aranha aprisiona suas vítimas. A despeito de Garrosh Grito Infernal ter quebrado *todos os ossos do corpo de Anduin Wrynn*, a criança dera um testemunho tão francamente singelo que Sylvana sentiu o clima do anfiteatro se transformar; Tyrande, por sua vez, resumira-se a sacudir a cabeça.

— O tribunal fará um intervalo de uma hora — anunciou Taran Zhu, soando o gongo em seguida. Enquanto Baine se retirava, Sylvana adiantou-se para ter com ele, mas Vol’jin chegara antes. Enquanto caminhavam para a porta, o troll parabenizava Baine por sua “justeza”.

— Agora ninguém vai ficar achando que a Horda tratou Garrosh mal, qualquer que seja a próxima carta que Tyrande vai tirar da manga. Cara, tu podia ter chamado o príncipe de Ventobravo pra testemunhar pra Defesa!

— O jovem Wrynn sabe o que é o certo — disse Baine. — Ele é misericordioso. Suas palavras têm muito valor.

— Aparentemente mais valor que as palavras do Grande Chefe dos taurens — alfinetou Sylvana, alcançando-os no momento em que emergiam do lado de fora. Era meio-dia; mesmo que o sol a desagradasse, Sylvana não recuaria.

As orelhas de Baine voltaram-se em sua direção.

— Cuidado com a língua, Sylvana — alertou Vol'jin. — Tu pode acabar mordendo ela.

— Felizmente não tenho que atentar para o que digo diante de toda Azeroth, ou poderia acabar me tornando um simpatizante lambedor de botas da Aliança como...

Em vez de fazer algo óbvio, como urrar e agarrá-la pelo pescoço, Baine simplesmente parou de andar e segurou-a pelos ombros com um leve aperto. Seus movimentos e palavras eram tão gentis, tão precisos que ela se esquecera de que ele era um guerreiro — um dos melhores entre as fileiras da Horda. Se quisesse, percebeu Sylvana tarde demais, ele poderia partir seus braços como gravetos.

— Não sou simpatizante da Aliança — respondeu ele, com uma voz calma, profunda. — Nem lambo botas.

— Solta ela, Baine — disse Vol'jin, e o tauren obedeceu. — Sylvana, Baine tá só fazendo o trabalho que eu, o Chefe Guerreiro, pedi pra ele fazer; e tá fazendo com muita honra. Não tem nada errado nisso. Tu não pode agir como se tivesse.

— Não me oponho a ele fazer bem seu trabalho — disse Sylvana, recuperando a compostura. — Eu me oponho a ele fazer tão bem que pode acabar ganhando!

Baine riu pesarosamente.

— Não é seu objetivo, mas eu me sinto lisonjeado. No entanto, acho que não corremos esse perigo — disse ele. — Eu fiz aqueles espectadores sedentos de morte pararem e pensarem por um segundo, nada mais. E isso foi com a melhor das intenções. Ninguém deveria concordar em tomar outra vida tão facilmente; em batalha, no mak'gora ou no tribunal. Agora, se me dão licença, preciso me preparar para a próxima testemunha.

Curvando-se diante de ambos — mais respeitosamente para Vol'jin do que para Sylvana —, ele partiu. Kairoz o esperava, e Sylvana percebeu que ele estivera observando tudo. Sylvana desejou poder arrancar o sorrisinho do belo rosto do dragão. Por que ele não sugeria coisas mais condenatórias para mostrar?

Vol'jin sacudiu a cabeça e suspirou:

— Quando tu vai ser mais sábia, em vez de ser só mais esperta, Sylvana? — disse, sem ser grosseiro.

— Quando a própria Horda for sábia o suficiente para não desperdiçar misericórdia com aqueles que nada fizeram para merecê-la — redarguiu ela. — Garrosh pode ter sido uma boa escolha de líder para a Horda por algum tempo, mas quando Thrall anunciou que partiria definitivamente, algo mais deveria ter sido feito.

Um sorriso circundou as longas presas do Chefe Guerreiro:

— Tipo transformar uma Dama Sombria numa sombria Chefe Guerreira?

Sylvana meneou a cabeça.

— Este tipo de poder não me interessa. Eu achava que você sabia disso, Vol'jin. — Era o melhor tipo de mentira; a que contém algo de verdade. Ela, de fato, não se interessava por um poder tão flagrante, tão grosseiro.

Vol'jin deu de ombros.

— Quem é que sabe o que tu quer, Sylvana? Às vezes, acho que nem tu sabe. — Ele apontou um dedo para o rosto dela. — Deixa o Baine em paz, Sylvana. Ele não vai roubar tua presa. Tu só tem que esperar a hora certa.

O troll virou as costas e se afastou, acenando para um dos mercadores em busca de algo para comer. Pensativa, Sylvana observou-o partir.

Sua raiva não estava dirimida; ela jamais cessara. A raiva era, agora, o mesmo que a respiração fora quando seu coração ainda batia. Transformada, entretanto, de ardente e impulsiva para racional e controlada.

Vol'jin e Baine não pensavam com clareza. Eles estavam envolvidos em demasia com o funcionamento de seus próprios povos, com o que os membros da Horda gostariam de ver, como percebiam as coisas. Mesmo levando em conta os membros da Aliança amantes da Luz, o veredito jamais seria questionado.

O júri, no entanto, não era composto de membros da Aliança e da Horda. Seus integrantes eram seres completamente imparciais — desconectados das emoções viscerais, transitórias, intensas das outras raças de Azeroth. Talvez essa distância fosse grande o suficiente para torná-los indiferentes a conceitos como “misericórdia”, “segundas chances”; nesse caso, ela não precisava se preocupar. Talvez, fosse grande o suficiente para afastá-los da vingança fervorosa e da dor infinda trazida pelas mortes de entes queridos.

Sylvana teve um acesso de clareza tranquilizador e certo. Ela não podia arriscar que os celestiais, “majestosos” o quanto fossem, tomassem a decisão errada.

A Dama Sombria não ia permitir que sua “presa” esperasse a “hora certa”, como Vol'jin sugerira. Ela resolveria o assunto com as próprias mãos, assim como fizera tantas vezes antes. Mas de que maneira? Era possível que ela mesma pudesse fazê-lo, porém improvável. Quem, então, merecia sua confiança? Não Baine, claro. Nem Vol'jin. Talvez Theron — ele parecera disposto a conversar. E Gallywix, bem, ele certamente tinha um preço.

Restava algum tempo antes de o julgamento ser retomado. Ela sempre pensava melhor em seu próprio reino, na Cidade Baixa, sob céus sombrios e

cercada de Renegados submetidos ao seu domínio. Ela permitiria que eles, que seu lar, servissem de inspiração.

Sylvana se aproximou do mago destacado para a corte, Yu Fei, e solicitou um portal. No instante em que Yu Fei terminou de murmurar as palavras do feitiço e uma imagem da Cidade Baixa surgiu diante dela, um pandaren que ela não conhecia a interpelou:

— Lady Sylvana — disse ele —, perdoe-me, mas fui instruído a dar isso a você! — O pandaren pôs um pergaminho e um pequeno pacote embrulhado em tecido azul em suas mãos. Afastando-se, ele curvou o corpo. Quando Sylvana abriu a boca para perguntar quem era o remetente, o ar ao seu redor brilhou e ela ressurgiu em seus aposentos.

Era um ambiente frugal, como convinha a alguém que passava pouco tempo nele. Apesar de livre da necessidade de dormir, de tempos em tempos Sylvana Correntos aparecia ali para passar algum tempo sozinha e refletir. Tinha poucas posses: uma cama com cobertores escuros, pesados; uma mesa com velas e materiais de escrivaninha; uma cadeira; uma única prateleira com meia dúzia de livros enfileirados. Armas superiores adornavam as paredes, bem ao seu alcance. Em sua existência atual, ela precisava de pouco, e não restava muito da anterior.

Curiosa a respeito de quem lhe enviara a missiva e o embrulho, abrindo-o com cautela, Sylvana inspecionou cuidadosamente o pergaminho. Ela não detectava nenhuma magia nele, nem notava qualquer sinal que alertasse para a presença de veneno. O pergaminho fora selado com cera vermelha, mas não havia nenhuma marca de identificação. Voltando a atenção para o pacote, Sylvana notou que o tecido azul era amplamente comercializado em qualquer cidade de grande porte. Ao agitá-lo levemente, um clique. Afundando na cama macia, ela removeu as luvas e arrancou o selo com a unha.

A letra era elegante; as palavras, poucas:

Já estivemos do mesmo lado.

Talvez possamos estar novamente.

Sylvana comprimiu os olhos pensativamente, tentando pensar em quem poderia ser essa misteriosa figura. A letra não era prontamente reconhecível, apesar de algo familiar. Havia uma longa lista de pessoas que se voltaram contra ela, ou foram desafiadas por ela. Divertindo-se, Sylvana desembrulhou o pacote e abriu uma pequena caixa de madeira.

Seu peito se contraiu, e ela soltou o objeto como se ele a tivesse mordido.

A banshee observou o conteúdo e, em seguida, levantou-se e correu atropeladamente na direção da mesa. Enquanto destrancava uma das gavetas, seus dedos tremiam. Aqui, intocado por anos, estava tudo que restava de seu passado. Eram poucos itens: cartas de décadas atrás, pontas de flechas usadas em momentos significativos, objetos sortidos, detritos de uma vida.

E uma pequena caixa.

Parte dela queria atirar o novo presente dentro da gaveta, girar a chave e esquecer novamente. Nada de bom poderia advir disso. Ainda assim...

Segurando a caixa nas mãos, ela retornou à cama. Com extraordinária gentileza, Sylvana levantou a tampa e observou seu conteúdo. Um aventureiro o encontrara anos atrás, entre as ruínas do pináculo onde ela perecera. Ela uma vez mais o tinha consigo. As memórias que trazia quase a devastaram então; agora, ameaçavam fazer o mesmo.

Uma coisa tão pequena e tanto poder sobre a Rainha Banshee: uma simples peça de joalheria. Sentindo o frio do metal na palma da mão, ela observava a gema azul, cintilante que o adornava. Gentilmente, ela o pôs lado a lado com o que acabara de receber.

Eram exatamente iguais, exceto pela joia. O seu continha uma safira; o novo, um rubi. As inscrições também eram diferentes, ela sabia.

Ao abrir seu colar, ela leu: *Para Sylvana. Com amor, Alleria.*

Alleria... a segunda Correntos a abandoná-los. Primeiro fora seu irmão, Lirath, o mais jovem e, talvez, o mais brilhante deles. Então Alleria, perdida do outro lado do Portal Negro, em Terralém. Então...

Sylvana sacudiu a cabeça para recuperar a compostura. Tinha certeza de que só um membro da família Correntos ainda respirava.

A Dama Sombria abriu o medalhão com o rubi sabendo o que encontraria, mas atendendo à necessidade de ver com seus próprios olhos.

Para Vereesa. Com amor, Alleria.

13



A nota estava escrita em letras grandes, era breve e direta.

Vejo você em casa depois do julgamento.

Poucas palavras, mas que deixavam Vereesa completamente fora de si.

A irmã dela era inteligente. Ninguém que interceptasse essa mensagem saberia quem a enviou. E mesmo que soubesse, parecia uma mensagem inofensiva. Mas não era. “Casa”, neste caso, tinha um significado muito mais obscuro.

Vereesa agradeceu a Jia Ji, o mensageiro pandarênico que carregou sem saber uma mensagem que poderia ter começado uma guerra, enrolou o pergaminho quase tão fino quanto um cálamó e o lançou em um braseiro.

— Vereesa? — ouviu ela, assustada. Era Varian a chamando. — Já está quase na hora de entrarmos. Se você quiser alguns bolinhos, é melhor pegá-los logo.

Ele e Anduin estavam terminando de comer alguns rolinhos primavera e seguindo em direção ao templo. Vereesa percebeu, tarde

demais, que havia jogado o bilhete em um braseiro de um cozinheiro pandaren, que se ocupava em empilhar cestos de bambu e formar bolinhos perfeitos com seus pauzinhos. Ele sorriu curioso para ela, que assentiu, apesar de não estar pensando nem um pouco em comida.

— Você vai adorá-los. Anduin quase deixou Mi Shao sem nada ontem — comentou Varian, sorrindo e bagunçando o cabelo de Anduin. O garoto se esquivou com vergonha, parecendo ter a idade certa, finalmente.

— O filhote humano está ficando forte. A comida pandarênica lhe cai bem. É uma honra para mim fornecer alimento e prazer a alguém que entende a minha terra tão bem — comentou Mi Shao.

— Experimente um dos que têm as sementinhas — aconselhou Anduin —, eles são recheados de pasta de raiz de lótus. Uma delícia.

— Obrigada. Eu vou querer dois, por favor — declarou Vereesa.

— Pensando bem, eu vou querer também — decidiu Anduin. — Pode ir, pai. Eu irei em um instante.

— Vejo vocês daqui a pouco, então — concordou Varian, puxando o filho para lhe dar um rápido abraço antes de prosseguir até a arena. Anduin observou seu pai partir, agradeceu a Mi Shao em pandarênico e deu uma mordida no bolinho. Ele fechou os olhos com prazer.

— Isso é tão gostoso — exclamou Anduin. Vereesa lembrou-se por um momento de seus próprios filhos e de seu apetite interminável, mas seus pensamentos retornaram rapidamente para Silvana. Ela não fez menção de comer. Enquanto mastigava, Anduin a observava e perguntou:

— Você está bem?

O coração de Vereesa disparou. O garoto era perceptivo demais. Como ela foi se trair assim? Será que ele já sabia sobre...

— É claro que estou. Por que não estaria? — despistou ela, forçando-se a comer um pouco do bolinho. O exterior era macio e saboroso, e o

recheio era adocicado, mas não demasiado. Se seu estômago não estivesse um nó e sua boca não estivesse seca, ela teria gostado do sabor.

— Bem... por causa do que eu disse na corte. Eu sei que você e a tia Jaina não estão muito inclinadas a darem uma segunda chance ao Garrosh. E eu queria que você soubesse que eu entendo o porquê. De verdade.

O alívio a deixou fraca.

— E eu entendo por que você pensa da sua maneira.

O rosto dele se iluminou, e imediatamente ela sentiu-se culpada pela mentira.

— É mesmo?

— Você vê o que há de melhor nas pessoas, Anduin. Todos sabem disso.

A expressão dele se agravou.

— Eu sei que algumas pessoas não respeitam isso. Pensam que eu sou muito mole.

— Olha — começou ela, segurando o braço dele gentilmente. — Você se colocou em um tribunal cheio de pessoas que estavam ansiosas para matar Garrosh com as próprias mãos e o defendeu. Pessoas moles não têm coragem para isso.

A irritação dele sumiu, substituída por um lindo sorriso. *O garoto vai arrasar corações um dia. Se viver o bastante para isso.*

— Obrigado, Vereesa. Isso significa muito para mim. Especialmente vindo de você. E... pra ser sincero, é um pouco surpreendente. Eu contava você como uma das pessoas que matariam Garrosh com as próprias mãos.

— Não, eu não faria isso. Eu acredito na sabedoria deste julgamento e acredito que os celestiais farão o que é certo.

— Eu... fico muito feliz em ouvir isso.

Enquanto caminhavam de volta ao tribunal, Vereesa sentiu um ódio renovado por Garrosh Grito Infernal, por transformá-la em alguém capaz de mentir para um garoto de 15 anos.

Para a surpresa deles, um guarda pandaren estava na entrada, educadamente proibindo todos de entrarem. Varian estava conversando com ele, ficando mais agitado, e finalmente virando as costas. Ele avistou Vereesa e Anduin, e sinalizou para que eles se aproximassem. Seu rosto parecia furioso, e Vereesa sentiu o suor escorrendo em sua testa. Teria ele descoberto...? Não. Se fosse o caso, ele estaria atacando-a agora mesmo.

— O que aconteceu — perguntou ela, tentando soar curiosa e preocupada, sem exagerar.

— A corte está fechada pelo resto do dia — respondeu Varian, bruscamente. — Anduin, venha comigo. Vereesa, você pode retornar ao Pico Violeta se quiser.

— É claro — confirmou Vereesa. Mas ela não retornou imediatamente. Fingindo terminar de comer, ela permaneceu em um local onde pudesse enxergar dentro do templo. Taran Zhu, Baine e Tyrande pareciam estar esperando por Anduin e seu pai. Baine começou a falar. Varian cruzou os braços e cerrou a mandíbula. Anduin parecia confuso ao escutar. Incapaz de se conter, Varian começou a gritar com Baine. Taran Zhu disse algo, e Varian começou a gritar com ele e com Tyrande também, enquanto Anduin tentava acalmar as coisas.

— General Patrulheira — chamou o guarda pandaren. — Com todo o respeito, isso não é para os seus olhos.

Ela sentiu um calor subindo em seu rosto e assentiu.

— É claro. Peço desculpas.

Vereesa se virou e começou a caminhar, se perguntando qual nova tática Baine usaria para ganhar a simpatia dos jurados Celestiais Majestosos

para um assassino em massa.

Ela cerrou o punho e seguiu seu caminho. O crepúsculo demoraria demais para ela.

— O que está acontecendo? — questionou Anduin, enquanto olhava de Taran Zhu para Tyrande, para Baine e para seu pai. A expressão de seu pai era a única que ele conseguia ler. Varia estava extremamente nervoso por causa de alguma coisa.

— Anduin — começou Varian — Baine pediu... — um músculo na mandíbula dele saltava. — A Luz que me prenda, eu nem consigo *dizer* isso!

Baine deu um passo à frente.

—Majestade, obrigado por trazer o príncipe até aqui.

— Não me agradeça ainda — murmurou Varian. — Eu estou por um fio de marchá-lo de volta para Ventobravo.

— Mas... o que... — começou Anduin.

Baine balançou a orelha.

— Me pediram para fazer uma solicitação.

— Quem pediu... — iniciou Anduin, mas as palavras morreram no caminho. Imediatamente, ele soube quem e soube o quê. Só havia uma pergunta. — Por quê?

— Eu não sei por que ele deseja falar com você — declarou Baine, com sua orelha balançando, claramente frustrado. — Só sei que ele quer. E disse que você é a única pessoa com quem ele vai falar.

— Está mais para a única pessoa que vai falar com *ele*. — apontou Varian.

Anduin colocou uma mão no braço do pai.

— Eu ainda não disse que aceitaria, pai. — Voltou-se para Taran Zhu.
— Isso é sequer permitido no julgamento?

— Sob as leis de Pandária, eu determino o que é permitido neste julgamento, meu jovem. Chu'shao Casco Sangrento falou comigo há algum tempo, e eu meditei sobre o assunto. Eu o instruí a esperar até que você tivesse dado o seu testemunho. Tanto a Acusação quanto a Defesa abdicaram do direito de pedir que você testemunhe novamente, o que faz com que ambos tenham algo a ganhar e a perder.

— Sendo direto — explicou Baine —, você é conhecido como um humano gentil e piedoso, Majestade. Seria bom para o meu caso se você fizesse amizade com Garrosh e aproveitasse seu direito de falar com ele, e seria ruim para o meu caso se você se virasse contra ele e falasse disso. Chu'shao Murmuréolo está com o mesmo problema, só que inverso.

— Então por que não simplesmente proibir?

— Porque Garrosh está pensando em quebrar o silêncio em corte se você o fizer — explicou Tyrande. — Isso significa que eu poderei questioná-lo diretamente, e isso ajudaria muito o meu caso.

— E dependendo do que aconteça na sua conversa, pode acabar fortalecendo o meu — explicou Baine. — Como eu disse, é uma aposta.

— Eu não posso forçar Garrosh a falar em juízo, mas acredito que seria muito importante ouvi-lo — apontou Taran Zhu —, independentemente do que aconteça. Ninguém poderá dizer que ele não teve a chance de se pronunciar.

— Então, cabe a mim — concluiu Anduin. — Vocês não me deixam muita escolha, não é?

— Você não precisa fazer isso — interpelou Varian. — Sabe que eu prefiro que você não o faça. Acho que você já passou por coisas demais.

— Então por que você não disse simplesmente não, Pai?

— Porque você já tem idade de decidir sozinho e a escolha tem que ser sua. Por mais que eu quisesse que fosse diferente. Eu precisava lhe dar a opção. Você pode falar com Garrosh ou nunca mais vê-lo na vida se preferir.

Isso surpreendeu Anduin, e ele deu um pequeno sorriso de gratidão a seu pai. Refletiu por um momento, tentando acalmar a torrente de emoções conflitantes.

Pensou novamente nos pedaços do sino caindo sobre seu corpo, no ódio no rosto de Grito Infernal e na dor de seus ossos em resposta. Nunca mais ver Garrosh, escapar para sempre de um convite à dor... isso *era* tentador. Garrosh não fez nada até aquele momento que indicasse qualquer coisa além de desdém e ódio por Anduin, e as oportunidades foram várias. O príncipe não lhe devia nada. Ele já havia falado com mais gentileza do ex-chefe guerreiro do que qualquer um poderia esperar. Já fizera demais para salvar a vida de alguém que estivera ansioso para tirar a dele.

E ainda assim...

Anduin lembrou-se da reação de Garrosh quando pensou que o príncipe estivesse morto. Não feliz ou satisfeito, como alguém poderia pensar, mas contemplativo. E da tristeza na postura de Garrosh no tribunal.

O que Garrosh estivera contemplando naquele momento? Quais emoções ele estaria sentindo para tentar falar com um sacerdote? Seria remorso?

A dor nos ossos dele cedeu por um momento, e Anduin chegou a uma decisão. Ele olhou nos olhos de todos ali reunidos, cada um de uma raça diferente e com um relacionamento diferente com ele: seu pai humano, uma heroína noctiélfica, um guardião pandaren e Baine... um amigo tauren. Inesperado, ao que todos sabem, um segredo velado, mas verdadeiro.

— Alguém em aflição pediu-me para falar com ele. Como eu poderia dizer não, pai, e continuar no caminho da Luz?

A princípio, Varian insistiu em acompanhar seu filho, mas Anduin, mantendo sua esperança em segredo, recusou. Ele também exigiu que os guardas presentes ficassem na porta de entrada, para que sua conversa com Garrosh se mantivesse privada. Varian discutiu sobre isso por mais de uma hora, mas sem sucesso.

— Eu estou sendo chamado como sacerdote — afirmou Anduin. — Ele precisa ter a liberdade de falar francamente e saber que o que ele disser será mantido em segredo.

Sem muita animação, Varian finalmente aceitou. Ele olhou para Taran Zhu, Tyrande e Baine, um de cada vez. — Se algum mal acontecer ao Anduin, considerarei todos vocês culpados. E matarei Garrosh pessoalmente, independentemente de repercussões e desses malditos procedimentos.

— Fique tranquilo, Rei Varian, é fisicamente impossível para Garrosh atacar Anduin. Seu filho está perfeitamente seguro, e eu não permitiria isso se não fosse o caso — respondeu Taran Zhu.

Agora, Anduin estava do lado de fora de uma área separada abaixo do templo. Dois dos guardas de Garrosh, os monges Shado-pans Li Chu e Lo Chu, o aguardavam ao lado da porta.

Eles o saudaram.

— Bem-vindo, honorável príncipe. Você mostra coragem ao encarar seu inimigo — declarou Li Chu.

O estômago de Anduin era um nó, e ele estava aliviado por não refletir a apreensão em sua voz.

— Ele não é meu inimigo. Não aqui. Não agora — respondeu.

Lo Chu sorriu lentamente.

— Entender isso demonstra que você é tão sábio quanto bravo. Saiba que ficaremos por perto o tempo todo e que entraremos assim que formos chamados.

— Obrigado — agradeceu Anduin. Velen o ensinara a acalmar o espírito nos momentos de agitação, e, agora, ele seguia esse ensinamento, inalando profundamente, contando até cinco, segurando a respiração e exalando na mesma contagem. *Todas as coisas ficarão bem*, ensinou Velen. *Todas as noites terminam e todas as tempestades se desfazem. As únicas tempestades que duram são as que existem dentro da sua alma.*

Funcionou... pelo menos até estar diante da cela de Garrosh. A cela era bem apertada. Só tinha espaço para as peles de dormir, um pinico e uma bacia d'água. Garrosh não conseguia andar mais do que um ou dois passos em qualquer direção, e mesmo seu movimento limitado era ainda mais restrito por correntes que ligavam seus tornozelos. As barras eram mais grossas do que o corpo de Anduin, e as aberturas octogonais eram seladas por um brilho púrpura. Taran Zhu falou a verdade. Garrosh Grito Infernal estava preso tanto fisicamente quanto magicamente.

Anduin viu tudo isso apenas com a visão periférica. Seus olhos se focaram imediatamente nos olhos do orc, que se sentou ereto nas peles. O príncipe não sabia o que esperar: raiva, súplica, zombaria. Mas nada disso estava presente. No rosto de Garrosh aparecia a mesma expressão pensativa que Anduin vira logo depois que Garrosh o “matara”.

— Por favor, não toque nas barras — instruiu Lo Chu. — Você pode permanecer por uma hora se desejar. É claro, se quiser ir embora mais cedo, basta nos dizer. — Ele indicou uma cadeira e uma pequena mesa com um jarro d'água e um copo vazio.

Anduin limpou a garganta.

— Obrigado. Tenho certeza de que ficarei bem.

Garrosh pareceu nem notar os guardas, de tão intensamente que observava Anduin. Os irmãos voltaram para os fundos da sala, como prometido. A boca de Anduin ficou seca. Ele se sentou e serviu-se de um pouco de água, bebendo lentamente.

— Você está com medo?

— O quê? — A água caiu. Os ossos de Anduin doeram subitamente.

— Você está com medo? — repetiu Garrosh. A pergunta foi feita casualmente, como se o orc quisesse iniciar uma conversa. Anduin sentiu como se fosse uma granada verbal. Responder honestamente ou mentir acabaria abrindo portas para coisas que Anduin não queria discutir.

— Não há razão para medo. Você está preso por correntes e atrás de grades encantadas. No momento, não pode me atacar.

— A preocupação pela segurança física é apenas um dos motivos para se ter medo. Há muitos outros. Repito a minha pergunta: você está com medo?

— Olha — começou Anduin, colocando o copo na mesa com força —, eu vim até aqui porque você pediu para falar comigo. Porque Baine disse que eu era a única pessoa com quem você falaria sobre... bem, sobre o que quer que você queira falar.

— Talvez eu queira falar sobre o seu medo.

— Se esse é o caso, nós dois estamos perdendo tempo aqui. — Ele se levantou e começou a caminhar para a porta.

— Espere.

Anduin parou, com as costas viradas para Garrosh. Ele estava furioso consigo mesmo. Suas palmas estavam úmidas, e ele precisou de toda a força de vontade para não tremer naquele momento. Ele não deixaria que Garrosh percebesse seu medo.

— Por que eu deveria?

— Porque... você é a única pessoa com a qual eu quero falar.

O príncipe fechou os olhos. Ele podia ir embora, nesse instante. Garrosh quase certamente ficaria jogando com ele. Talvez o fizesse dizer algo que ele não deveria. Mas o que poderia ser? O que Garrosh queria saber? E Anduin percebeu que, por mais medo que estivesse sentindo, de certa forma, ele não queria ir embora. Ainda não.

Ele respirou fundo e se virou.

— Então comece a falar.

Garrosh apontou para a cadeira. Anduin caminhou e se sentou de forma relaxada e casual. Então, levantou a sobrancelha, esperando.

— Você disse acreditar que eu poderia mudar — começou Garrosh. — O que neste mundo ou em qualquer outro poderia fazê-lo pensar isso, depois de tudo o que eu fiz?

Novamente, nenhuma emoção. Só curiosidade. Anduin começou a responder, mas hesitou. O que Jaina... não. Jaina não era mais o tipo de diplomata que ele desejava emular. Levemente impressionado, Anduin percebeu que apesar de todas as ameaças de assassinar Garrosh, Varian se tornara um exemplo mais importante para ele do que Jaina. Essa conclusão era triste, pois ele amava Jaina, mas boa ao mesmo tempo, pois ele amava seu pai.

— É o seguinte, vamos falar em turnos.

Um leve sorriso apareceu nos lábios de Garrosh.

— Temos um trato. Você é um negociador melhor do que eu esperava.

Anduin soltou uma pequena risada.

— Obrigado, eu acho.

O sorriso do orc aumentou.

— Você primeiro.

Primeiro ponto para Garrosh, pensou Anduin.

— Pois bem. Eu acredito que você pode mudar porque nada nunca permanece igual. Você foi derrubado como chefe guerreiro da Horda porque as pessoas que você liderava mudaram, deixaram de seguir suas ordens e passaram a questioná-las, rejeitá-las por fim. Você mudou de chefe guerreiro para prisioneiro. Você pode mudar novamente.

Garrosh gargalhou sem humor.

— De vivo para morto, você quer dizer.

— Essa é uma opção. Mas não é a única. Você pode ver o que fez, observar, ouvir e tentar entender toda a dor e o mal que causou, e decidir não prosseguir por este caminho se receber outra chance.

Garrosh endureceu.

— Eu não posso me transformar em humano — rosnou ele.

— Ninguém espera ou quer isso — respondeu Anduin. — Mas orcs podem mudar. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.

Garrosh ficou em silêncio. Ele olhou para longe, por um momento, pensativo. Anduin resistiu ao impulso de cruzar os braços, forçando sua postura a parecer relaxada, e esperou. Um pequeno rato de olhos vermelhos colocou a cabeça para fora das peles. Ele mexeu o nariz e se recolheu novamente. *Outrora chefe guerreiro da Horda... agora divide a cela com um rato.*

— Você acredita em destino, Anduin Wrynn?

Pela segunda vez, Anduin foi pego de surpresa. O que se passava na cabeça de Garrosh?

— Eu... não tenho certeza. — gaguejou ele, com sua imagem de calma desaparecendo instantaneamente. — Quero dizer, eu sei que existem profecias. Mas eu acredito que todos nós temos escolhas também.

— Você escolheu a Luz? Ou ela escolheu você?

— Eu... eu não sei. — Anduin se deu conta de que nunca se perguntara isso. Ele se lembrou de que da primeira vez que pensou em se tornar sacerdote, sentiu uma pontada na alma. Ele almejava a paz que a Luz oferecia, mas não sabia dizer se ela o chamou ou se ele havia saído em busca dela.

— Você poderia escolher renegar a Luz?

— Por que eu iria querer fazer isso?

— Por várias razões. Já houve um outro príncipe humano de cabelos dourados, amado por todos no passado. Ele era um paladino, mas decidiu renegar a Luz.

O Ultraje e a ofensa espantaram o desconforto de Anduin. O sangue subiu para a cabeça e ele soltou:

— Eu *não* sou como Arthas!

Garrosh sorriu estranhamente. — Não, você não é — concordou ele.
— Mas talvez... *eu* seja.



Hoje o lugar é chamado de Terra Fantasma. No passado, a família Correventos chamava de casa. Vereesa foi convidada a retornar uma única vez antes por Halduron Asaluz, para enfrentar seus antigos inimigos mútuos, os Amani. Ela se sentiu mal no passado e novamente agora. Ao sobrevoar o Caminho Thalassiano com seu Hipogrifo, seu estômago deu um nó e as mãos começaram a suar.

A Trilha da Morte. Cortando seu caminho pela terra outrora bela, deixando um rastro como uma lesma, por onde centenas de pés de mortos-vivos trilharam. Ninguém sabia dizer se isso mudaria um dia. Ela penetrava Tranquillien, que já não fazia mais jus ao nome, dividindo o Sacrário Lunar e Solar, e prosseguindo para a Floresta do Canto Eterno e para Luaprata. Cortando a linda cidade de canções e histórias também. Mesmo do alto era possível ver o legado do Lich Rei. Coisas mortas ainda se mexiam, ainda matavam.

Mortos, mas não mortos. Como a minha irmã.

Não. Não como Sylvana. Ela e seu povo tinham sua própria vontade, sua própria mente. Eles podiam escolher o que fazer e o que não fazer. Quem eles matariam ou não. E essa habilidade foi o que levou Vereesa de volta ao local de sua infância, aonde ela nunca pensara em voltar.

Seus olhos estavam secos, e seus sentidos, entorpecidos com a dor constante, que começou com a notícia da morte de Rhonin e nunca realmente se amenizou. Ela dirigiu sua montaria para o oeste e se perguntou se Sylvana estava gostando de imaginar Vereesa retornando ao Pico dos Correntos.

Vê-lo novamente trouxe uma nova onda de dor e aumentou seu ódio. Os orcs não fizeram isso com o seu lar, mas eles levaram muito dela. Primeiro, seu irmão, Lirath. E depois, Rhonin, sua grande luz. Eles quiseram destruir Quel'Thalas da mesma forma que Arthas o fez depois.

Ao se aproximar, a expressão de Vereesa se tornou odiosa. O pico, a torre de sua família, estava repleto de cadáveres ambulantes e espíritos.

Banshees.

Os espíritos flutuavam, parecendo tão sem propósito em morte, em comparação com suas vidas atarefadas. Espalhadas entre eles estavam figuras vestidas em mantos vermelhos e pretos. Vereesa sabia quem eram. Eram os seguidores humanos do culto da Cidadela da Morte, que surgiram depois da incursão de Arthas, usando o Pico dos Correntos para algum propósito obscuro e violento.

Usando a minha casa.

Vereesa soltou um grito sem palavras, e toda a fúria impotente que borbulhava dentro dela desde a derrota de Garrosh explodiu prazerosamente. Ela puxou e atirou flecha após flecha. A primeira acertou o olho de um acólito. A segunda e a terceira acertaram a garganta das vítimas antes que elas pudessem sequer registrar o que estava acontecendo. O

quarto alvo voltou seu rosto em choque para Vereesa, e seus dedos se dobraram ao tentar pegar a arma, mas antes que pudesse fazê-lo, já estava morto. Saltando do Hipogrifo antes mesmo de pousar, ela atacou as patrulheiras decaídas, brandindo uma espada que emanava uma luz ao atravessar a carne incorpórea, enviando-as ao esquecimento e, presumidamente, para a paz, com mais fúria do que piedade. Vereesa se contraiu ao sentir o grito de uma banshee passando pelo seu corpo, mas isso só a deteve por um instante antes que o grito aterrorizante fosse silenciado para sempre. A altaneira adicionou seu próprio grito à cacofonia, frases soltas que não significavam nada, mas eram ditas com fúria e dor.

Mais dois acólitos tiveram o azar de serem lentos demais em seus feitiços. Vereesa investiu contra eles, cortando a cabeça de um e cravando a espada no peito de outro em seguida. Enquanto ele caía, esvaindo-se em sangue, ela o estripou.

Finalmente, ela respirou e soltou a espada, olhando em volta, em busca de mais inimigos, vivos ou mortos-vivos, que poderiam estar a caminho do pico. Vereesa não estava preocupada em ser reconhecida. Poucos seres vivos se aventuravam por lá. Um capuz era o suficiente para uma elfa sangrenta se aproximar do local deserto, e um acólito que a visse não ficaria vivo para contar.

Os minutos se arrastaram. De tempos em tempos, Vereesa ouvia gemidos e sons sem sentido à distância. Ela os atacava quando suas vagueações os levavam para a propriedade dos Correntos, por mais arruinada que estivesse. A umidade fria começava a envolver sua pele. Ela começou a caminhar de um lado para o outro, se perguntando se isso seria alguma piada cruel de Sylvana.

Sua audição afiada captou os leves sons atrás de si, a fazendo virar com o arco em riste e uma flecha preparada. Antes que pudesse deixar voar

a flecha, o corpo da mesma rachou e a corda do arco se soltou.

A arqueira, vestida de preto, havia atirado e arrancado a flecha do arco nas mãos de Vereesa.

A recém-chegada recolheu seu capuz. Olhos vermelhos brilhantes perfuraram a névoa, e lábios negros formaram um sorriso sarcástico.

— Mais cuidado, irmã — disse Sylvana, baixando o arco. — Eu acho que você não quer matar *essa* banshee.

Elas caminharam pela areia cinzenta, com o som das ondas mais fácil de aceitar do que os lamentos dos mortos. Mas não muito.

Sylvana pensou em um lugar cheio de fantasmas, não só literalmente como aqueles de uma família que um dia fizera um piquenique ali.

— Nós somos tudo o que resta — comentou Vereesa, como se estivesse lendo seus pensamentos. Sylvana sorriu levemente. Como as duas filhas do meio, elas sempre tiveram uma ligação que as separara de Alleria, a irmã mais velha, e de Lirath, seu único irmão.

— Uma escolha de palavras diplomática. — rebateu ela.

Vereesa parou, olhando para o Mar do Norte.

— Primeiro Lirath, assassinado pelos orcs. Depois, Alleria, desaparecida em Terralém. Por que você escolheu este lugar, Sylvana?

— O que você acha, irmãzinha?

— Para me ferir. Você escolheu um lugar onde um morto se sentiria em casa. Onde os vivos não são bem-vindos — concluiu ela, e se corrigiu imediatamente. — A não ser os que têm más intenções.

Sylvana endureceu a postura.

— Para ferir *você*? Pirralha arrogante! — Ela riu, sem humor. — Você não percebeu quem eram aquelas que se aproximavam de você, chorando e

implorando por suas vidas de volta? Aquelas eram as *minhas* patrulheiras!
Eu *morri* aqui!

Vereesa se encolheu.

— Eu... sinto muito. Pensei que você já estivesse acostumada... a...

— Ser a “Rainha Banshee”? A “Senhora das Trevas”? — perguntou Sylvana, em um tom exagerado. — É melhor do que apodrecer. Pelo menos eu posso influenciar o que acontece no mundo.

— Nós temos menos influência do que esperávamos — comentou Vereesa. Ela pegou uma pedra e arremessou no oceano, onde desapareceu rapidamente. — Eu não sei quem você é agora. Você não é mais minha amada irmã.

Eu sou... e não sou, pensou Sylvana, mas sem dizer nada.

— Mas nós duas concordamos em uma coisa. — Virou-se Vereesa, com o rosto vermelho e os olhos em chamas. — Garrosh Grito Infernal precisa morrer pelo que fez. E parece que você, assim como eu, não confia que os celestiais chegarão à mesma conclusão, se não, não teria vindo.

— Eu não posso discordar de você em nenhuma dessas afirmações. E você foi corajosa ao tentar contatar-me. Especialmente se não sabe quem eu sou agora.

Corajosa e imprudente. Se o bilhete tivesse sido interceptado, Vereesa teria sido considerada traidora.

— Eu assumi um risco. Parecia valer a pena. Espero que esteja certa.

— Você não veio simplesmente para compartilhar o quanto odeia a criatura maldita que se chama Garrosh Grito Infernal — apontou Sylvana, cruzando os braços. — Você deve ter um plano.

— Eu... bem, ainda não.

Sylvana arqueou uma sobrancelha e começou a calcular quanto tempo levaria para matar Vereesa.

— Eu queria dizer que nós não estamos sozinhas. Há outros que pensam como nós, que nos ajudariam ativamente ou não ficariam em nosso caminho se tentássemos... assassinar Garrosh.

— As pessoas reclamam e murmuram, irmã, mas poucos estão dispostos a agir. Esses aliados dos quais você fala sumirão se sentirem o cheiro de perigo às suas pessoas ou reputações.

Vereesa balançou a cabeça vigorosamente.

— Não. Eles não fugirão. Eu tenho até a aprovação de Lady Jaina.

Sylvana franziu o cenho.

— Agora eu sei que você só pode estar mentindo, irmã. Jaina Proudmore pode não ser mais a pacifista de olhar inocente do passado, mas ela nunca aprovaria um assassinato. Ela pode até torcer para que Garrosh morra, mas ela jamais agiria para isso acontecer.

— Você está enganada. Ela quer que ele morra. Antes de a sentença ser proferida. Vai nos poupar o trabalho de um julgamento, segundo ela. Há outros também. A Almirante do Céu Rogers, por exemplo. Ela odeia a Horda, principalmente Garrosh.

— Se bem me lembro, ela é da Costa Sul — rebateu Sylvana. — Duvido que ela queira trabalhar com a Rainha Banshee dos Renegados.

— Ela não precisa saber. Ninguém precisa saber. Só nós.

Sylvana ficou em silêncio, pensando.

— Nós podemos esperar para ver se os celestiais farão o trabalho por nós.

— Não. Se eles decidirem ter *piedade* — pronunciou Vereesa, com nojo —, nós não teremos outra chance. Precisamos agir enquanto o julgamento está ocorrendo. Enquanto os dois lados podem ter acesso a Garrosh.

Com isso, Sylvana riu alto.

— Acesso? Você já viu o quão bem protegido ele está, Irmã? Mesmo o melhor dos assassinos não conseguirá entrar naquela cela.

Vereesa sorriu. Ainda era o rosto que Sylvana lembrava, os mesmos lábios que soltavam gargalhadas na infância. Mas a expressão deu à Silvana uma amostra da crueldade que ela nunca esperaria de sua irmã.

— Não — concordou Vereesa —, um assassino não. Mas até os prisioneiros precisam comer, não é?

Veneno. Não é de se estranhar que Vereesa tenha pensado na irmã.

— E você quer um veneno que ninguém possa detectar, um veneno que ainda não tenha sido criado.

Vereesa assentiu.

— Perfeito — concordou Sylvana. — Não sei como eu não pensei nisso, na verdade.

— Nós precisaremos de alguém para entrar na cozinha ou adulterar a comida na fonte — prosseguiu Vereesa. — Ou convencer alguém que seja responsável por preparar as refeições dele. Nós...

— Um instante, antes que você prossiga com seus planos e esquemas, por mais divertido que seja — interrompeu Sylvana —, eu não disse que participaria.

— O quê? Você acabou de dizer que era perfeito!

— E é. Mas eu sofri sob o controle de um tirano no passado — explicou Sylvana. — E desafiei aquele que me criou. Arthas me ressuscitou para me atormentar, mas ele se foi e eu estou aqui. Eu desafiei Garrosh também e vou vê-lo morto. — Ela abriu as mãos e apontou o próprio corpo, tão forte e, de certa forma, tão belo quanto quando ela ainda respirava, mas azul acinzentado e frio. — E eu sou uma Renegada. É fácil entender as minhas motivações. Quais são as suas, garota?

— Eu não acredito que você está me perguntando isso!

— Estou, e por favor, responda. — A voz dela era fria. — O que Garrosh fez a você para colocá-la neste caminho?

— O que ele *não* fez? Ele liberou um terror em Theramore que nunca poderá ser perdoado! E eles morreram... uma morte horrível. Por pura sorte eu não estava dentre os mortos.

Sylvana balançou a cabeça. Seus cachos eram dourados em vida, mas pareciam ser prateados de tão claros. Agora, eles pareciam quase tão brancos quanto os de sua irmã. Elas eram as luas, brincava Alleria, chamando-as de Senhorita Lua e Luazinha, enquanto ela e Lirath, a mais velha e o mais novo, eram os sóis da família, com seus cachos dourados fortes. Alleria...

— Esse não é o motivo.

— Os orcs sempre foram nossos inimigos. Garrosh é o pior deles e ainda vive. A história deles é cheia de monstros e barbarismo demoníaco. Eles tiraram nosso irmãozinho de nós, Sylvana! E você *sabe* que Alleria teria lutado com qualquer um pela honra de matar Garrosh pessoalmente. Ela iria *querer* que nós fizéssemos isso.

Sylvana pressionou os lábios.

— Eu concordo com tudo o que você disse, mas esse não é o motivo.

Vereesa engoliu a seco.

— Você quer me machucar. Quer me fazer sofrer.

— Eu quero julgar a profundidade da sua dor. Não é a mesma coisa.

Vereesa era da Aliança. Ela casou-se com um humano, teve um filho com ele. Aquela fora sua casa, e ela possuía um lugar ali. O que ela dizia agora ia de encontro às leis que a Aliança dizia manter, apesar de existirem muitos ladinos e assassinos dentre eles.

Por um momento, Silvana pensou que sua irmã se recusaria. As Correntes sempre tiveram um temperamento forte. O corpo esbelto de

Vereesa estava tenso como a corda de seu arco, quase tremendo. Sylvana aguardou com a paciência dos mortos, outra dádiva que Arthas havia lhe dado sem querer, pela explosão de fúria de sua irmã.

Mas ela não veio.

Em vez de fogo, Sylvana viu água. Lágrimas encheram os olhos dela e escorreram por seu rosto. Vereesa nem se preocupou em limpá-las enquanto falava.

— Ele tirou meu Rhonin de mim.

Foi só isso. Mas isso era tudo.

Sylvana deu um passo à frente e abraçou sua irmã, e Vereesa agarrou-se a ela como alguém que se afoga.

15



Dia Três

— **C**hefe Guerreiro — começou Tyrande, inclinando a cabeça. Ainda era estranho, pensou Go'el, ouvir outra pessoa sendo chamada assim. Não que fosse errado, ele não tinha um pinga de arrependimento da decisão e os ancestrais sabiam que Vol'jin era merecedor do título, mas... era estranho. Ele se perguntou se algum dia se acostumaria.

Os olhos de Vol'jin brilhavam com malícia ao responder:

— Alta-sacerdotisa.

— Você tem sido o líder do seu povo há muitos anos e, antes de você, foi o seu pai.

— Isso é verdade.

— Agora, depois que o reinado tirânico de Garrosh Grito Infernal...

— Respeitosamente, eu protesto — interrompeu Baine, apesar de não soar muito convicto.

— Depois que Garrosh Grito Infernal foi derrotado — consertou Tyrande suavemente, como se não tivesse sido interrompida —, Goël apontou você como Chefe Guerreiro. Agora, você é o líder não só dos trolls Lançanegra como de todas as raças da Horda, mesmo não sendo um orc.

— Respeitosamente, eu protesto! — gritou Baine, dessa vez com vontade. — A habilidade da testemunha de liderar a Horda não está em questão neste tribunal!

— Lorde Zhu, eu estou tentando mostrar a credibilidade da testemunha para o júri — explicou Tyrande.

— Encontre outra forma, Chu'shao — respondeu Taran Zhu, calmamente.

— Como queira. Chefe Guerreiro Vol'jin, seu povo sofreu muito sob o governo de Garrosh. Assim como você, pessoalmente. Você poderia explicar a este tribunal como foi isso?

— Com prazer — respondeu Vol'jin, a voz embargada pelo ultraje guardado. — Os trolls foram o primeiro povo de Azeroth a se juntar à Horda quando os orcs chegaram a esse mundo. Nós fomos amigos leais de Goël. Goël me pediu para ser conselheiro de Garrosh, e eu fiz tudo ao meu alcance para isso. Mas o Garrosh não se lembrou de como os trolls foram bons amigos.

— O que ele fez especificamente?

— Ele proibiu o meu povo de viver onde quisesse em Orgrimmar. Ele os forçou a ficar em uma área especial. Depois, colocou as Ilhas Eco sob lei marcial.

— Essas não parecem as ações de um líder que deveria representar todas as várias raças que compõem a Horda — refletiu Tyrande.

— Isso é verdade.

— Eu gostaria de mostrar ao júri a primeira Visão desta testemunha — declarou Tyrande, dando um passo atrás e observando a cena se desdobrar. O líder dos trolls e o Chefe Guerreiro estavam na sala do trono do Castelo Grommash.

— Não fale assim comigo, troll — rosnou Garrosh. — Você sabe quem ficou no comando aqui. Nunca parou para se perguntar por que Thrall escolheu a mim e não você?

— Não tem dúvida do porquê, Garrosh. Ele te deu o título porque tu é o filho do Grom e porque o povo tá querendo um herói de guerra.

Era verdade. Logo depois da derrota do Lich Rei, o povo estava cansado de guerra, mas eles ainda reverenciavam os heróis. Go'el pensou que o título, legado por um pequeno período de tempo, pudesse ajudar Garrosh a aprender a canalizar sua energia. Ele estivera tão errado.

A imagem de Vol'jin ainda não havia terminado.

— Eu acho que tu é mais parecido com teu pai do que tu pensa, mesmo sem o sangue de demônio.

Garrosh rosnou e se aproximou do troll, tremendo e contendo por pouco a raiva.

— Você tem sorte por eu não te estripar aqui agora, seu lixo.

— Pare aí! — ordenou Tyrande bruscamente, e as duas figuras congelaram instantaneamente. — Celestiais Majestosos, aí está ele, bem aí. Garrosh Grito Infernal, Chefe Guerreiro da Horda, explicitamente ameaçando Vol'jin de morte. — Ela acenou para Crona, que moveu os pequenos dedos e deu prosseguimento à cena.

— Você é um tolo se pensa que pode falar com o seu Chefe Guerreiro nesse tom — ameaçou Garrosh.

— Tu não é meu Chefe Guerreiro. Tu não ganhou meu respeito e eu não vô vê a Horda destruída por um idiota com sede de guerra. — Vol'jin

estava calmo, preciso e frio, em contraste com Garrosh, raivosamente agitado.

— E o que você pretende fazer quanto a isso? Suas ameaças são vazias. Vá se esconder com o resto da sua laia nas favelas. Eu não vou mais aturar seu lixo na minha sala do trono.

A cena congelou e sumiu. Tyrande balançou a cabeça.

— “Vá se esconder com o resto da sua laia nas favelas” — repetiu ela. — É uma maneira interessante de tratar e falar de uma raça que serviu a Horda com tanta lealdade por tanto tempo.

— Foi o que eu pensei.

— Então, em vez de tratar você como um conselheiro respeitado tal qual Goël o instruiu, Garrosh expulsou os trolls para áreas descritas por ele mesmo como favelas, baniu você da sala do trono e ameaçou tirar sua vida.

Goël ficou tenso. A expressão quase casual de Vol'jin ficou séria.

— Ele fez mais do que ameaçar — disse ele, e virou a cabeça para exibir a cicatriz azulada, onde a faca do assassino talhou sua garganta. Goël olhou para os celestiais e os viu se mexendo, insatisfeitos com as evidências visíveis do ódio de Garrosh.

Tyrande deixou os murmúrios prosseguirem, e falou:

— Eu gostaria de mostrar esse ataque vil e o papel de Garrosh Grito Infernal nele. Crona?

Um barulho coletivo foi ouvido no auditório quando os espectadores se sentaram eretos, se aproximando um pouco mais. A história do que acontecera a Vol'jin se espalhou tanto para a Horda quanto para a Aliança. Alguns estavam assistindo por pura curiosidade, interessados nos detalhes sangrentos, mas outros queriam talvez afastar o sentimento de incredulidade.

— Chefe Guerreiro, você pode nos situar?

— É claro. Isso foi depois que a Horda aportou na costa de Pandária. Os Lançanegra não receberam ordens de acompanhar o resto da Horda. Eu achei que era um erro invadir esse lugar, mas Garrosh tava muito feliz de ter uma terra... como foi que ele disse?... “Essa terra é rica em recursos: madeira, pedra, ferro, combustível e pessoas”— citou ele.

— “Madeira, pedra, ferro, combustível e pessoas”— ponderou Tyrande. — Todos listados como “recursos” na mente de Garrosh. Então, você está dizendo a esta corte que acredita que Garrosh desejava *escravizar* os pandarens?

Um suspiro horrorizado percorreu a sala, e Baine se levantou.

— Respeitosamente, eu protesto! — gritou ele. — Qualquer resposta seria a opinião da testemunha, nada mais, e nunca houve qualquer evidência de que Garrosh desejasse escravizar toda uma raça!

— Não — rebateu Tyrande —, alguém que tratou os trolls tão bem *nunca* faria isso!

Os dois se encararam furiosamente, e Taran Zhu soou o pequeno gongo com mais força do que costumava mostrar.

— Eu terei ordem nesta corte! Devo lembrar a todos os presentes que quaisquer explosões de fúria resultarão em confinamento durante todo o julgamento! Chu’shao Murmuréolo, a menos que você possa sustentar essa acusação, sugiro que você mude a sua abordagem.

— Você decidiu que a opinião de uma testemunha seria admissível em corte, Fa’shua.

Taran Zhu pausou e suspirou.

— É verdade. Refaça a pergunta de forma adequada então, por favor.

Tyrande virou-se para Vol’Jin.

— Chefe Guerreiro, o que você acha que Garrosh queria dizer com essas palavras?

— Eu não acho que ele quisesse dizer “escravizar como a Chu’shao Murmuréolo tava tentando dizer. Eu acho que ele só queria ter novos recrutas pra lutar. O grito de guerra dele era “Invadam a praia e pintem esse continente de vermelho!”

— Vermelho com sangue, você quer dizer? Exterminar os pandarens, em vez de escravizá-los?

— Chu’shao! — gritou Taran Zhu antes que Baine sequer conseguisse se levantar. — Você vai parar de colocar palavras na boca da testemunha ou eu vou repreendê-la.

Tyrande se curvou e levantou a mão.

— Entendido, Fa’shua. Por favor, prossiga, Chefe Guerreiro.

— Eu acredito que a intenção dele era tornar Pandária um território da Horda. Muitas pessoas para lutar pela Horda, e a cor da Horda é vermelha. É isso que eu acho que ele quis dizer.

— Mas você não tem certeza?

— Só posso dizer o que eu ouvi e o que acho sobre isso.

— É claro — respondeu Tyrande. Mais uma vez, Goël se encheu de respeito pela integridade de Vol’jin. Era apenas uma opinião, e Vol’jin poderia facilmente ter mentido sobre ela. Mas ele não o fez. Ainda assim, Tyrande levantou a questão, semeou a dúvida e nem os jurados nem os espectadores deixariam de se perguntar o que Garrosh quis dizer com aquilo.

— Então... a horda havia chegado a Pandária — lembrou Tyrande.

— Sem os Lançanegra. Eu fui ver Garrosh. Ele tava furioso e falando as coisas ruins como antes. Mas então, ele pareceu repensar.

— Obrigado. Crona?

A pequenina saltou para a mesa, ativou a Visão do Tempo, e a cena se manifestou.

— Essa é a diferença entre você e eu, Vol’Jin — apontou Garrosh. — Eu não deixarei o *meu* povo morrer de fome no deserto. Não vou parar por nada — *nada* — até garantir um futuro glorioso para os orcs e para qualquer um que tiver coragem de ficar ao nosso lado. Espere aqui.

Ele deu alguns passos e falou quietamente com um dos Kor’kron, Rak’gor Navalha Sangrenta. Go’el franziu o cenho, perguntando-se por que Tyrande não permitiu que o júri escutasse a conversa sussurrada. Garrosh retornou um instante depois, sorrindo.

— Há algo que você pode fazer, troll, para demonstrar o seu valor para a Horda. Uma missão no coração desse continente.

— Eu irei — declarou Vol’Jin, adicionando — Mas só como uma testemunha para o meu povo. Alguém tem que manter um olho em você, Garrosh.

A cena congelou e sumiu. Tyrande voltou a falar com Vol’Jin.

— Você pode nos dizer o que aconteceu nesta missão que Garrosh deu a você e a Rak’gor Navalha Sangrenta?

— Nós fomos procurar um ninho de sauroks — explicou Vol’Jin. — Os batedores informaram que havia magia antiga nas cavernas. Garrosh queria ver o que era.

— E o que você descobriu?

Vol’Jin respirou fundo e respondeu.

— Elas não eram naturais. Navalha Sangrenta me disse que Garrosh tinha descoberto um tipo de ligação entre os sauroks e os mogus. Ele... tava certo.

Outra cena apareceu no centro da arena. Desta vez, Vol’Jin, Navalha Sangrenta e alguns outros que Go’el não reconheceu estavam em uma caverna escura e úmida. O corpo de um saurok enorme sangrava lentamente na água parada. Ovos estavam espalhados em toda parte.

Vol'jin encontrou o ninho. Um rosnado baixo lhe escapou. Ao falar, sua voz era grave e trêmula de raiva.

— Esses mogus... eles fizeram umas mágicas muito sinistras aqui. Os sauroks, eles não nasceram. Eles foram criados. A carne foi moldada e torcida — apontou ele, balançando a cabeça, revoltado. — Essa é a magia mais negra que existe, cara! — Ele virou-se para Navalha Sangrenta, que estava com a arma em punho, claramente esperando o comando para destruir todos os ovos.

Em vez disso, o orc deu um sorriso cruel.

— Sim! —exclamou Navalha Sangrenta. — O poder de moldar a carne, de construir guerreiros. É isso que o Chefe Guerreiro quer!

Go'el desviou o olhar da cena para observar os jurados e os espectadores. Como sempre, os celestiais pareciam indiferentes, mas eles eram os únicos. O resto dos espectadores que observavam essa acusação terrível tinha expressões que variavam de náusea a fúria.

— Garrosh quer brincar de deus? — gritou a imagem de Vol'jin, enfurecido. — Fazendo *monstros*? A Horda não é isso!

Essa foi a frase, pensou Go'el. A frase que, mesmo não tendo sido ouvida por ninguém exceto os poucos camaradas de Vol'jin, fora repetida e transmitida para o mundo. Ela havia guiado Go'el a ajudar a retomar as Ilhas Eco para Vol'jin. Ela permitiu ao líder dos trolls agarrar-se à vida com unhas e dentes para se recuperar e defender a Horda, que era a sua família. Foi o conhecimento de Varian da verdade que o impediu de fazer o que Garrosh queria fazer com o sha, que fez com que o rei humano se recusasse a tomar Orgrimmar e ocupar a cidade.

A Horda não é isso!

E ela nunca seria.

Mas era o que Garrosh queria que fosse, e a cena prosseguiu, sem trégua.

Navalha Sangrenta caminhou até Vol'jin, e o troll olhou para ele com raiva. As narinas do orc se abriram, e ele fez uma cara estranha como se tivesse sentido um cheiro horrível.

— Ele sabia que você era um traidor! — rosnou. Apesar de Go'el saber o que aconteceria, até ele ficou assustado com a velocidade dos movimentos do grande Kor'kron. O golpe da faca durou apenas um segundo, e o sangue jorrou da garganta do troll, que caiu ao chão.

Os espectadores arfaram. A cena sumiu.

— Zazzarik Fryll, você poderia ler as acusações dois, três, quatro, cinco e seis novamente? — solicitou Tyrande ao secretário da corte.

O goblin procurou desajeitado entre vários pergaminhos e começou a ler em voz alta:

— Assassinato.

Tyrande levantou a mão para interrompê-lo, e ele parou, piscando sem entender.

— Assassinato — repetiu ela, levantando um dedo. — Ordenar um membro dos Kor'kron a cortar a garganta de Vol'jin se ele não aprovasse o plano bárbaro de Garrosh. Prossiga, por favor.

— Hum... Transferência forçada da população — declarou o goblin, olhando para ela com expectativa.

Tyrande levantou o segundo dedo, aumentando a contagem.

— Proibir os trolls, que são membros viáveis e respeitados da Horda, de viverem em certas áreas.

— Forçar o desaparecimento de indivíduos.

Três, agora.

— Enviar Vol’jin em uma missão com Navalha Sangrenta, sabendo perfeitamente que Vol’jin acabaria provavelmente morto.

— Escravização.

— Possivelmente de Pandária. Certamente, as mutações sauroks não eram voluntárias.

— Respeitosamente, eu protesto — declarou Baine. — Garrosh não foi responsável pelo que aconteceu aos sauroks.

— Eu concordo com a defesa — declarou Taran Zhu.

— Não, mas a Visão do Tempo deixou claro que ele *queria* ter sido responsável — rebateu Tyrande, e Taran Zhu foi forçado a assentir.

— Eu permitirei o termo “um desejo expresso de escravização”, consentiu o pandaren.

— Tortura.

— Se nós concordarmos que Garrosh planejou fazer algo similar ao que aconteceu aos sauroks. Deformados. Retorcidos. Dobrados e violados. Seres que foram feitos desta forma por nenhum outro motivo senão pelos caprichos de um único orc.

Ela gesticulou.

— Nesta única testemunha, nós temos evidência da metade das acusações contra Garrosh Grito Infernal. *Metade!* Há outras que falarão de assassinato, tortura e dos outros atos desprezíveis que Vol’jin confirmou terem sido realizados por Garrosh. Ele...

— Fa’shua — interrompeu Baine. — Se a acusação não tem mais perguntas e decidi recorrer à oratória, posso ter minha oportunidade de interrogar a testemunha?

Foi um golpe palpável. O rosto de Tyrande ficou vermelho rapidamente.

— Você tem mais alguma pergunta para a testemunha, Chu'shao Murmuréolo? — perguntou Taran Zhu calmamente.

— Eu tenho somente mais uma cena a apresentar, Fa'shua, se me permite. É... de extrema importância. Somente uma pessoa viva a presenciou.

— Por favor, prossiga.

Tyrande recuperou a compostura e assentiu calmamente para Crona.

Go'el pareceu confuso a princípio. Tyrande estava apresentando a mesma cena novamente: Garrosh insultando Vol'jin e se afastando para falar com Rak'gor.

Mas, desta vez, todos puderam ouvir o que Garrosh disse ao Kor'kron.

— Eu não tenho dúvidas de que você poderá confirmar minhas suspeitas — afirmou a imagem de Garrosh, e somente Navalha Sangrenta ouviu. — Veja como o troll vai reagir. Se ele aprovar, poderá viver. Se não, ele é um traidor. Corte a garganta dele.

A cena congelou. Tyrande caminhou até a imagem gigante de Garrosh, com sua imagem congelada em um olhar malicioso. Ela olhou do orc da Visão para o orc real.

Em comparação ao Grito Infernal do passado, presunçoso e severo, o Garrosh atual quase não tinha expressão. Seus olhos, porém, estavam fixados em Tyrande e não na cena capturada. As costas dela estavam eretas, e sua cabeça, altiva. Ela era linda e terrível em sua fúria de retidão, como uma deusa da justiça implacável, intocada pela piedade ou compaixão, com sua respiração rápida e seu coração pulsante. Go'el ficou tenso, esperando pelo que ele sabia que estava por vir. Um discurso passional. O ultraje. O desprezo pelo quão baixo o filho de Grito Infernal caiu. Ela não teria falta de apoiadores em sua dura crítica a Garrosh. O tribunal estava prestes a entrar em revolta.

Finalmente, ela falou.

— Então, agora nós sabemos.

As palavras foram ditas em uma voz baixa, que foi ouvida pelo silêncio da sala em choque. Ela olhou para Garrosh por mais um momento. Então, torcendo os lábios com uma expressão que mostrava seu desprezo melhor do que qualquer coisa que pudesse adicionar, ela virou as costas para ele e disse:

— Sem mais perguntas.



A mente de Baine estava remexida, frenética, tentando desesperadamente pensar em algo que tivesse sequer a mínima chance de desfazer o dano que Tyrande causara ao caso.

Vol'jin era amigo de Baine. Ele sempre respeitou o troll, e os dois se aproximaram desde a morte de Caerne. Não tinha nenhum desejo de interrogar Vol'jin, questionar sua interpretação dos eventos ou tentar desacreditá-lo perante o júri. Mas foi Vol'jin que insistiu para que ele defendesse Garrosh em primeiro lugar.

— Chefe Guerreiro Vol'jin... você é um troll honrado, e tanto a Horda quanto a Aliança entendem isso. Ninguém está duvidando de que esse atentado contra a sua vida realmente aconteceu ou que os trolls foram exilados para as partes menos nobres de Orgrimmar.

Vol'jin aguardou, tenso.

— Agora que você carrega as responsabilidades como Chefe Guerreiro — prosseguiu Baine —, já foi forçado a tomar decisões extremamente

desafiadoras. Posso perguntar qual é a sua política quanto a traidores?

— Respeitosamente, eu protesto! — Levantou-se rapidamente Tyrande. — Como você acabou de decidir, Faʃhua, a habilidade da testemunha de liderar a Horda não está em debate neste tribunal!

— Faʃhua — respondeu Baine —, eu não estou questionando a habilidade dele. Estou somente perguntando o posicionamento de sua política.

Taran Zhu virou a cabeça.

— Isso é relevante para o caso, Chuʃhao?

— Sim.

— É melhor que seja mesmo. Eu concordo com a defesa.

— Eu ainda não tive a oportunidade de lidar com ninguém me traindo — respondeu Volʃjin, adicionando um “ainda”. — A expressão de amizade subitamente sumiu de seu rosto, sendo substituída por preocupação.

— E espero que nunca precise — complementou Baine. — Mas você estava disposto a tirar a vida de Garrosh pelo que ele fez à Horda.

— Eu estava.

— Portanto, você estaria disposto a matar qualquer um que, na sua opinião como Chefe Guerreiro, traísse a Horda?

A tensão na sala era palpável e, pela primeira vez desde que o julgamento começou, ela não estava direcionada a Garrosh. Baine conseguia sentir o peso do que estava acontecendo, mas não podia recuar.

— Sim, desde que...

— Só responda à pergunta, Chefe Guerreiro, por favor.

Volʃjin o observou atentamente e disse, por entre os dentes:

— Sim.

Baine se virou, aliviado por não precisar mais encarar Vol'jin e assentiu para Kairoz, que estava sentado quieto, com uma expressão obscura, claramente ansioso para usar suas habilidades. Ele praticamente saltou para operar a Visão do Tempo.

Baine soltou o ar pelas narinas, resistindo ao ímpeto de caminhar inquieto enquanto a cena se manifestava. Eram Garrosh e Vol'jin em um diálogo, o mesmo que Tyrande mostrara, mas a elfa noturna terminou a cena prematuramente. Baine queria que o júri visse o resto do desenrolar. A cauda dele balançava nervosamente ao observar.

— Tu não é meu Chefe Guerreiro — declarou a imagem de Vol'jin em uma voz controlada. — Tu não ganhou meu respeito, e eu não vô vê a Horda destruída por um idiota com sede de guerra.

— Pare aí — pediu Baine. Ele virou para encarar os Celestiais Majestosos intensamente. — Isso é importante, e eu vou enfatizar bem. O que vocês acabaram de ver, por evidências que nós sabemos que são fatos, foi o seguinte: um indivíduo da Horda acabou de dizer ao orc que foi corretamente apontado como Chefe Guerreiro o seguinte: “Tu não é meu Chefe Guerreiro.”

Com um timing perfeito, Kairoz atrasou um instante para deixar que a importância do que Baine disse se assentar, e continuou a cena.

— E o que exatamente você vai fazer quanto a isso? — gritou Garrosh. — Suas ameaças são vazias. Vá se esconder com o resto da sua laia nas favelas. Eu não vou mais aturar lixo como você na minha sala do trono.

— Eu sei exatamente o que vou fazer, filho do Grito Infernal. Eu vou observar e esperar enquanto o povo percebe o quão despreparado tu é. Eu vou rir enquanto eles começam a te desprezar como eu. E, quando chegar a hora, a sua falha estiver completa e o seu “poder” for insignificante, eu estarei lá pra acabar com o seu reinado rápida e silenciosamente.

A cena parou. As pessoas se mexeram nos assentos.

— Vol’jin chamou o chefe guerreiro devidamente apontado de “inepto”. Ele disse “desprezar” Garrosh. Ameaçou “acabar com o reinado” dele. De que mais essas palavras podem ser chamadas se não de traição? E qual é o destino reservado para os traidores da Horda, de acordo com Vol’jin, seu líder atual?

— Respeitosamente, eu protesto! — Pela primeira vez desde que o julgamento começou, Tyrande pareceu realmente no limite. Baine havia perturbado a elfa noturna ao ponto de fazê-la perder sua pose eterna. — A defesa está assediando a testemunha!

— Ele não está sequer falando com a testemunha — disse Taran’Zhu.

— O que Vol’jin fez ou não, disse ou não disse, não é pertinente! — gritou Tyrande.

— Com todo respeito, Fa’shua, eu acredito que seja — rebateu Baine. — Acredito que Garrosh tenha se sentido ameaçado por Vol’jin e o considerado um traidor. Eu acredito que Garrosh tenha sentido a própria vida ameaçada.

— Eu ouvi o descontentamento sendo expressado, mágoa e desrespeito, Chu’shao — disse Taran Zhu. — E uma possível ameaça de que Garrosh não estivesse liderando a Horda. Mas Go’el abdicou em paz. Apesar de Vol’jin estar claramente descontente e desrespeitoso, eu não vejo nenhuma ameaça física.

Ele poderia ter parado. Já havia provado seu ponto, de que Garrosh poderia ter agido dentro da lei e de seu direito, de matar Vol’jin se entendesse que o troll estaria tentando depô-lo. Mas Baine sabia que isso não era o suficiente. Os Celestiais Majestosos viram Garrosh arquitetar um ato de violência contra Vol’jin. Eles precisavam ver o outro lado.

Odiando o fato de ter que chegar a esse ponto, mas determinado a cumprir seu dever, Baine declarou:

— Solicito permissão para terminar o diálogo. Acredito que seja de extrema importância.

Taran Zhu olhou para todos e assentiu.

— Prossiga.

Baine não podia encarar nem o Vol'jin de verdade, nem sua imagem. Ele manteve os olhos nos Celestiais enquanto a Visão do novo líder da Horda falava.

— Tu vai passar teu reino todo olhando por cima dos ombros e com medo das sombras.

Baine fechou os olhos momentaneamente.

— Porque quando chegar a hora e teu sangue tiver se esvaindo, tu vai saber exatamente quem atirou a flecha que perfurou esse teu coração negro.

— Você selou seu destino, troll — rosnou o Garrosh do passado, cuspendo aos pés de Vol'jin.

— E tu selou o teu, Chefe Guerreiro.

A imagem sumiu.

Silêncio. Baine ainda não conseguia encarar Vol'jin e, em vez disso, voltou a atenção para Taran Zhu.

— Sem mais perguntas para a testemunha, Fa'shua. — E o pandaren assentiu, observando Baine com o que pareceu um traço de pena.



As portas do salão se fecharam atrás de Anduin e, por sua própria solicitação, ele estava sozinho na sala com o genocida.

Anduin se serviu de um copo d'água e bebeu. Percebeu que, desta vez, ele não tremia tanto. Garrosh, acorrentado como sempre, estava sentado em suas peles observando o príncipe humano.

— Eu gostaria de saber o que você achou do testemunho de Vol'jin — declarou Garrosh.

Anduin pressionou os lábios.

— Se vamos manter a nossa barganha, você deve me dizer algo antes, desta vez.

Garrosh soltou uma risada grave e melancólica.

— Eu lhe direi, então, que acredito que o dia de hoje acabou com qualquer esperança que eu tivesse de sair desta cela para qualquer outro lugar que não seja a minha execução.

— Não... o julgamento não foi nada bem — concordou Anduin. — Mas o que o faz dizer isso especificamente?

Garrosh o olhou como se ele fosse um idiota.

— Eu ameacei Vol'jin, expulsei o povo dele e tentei matá-lo. Isso certamente deve ser o suficiente.

Anduin deu de ombros.

— Ele o ameaçou também, não honrou o seu título e jurou, na sua frente, que o mataria. Podia ter facilmente reunido seguidores para fazer isso em Orgrimmar se não pudesse fazê-lo pessoalmente. Talvez você tenha banido o povo dele não por odiá-los, mas por temê-los.

Gritando enfurecido, o orc ficou de pé tão rápido que Anduin saltou para trás. Com seu grito de fúria, os irmãos Chu entraram correndo.

— Está tudo bem! — avisou Anduin, levantando uma mão e forçando um sorriso. — Nós estamos só... debatendo.

Li e Lo trocaram olhares. Li observou Garrosh lentamente, avaliando-o.

— Pareceu mais do que isso. — O orc estava em silêncio, mas respirava ofegante e seus punhos se cerravam e se abriam.

— Não foi — respondeu Anduin.

Lo disse calmamente:

— Prisioneiro Grito Infernal, você irá se controlar. Falar com Sua Majestade é um privilégio que será revogado rapidamente se acreditarmos que ele está em perigo. Você entendeu?

Por um instante, pareceu que Garrosh tentaria escapar pelas grades e pegar Lo. Então, ele se sentou, com as correntes balançando.

— Eu entendi — respondeu ele, ainda nervoso, mas controlado.

— Pois bem, deseja prosseguir, Majestade?

— Sim — respondeu Anduin. — Obrigado, vocês podem ir.

Os irmãos o saudaram e partiram, mas Li ainda deu mais um olhar de aviso a Garrosh antes de subir a rampa.

— Eu teria matado você se não houvesse barras entre nós — rugiu Garrosh suavemente.

— Eu sei — respondeu Anduin. Estranhamente, ele não sentia medo. — Mas elas estavam aqui.

— De fato. — Garrosh respirou fundo e prosseguiu. — Eu nunca tive medo de tentativas covardes de me tirar a vida. Eu *nunca* tive medo de Vol'jin.

— Então, por que você não o desafiou para um mak'gora? — rebateu Anduin, recuperando-se. — Por que fazer algo pelas costas, algo que vai contra as suas tradições, se você não estava com medo de uma luta justa? Esse é o jogo que os covardes jogam. Esse é o jogo que Magatha jogou.

— Eu pensei que você fosse honrado, mas você usa golpes baixos, moleque.

— Eu falo a verdade, Garrosh. É por isso que você está furioso, não é? Não é pelo que os outros pensam sobre você, é pelo que você pensa sobre si mesmo.

Anduin esperava outro arroubo de fúria, mas, desta vez, Garrosh voltou a fúria para dentro. Somente seus olhos mostravam a raiva.

— Eu nunca esqueci as tradições do meu povo — disse ele, em uma voz tão suave que Anduin se esforçou para entender. — Eu repito o que disse a Vol'jin. Se estivesse livre, eu não pararia por nada para garantir um futuro orgulhoso e glorioso para os orcs, e qualquer um que ficasse ao nosso lado.

— E se a Aliança ficasse ao seu lado?

— O quê?

— E se a Aliança ficasse ao seu lado? Você lutaria realmente pela glória e o orgulho dos orcs ou pela sua? — As palavras não foram planejadas; elas saíram quase como se tivessem vida própria. Mesmo enquanto falava, Anduin se deu conta de que eram absurdas. E, ainda assim, algo dentro de si sussurrou. *Não, não é absurdo. Não é impossível. Pode haver paz.* Ninguém precisa desistir desse futuro. União, trabalho em equipe pelo bem de todos... o que poderia inspirar um orgulho mais verdadeiro e trazer uma glória mais duradoura?

Não era isso, em vez da matança, que fazia os verdadeiros heróis?

Garrosh olhou para ele chocado, com a boca aberta, descrente.

A respiração de Anduin ficou mais lenta enquanto o momento se expandia entre eles. Ele não ousou falar novamente, para não atrapalhar.

Por fim, Garrosh falou.

— Saia daqui.

O desapontamento fez todos os ossos do corpo do garoto doerem, como se lamentassem.

— Você está mentindo, Garrosh Grito Infernal. — declarou Anduin suavemente, triste.

— Há algo pelo que você pararia. Você pararia pela paz.

E, sem dizer mais nada, Anduin se levantou, subiu a rampa e bateu na porta. Ela se abriu em silêncio, e ele saiu, sentindo o olhar de Garrosh em suas costas.

Jaina estava sozinha em sua tenda no Pico Violeta, lavando-se para o jantar. Localizado ao noroeste do Templo do Tigre Branco, o Pico Violeta foi a base de operações da Ofensiva Kirin Tor. Atualmente, ele também hospedava

Varian e Anduin, assim como vários magos poderosos, Vereesa, Kalecgos e a própria Jaina. Ela vestiu-se com roupas menos formais e lavou o rosto na bacia. Estava praticamente vibrante. O testemunho de Vol'jin foi destruidor. Ela nunca interagira com o troll, e a Luz sabe que a raça deles sempre foi tão perigosa para os humanos e para as outras raças da Aliança mesmo antes da Horda existir. Foi divertido, de certa forma, ouvi-lo falar sobre as várias raças da Horda quando se leva em conta o histórico dos trolls de supremacia racial. Mesmo assim, ela ficou muito feliz com tudo o que ele disse em corte.

— Jaina?

— Kalec! Pode entrar.

Ele levantou a cortina, mas não entrou. O bom humor dela sumiu ao ver o rosto dele.

— O que aconteceu?

— Gostaria de caminhar comigo um instante?

Estava chovendo, parecia chover por lá o tempo todo, mas Jaina disse:

— É claro.

Ela saiu da tenda colocando um capuz, e Kalec fechou a cortina logo em seguida. As mãos deles se encontraram e se seguraram. Jaina disse a Nelphi, um jovem aprendiz astuto que ajudava todos os magos no Pico Violeta, que se ausentaria por algum tempo, mas que eles não precisavam atrasar o jantar por conta dela.

Os dois caminharam pela grande praça calçada onde os outros magos realizavam seus afazeres normalmente. Ainda de mãos dadas em silêncio, eles desceram a grande escadaria, que no passado servira aos mogus, em direção ao rio, fazendo caminho pela trilha abandonada. Ao virarem para a esquerda passando pelo Bosque das Sombras, Jaina se deu conta de que Kalec estava levando-a para a pequena praia no final do caminho. Os

guardiões arcanos estacionados ali para guardar o caminho não se importaram, seguindo seus deveres de vigilância programados. Jaina se concentrou em caminhar em segurança pelas pedras molhadas e escorregadias, cada vez mais convencida de que ela não gostaria da conversa que estava prestes a ter.

Ao chegar à praia, Jaina não pôde evitar de se lembrar de quando caminhou por uma praia parecida, na Costa Tenebrosa, fora da cidade murada que não existe mais. Ela se lembrou de ver o dragão azul voando, buscando um lugar para pousar, e lembrou-se de correr para abraçá-lo.

O rosto dele se iluminou ao vê-la. Eles falaram daqueles que vieram para ajudá-la a enfrentar a Horda. Jaina falou de sua preocupação pelo general ter levado a batalha para o lado pessoal.

Ela se lembrou do que disse a ele: *Se alguém deveria estar ressentido e odioso, deveria ser eu. Mas eu ouço as coisas que alguns deles falam sobre a Horda, em termos cruéis e insultos, e sinto tanto arrependimento. Meu pai não queria só vencer. Ele odiava os orcs. Ele queria esmagá-los e arrancá-los da face de Azeroth. Assim como alguns desses generais.*

Anduin estava certo. As pessoas mudavam sim. E, agora, ela era uma daquelas que reprovava mentalmente no passado.

Foi naquele momento que Kalec expressou pela primeira vez, hesitante, seu desejo de ser mais do que apenas um amigo. Ele prometeu ajudá-la a defender seu lar. *Eu não faço isso pela Aliança ou por Theramore. Eu faço isso pela senhora de Theramore.* E beijou a mão dela.

Eles ficaram ainda mais unidos quando Kalec lutara para não se perder sob a influência do artefato que revelara a verdadeira história por trás da criação dos Aspectos Dragônicos. Mas os eventos dos últimos meses colocaram novamente uma distância entre eles, e ele acabara de chegar a

Pandária. Agora ele a olhava com amor, mas também com infelicidade, e ela sentiu um frio que não tinha nada a ver com o ar gélido do mar.

Por um instante, ele simplesmente observou os barcos da Aliança na água e a bela luz violeta na parte mais alta da torre. Ela flutuava bem acima da plataforma de levitação. Signos no formato do olho do Kirin Tor a rodeavam, fazendo-a parecer um farol, uma luz na tempestade.

O humor negro a fez rir.

— Primeiro, um pântano. Agora, a chuva. Um dia, nós vamos encontrar uma praia de verdade.

Quando ele não respondeu com um comentário sarcástico, ela se sentiu fria por dentro. Respirou fundo e se virou para ele, segurando as duas mãos dele nas dela.

— O que foi? — perguntou ela, temendo já saber a resposta.

Como resposta, ele a segurou nos braços e a abraçou forte, colocando o rosto contra os cabelos brancos dela. Ela colocou os braços em torno da cintura dele e sentiu o perfume enquanto ouvia o coração de Kalec. Logo depois, ele gentilmente se separou e a encarou.

— Esta guerra já levou tanta coisa de você, e não só coisas físicas — começou Kalec. Ele acariciou um cacho de cabelo que caíra em frente aos olhos dela, passando entre os dedos os únicos fios loiros que lhe restavam.

— Você se tornou tão...

— Dura? Amarga? — Ela lutou para não deixar que seu tom de voz acompanhasse as palavras.

Ele assentiu, triste.

— Sim. Como se o processo da dor nunca parasse para você.

— Eu preciso listar o que aconteceu? — falou ela duramente, mas sem se arrepender. — Você estava lá em grande parte das vezes!

— Mas não em todas. Você não me pediu para vir com você para Pandária.

Ela olhou para baixo.

— Não. Mas não significa que eu não...

— Eu sei — interrompeu ele, gentilmente. — Eu estou aqui agora e feliz em estar, e espero continuar com você, aconteça o que acontecer. Eu quero ajudar, Jaina. Mas você parece gostar desse lugar escuro onde o seu coração ficou. Eu observo você na corte todos os dias e vejo alguém com mais ódio do que amor. Garrosh pode tê-la colocado lá. Mas você está ficando neste lugar por vontade própria.

Ela deu um passo para trás, olhando para ele.

— Você acha que eu gosto disso? Que eu gosto de ter pesadelos e sentir tanta raiva que parece que vou explodir? Você não acha que eu tenho o direito de estar satisfeita, ou até feliz, por alguém que fez tantas coisas ruins estar recebendo o que merece?

— Eu *não* acho que você goste, e eu *acredito* que você tenha direito a sentir-se desse jeito. O que me preocupa é que esses sentimentos não acabarão com esse julgamento.

Uma veia pulsou em sua têmpora, e ela colocou a mão sobre ela.

— O que o faz pensar que eles não acabarão?

— Lembrar do quão ansiosa você estava para que Varian desfizesse a Horda.

— Eu não acredito que você...

— Me escute, por favor — implorou ele. — Pense por um momento em como você se sentiria se Varian tivesse feito o mesmo que Garrosh. Digamos que ele decidisse que a Aliança devesse ser formada só por humanos. Que ele decretasse que os Draenei só poderiam ficar em Ventobravo se vivessem em favelas. Se ele ordenasse que Tyrande fosse

assassinada se não concordasse em criar uma legião de sátiros para lutar em seu exército. Os gnomos e anões sendo tolerados meramente como força de trabalho. Ele fica sabendo que um artefato localizado no local mais belo de Azeroth, um local extremamente sagrado. Ele destrói o lugar para pegar o que quer. Ele...

— Chega — pediu Jaina. Ela estava tremendo, mas não conseguia identificar a emoção. — Você provou o seu ponto.

Ele ficou em silêncio.

— Eu não destruí Orgrimmar. E eu poderia ter feito isso. Facilmente — apontou ela.

— Eu sei.

— Você se lembra quando me disse que ficaria e lutaria a Batalha de Theramore? — Ele mordeu o lábio e assentiu. — Eu estava frustrada com os generais pelo ódio deles pela Horda. E você me perguntou se o ódio os tornaria pouco confiáveis em batalha.

— Eu me lembro — respondeu ele. — Você também disse que não importava como você se sentia e como eles se sentiam. E eu disse que importava sim, e muito. Mas defender a cidade era a coisa mais importante no momento. Assim como era derrotar Garrosh, quando todos nós, Aliança e Horda, estávamos tentando derrubá-lo.

— Então... você quer dizer que agora que nós o derrubamos, que ele está em julgamento, as diferenças entre... entre nós... elas importam novamente?

Ele sussurrou:

— Sim.

Lágrimas escorreram dos olhos dela.

— Quanto? — perguntou, em voz baixa.

— Eu ainda não sei. E não vou saber até ver quem nós somos no fim de tudo isso. Se você continuar se apegando a esse ódio, Jaina... ele vai devorá-la. E eu não poderia ver isso acontecer... perder você para isso. Eu não quero perder você, Jaina!

Então não me deixe, gritou o coração dela, mas a voz ficou calada. Ela sabia o que ele queria dizer com aquilo e ia muito além de uma separação física. Não era uma briguinha de namorados sobre alguma tolice. Isso era uma questão de quem eles eram, no interior. E se podiam ou não ficar juntos se o maior desejo dos corações deles era conflitante.

Então, Jaina não discutiu. Ela não prometeu mudar, nem ameaçou partir. Ela simplesmente colocou os braços em volta dele e o beijou com todo o amor de seu coração. Com um som que misturava amor e dor, Kalecgos a puxou para si, segurando-a como se nunca mais fosse soltá-la.

Era uma noite linda na cidade de Luaprata. Thalen Tececanto, vestido informalmente com meias, calças e camisa de algodão aberta, abriu as janelas para deixar o ar noturno entrar, fazendo com que as finas cortinas balançassem no ar. Sons suaves ecoavam pelo luxuoso apartamento no Real Erário. Ele estava deitado na cama, fumando um narguilé de lócus negra e glória-sonhadora. A combinação normalmente relaxante estava falhando esta noite. Apesar dos sentidos estarem entorpecidos, a agitação permanecia e suas sobrancelhas brancas marcavam a preocupação em seu rosto ao refletir sobre a situação atual.

Há pouco tempo, sua posição era invejável. Ele havia ajudado de várias formas seu chefe-guerreiro, Garrosh Grito Infernal: primeiro, fingindo ser um devotado e confiável membro do Kirin Tor enquanto se reportava de volta a Garrosh, e depois... bem. Basta dizer que a história

nunca se lembrará de Theramore por como ela foi fundada ou como evoluiu, mas por como fora obliterada.

O pensamento fez o elfo sangrento sorrir enquanto brincava com a miniatura da bomba de mana, uma réplica em pequena escala da que ele havia criado. Ele as dera como um pequeno agradecimento aos membros da Horda que o libertaram de sua prisão em Theramore. Ele sabia que era de extremo mau gosto, mas ainda era bem divertido.

Porém, mesmo refletir sobre aquele momento de glória não o fez se sentir confortável naquela noite. Ele suspirou, levantando-se e caminhando até a janela. Debruçou-se e observou. Apesar da casa de leilões estar sempre aberta, as ruas estavam quietas a esta hora. Diferente de seus primos kaldorei, os elfos civilizados conduziam a maior parte dos negócios com o sol brilhando sobre si. Se ele quisesse ver atividade durante a noite, teria comprado uma residência na Travessa do Assassino.

Estava tudo indo tão bem. Então, todos se voltaram contra Garrosh. As narinas aquilinas de Thalen se abriram. Até mesmo seu líder, Lor'themar Theron, se recusara a ajudar o chefe guerreiro. Fracos, todos eles. Agora, o destino de Garrosh estava sendo decidido por um bando de ursos falantes e um grupo de espíritos brilhantes, ou o que quer que fossem. Loucura absoluta.

Ele olhou com carinho para sua casa luxuosa. Suspeitava que em breve seria sábio deixá-la. Theron estava ocupado demais derrubando o chefe guerreiro para se importar com um arquimago solitário, mas, quando tivessem decidido o que fazer com Garrosh, sem dúvida o líder dos sindorei se lembraria daquele incidente em Theramore e elfos como Tececanto, os que eram verdadeiramente leais à Horda, se tornariam inconvenientes. Quem sabe, se Theron continuasse se aproximando da Aliança, ele podia até pedir uma extradição.

A mão de Thalen foi para sua garganta delgada, acariciando-a pensativo. Ele gostava bastante da cabeça presa a ela.

Tais pensamentos melancólicos. Talvez uma bebida na Estalagem de Luaprata o ajudasse a dormir melhor. Ele estava prestes a fechar a janela quando parou ao avistar dois enormes lobos negros entrando no Erário. Por um momento, ele não deu muita atenção, presumindo que os orcs encapuzados fossem aventureiros a fim de descarregar seus tesouros recentes na casa de leilões. Mas eles cavalgaram direto pela casa de leilões e pelo banco, parando diretamente sob sua janela. Ele viu que eram duas fêmeas. Uma baixara o capuz e estava olhando em volta, defensiva. O capuz da outra escondia as feições da cavaleira.

A inquietude lutara com a curiosidade, sua maldição. Thalen pensou com tristeza: *Bem, que seja uma bravata até o fim...*

— Saudações, amigos ou inimigos — chamou ele, com uma voz retumbante. — Eu não sei exatamente o que vocês são. Ou vieram me prender ou são meus salvadores da prisão desagradável em Theramore que vieram me visitar, como eu havia convidado.

A cavaleira encapuzada levantou o rosto. A visão era apenas para seus olhos e era a visão orgulhosa de uma orquisa de pele acinzentada.

— Nenhum dos dois, mas amigos, ainda assim. Viemos buscar a sua ajuda em um assunto muito importante e cheio de glória.

Zaela, a líder do clã Presa do Dragão, sorria ferozmente para ele.

— Ora, ora — exclamou ele — Eu pensei que você estivesse...

— Eu estou viva e bem, e estou feliz que você esteja também. — O coração dele saltou com as palavras seguintes dela. — Como você disse, alguém resgatou você um dia, quando definhava no cativeiro. Acredito que você seja o tipo de pessoa que se importaria em retornar o favor.

*Dia quatro*

Tyrande olhou para Goël, sentado na cadeira de testemunha, e riu suavemente, balançando a cabeça. Taran Zhu franziu o cenho.

— Chu’shao, você precisa de um instante?

— Não, Fa’shua, peço perdão à corte. Eu estava simplesmente tentando pensar em como apresentar Goël.

— Deixe que ele mesmo se apresente — sugeriu Taran Zhu.

Tyrande levantou uma sobrancelha, convidando o orc a falar.

Goël olhou para os celestiais e dirigiu a palavra a eles.

— Meu nome é Goël. Eu sou o filho de Durotan e Draka, companheiro de vida de Aggralan, filha de Ryal. Pai de Durak. Líder da Harmonia Telúrica.

— Você pode nos falar mais sobre a Harmonia Telúrica e o que ela faz por Azeroth?

— A Harmonia Telúrica é uma organização composta por xamãs de todas as raças — explicou ele. — Lá não há conflito, apenas cuidamos do nosso mundo. Nosso dever atual e mais premente é trabalhar com os elementais para curá-los da destruição causada pelo Cataclismo.

— Mas você pessoalmente fez mais do que a maioria dos xamãs, após o Cataclismo — prosseguiu Tyrande. — Você foi essencial na derrota da própria causa do Cataclismo, o Aspecto Dragônico corrupto, Asa da Morte.

— Foi uma honra ajudar.

— Você fez mais, Xamã do Mundo Go'el, mas, por enquanto, eu gostaria que você falasse à corte sobre outro nome, outro título que você manteve no passado. Você pode nos explicar quais eram seus deveres antes das suas atividades heroicas na proteção do nosso mundo?

— Com todo o respeito, eu protesto — declarou Baine, claramente relutante.

— Fa'shua, eu estou apenas estabelecendo a natureza do caráter da testemunha — explicou Tyrande. — Como todos sabem, Go'el é um indivíduo realmente extraordinário.

— Eu não discordo de você, Acusadora, mas prossiga. Go'el, por favor, responda à pergunta.

— No passado, fui conhecido como Thrall, Chefe Guerreiro da Horda.

— Thrall é um nome interessante — refletiu Tyrande. Ela já se recuperara do momento anterior de humor confuso e agora caminhava tranquilamente pelo tribunal. — Pode nos dizer como o recebeu?

— A palavra significa “escravo” em uma antiga língua bárbara — respondeu Go'el. — Meus pais foram assassinados. Eu fui encontrado por um humano, Aedelas Pantanegro, que me deu o nome e me criou para ser um gladiador. Mais tarde, eu descobri que sua intenção era me usar como líder de um levante de orcs contra a Aliança.

— Obviamente, você não o fez — apontou Tyrande. — O que aconteceu?

— Eu escapei de Pantanegro e comecei a libertar os orcs dos campos de concentração.

— Quando foi isso?

— Alguns anos antes da chegada da Legião.

Tyrande assentiu.

— Você construiu um exército de orcs libertados, não foi?

— Sim.

— E o que você fez com esse exército?

— Eu os liderei contra o centro de controle dos campos de concentração, o Forte do Desterro. Eu derrotei Pantanegro e conquistei a liberdade do meu povo. Depois de algum tempo, eu os levei a cruzar o oceano, para Kalimdor, e fundei uma nova terra e cidade: Durotar e Orgrimmar.

— Orgrimmar em homenagem a Orgrim Martelo da Perdição e Durotar em homenagem ao seu pai, Durotan. Uma terra e uma cidade para orcs — apontou Tyrande.

— Seria uma nova terra natal para os orcs, sim — confirmou Go'el.

— Só para os orcs?

— Não. Eu encontrei poderosos e bravos aliados em Sen'jin, líder dos trolls Lançanegra e, mais tarde, em seu filho, Vol'jin. Os tauren, como eu disse abertamente, são o coração da Horda, e Carne Casco Sangrento era meu irmão. A Horda cresceu e acolheu os Renegados, os síndorei, uma parte da população goblínica e agora está aberta a qualquer pandaren que deseje se juntar a nós e acredite em nossos ideais.

— Alguns acreditam que essas escolhas diluíram a verdadeira Horda.

Goël observou Garrosh, que estava sentado em seu lugar de costume, ao lado de Baine. Garrosh o encarou fixamente.

— Eu acredito que elas fortaleceram a Horda, e não o contrário.

— Quando você abdicou e por quê?

— Foi logo depois da derrota do Lich Rei — explicou Goël. — Logo depois que o Cataclismo sacudiu Azeroth. Eu parti para Nagrand para estudar com os xamãs de lá. Para entender o que estava perturbando os elementos. A Horda precisava de um líder enquanto eu estivesse fora. Mais tarde, quando dominei minhas habilidades, juntei-me aos outros que estavam trabalhando para acalmar os elementos e salvar o nosso mundo.

— Você apontou Garrosh Grito Infernal para ficar em seu lugar, não foi?

— Sim. — A mandíbula de Goël se apertou, mas sua voz se manteve civilizada.

— Quais foram as suas razões?

— Garrosh agiu muito bem e com honra em Nortúndria. Ele era jovem, corajoso, um símbolo de esperança e vitória para um povo desgastado pela guerra e pelos horrores do Flagelo.

— Você teve algum receio?

— Eu teria receios com qualquer pessoa que apontasse. Eu teria me perguntado, por exemplo, se o fardo da liderança seria muito pesado para alguém que fosse muito velho. Ou se o fato do candidato não ser um orc levaria ao descontentamento. Nenhuma escolha era perfeita. Garrosh parecia conhecer as próprias limitações e havia muitos que poderiam aconselhá-lo.

Tyrande acenou para Crona.

—Se a corte me permite, gostaria de mostrar uma Visão exibindo este processo.

A cena se formou no centro da arena, um momento do qual Goël se lembrava bem.

— Você vai retornar logo? — Goël piscou, surpreso com a falta de autoconfiança na voz de Garrosh na Visão. Ele havia realmente esquecido o quão desconfortável Garrosh fora no passado com sua origem... e consigo mesmo.

— Eu... não sei. — Goël se viu e se ouviu dizer. — Pode ser que eu demore a aprender o que preciso. Acredito que não precise ir por muito tempo, mas podem ser semanas, até meses.

— Mas... a Horda! Nós precisamos de um Chefe Guerreiro!

— É pela Horda que eu vou. Não se preocupe, Garrosh. Eu não os estou renegando. Viajo para onde preciso para servir como eu preciso. Todos nós servimos à Horda. Até mesmo o Chefe Guerreiro... talvez, especialmente o Chefe Guerreiro. E eu sei bem que você a serve fielmente também.

— Sim, Chefe Guerreiro. Foi você que me ensinou a ter orgulho de meu pai, pelo que ele se propôs a fazer pelos outros. Pela Horda. Eu não faço parte dela há muito tempo. Mas, ainda assim, eu já vi o bastante para saber que, como meu pai, eu morreria por ela.

Goël viu a cara de surpresa de várias pessoas no templo ao verem Garrosh do passado falando com tal sinceridade. Por muito tempo, o único Garrosh que eles viram ou ouviram falar era o destruidor de Theramore. Goël questionou a sabedoria de Tyrande ao mostrar isso. Certamente, isso geraria alguma simpatia por Garrosh.

— Você já enfrentou e venceu a morte — declarou Thrall. — Você matou muitos dos lacaios dela e já fez mais por esta nova Horda do que muitos dos que estão nela desde o início. E saiba disto: eu nunca me

ausentaria sem apontar alguém capaz de tomar conta dela, mesmo que brevemente.

— Você... você está me tornando o Chefe Guerreiro? — Tanta surpresa em um rosto tão jovem...

— Não. Mas eu o estou instruindo a liderar a Horda em meu nome até o meu retorno.

Garrosh procurou as palavras.

— Eu entendo de guerra, sim. De táticas, como organizar as tropas. Eu entendo de todas essas coisas. Deixe-me servir desta forma. Encontre um inimigo para eu enfrentar e derrotar, e você verá com quanto orgulho eu continuarei a servir à Horda. Mas eu não entendo nada de política... de... de governo. Eu prefiro uma espada em minha mão do que um pergaminho!

— Eu entendo isso — respondeu Thrall. — Mas você não ficará sem bons conselheiros. Eu pedirei a Eitrigg e Caerne, dois dos que compartilharam sabedoria comigo ao longo dos anos, para guiá-lo e aconselhá-lo. Política pode ser aprendida. Seu verdadeiro amor pela Horda? Isso é mais importante do que perícia política no momento. E isso, Garrosh Grito Infernal, você tem de sobra.

Ainda assim, Garrosh parecia estranhamente hesitante. Por fim, ele disse:

— Se você me considera merecedor, saiba então o seguinte. Eu farei tudo o que puder para trazer glória à Horda!

— Nós não precisamos de glória no momento — explicou Thrall. — Haverá desafios suficientes para você sem nenhum esforço extra. A honra da Horda já está garantida. Você só precisa tomar conta dela. Colocar as necessidades dos outros antes da sua própria, como fez seu pai. Os Kor'kron estão instruídos a protegê-lo como se fosse eu. Parto para Nagrand como um xamã, não como Chefe Guerreiro da Horda. Faça bom

uso deles, assim como de Caerne e Eitrigg. Você iria para a guerra sem armas?

Garrosh pareceu confuso.

— Essa é uma pergunta tola, Chefe Guerreiro, e você sabe disso.

— Sim, eu sei. Só quero ter certeza de que você entenda o quão poderosas são as suas armas — explicou Thrall. — Meus conselheiros são minhas armas quando eu luto para sempre fazer o que é melhor para a Horda. Eles veem coisas que eu não vejo, apresentam opiniões que eu nunca tive. Só um tolo abriria mão de tais coisas. E eu não acredito que você seja um.

— Eu não sou um tolo, Chefe Guerreiro. Você não me pediria para servir desta forma se me achasse um.

— É verdade. Então, Garrosh, você concorda em liderar a Horda até o meu retorno? Recebendo conselhos de Eitrigg e Caerne quando eles os oferecerem?

Garrosh respirou fundo.

— Eu realmente desejo liderar a Horda da melhor maneira que puder. Portanto, sim, mil vezes sim, Chefe Guerreiro. Eu liderarei o melhor que puder e consultarei os conselheiros que você apontou. Eu entendo a imensa honra que você me concedeu e farei de tudo para ser digno dela.

— Então, está feito — declarou Thrall. — Pela Horda!

— Pela Horda!

— Pare aí, por favor. — A cena congelou. Tyrande caminhou até as enormes figuras congeladas, olhando cuidadosamente para o jovem Garrosh. Ele parecia feliz e profundamente comovido. Então, ela se virou e olhou para o Garrosh do presente, silencioso, acorrentado, com os olhos meio fechados ao encará-la. Ela não precisou dizer nada, como Goël

percebeu. O contraste entre as duas versões de Garrosh Grito Infernal não podia ser mais agudo.

Ela balançou a cabeça, como se não conseguisse acreditar nas evidências diante de seus olhos, e continuou.

— Por favor, conte-nos o que aconteceu depois que você partiu, presumivelmente por um breve período de tempo.

— O Cataclismo aconteceu — explicou Goël. — Minhas habilidades xamânicas foram mais necessárias do que eu ou qualquer um poderia prever.

— Então, o que o impediu de retornar? Seus estudos?

— A princípio. Depois, eu fui até a Voragem, para ajudar a Harmonia Telúrica em seus esforços para acalmar os elementos, como eu disse antes. Mas depois que Asa da Morte explodiu em nosso mundo, minhas habilidades com os elementos, especialmente da terra, se mostraram muito importantes.

— Eu diria absolutamente vitais para a destruição dele — apontou Tyrande. Ela olhou rapidamente para Baine, esperando um protesto, mas nada ocorreu. — Na ausência do Neltharion original, não corrompido, não havia nenhum Guardião da Terra, correto?

— Sim. — Goël se moveu desconfortável.

— E só você era poderoso o suficiente para controlar o elemento da terra contra Chromatus e a Alma Demoníaca contra Asa da Morte, não é verdade?

— Sim — respondeu Goël. — Mesmo assim, nós teríamos fracassado sem a ajuda de muitos outros, de ambos os lados. E eu digo novamente que qualquer outro xamã capaz teria tomado para si os riscos sem pensar duas vezes.

— Mas não havia mais ninguém capaz — pressionou Tyrande.

— Não. — respondeu Goël. Ele não gostava de ser visto, nem temporariamente, como um igual aos Aspectos ou receber crédito por qualquer ato de heroísmo espetacular quando sabia que, no fundo, qualquer membro da Harmonia Telúrica teria feito o mesmo se pudesse.

— E depois da queda de Asa da Morte, você retornou à Voragem, onde continuou seu trabalho, correto?

— Sim.

— Neste ponto, notícias do que Garrosh começara a fazer chegaram aos seus ouvidos.

Ele olhou firme para ela e respondeu:

— Sim.

— Muitos acreditam que você deveria ter retornado para liderar a Horda quando isso começou.

— Os que dizem isso não estiveram comigo na Voragem — respondeu Goël. — Qualquer membro da Harmonia Telúrica que serviu lá pode confirmar que *ninguém* era dispensável.

— Então você estava proibido de partir?

— Não. Ninguém tinha ordens de ficar. Cada um devia buscar em seu coração o que era correto. Eu ainda ouvia o chamado dos elementos e sabia que precisava ficar.

— Digamos que você não ouvisse mais o chamado. Que você pudesse deixar a Voragem. O que você teria feito? Teria talvez ido a Orgrimmar e dito a Garrosh para sair do trono?

— Nessa altura ele já era o chefe guerreiro. Eu não tinha autoridade para fazer tal coisa. Neste ponto, eu já não era nem membro da Horda. Eu me tornei o líder da Harmonia Telúrica, e era a ela que eu devia lealdade. Outros líderes estavam em posição de fazer essa mudança, mas eu não

estava. Eu sequer tinha certeza de que a minha antiga visão da Horda ainda era o que as pessoas queriam.

— Eu não sei se entendi. — Go'el sabia que ela havia entendido, mas aceitou de bom grado a chance de falar de algo que pesara em seus ombros.

— O mundo não esperou o meu retorno. — explicou ele, com um sorriso depreciativo. — Ele mudou. Os orcs mudaram. A minha Horda mudou. O que eu poderia fazer? Matar meus companheiros orcs até que voltasse a ser a *minha* Horda? Eu tinha o direito de forçar a Horda a ser o que ela era sob minha liderança? Será que eu ainda tinha alguma voz para protestar, já que tinha escolhido outro caminho?

— Se alguém pedisse a sua ajuda, o que você faria?

— De fato, Vol'jin me pediu ajuda. E, no momento em que eu recebi o pedido de um irmão, respondi com todo o meu coração.

— O que você e seus seguidores fizeram para ajudar Vol'jin e os trolls? Go'el não respondeu imediatamente.

— Matamos os Kor'kron que estavam mantendo as Ilhas do Eco sob lei marcial.

— Este não foi um ato contra a vontade do chefe guerreiro?

— Foi. Mas independentemente de quem a lidere, a Horda é, e sempre será, uma família. Essa não era uma defesa contra forasteiros ou sequer uma incursão contra um inimigo. Isso era a Horda atacando a si mesma.

— E foi isso que o fez decidir levantar armas contra Garrosh.

— Sim. Eu não poderia ficar inerte quando o meu irmão me pediu ajuda contra aquele que deveria tê-lo honrado, mas decidi tentar matá-lo.

Tyrande sorriu e inclinou a cabeça em um gesto respeitoso.

— Obrigada, Go'el. Sem mais perguntas. A testemunha é da defesa.

Go'el percebeu que, por mais doloroso que tenha sido o exame de Tyrande, não seria nada comparado ao que estava por vir. Seu amigo Baine, filho de Caerne Casco Sangrento, se levantou. Go'el viu o que Baine fez com Vol'jin, que fora aliado de Baine contra Garrosh e que pediu ao tauren que assumisse a responsabilidade de defender Grito Infernal da melhor forma que pudesse.

Baine o fez, e continuava fazendo. E ele, sem dúvida, atacaria Go'el como atacou o troll.

Como viemos parar aqui, todos nós? Se perguntou Go'el, preparando-se para o interrogatório.



Tormentaiser suspirou. Mais uma noite maravilhosa no incrível Fiorde Uivante, no delicioso continente de Nortúndria. Com aquelas tais “luzes do norte” sobre as quais todo mundo fala sem parar. E as deliciosas temperaturas congelantes. E uma cama portátil embolotada e algo que às vezes até poderia ser chamado de “comida”.

O goblin ficou de pé, observando o sol se pôr. Duas mulheres se aproximaram dele por trás, e, mais uma vez, ele se perguntou como seria o rosto delas sem os capacetes.

É, mais um dia glorioso aqui na Bastilha da Guarda Oeste, sendo um hóspede relutante da Aliança.

Ele perdeu a noção de quanto tempo já se passara no cativo. Seu lindo zepelim, a Senhora do Arranque, agora era usado pelo inimigo para proteger a bastilha para não ser atacada pelos piratas próximos. Entra dia, sai dia. Sem uma mudança de estações, era difícil manter a contagem. Anos, certamente.

Nem mesmo uma camisa, pensou ele tristemente, com o frio se aproximando. Eu sou da *Vila Catraca*. Um clima tropical, muito obrigado. E eles me mantêm aqui, com uma bola de ferro presa ao pé e nem uma camisa.

— Sabe, Garota Verde, quando notícias das práticas cruéis desse lugar chegarem à Horda, isso pode se tornar um incidente internacional. Quero dizer — comentou ele, se esticando —, eu estou praticamente *nu* aqui. — Ele mostrou os dentes amarelos e afiados em um sorriso e balançou as sobrancelhas sugestivamente para a mulher na esquerda.

O ranger dos dentes dela era quase audível. A anã de olhos verdes odiava o apelido, o que obviamente só incentivava Tormentaiser a usá-lo sempre que podia.

— É, nem me fale — respondeu a Garota Verde. — Por falar em prática cruel!

— O quê? — perguntou ele. — Será que a visão da minha pele verde brilhante esticada pelos meus músculos torneados...

— Nos lembra dos barris de peste? É, isso mesmo — interrompeu Azulzinha. O nome dela era algo muito menos pessoal, como Sargento Alguma Coisa, mas os olhos da mulher eram azuis como o céu.

— Vamos lá, meninas, vocês devem ter corações debaixo de todas essas placas de armadura. Eu estou preso aqui há tanto tempo e fiz tudo o que vocês me pediram. Queriam uma defesa contra os piratas lá embaixo? — Ele apontou o dedo fino na direção do Estreito dos Estilhaços, onde uma meia dúzia de navios piratas estava aportado. Vez por outra eles faziam incursões, mas, na maior parte do tempo, permaneciam fora do alcance de terra.

Mas não fora do alcance dos geniais e talentosos goblins, pensou Tormentaiser, com seu pequeno peito inchando de orgulho.

— Vocês receberam uma defesa contra os piratas lá embaixo! Eu supervisionei esse zepelim sob as ordens da Aliança todos os dias, transportando inúmeros aventureiros desde que vocês capturaram minha embarcação. E só *uma vez*...

— Setecentas e treze.

— Como é que é, Azulzinha?

Os olhos da humana pareciam muito menos celestes e muito mais glaciais. — Setecentas e treze vezes. O seu zepelim teve algum tipo de defeito *setecentas e treze vezes*. E o dia de hoje ainda não acabou.

—Minha cara! Assim você me machuca!

Uma risada da Garota Verde.

— Haha! Quem dera! Não provoca, goblin. Isso não é legal.

— Eu? Provocar? Nunca! Vocês sabem o que dizem, depois que você experimenta um goblin... — começou ele, mas parou ao perceber que ninguém estava ouvindo.

As cabeças delas estavam viradas para a direita, olhando na direção do portão principal, e as grandes orelhas de Tormentaiser entraram em atenção total. Sons guturais de gritos de guerra indecifráveis cortaram o ar, junto a gritos de desafio da aliança. Ouviu o tão conhecido som do metal batendo e o canto furioso das flechas. Os gritos de desafio se transformaram em gritos de agonia.

— Ah, que ótimo — murmurou ele. — Eu tô com essas coisas presas na minha perna e aí vêm os vraikalen, loucos por sangue.

— Fique aqui — ordenou Azulzinha, e saiu correndo.

— Nossa — comentou Tormentaiser, levantando a sobrancelha. — Ela é bem rápida, mesmo com toda aquela armadura.

— Eu também sou — murmurou a Garota Verde. Eles ficaram em silêncio por um instante, e a anã se mexeu. De repente, ela soltou um belo

palavrão. Desembainhando a espada, ela olhou Tormentaiser pelo visor e disse — Fique aí! — e saiu para seguir sua companheira, correndo rapidamente na direção da comoção.

Tormentaiser não perdeu tempo, ele foi até onde as correntes permitiam e tentou alcançar um pedaço de terra ao lado da área das docas. Tateando loucamente, seus dedos de fecharam em uma pedra. Concentrado, ele começou a bater contra o cadeado. Ele olhou para cima, na direção do portão, tentando entender o que estava acontecendo.

Que se dane a tranca, pensou. Segurou uma das bolas de ferro com as mãos e arrastou a outra consigo ao correr na direção da Senhora do Arranque e para a liberdade. Vadias ingratas. Elas sentiriam a falta dele quando se fosse. Era a única coisa que levava um pouco de humor, um pouco de brilho para o mundo chato e pastel da Aliança.

Ele ouviu o som de passos correndo pelo convés e congelou. Com as orelhas caindo, Tormentaiser viu dois homens correndo em sua direção. Um deles usava uma armadura dos pés à cabeça. O outro parecia ser um mago ou sacerdote. Sua mão mantinha o capuz sobre o rosto. Eles não estavam usando uniformes e vinham do muro, e não do forte, mas não tinha importância. Eles já foram parte da luta. O guerreiro carregava uma espada ensanguentada.

O goblin engoliu seco.

— Eu estava preparando o navio! — exclamou Tormentaiser, com uma tentativa patética de sorriso. — Nós podemos fazer um ataque aéreo, mostrar aos vraikalen quem manda, hein? — Deu um soco no ar, fazendo um som que esperava ser gutural.

— Suba a bordo — comandou o mago em uma voz sedosa, mas apressada. — Rápido. Shokia e os outros vão nos dar algum tempo.

Tormentaiser estava totalmente confuso, mas ei, eles estavam deixando-o entrar no zepelim. Ele começou a se arrastar para o navio. O guerreiro soltou um grunhido exasperado, e Tormentaiser percebeu que era uma mulher, usando uma armadura masculina. Para sua surpresa, ela o levantou no colo, com as bolas de metal e tudo, e o carregou para o barco. Ela o colocou sem cerimônia perto do timão e as mãos dele se agarraram a ele como se sua vida dependesse disso.

— Nossa, você é muito forte! Para onde vamos, minha dama? — perguntou ele, gritando.

— Lá pra baixo, e eu não sou “dama”! — gritou de volta a mulher. A voz dela era grave e rouca, sem deixar espaço para desobediência. Ela estava olhando para as docas, certamente se perguntando quando a fuga seria percebida.

— Ei, lembra que foi você que pediu isso — rebateu Tormentaiser. Depois, ele disse: — Pera aí, você disse que quer que eu a leve para os *piratas*?

— Eu não sabia que tinha libertado um imbecil — gritou a guerreira, olhando para ele pelas fendas do elmo. E a mulher tinha um senhor olhar. Tormentaiser nem sabia que olhos humanos podiam olhar assim.

— Moça, tem piratas lá embaixo! — repetiu ele. — Ah... Ah, não... agora eu entendi. *Vocês* são piratas também, não são? É por causa dos ataques, não é? Olha, eu posso explicar tudo! A Aliança *me forçou* a fazer isso! — Uma das poucas vezes na vida em que Tormentaiser estava falando a verdade.

A mulher rugiu e removeu o elmo, revelando a pele cinzenta e tufo amassados de cabelos negros pontudos.

— Piratas malditos — comentou a orquisa, cuspiendo no convés de seu amado zepelim. — Vermes bêbados fedidos a rum. Infelizmente, nós

precisamos da ajuda deles. E nós a teremos.

— Fui resgatado! — gritou Tormentaiser. — Já era hora! Quem são vocês, por falar nisso?

— Eu sou Zaela, líder da Presa do Dragão — revelou a orquisa, se recompondo.

— Caramba! — espantou-se Tormentaiser. Rumores dos feitos dela durante o cerco chegaram até Nortúndria. Alguns “heróis” da aliança gostavam de se deleitar com as notícias de derrota da Horda. — Senhora da Guerra Zaela? Eu pensei que estivesse...

Zaela soltou um palavrão.

— Eu estou viva, bem e com sede de vingança, como imagino que você esteja, goblin.

— O nome é Tormentaiser. Estou sim, mas no momento eu quero mesmo é escapar ileso. Ser recapturado por piratas não é o que eu tinha em mente. O que você quer com eles?

—Nós precisamos de gente para lutar por nossa causa, e eles vão servir. Se pagarmos o bastante. Minhas fontes dizem que você foi bem conectado no passado e pode ainda ter acesso a uma grande quantidade de dinheiro. Você vai nos ajudar a criar um exército.

De repente, tudo fez sentido. Com isso, ele estava confortável.

— Ah, sim, com certeza. Eu tenho uns bons parceiros de negócios e juntei uns cobs nos meus dias de trabalho. Mas qual é a sua causa? Pode ser que eu não queira apoiá-la. — Ele cruzou os braços, teimoso.

Ela se virou para ele.

— Você vai apoiar nossa causa porque ela vai te libertar. E te manter vivo.

Ela tinha um bom argumento.

— Suas táticas de negociação, apesar de não serem sutis, são convincentes. Tudo bem, vou levar você para os piratas.

— Eles vão reconhecê-lo, goblin? — perguntou o humano alto e esbelto a Tormentaiser, em uma voz aveludada. Ele tirou o capuz, revelando longos cabelos brancos e olhos verdes brilhantes. Um elfo sangrento! — Eu ficaria muito chateado se tivéssemos passado por todo esse trabalho para salvá-lo e você estragasse tudo tendo a sua cabeça arrancada de seus ombros.

— Hum... talvez eles reconheçam?

— Bem — suspirou o elfo —, fique fora de vista e deixe que nós falamos. Ou espere... talvez possamos arrumar um disfarce para você também. — Parecendo concluir algo, ele estalou os dedos de forma exagerada. — Não, isso não vai dar certo. Você é baixo demais para ser um anão.

Tormentaiser o encarou. O mago alisou a cabeça dele.

Baine Casco Sangrento viu uma mistura de resignação e determinação nos olhos azuis de Goël. Ele respeitava profundamente o orc e pensou em não fazer mais perguntas. Mas sabia que se não interrogasse o amigo, teria sido um covarde e não estaria desempenhando seu papel da melhor forma possível. Ou Goël e Vol'jin entenderiam ou não. Baine aceitou a tarefa e ele a cumpriria.

Ele inclinou a cabeça e se manteve na posição por mais tempo do que o necessário por cortesia.

— Que fique registrado que a defesa reconhece Goël, outrora conhecido como Thrall, como um verdadeiro herói em um mundo no qual

este termo é usado casualmente demais. A defesa agradece a ele pelos muitos anos de sacrifício, pelo bem da Horda e de Azeroth. Nós devemos muito a ele.

Goël estreitou os olhos, mas respondeu educadamente.

— Eu fiz o que era necessário.

Assim como eu, Baine desejou poder dizer.

— Quando você assumiu o manto de Chefe Guerreiro, você tinha uma visão para a nova Horda, não tinha?

— Sim. Eu queria uma Horda composta de raças e indivíduos que também valorizassem a honra, o poder marcial e que respeitassem uns aos outros como uma família. Eu queria deixar para trás antigos fantasmas da herança demoníaca que tanto batia à nossa porta.

— E você sente que o Acusado ameaçou isso? Mesmo tendo sido o próprio pai dele o responsável por dar um fim à tal herança demoníaca?

— Respeitosamente, eu protesto! — declarou Tyrande. — Grom não é o Grito Infernal que está em julgamento agora. Um filho não é igual ao pai.

— Concordo com a acusação. Reformule a pergunta, Chu'shao — solicitou Taran Zhu.

— Você sentiu que Garrosh ameaçava a sua visão da Horda?

— Sim, mas como eu disse, eu não tinha certeza se tinha o direito...

— Apenas responda à pergunta, sim ou não.

Um breve brilho de fúria apareceu nos olhos azuis, mas Goël respondeu:

— Sim.

— Você é conhecido, como já foi dito, pela sua honra. É inclusive justo com seus inimigos, como o júri está prestes a ver.

A imagem de um homem humano apareceu. Ele estava prostrado no chão, e a terra parecia tremer sob ele. Seus cabelos eram negros, e ele estava

vestido em roupas finas. Parecia aterrorizado.

Kairoz congelou a cena. Baine virou-se para Goël.

— Você reconhece este homem?

A expressão de Goël era dura.

— Sim. E... eu agradeço por você não mostrar o que aconteceu antes disso.

Baine sabia a que Goël se referia. Kairoz insistiu que a cena tornaria a ideia ainda mais clara, mas Baine não teve coragem de fazê-lo.

— Você pode identificá-lo para a corte, por favor?

— Ele é... era... Aedelas Pantanegro. — Um murmúrio de surpresa correu pela sala quando todos se deram conta de que estavam testemunhando um momento histórico. — Eu fui negociar com ele. Ofereci poupar o Forte do Desterro e a vida de todos em seu interior se ele concordasse em libertar o meu povo. Ele... se recusou.

Odiando-se por fazer isso, Baine perguntou:

— Você poderia dizer à corte de que forma foi essa recusa? — Ele não olhou para Goël.

Houve um momento de silêncio. Então, Goël respondeu:

— Eu disse a ele meus termos. A resposta dele foi... lançar a cabeça decepada de uma jovem assassinada, Taretha Volpe, aos meus pés.

— Você era um orc, prisioneiro de humanos. O que uma morte como essa significaria para você?

— Você sabe, Baine. — A voz dele era baixa e fria.

Então, Baine se virou, mantendo a expressão cuidadosamente neutra.

— Eu sei. O júri não.

Goël respirou fundo, recompondo-se. A voz dele era precisa e controlada. Somente seus punhos fechados demonstravam sua emoção. Ele

olhou para onde os Celestiais estavam sentados, e havia bondade e empatia em seus rostos sábios.

— Taretha Volpe era minha amiga. Ela pensava em mim como um irmão. Se ela fosse minha irmã de sangue, eu não a teria amado mais. Ela era gentil e já havia arriscado a vida uma vez para me ajudar a escapar. Ela se arriscou novamente para me mandar um aviso. E, desta vez, ela perdeu. Pantanegro... — Ele pausou, apertando os dentes, e continuou. — Pantanegro a matou, cortou a cabeça dela e arremessou-a contra mim, na esperança de me dobrar. Ele não conseguiu.

Baine fez um gesto para Kairoz. Uma versão mais jovem de Thrall apareceu na tela. Ele parecia exatamente o herói que era, maior e mais forte do que a maioria dos orcs, vestido com a armadura negra de Orgrim Martelo da Perdição e carregando uma arma enorme que trazia o nome do finado orc na parte de trás. Em cada uma das mãos, Thrall empunhava uma espada. Uma delas foi jogada para Pantanegro. O homem gritou e se arrastou para trás, olhando para ele. Estava claro agora que a roupa de Pantanegro estava manchada de vômito.

— Thrall, eu posso explicar...

— Não — rebateu Thrall, no mesmo tom de voz estranhamente calmo que havia usado com Baine. — Você não pode explicar. Não há explicação, só há batalha. Que deveria ter acontecido há muito tempo. Um duelo até a morte. Pegue a sua espada.

Pantanegro se encolheu.

— Eu... Eu...

— Pegue a espada ou eu vou cortar você ao meio onde está, como uma criança assustada.

A mão de Pantanegro balançava, mas ele segurou o cabo da espada e se levantou, desajeitado.

— Ataque-me.

E surpreendentemente, Pantanegro o fez. Era óbvio, para qualquer um que observasse, que o humano estava bêbado. Mas, ainda assim, ele era ágil e Thrall precisou agir rapidamente para bloquear o golpe.

A expressão de Pantanegro mudou. Suas sobrancelhas se juntaram, e seus lábios se apertaram quando ele fintou para a esquerda e atacou poderosamente na direita. Seus movimentos estavam mais firmes e tinham força.

Em sua época, lembrou-se Baine, Pantanegro fora considerado um guerreiro excepcional. De fato, Kairoz informou a Baine que em uma linha do tempo alternativa, Pantanegro teria conquistado o reino de Lordaeron e governado como um tirano. Thrall era muito mais forte, mas Pantanegro era mais ágil e estava lutando pela própria vida.

Quando Thrall percebeu que o humano estava procurando um escudo com o qual proteger a parte esquerda do corpo, o orc arrancou furiosamente uma porta e jogou-a em Pantanegro.

— Esconda-se atrás da porta da covardia.

Pantanegro saiu do caminho e empurrou a porta de lado, gritando:

— Não é tarde demais, Thrall. Você pode se juntar a mim, e nós podemos trabalhar juntos. É claro que eu vou libertar os outros orcs se você prometer que eles lutarão sob a minha bandeira, assim como você!

O rosto verde do orc mostrou incredulidade primeiro. Depois, a ira o escureceu. Nesse instante, Pantanegro golpeou. Thrall ficou tão surpreso pelos devaneios de Pantanegro que se esqueceu de aparar a tempo. A espada do humano acertou a armadura negra.

— Você ainda está bêbado, Pantanegro, se acredita, por um instante, que eu vou esquecer a visão de...

Baine sabia o que estava por vir, mas mesmo ele se assustou ao ver a explosão de Thrall. O orc estava se segurando antes, mas não mais. Ele atacou Pantanegro com rapidez, potência e graça letais.

Pantanegro não tinha a menor chance, mas se recusou a se entregar. Os golpes na espada que ele ergueu para se defender devem ter feito seus ossos vibrarem. A força dele começou a ceder, seus movimentos ficaram mais lentos, e um golpe final arrancou a espada da mão dele. Mesmo assim, ele não se entregou. As mãos foram para a bota, de onde ele tirou uma adaga. Ele saltou, pronto para encravá-la no olho de Thrall. Os gritos de Thrall ecoaram como devem ter ecoado no passado, e sua espada desceu cortando.

Baine poupou os observadores do momento exato da morte de Pantanegro.

— Pare. — E a cena sumiu antes do golpe fatal.

— Uma luta justa — declarou Baine. — Mais do que justa, alguns diriam. Aedelas Pantanegro era um homem culpado de muitos crimes. Filho de um traidor, ele planejou o tempo todo se tornar um traidor também, transformar os orcs em armas e usá-los para derrotar a Aliança, tornando-se rei de todos os reinos humanos. Além disso, ele era cruel. Ele espancava Thrall brutalmente, apenas por ter perdido uma luta na arena. Ele seduziu a jovem Taretha Volpe para se divertir, e a executou por tentar ajudar Thrall. Um monstro, diriam muitos, inclusive os humanos.

— Goël tinha todos os motivos para odiar Pantanegro. E ainda assim, deu ao inimigo uma chance de lutar. Ele até entregou uma arma, para que Pantanegro pudesse morrer com honra.

Ele se virou e olhou para Goël.

— O que eu não entendo, então, é por que um orc que preza tanto a honra, ao ponto de armar um inimigo que assassinara alguém que ele

amava momentos antes, estava pronto para matar Garrosh Grito Infernal a sangue frio. Isso está de acordo com a sua visão da Horda, Goël?

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Tyrande se levantou, gritando:

— Protesto! A testemunha não está sendo julgada aqui!

Goël também se levantou, mas não precisou dizer nada.

Taran Zhu bateu o gongo várias vezes.

— Ordem! — gritou ele. — Chu'shao Murmuréolo! Goël! Sentem-se imediatamente ou vou repreender os dois! Chu'shao Casco Sangrento, você vai parar com essa linha de interrogatório. Eu concordo com a acusação.

Baine curvou-se para Taran Zhu e encarou Goël. O orc não estava mais de pé, mas olhava Baine com um olhar que o tauren nunca vira antes. E esperava nunca ter precisado ver.

— Vou direto ao ponto — disse Baine.

— Sábia decisão — comentou Taran Zhu.

— Suas decisões, tanto se manter distante de Orgrimmar pelo tempo que ficou e apontar Garrosh Grito Infernal em primeiro lugar, foram criticadas por alguns — apontou Baine.

— Eu estou ciente das críticas — respondeu Goël, recostando-se deliberadamente e cruzando os braços.

— Você disse aqui neste tribunal que houve razões para essas escolhas.

— Sim, e eu enumerei tais razões.

— Você desejaria ter feito as coisas de uma forma diferente? Talvez se sinta responsável pelo que Garrosh Grito Infernal fez?

— Não. Para as duas perguntas.

— Você está certo disso?

Os olhos de Goël se estreitaram, mas antes que pudesse falar, Tyrande ficou de pé.

— Respeitosamente, eu protesto! A defesa está assediando a testemunha! — gritou ela.

— Chu'shao Casco Sangrento — chamou Taran Zhu, com a voz plácida como sempre. — Se você tem um ponto a mostrar, faça-o.

— Eu tenho, Fa'shua, como você verá. Go'el certa vez foi capturado pelos Druidas da Chama — contou Baine para a plateia. — Eles usaram um de seus maiores poderes, a afinidade com os elementos, para torturá-lo. Espalharam uma parte de sua essência em cada plano elemental. Nesse momento, ele foi forçado a encarar seus medos. Eu respeitosamente digo que esses medos têm um peso no que aconteceu no campo de batalha e nesta corte.

Ele assentiu para Kairoz, que ficou rapidamente de pé. O dragão de bronze estava esperando pelo testemunho de Go'el após, como disse, “ficar para trás enquanto Crona mostrava todos os momentos legais”. Baine respondera: “Pensar que uma vida está em jogo deve ser empolgante o suficiente”. Kairoz rebatera: “Então, que tal mudarmos esse jogo a nosso favor?” E descobriu para Baine vários momentos no tempo que serviriam exatamente para isso.

A cena que agora se desenrolava era dramática. Um templo no céu, com colunas brancas como as nuvens que as cercavam. Raios azuis crepitavam pelo templo, seguidos dos trovões furiosos. Retaliadores, com suas formas azuladas envolvidas em armaduras, caminhavam por lá. E no centro, cercado pela tempestade furiosa, estava o que parecia ser uma forma de sombra de Go'el, gigante.

A imagem de Aggra estava de pé, chorando por seu companheiro, tentando alcançá-lo. As palavras que a sombra cinzenta dizia eram cheias de dor e pesar.

— Falhei. Eu falhei com este mundo. Os elementos... não falam mais comigo. A Harmonia Telúrica... perdeu a fé na minha liderança. Minha fraqueza... permitiu a destruição... de Azeroth.

As roupas e os cabelos dela eram remexidos pelos ventos furiosos, e a voz de Aggra foi engolida.

— Go'el, sou eu, Aggra! Você não me reconhece?

— Destruição... nada... além de destruição — murmurava a sombra.

— Eu... falhei com a Horda... como Chefe Guerreiro. Garrosh... a levará à ruína. Meu povo... à ruína. Caerne, meu irmão... por que eu não ouvi?

A imagem sumiu como um fantasma à luz da manhã. Baine repetiu, com a voz suave, mas perfeitamente audível.

— Por que eu não ouvi?

E outra cena se formou.

20



Não, esse momento, não...

Goël sentiu o coração doer no peito, impedindo sua respiração por alguns segundos. Ele olhou para Baine, chocado com o fato de um filho usar a imagem do pai daquela forma. Baine mantinha o olhar fixo nas mãos. Ver aquela cena era-lhe insuportável. “Então isso também o aflige. Mas, mesmo assim, ele escolheu mostrar essa visão.” Goël rangeu os dentes e evocou todos os recursos de que dispunha para manter a calma.

— Você está cometendo um erro grave — retumbou uma voz grossa. E Goël esperava mesmo ouvi-la.

Caerne Casco Sangrento.

O touro ancião esperava por Thrall sob a árvore morta que, naquele momento, ostentava o crânio e a armadura de Mannoroth. Caerne postava-se com os braços cruzados; seus músculos e sua postura ereta desmentiam sua idade. Um murmúrio suave ecoou pelos presentes. Tanto a Horda como a Aliança respeitavam e admiravam aquele tauren.

Ouvi dizer que você estava vencendo a luta, meu irmão...

— Caerne! — disse a imagem de Go'el; não, ele era Thrall naquele momento. — Fico feliz em te ver. Eu queria mesmo ter notícias suas antes de partir.

— Não acho que você vá ficar feliz, pois não acredito que vá gostar do que tenho a dizer — respondeu o tauren.

— Eu sempre lhe dei ouvidos e foi por isso que pedi que aconselhasse Garrosh em minha ausência. Pode falar.

Mas não era verdade, era? Ele não o escutara.

— Quando o mensageiro chegou com sua carta — contou Caerne —, pensei que, finalmente, havia me tornado senil e estava tendo febres delirantes como as do pobre Drek'Thar. Ver um texto com a sua letra e saber que você desejava indicar Garrosh Grito Infernal como líder da Horda...!

A voz de Caerne se avolumava conforme ele falava. Thrall olhou ao redor e contorceu o rosto levemente.

— Vamos discutir esse assunto em particular — sugeriu Thrall. — Estou à disposição para ouvi-lo em meus aposentos a qualquer...

— Não. — Caerne bateu o casco no chão em rara demonstração de raiva. — Eu estou aqui, próximo ao que já foi o seu maior inimigo, por um motivo. Eu me lembro de Grom Grito Infernal. De sua paixão, violência e rebeldia. Eu me lembro do mal que ele causou. Ele pode até ter morrido como um herói ao matar Mannoroth; sou o primeiro a reconhecer. Mas todos hão de concordar, inclusive você, que ele tirou muitas vidas, e o fez com enorme prazer. Ele tinha sede de sangue, de violência, e matava essa sede com o sangue de inocentes. Você fez bem ao contar a Garrosh sobre o heroísmo do pai. Verdade seja dita. Mas que também seja dita a verdade sobre os feitos não tão admiráveis que Grom Grito Infernal realizou, e seu

filho também precisa ficar sabendo disso. Estou aqui para lhe pedir que também se lembre desses fatos, os bons e os ruins, e que reconheça que Garrosh é filho de seu pai.

— Garrosh nunca teve a mácula do sangue demoníaco que Grom tinha. Sim, ele é teimoso, mas as pessoas o amam. Ele...

— Elas o amam porque enxergam apenas a glória! Não veem a insensatez. Eu também via a glória — admitiu Caerne. — Eu enxergava a sabedoria e as táticas, e, talvez, com estímulo e orientação, essas sejam as sementes que se enraizarão na alma de Garrosh. Mas ele age sem pensar e ignora essa sabedoria com uma facilidade inacreditável. Há coisas nele que respeito e admiro, Thrall. Não me entenda mal. Mas ele não tem aptidão para liderar a Horda mais do que Grom tinha. Não sem você por perto para detê-lo quando ele se exceder, e muito menos agora, que a relação com a Aliança está tão frágil. Você sabia que muitos me contam em segredo que agora seria um momento oportuno para atacar a Altaforja, com Magni transformado em diamante e ainda nenhum outro líder em vista?

— Claro que eu sei. — Thrall suspirou. — Caerne, não será por muito tempo.

— Não *importa*! Aquela criança não tem temperamento para ser o líder que você é. Ou devo dizer: “que você era?” Porque o Thrall que eu conheci, que estabeleceu amizade com os taurens e muito os ajudou, não entregaria a liderança da Horda como quem não quer nada a um filhote que mal saiu das fraldas!

— Você é um dos meus amigos mais antigos nesta terra, Caerne Casco Sangrento — confessou Thrall, com a voz perigosamente serena. — Você sabe que eu te respeito. Mas tomei minha decisão. Se você está preocupado com a imaturidade de Garrosh, então o oriente, como eu pedi. Dê a ele a graça de sua vasta sabedoria e senso comum. Preciso que você fique do

meu lado, Caerne. Preciso do seu apoio, não da sua reprovação. Preciso que sua tranquilidade mantenha Garrosh calmo, não que sua censura o instigue.

— Você está me pedindo sabedoria e senso comum. Pois eu tenho apenas uma resposta. Não conceda esse poder a Garrosh. Não volte suas costas ao seu povo e lhes ofereça como guia apenas esse fanfarrão arrogante. Essa é a minha sabedoria, Thrall. Uma sabedoria de muitos anos, conquistada com sangue, sofrimento e muitas batalhas.

Thrall se enrijeceu. Essa era a última coisa que ele desejava. Mas foi o que aconteceu e, ao falar, sua voz estava fria:

— Então não temos mais nada a dizer um ao outro. Minha decisão é definitiva. Garrosh vai liderar a Horda em minha ausência. Mas cabe a você a decisão entre aconselhá-lo nesse papel, ou deixar que a Horda pague o preço de sua teimosia.

Com o coração cheio de tristeza, Go'el observou o Thrall de outrora virar as costas ao irmão e mergulhar na noite. Ele sabia o que fizera: montara em sua mantícora e voara para o Portal Negro a fim de começar o treino em Draenor.

Ele nunca mais veria Caerne.

A imagem de Caerne estava de pé, e seus olhos seguiam a figura que partia. Ele suspirou profundamente e abaixou a cabeça. Após um momento, ele contemplou o crânio do demônio.

— Grom, se seu espírito estiver presente, nos ajude a guiar seu filho. Você se sacrificou pela Horda. Eu sei que você não quereria ver seu filho destruí-la.

— Pare. — A imagem do velho touro se esvaiu. Baine encarou Go'el e se ergueu, postando-se ereto. — Eu vou perguntar agora, Go'el, a mesma coisa que você se perguntou: por que você não me deu ouvidos?

Go'el esperava que Tyrande protestasse, mas ela permaneceu sentada, calma, com um sorriso discreto e malicioso nos lábios. Ela estava lhe dando a chance de responder, e ele a aceitou.

— Porque eu não sou um dragão de bronze. Eu não posso voar para a frente e para trás na linha do tempo e saber todas as repercussões possíveis de toda escolha que tomo, a cada passo que dou. Sou um mortal e só posso lidar com o que está na minha frente, assim como você. Tomei a *melhor* decisão quando não havia uma *boa* decisão a se tomar. Sim, indiquei Garrosh como líder da Horda durante minha ausência. E, quando veio o Cataclismo, você, Baine Casco Sangrento, estava lá comigo e entendeu por que eu deixei Garrosh no comando. Se eu desejo ter tomado outra decisão? Desejos não constroem um mundo. Fazemos o melhor possível a cada situação, a cada momento, a cada respiração. Cometemos erros e temos de viver com eles. Tentamos aprender com eles. É tudo o que podemos fazer.

— Garrosh Grito Infernal também cometeu erros — retrucou Baine.
— E será ainda mais difícil conviver com os erros dele.

— Se ele continuar vivo — completou Go'el.

— Você tentou matá-lo, não?

— Você sabe que sim.

— Se você pudesse voltar àquele momento, diante de um Garrosh derrotado aos seus pés, tentaria matá-lo novamente?

Go'el vasculhou as profundezas do coração. Será que tentaria?

A resposta o surpreendeu.

— Não — respondeu em voz baixa. — Nos últimos dias, passei a acreditar que este julgamento foi uma boa ideia. Há pessoas que precisam ser ouvidas; e elas não o seriam de outro modo. Tenho fé absoluta de que os Celestiais Majestosos tomarão a decisão correta.

— Tenho mais uma pergunta para você — prosseguiu Baine. — Você admitiu que cometeu erros na vida. — Ele apontou para onde Garrosh estava sentado, com o rosto inexpressivo e os braços, as pernas e a cintura envoltos em correntes. — *Ele* também cometeu erros. Será que *ele* não merece a chance de aprender com eles? De fazer o que for possível para repará-los?

— Há coisas que *nunca* podem ser reparadas — ressoou a voz de Goèl, tomada de emoção. — Às vezes, você só precisa deter o que está causando danos antes que a situação fique ainda pior. Seu pai era sábio, Baine. Mas será que sabemos se ele estava *certo*? Será que podemos prever todos os desfechos? Eu não posso. E *você*?

Ele encarou Baine, e foi o tauren que desviou o olhar primeiro.

— Sem mais perguntas, Fa'shua — concluiu Baine, retomando seu assento.

Tyrande se levantou energicamente, fazendo sua toga farfalhar.

— Você diz que não podemos prever todos os desfechos, Goèl, e isso é verdade. Sendo de interesse do tribunal, desejo mostrar um desfecho possível, caso Goèl tivesse tomado uma decisão diferente. Um desfecho de probabilidade tão alta que chegou a aparecer em uma visão de Ysera, a Desperta: visão que a levou a buscar a testemunha.

— A Acusação pode apresentar essa Visão — concordou Taran Zhu.

Demorou até que o cenário tomasse forma. De início, não se podia ver ou ouvir coisa alguma. Depois, gradativamente, Goèl pôde discernir as silhuetas de construções, montanhas e árvores. Quando ficaram nítidas, ele percebeu que as construções estavam desabitadas; nas montanhas, não verdejavam prados; e, das árvores, restava apenas o esqueleto. O silêncio reinava porque não sobrara nada vivo para *emitir* sons. Ele não ouvia nada além do vento e do ruído de trovões distantes.

Mas outras coisas se tornaram visíveis: corpos apodrecendo onde haviam sido abatidos. Corpos de humanos e orcs e taunka, de mamutes e magnatauros e ursos. Nenhum carniceiro veio participar do banquete; também os corvos jaziam na terra morta, e suas penas negras tremulavam ao vento imparcial.

Não, espere — havia ainda algo com vida. A beleza discrepante dos matizes púrpura, violeta e anil de um dragão do crepúsculo surgiu quando ele e seus irmãos voaram sobre o matadouro em que Azeroth se transformara. A ele, juntou-se outro, e mais outro, até que o ar estava tão repleto deles que Go'el mal pôde vislumbrar o último horror que a Visão mostrava. Mas um vislumbre foi mais que o suficiente.

Empalado no pináculo do Templo do Repouso das Serpes estava o corpo do Destruidor, do Quebramundo — o arauto da morte, ele mesmo morto; morto em um mundo onde apenas dragões do crepúsculo revolteavam em círculos.

Essa Visão nunca se realizou. E Go'el sabia que, pelo menos em parte, isso se devia a ele.

— Sem mais perguntas.



Já se passara bastante tempo desde o anoitecer quando Vereesa finalmente chegou. Sylvana ainda não perdera todas as esperanças, mas estava pronta para voltar à Cidade Baixa quando avistou o hipogrifo da irmã. Ela sentiu um grande alívio e, logo em seguida, se enfureceu.

— Você está mais de uma hora atrasada! — esbravejou ela. — Se os vivos demoram tanto assim para terminar uma refeição, fico feliz por não precisar mais comer!

— Sinto muito — desculpou-se Vereesa. — Eu queria conversar com Jaina. Ver se ela havia mudado de ideia após o depoimento de Goël.

Foi melhor do que Sylvana esperara. Grande parte da Horda, e, obviamente, também da Aliança, mencionou o quão grotesco foi o chefe guerreiro Garrosh aos pés verdes de Goël. Sem dúvida, alguns continuariam resmungando, como é de costume dos descontentes. Não há prova, explicação ou motivo que seja capaz de dissuadi-los de ressentimentos tão profundamente arraigados. Baine chegou perto de

rebaixar Goël ao nível de um mero mortal, mas a Visão de encerramento magistral de Tyrande calou os opositores, pelo menos por enquanto. Embora o orc dissesse que concordava que o julgamento fosse uma boa ideia, todos ainda se lembravam que fora Varian Wrynn quem detivera a execução.

— Mudar de ideia em que sentido? — indagou Sylvana, tão curiosa que deixou sua raiva com Vereesa de lado.

— Em qualquer sentido. Não sei se foi o depoimento de Goël ou a conversa que teve com Kalecgos, mas ela parece menos decidida a ver sangue.

— Achei que você tivesse dito que ela estava do nosso lado! — sibilou Sylvana, agora alarmada. — E o que aquele dragão azul disse a ela?

— Não sei. Não pude chegar perto o bastante para escutar — lamentou Vereesa. — Mas Kalecgos não é muito determinado; minha irmã, você sabe disso. Ele é próximo demais da Mãe da Vida para querer o mesmo que nós... ou para deixar que Jaina queira o mesmo, caso ele possa evitar. Mas eu sei que, quando eles voltaram da caminhada, ambos pareciam bastante angustiados.

— Faça o possível para que o coração de Jaina permaneça endurecido — instruiu Sylvana. — E, enquanto isso, parece que precisamos agir mais rápido do que havíamos planejado.

Vereesa consentiu com a cabeça.

— Como você sugeriu, estive conversando com vendedores de comida pandarianos que abriram lojas temporárias próximas ao templo. Mi Shao disse que sua irmã, Mu-Lam, é uma dos que trabalham na cozinha que preparam os alimentos do prisioneiro e dos guardas. Nós conversamos sobre o que Garrosh come.

“Uma informação mais interessante!”, pensou Sylvana, antes de pedir à irmã:

— Conte mais.

Vereesa não era idiota e, agora, estava visivelmente mais relaxada. Ela tirou a mão do pomo da adaga em sua cintura, onde a mantivera por algum tempo. As irmãs desceram a praia até o mar.

— Ele come a mesma coisa no desjejum todas as manhãs: uma seleção de pães e chá.

Sylvana meneou a cabeça.

— Isso não serve. A menos que possamos convencer seu amigo Mi Shao a preparar pães “especiais” para ele.

— Não. Nem a irmã dele, creio eu. Há certos pandarianos que até entendem de venenos, mas poucos os usariam para esse propósito.

— Prossiga.

O cintilar de alguma coisa na areia lhe chamou a atenção e Sylvana se inclinou para pegar o objeto. Era um medalhão comemorativo, confeccionado na última década, cuja superfície dourada trazia a imagem de Kael'thas Andassol sorrindo maliciosamente. Seus lábios se encresparam, e ela arremessou o medalhão às ondas.

— O almoço é arroz e algum tipo de carne assada no espeto: frango, mushan, tigre ou qualquer coisa que os caçadores tragam, imagino.

Sylvana precisou se esforçar para não sorrir.

— Acho que carne de tigre, não.

— Mas ela é servida em... *ah!* — Vereesa pareceu chocada por um instante, mas logo riu. Foi a gargalhada de uma alegria pura, surpresa e de satisfação, sem qualquer sombra de malícia ou manipulação. Durante o momento que pareceu ser o mais fugaz de todos, Sylvana estava de novo

naquela praia, banhada pela luz do sol e acalentada pelo som das irmãs rindo de alguma palhaçada de Lirath.

A memória a fez se contorcer levemente. Mas, mesmo assim, ela sorriu. Não pôde evitar.

— Não, eu acho que você está certa — concordou Vereesa, soltando risadinhas. — Eu não acho que Xuen iria gostar muito da ideia. — Ela respirou profundamente e se recompôs. — Eu... acho que não dou uma risada desde... enfim. É isso que eles dão de almoço a Garrosh.

Sylvana abandonou o brilho cálido do passado, voltando à tarefa em questão. Assassínatos eram muito mais reconfortantes que alegrias. Ou mais familiares, pelo menos.

— Mas, bem, a menos que consigamos envenenar o animal antes que ele seja abatido e preparado, não teremos como fazer as devidas alterações — ponderou ela. — É uma tarefa mais difícil do que eu havia previsto.

Vereesa pegara uma concha e brincava com ela nas mãos. Seu bom humor a abandonara, e sua expressão se contorceu levemente.

— Sylvana... como vamos fazer a comida chegar até Garrosh? Digo, não acho que façam uma refeição especial para ele. Os guardas comem a mesma coisa.

— Não vejo problema.

— Bem... não queremos matar os guardas.

Sylvana piscou forte.

— Como?

— Queremos matar Garrosh, não os guardas pandarianos que cuidam dele.

Sylvana meneou a cabeça.

— Não importa quem vai morrer, contanto que Garrosh morra. Ele é um que, sem dúvida, não perdeu o sono pensando nos danos colaterais que

causou. Se uns poucos pandarianos morrerem, vale a pena. Ou você não tem estômago para essa empreitada, afinal?

Vereesa deteve os olhos na concha. Para a frente e para trás, de uma mão à outra. Exatamente como sua mente. Sylvana não sentiria prazer ao matar Vereesa, mas não podia permitir que a irmã perdesse a coragem. Não agora.

Não saia do rumo, minha irmã. Fique comigo nessa.

— Se... se outros morrerem além de Garrosh, Varian ficará muito mais propenso a tentar descobrir como isso ocorreu. Taran Zhu também. E eles podem chegar até nós. Se for apenas Garrosh... todos ficarão muito mais dispostos a fazer vista grossa.

Sylvana estreitou os olhos vermelhos ao fitar Vereesa.

— Isso... é algo que não levei em consideração — admitiu forçosamente. Ela ainda suspeitava que Vereesa simplesmente não desejava tirar a vida de inocentes. — Você percebe que isso dificulta nossa missão...

— Prefiro pensar um pouco mais agora sobre como matá-lo sem sermos descobertas a pensar em formas de fugir de um aprisionamento — constatou Vereesa. — Pelo que observei no tribunal, até mesmo Vol'jin poderia reprovar nosso ato. Varian certamente o faria.

O vento se intensificou, passando a brincar com o cabelo das duas.

— Eu achava que você deveria estar sofrendo de tristeza — disse Sylvana.

— Eu estou! Não ouse... ah! — A raiva a abandonou com a mesma rapidez que a acometeu. — Obrigada.

— Bem, prossiga com o cardápio servido como jantar no Templo do Tigre Branco.

— Três pratos diferentes. Bifum com peixe, algum tipo de ensopado e curry verde.

Os pensamentos de Sylvana estavam tomados de fúria. Fazia muito tempo desde que ela sentira o sabor da comida. Sua mente a levou de volta aos festivais e banquetes que compartilhara com a família. Piqueniques nesta mesma praia com a música da flauta de Lirath. Alleria estaria entretida com um livro, enquanto Sylvana e Vereesa estariam brincando na arrebentação, voltando à praia loucas de fome, onde, com admirável voracidade, devorariam um presunto e uma codorna assada, maçãs e melancias, pães e queijos...

— Sylvana?

Sylvana acordou de volta ao presente. Já era a segunda vez que ela divagara. Não era um bom sinal.

— Você vai precisar aprender a preparar esses pratos — disse ela abruptamente a Vereesa. — Quando soubermos quais são os ingredientes, talvez possamos descobrir uma maneira de acalmar sua consciência delicada e, ainda assim, atingir nosso objetivo.

— Eu hei de fazê-lo — afirmou Vereesa. — Vou dizer a Mi Shao que meus rapazes estão interessados na culinária pandariana. Ele ficará contente.

— Fique de olho, também, em Jaina — advertiu Sylvana.

— Ah, ficarei; não se preocupe — respondeu Vereesa.

Elas estavam na beira do mar, e Sylvana se deu conta de que a reunião acabara... mas nenhuma das Correventos queria partir. O silêncio se encompridava entre elas; então, Vereesa disse:

— Você tem conversado com alguém... do nosso lado?

— Não — respondeu Sylvana. — Todos sabem muito bem que não gosto de Garrosh e já entrei em conflito com Baine e Vol'jin. Além disso, quanto menos pessoas souberem, melhor. Acho que podemos confiar uma na outra.

Vereesa se voltou à Rainha Banshee e a encarou com firmeza.

— Podemos, Sylvana?

Sylvana consentiu com a cabeça.

— Eu não vou te trair, minha irmã. Já sofremos perdas demais. — Ao proferir tais palavras, ela se deu conta de que era verdade. Foi algo... inesperado.

Vereesa sorriu.

— Ótimo. Mas, agora, é melhor voltarmos.

Elas caminharam em harmonia de volta às respectivas montarias.

— Quando você acha que pode falar com Mi Shao?

— Posso falar amanhã durante o primeiro recesso e iniciar a conversa — respondeu.

— Então, podemos nos encontrar aqui amanhã, depois do tribunal.

— Tem certeza de que é prudente? Não podemos levantar suspeitas.

Sylvana quase tropeçou ao pensar que não veria Vereesa novamente no dia seguinte. Uma angústia estranha que ela não deveria ser capaz de sentir, como a dor em um membro fantasma, a apunhalou, e ela mordeu o lábio para não gritar.

— Você mesma disse que o tempo é um fator determinante — retrucou Sylvana. — E ainda não sabemos de que veneno precisaremos, como ele será administrado...

Vereesa ergueu uma das mãos, exibindo um sorriso discreto.

— Ok, tudo bem! Vou ficar tão feliz quando isso acabar! Já pensou, Sylvana?! — Seus olhos se acenderam de tanta satisfação. — Garrosh Grito Infernal... no chão da cela, arquejando pela última vez enquanto sente o veneno gelado parando seu coração lentamente. E como eu queria que houvesse uma forma de ele descobrir quem fez isso com ele!

— Você é mais sanguinária do que eu me lembrava — constatou Sylvana. — Combina com você.

— Eu tenho que ser. Eu não pensei em mais nada além da morte daquele orc desde que... — Sua voz estacou e ela desviou o olhar. — Enfim. Vejo você amanhã, minha irmã. — Ela sorriu com incomum timidez e, de uma hora para a outra, deixou de se parecer com a mulher dura e furiosa em que os eventos recentes a haviam transformado, assumindo um aspecto mais semelhante ao da irmãzinha de que Sylvana se lembrava. — Pode até soar estranho, mas... fico feliz que estejamos fazendo isso. Juntas.

— Eu também, Pequena Lua. Eu também.

— Não vamos chegar a tempo! — rosnou Zaela, andando de um lado para o outro no convés da *Dama dos Mares*. Tormentaiser se postava de braços cruzados, e seus pés ainda estavam acorrentados a bolas de aço. Seu olhar furioso era verdadeiramente magnífico.

— Bem, minha dama...

— “Senhora da Guerra”!

— Senhora da Guerra, creio que a *Dama dos Mares* esteja se saindo muito bem, considerando que não pude mexer muito nela por alguns anos. Estou fazendo o melhor possível!

— Ainda é pouco! Tudo será em vão se não chegarmos antes da sentença!

— Eu posso ajudar se vocês tirarem essas coisas — vociferou Tormentaiser, apontando para as bolas de ferro.

— Eu vou deixá-las onde estão para você cair mais rápido em direção à morte quando eu jogar você daqui de cima por não atender minhas expectativas!

— Na verdade — corrigiu Tormentaiser —, objetos de massas diferentes caem à mesma velocidade.

— Certo, mas você não está incluindo a resistência do ar nessa equação — redarguiu Thalen, inspecionando as unhas. — Ou qualquer forma mágica de intervenção. Suponhamos, por exemplo, que você tivesse um paraquedas ou estivesse sob o efeito de um feitiço de queda lenta...

— Você vai ajudá-lo, Thalen.

O arquimago congelou.

— Como?

— Já que vocês dois são muito espertos, trabalhem juntos. Agora. Arranje um jeito de nos levar a Pandária bem rápido.

Até aquele momento, Thalen estivera aproveitando o voo. Zaela era uma parceira respeitável. Ela derrotara um orc vil para tomar a liderança de um clã cujos membros não tinham fama de serem facilmente passados para trás, e dera muito trabalho aos traidores anti-Garrosh. Não foi surpreendente quando seu aliado dracônico a indicou como líder do bando improvável. Os Presa do Dragão seguiram na frente e já esperavam por eles em Pandária.

Shokia fora recrutada em seguida. A franco-atiradora orc parecia conhecer pessoalmente a líder, embora não tenha especificado os detalhes. Seu entendimento de táticas de batalha, particularmente em alturas e à distância, a ajudou a refinar a estratégia do grupo.

E Tormentaiser... ficou fora do caminho. Até agora.

Os dois foram ao convés inferior, onde Tormentaiser explicou ao elfo sangrento, com visível mau humor, como a *Dama dos Mares* funcionava. Thalen relutou em se deixar impressionar.

— Este zepelim não é uma arma tão mortal quanto você lamentou — comentou ele. — Como você conseguiu fazê-lo funcionar tão bem por tanto

tempo enquanto era um prisioneiro?

De pé, próximo a foles que não paravam de apitar e a uma manivela barulhenta, o goblin respondeu:

— Puxa-puxa, barbante e um fetiche vodu de troll.

Thalen riu.

— Engraçadinho, você, hein? Mas, sem piadinhas, como conseguiu?

Tormentaiser suspirou e apontou um dedo verde encardido para os mecanismos internos do motor. Thalen percebeu que estava olhando para o crânio de um animal pequeno e infeliz que fora adornado com tinta e penas coloridas.

— Caramba — disse ele. — Entendi. — Ele pôde sentir a magia exalar do fetiche. — Bem, de todo modo, o que você fez parece estar funcionando. Em grande parte, pelo menos. — Ele se aproximou do objeto com cautela e o contemplou por um longo momento. — Eu tenho uma proposta para você.

— Opa, neste exato momento, estou totalmente aberto a qualquer solução que não acabe com o meu mergulho para a morte. Seja o mergulho rápido ou lento.

— Tome todo o cuidado do mundo para garantir que este motor funcione da melhor maneira possível. — Ele tremulou os dedos, e uma névoa violeta começou a rolar deles de forma sutil. — E eu vou ver se não consigo fazer umas melhorias em nosso amiguinho aqui para ganharmos velocidade.

Thalen ergueu o fetiche, assoprou suavemente contra ele e sorriu quando as penas flutuaram no ar.

*Dia Cinco*

Jaina Proudmore estava sentada, irrequieta. Ela olhava ao redor da ampla arena e conversava em voz baixa com Varian e Anduin sobre assuntos sem importância. Embora ela e Kalecgos ainda estivessem sentados próximos, Jaina sabia que a tensão era evidente aos demais. Não estava tudo acabado entre os dois — ainda não — e ela não queria enterrar algo tão precioso tão cedo. Não se ela pudesse evitar e ainda continuar sendo capaz de conviver consigo mesma.

Crona e Kairoz debatiam sobre as Visões do Tempo, talvez discutindo a ordem em que as várias Visões seriam exibidas. A fim de tentar quebrar o silêncio que troava em seus ouvidos, Jaina falou:

— É muito bom que Kairoz tenha se oferecido para usar a Visão do Tempo. Elimina completamente os boatos. Sabemos que o que vemos é a verdade absoluta.

Kalec também observava os bronzes e exibia um semblante levemente contorcido.

— Eu respeito a importância da precisão fornecida pela Visão do Tempo, mas... Garrosh mencionou a Feira de Negraluna e eu acho preocupante que essas cenas a que estamos assistindo estejam servindo mais como forma de entretenimento que como evidência.

“Enfim, voltamos a esse assunto... sempre acabamos voltando”, pensou Jaina.

— Garrosh fez por merecer — esbravejou ela.

— Não vou entrar nesse mérito, mas a teatralidade de tudo isto... — Ele meneou a cabeça azul e negra. — O que está acontecendo aqui é de extrema importância. Não é um jogo; devemos tratar de justiça. Não deveria ter a atmosfera de uma arena de gladiadores.

— As pessoas estão sofrendo, Kalec — disse Jaina. — Alguns de nós nunca vão se recuperar completamente do que esse monstro decidiu fazer. Precisamos deste julgamento.

Kalec voltou-se para ela, e a preocupação estava estampada nitidamente em suas belas feições. Ele a tomou pela mão, aninhando-a entre as suas, e perguntou em voz baixa:

— Com que propósito? Deixar o passado para trás? Seguir em frente? Você não fez isso, Jaina. Como eu disse antes, não tenho certeza de que é o que você quer.

Jaina foi inundada por emoções e removeu a mão com um puxão.

Taran Zhu soou o gongo para pedir silêncio. Grata pela interrupção, Jaina cruzou os braços contra o peito com tanta força que ambos chegaram a doer e arder.

— Este tribunal de justiça pandariano está aberto. Assim sendo — prosseguiu Taran Zhu —, Chu'shao, chame sua primeira testemunha.

Tyrande assentiu, ergueu-se e caminhou até o assento da testemunha.

— A Acusação convoca Alexstrasza, a Mãe da Vida.

Jaina ficou boquiaberta. Ela não esperara por isso. Alexstrasza, cuja forma verdadeira era, naturalmente, a de um dragão, não costumava demonstrar muita modéstia ao escolher roupas para sua forma humanoide. Hoje, entretanto, ela trajava um vestido brilhante em tons de vermelho e dourado que a cobria dos pés à cabeça. Viam-se apenas os braços e o pescoço. Ela se levantou com uma dignidade sutil e se dirigiu à cadeira.

Algumas pessoas ficaram de pé: sua revoada e sua irmã. Depois, os membros de outras revoadas e, em seguida, ainda outras se ergueram, até que o aposento foi preenchido pelo som suave de centenas de botas se chocando contra o chão. Quase todos os presentes estavam de pé em silêncio e em sinal de respeito quando o antigo Aspecto, que guardara, protegera e amara toda a vida em Azeroth por milênios, chegou à cadeira. Antes de se sentar, Alexstrasza voltou sua cabeça com chifres para contemplar o mar de rostos. Um sorriso gentil lhe iluminou o semblante, e ela levou a mão ao peito como um gesto de gratidão. Seus olhos cintilaram com as lágrimas que não derramaram.

Postado ao lado de Jaina, Kalec sussurrou:

— É *disso* que você precisa?

Jaina não respondeu.

Tyrande lançou um sorriso cálido a Alexstrasza e a reverenciou. — Mãe da Vida. Vou me esforçar para que o seu depoimento seja o menos sofrido possível.

— Você é gentil — respondeu Alexstrasza. — Agradeço a bondade.

Tyrande respirou profundamente.

— Esta testemunha dispensa apresentações. Até os celestiais a conhecem.

— Como todo respeito, eu protesto — disse Baine. — A menos que a testemunha possa mostrar evidências diretas contra Garrosh Grito Infernal, imploro que ela seja convidada a renunciar a essa função.

Tyrande discordou.

— Fa'shua, Garrosh Grito Infernal recebeu uma assistência importante e influente de um clã em particular: o clã Presa do Dragão. Desejo lhes mostrar o tipo de pessoas com quem Garrosh estabeleceu alianças recentemente.

— Fa'shua — interpôs Baine —, todos nós, ou, pelo menos, a maioria de nós, estivemos em más companhias em algum momento da vida. O que o clã Presa do Dragão fez no passado é irrelevante.

— O argumento do Chu'shao Casco Sangrento procede — concordou Taran Zhu.

— Sim, mas não é a história toda — retrucou Tyrande. — Os Presa do Dragão escravizaram e *ainda* escravizam e atormentam os dragões. Eles o fizeram durante o reinado de Garrosh, e creio que o depoimento desta testemunha seja bastante pertinente.

Taran Zhu consentiu com a cabeça, satisfeito com a resposta.

— Concordo com a Acusação. Pode prosseguir com o interrogatório.

— Mãe da Vida, a senhora e seu povo foram sequestrados e aprisionados pelos Presa do Dragão em determinada época, correto?

— Sim — respondeu Alexstrasza. Jaina percebeu que a Mãe da Vida demonstrava uma calma notável.

— Pode nos relatar como isso aconteceu?

— Os Presa do Dragão obtiveram a Alma Demoníaca, um artefato usado para controlar os draconianos. Eles seguiram um macho ferido até o nosso lar e usaram a Alma Dragônica para capturar três de meus consortes e eu... embora não sem luta.

— E o que aconteceu em seguida?

— Nekros, o mestre da Alma Dragônica, ordenou que eu e minha revoada o seguissemos até Grim Batol.

— E o que eles queriam?

— Eles queriam que servíssemos de montaria na guerra contra a Aliança. Queriam... montar em nós na batalha e nos fazer atacar seus inimigos.

— Sem dúvida, alguns dragões vermelhos morreram nessas batalhas. Como os Presa do Dragão os substituíram?

— Eles tiravam os filhos de mim a cada ninhada minha.

Jaina mordeu o lábio inferior em sinal de compaixão. Ela não tinha filhos e não era provável que jamais fosse ter algum. Ela adorava o “sobrinho” Anduin. E ficara devastada com a morte de sua aprendiz, Kinndy. Mas ela sabia que até mesmo todo esse carinho não era nada se comparado ao vínculo entre pais e filhos. Ser mãe de criaturas mágicas, afirmadoras da vida e praticamente imortais, e vê-las serem escravizadas... ela não tinha a mais vaga ideia de como Alexstrasza pôde aguentar. Ao vislumbrar os celestiais, ela pôde ver que mesmo eles, que ouviam com atenção e certo distanciamento, se comoveram.

— Perdoe-me por fazer perguntas tão pessoais.

— Eu compreendo a necessidade de serem feitas.

Tyrande pareceu demonstrar gratidão, e Jaina percebeu que, surpreendentemente, era a Rainha Dragonesa que reconfortava a grã-sacerdotisa noturnélfica naquele momento. Jaina meneou a cabeça, admirada.

— A senhora disse “cada” ninhada — prosseguiu Tyrande. — Por que a senhora pôs mais de uma? Por que continuaria a conceber filhos por vontade própria, sabendo que eles seriam levados pelos Presa do Dragão?

— No início, eu me recusei — respondeu Alexstrasza. — Disse que eles já tinham uma ninhada e que não daria outra. Os meus parceiros também não concordaram. Nekros... Nekros pegou um de meus ovos e, segurando-o diante dos meus olhos, o esmagou com as mãos. E... respingou tudo em mim.

Sua voz cessou, e ela fez uma breve pausa para se recompor antes de continuar.

— Eu gritei de tanta angústia... meu filho, que nem havia eclodido, assassinado diante dos meus olhos, e meu corpo sendo adornado com seu sangue... Apesar das correntes em que me amarraram, ataquei os orcs, ferindo vários deles antes que pudessem me dominar.

— Então a senhora fez o que eles queriam.

— Não de imediato. Eu me recusei a comer na tentativa de morrer antes de gerar mais filhos para eles torturarem. Eles destruíram outro ovo. Depois disso... eu fiz o que eles queriam. — Ela sorriu, demonstrando tristeza. — Sabe, se meus filhos tivessem sobrevivido... eu tinha a esperança de que, um dia, eles pudessem ser libertados.

Jaina foi tomada de desgosto e compaixão, o que a fez levar a mão à boca. É claro que ela conhecia essa parte brutal da história órquica, mas ouvir o relato de Alexstrasza...

Naquele momento, Jaina se deu conta de que concordava com Kalec quanto à Visão do Tempo. Ouvir o relato foi desagradável o bastante. Ela não podia expressar em palavras o quão grata estava por Tyrande ter decidido não mostrá-la.

— Outras vidas também foram perdidas, não é verdade?

— Sim. Três dos meus quatro consortes acabaram sendo mortos.

Jaina fitou Vereesa do outro lado do aposento. A elfa superior estava sentada como se esculpida em pedra. Apenas sua respiração acelerada

entregava a intensidade de suas emoções.

— Então, apesar de seus consortes concordarem com essas exigências horrendas, vocês não foram tratados com o devido cuidado por seus captores?

— Não. Fiquei acorrentada o tempo todo. Até minha mandíbula foi amarrada para que eu não pudesse atacá-los. Se algum de nós resistisse ou tentasse se libertar, eles usavam a Alma Dragônica contra nós. É impossível descrever — lembrou Alexstrasza, estremecendo um pouco — o quão doloroso foi.

— Gostaria de fazer uma pausa? — perguntou Tyrande gentilmente.

A Rainha Dragonesa balançou a grande cabeça dotada de chifres.

— Prefiro acabar logo com isso — respondeu. Sua voz melíflua demonstrava fortes sinais de desgaste.

— A senhora produziu dragões vermelhos para eles usarem, conforme pediram — iterou Tyrande. — Como estes foram usados?

Alexstrasza olhou para as mãos, perfeitamente ajeitadas sobre o colo.

— Foram usados como montaria em batalhas, como bestas, e suas habilidades foram direcionadas para matar membros da Aliança. Qualquer rebeldia por parte deles se transformava em um tormento e, às vezes, levava à morte de seus irmãos.

— Como se sentiria, particularmente, um dragão vermelho ao ser forçado a cometer atos como esses?

Alexstrasza ergueu a cabeça e não pôde disfarçar o sofrimento na voz ao falar.

— Nós veneramos a vida, toda forma de vida — respondeu. — Abominamos quando a destroem. Não havia nada que os Presa do Dragão poderiam ter nos forçado a fazer que considerássemos mais estarrecedor.

Tyrande fez um gesto de concordância, como se estivesse satisfeita, e se voltou aos espectadores.

— Como líder da Horda, Garrosh Grito Infernal se aliou, de livre e espontânea vontade, ao clã Presa do Dragão e a seus métodos para obter montaria. Vocês ouviram o que eles fizeram com a raça mais benevolente deste mundo.

Ela começou a caminhar, contando nos dedos, da mesma forma que fizera durante o depoimento de Vol'jin. — Escravização. Tortura. Gravidez forçada. Sequestro de crianças. Assassinato de prisioneiros. Mais uma vez, impõem-se cinco acusações contra Garrosh a partir das evidências de uma única testemunha.

Tyrande reservou um momento para mirar Garrosh antes de se voltar para Alexstrasza.

— Obrigada — agradeceu a elfa noturna. Em seguida, disse para Baine: — A testemunha é sua.

Baine se levantou e se aproximou da Rainha Dragonesa. Jaina franziu o cenho e comentou com Kalec:

— Não te incomoda que ele vá interrogá-la depois de tudo isso?

— Se dependesse de mim, ela nem teria que depor — retrucou ele. — Mas a Mãe da Vida é forte e já passou por coisas muito piores que palavras em um tribunal. Ela fará o que for necessário. Baine também.

— Ele não precisava fazer *isso* — chiou Jaina. Desta vez, foi Kalec quem não respondeu. Jaina se inclinou para a frente, observando com atenção, e apoiou o queixo nas mãos. Ela esperava algo melhor vindo de Baine. Mas, ao observá-lo durante o julgamento, ela não podia compreender como ele podia defender Garrosh, principalmente quando a tarefa exigia tamanha crueldade. Não podia compreender nada daquilo.

— Obrigado, Mãe da Vida. Sinto muito pela necessidade de lhe causar sofrimento — desculpou-se o tauren. *Como se não fosse da boca para fora.*
— Serei breve. A senhora passou por muito sofrimento nas mãos dos Presa do Dragão especificamente, e, em geral, na dos orcs. Que sentimento a senhora nutre em relação a eles agora?

— Não tenho desavença com nenhuma raça de Azeroth — respondeu ela. — Eu sou a Mãe da Vida e, embora grande parte de meus poderes como Aspecto tenha desaparecido, meu coração ainda é o mesmo.

— A senhora gosta deles?

— Eu os amo — respondeu, com notável simplicidade. Jaina congelou e ergueu lentamente a cabeça. Seus olhos permaneceram arregalados e sem piscar enquanto ela fitava, em choque, a Rainha Dragonesa.

— *Os orcs?* — questionou Baine, como se lesse a mente de Jaina. — Que cometeram tamanhas atrocidades contra a senhora? Como é que pode amá-los? A senhora não deseja que eles sejam destruídos? Que, particularmente, seja destruído Garrosh Grito Infernal, que lhes restituiu o poder?

— Poucos são os seres realmente malignos — disse Alexstrasza. — E mesmo os que são ainda têm alguma esperança de redenção. A mudança é inerente à vida. Enquanto um ser estiver vivo, ele pode crescer. Pode buscar a luz ou as trevas. É somente quando ele escolhe as trevas de forma tão completa a ponto de a *própria vida* ficar ameaçada... é somente então que eu digo que não há esperança.

— Como foi o caso de Asa da Morte e Malygos.

— Sim. Para o meu desgosto.

O corpo de Tyrande mantinha-se rígido enquanto ela folheava os documentos na mesa. De vez em quando, ela erguia os olhos, exibindo um semblante descontente.

Jaina continuava fitando a dragonesa vermelha.

— O que ela está dizendo? — sussurrou Jaina rispidamente. — O que ela está *fazendo*?

— Com todo respeito, eu protesto! — gritou Tyrande. Jaina fechou os olhos, aliviada.

— Pois não, Chu'shao? — perguntou Taran Zhu.

— Solicito um recesso!

— Com base em quê?

— É evidente que a testemunha ficou perturbada com essas perguntas!

Taran Zhu piscou os olhos e, em seguida, os direcionou para Alexstrasza.

— Mãe da Vida, a senhora precisa de uma pausa?

— Não, Fa'shua. Foi doloroso recontar o que aconteceu, mas estou bem o bastante.

— Solicitação negada. Prossiga, Chu'shao Casco Sangrento.

— Obrigado. — O tauren inclinou a cabeça antes de se virar e olhar para Alexstrasza. — Tenho uma última pergunta. Se um dos orcs, exatamente os mesmos que tanto a torturaram e que mataram seus filhos enquanto eles ainda estavam no ovo, viesse aqui hoje para lhe pedir perdão... o que a senhora faria?

O sorriso da grande Mãe da Vida começou pequeno, mas cresceu. Alexstrasza deteve o olhar onde Go'el e sua família estavam sentados. Quando finalmente falou, uma luz parecia irradiar dela; uma luz tão brilhante como seu espírito.

— É claro que eu o perdoaria — respondeu ela a Baine, como se este fosse uma criança; como se a resposta fosse simples e óbvia.

Não foram feitas mais perguntas.



Quando Taran Zhu soou o gongo e anunciou que o dia de julgamento se encerrara, Anduin se voltou imediatamente para seu pai.

— Eu vou ver Garrosh agora — comunicou. — É provável que eu não volte a tempo para o jantar. — Geralmente, ele comia com o pai e, frequentemente, também com Jaina, Kalec e Vereesa no pico Violeta e, em seguida, saía para voltar a... fazer o que quer que estivesse fazendo com Garrosh. Anduin não sabia ao certo se estava conversando com o orc, escutando-o, servindo-lhe de guia espiritual ou apenas de treinamento verbal. Às vezes, eram todas as quatro alternativas. Naquele momento, ele desejava poder assumir uma quinta função: injetar uma boa dose de juízo na cabeça dura de Garrosh.

Varian consentiu com a cabeça.

— Achei que você fosse fazer isso mesmo — disse o rei. — Mas deve sobrar alguma coisa do jantar.

— Não se preocupe. Eu como alguns bolinhos de Mi Shao.

— Espere aí... como assim? — indagou Jaina, espantada. — *Garrosh?* Anduin, o que você está fazendo com Garrosh? — Ela parecia irritada e alarmada.

— Explico durante o jantar — falou Varian a Jaina. — Vá, meu filho.

Anduin saltou sobre uma fileira de cadeiras com agilidade e correu para as escadas. Antes de desaparecer, ainda pôde ouvir Jaina dizer:

— Varian, o que está havendo?

Anduin estremeceu. Ele estava tão determinado a ver Garrosh que se esquecera da presença de Jaina. Não contar a Jaina sobre seus encontros com Garrosh fora uma decisão pensada com cuidado. Poucos sabiam, e ele queria que fosse mesmo assim exatamente para evitar o tipo de reação que Jaina demonstrou. Todos pareciam pensar que tinham direito de opinar a respeito do que ele fazia e com quem interagia, fato que o cansava demais. Mas, naquele momento, essa irritação ficou em segundo plano em relação à necessidade de ir ver Grito Infernal.

Ele cruzou pelo corredor até as portas que levavam à cela de Garrosh.

— Hoje, o príncipe foi mais rápido que o prisioneiro — constatou Li Chu, quando Anduin chegou. — Ele ainda está a caminho.

— Eu espero. — Anduin caminhou até a lateral do corredor e se encostou na parede com os braços cruzados como um nó apertado. Enquanto esperava, ele tentava se obrigar a relaxar, e até foi acometido por um breve momento de humor negro quanto ao absurdo *daquela* tarefa em particular.

Garrosh não tardou a chegar, protegendo sua perna problemática. Sua vinda foi anunciada pelo tilintar das correntes que o prendiam. Ele estava acompanhado de Yu Fei e dos mesmos seis guardas que sempre o escoltavam quando o orc deixava a cela. Anduin notou, no rosto amarelado do prisioneiro, um lampejo de surpresa, o qual foi logo reprimido. Os

irmãos Chu abriram a porta. Yu Fei foi a primeira a entrar, acenando para que Anduin a seguisse. Eles desceram pela rampa e se dirigiram até o fundo do aposento, onde esperaram em silêncio enquanto Garrosh retinha os grilhões até a porta aberta da cela. Dois dos guardas tiraram todas as suas correntes, exceto as dos tornozelos, enquanto os outros quatro e os Chu ficaram parados, observando cada movimento do orc. Então a porta foi fechada e trancada, Garrosh se dirigiu até as peles e se sentou. Yu Fei deu um passo à frente e sussurrou um encantamento, ondeando as patas com movimentos delicados. As janelas começaram a brilhar em um tom de roxo suave.

— Para que isso serve, especificamente? — Obviamente, era uma medida extra de segurança, mas Anduin se deu conta de que não sabia exatamente como ela funcionava.

— É uma barreira de sentido único — respondeu Yu Fei. — Os guardas podem alcançar o interior, se necessário, mas Garrosh não pode alcançar o exterior.

— Um belo truque — avaliou Anduin. Yu Fei corou e prestou uma reverência.

— Fico honrada — agradeceu ela, com os olhos para baixo, antes de sair às pressas. Por um instante, Anduin se indagou quanto ao comportamento peculiar da pandariana, mas ele estava muito mais interessado em conversar com o orc. Li e Lo acenaram para o príncipe antes de fecharem e trancarem a porta externa, pois Anduin solicitara ficar a sós com o prisioneiro.

De início, Anduin não se mexeu. Ele apenas fitou o orc, que parecia sentir prazer ao perceber a raiva evidente do outro.

— Fale, príncipe Anduin, antes que você exploda — disse Garrosh. — E eu não quero que digam que também sou culpado por isso.

— Como você pôde fazer aquilo? Como você pôde cometer *cada um* daqueles atos? — As palavras caíam dos lábios de Anduin e, como se o ato de falar lhe houvesse restituído a habilidade de se mover, ele avançou, detendo-se a poucos centímetros das barras da cela de Garrosh. — Você não é louco. Você tem sentimentos. Então me explique: como pôde?

Garrosh estava se deleitando com a situação. Ele se recostou sobre as peles de dormir, fazendo as correntes tilintar.

— Pude o quê?

— Você sabe do que estou falando. Sua aliança com os Presa do Dragão!

— Para alguém tão piedoso, você é bem rápido na condenação — debochou Garrosh. — Tenho que admitir que Tyrande fez uma bela jogada hoje. Sem dúvida, Alexstrasza fez várias pessoas ficarem com os olhos cheios d'água com a historinha dela.

— *Historinha?* Você acha que foi só uma historinha?

Garrosh deu de ombros.

— Agora, já é passado, e fazer com que eu me sinta culpado por isso não vai levar a nada.

— E fazer os outros se sentirem culpados com o que está acontecendo com você leva a alguma coisa? — redarguiu Anduin.

— Pois é. Eu não preciso da sua compaixão, humano.

— Então por que você queria conversar comigo? Eu, que sou um sacerdote e que você tentou matar?

Garrosh ficou em silêncio.

— Ela é a Mãe da Vida, Garrosh. Ela é... ela é o ser mais bondoso deste mundo. E o seu povo cometeu *todas aquelas* atrocidades contra ela.

Os olhos de Garrosh se iluminaram.

— Ah-ha, e eis que a verdade aparece. Você e Jaina são iguais, não são? Embora não confessem, acham que todos nós somos monstros.

Anduin emitiu um ruído sufocado e, frustrado, deu as costas a Garrosh. O orc riu.

— Vocês são todos iguais.

O príncipe bufou de raiva.

— Claro que somos. Assim como você, Go'el, Saurfang e Eitrigg.

Garrosh grunhiu e virou o rosto.

— Eles já se esqueceram, ou, no caso de Go'el, nunca sequer conheceram a verdadeira glória da Horda.

— Ah, claro, há mesmo muita glória em esmagar ovos.

— Há glória em fazer um dragão se submeter às suas vontades!

— Então, você *realmente* acha que torturar a protetora da vida é algo louvável.

— Eu não sequestrei Alexstrasza!

— Não, mas está envolvido até o pescoço com os que a sequestraram. Com os que escravizaram os dragões. Porque “há glória em fazer um dragão se submeter às suas vontades”, não é mesmo? — Ele se aproximou. — Como você imagina o futuro da Horda, Garrosh? Porque este mundo inteiro testemunhou a violência gratuita, os tormentos e amigos sendo traídos... tudo causado por membros da Horda.

— A minha Horda esmagaria seus inimigos como um gigante esmaga um inseto! — Garrosh se pusera de pé, aproximando tanto o rosto que Anduin sentiu, nas bochechas, os haustos cálidos de uma respiração irritada. Mas Garrosh não encostou nas barras.

— E o que vai acontecer quando essa Horda que você vislumbra esmagar todos os insetos que a incomodam? O que vai acontecer, hein? O

que vocês vão fazer quando ficarem sem inimigos? Vão se voltar um contra o outro? Ah, espere, vocês já fizeram isso, não?

Os dois se encararam por um longo momento, até que Anduin suspirou. Ele purgara toda sua fúria e tudo o que restava era tristeza. Tristeza e a náusea da destruição que Garrosh Grito Infernal deixara para trás; e parte considerável dela era o próprio Garrosh.

— Eu quero muito poder compreender — sussurrou Anduin, quase inaudível. — Porque, pelo menos em parte, eu já compreendo. Eu entendo que você quer que seu povo ande de cabeça erguida. Quer que suas crianças sejam saudáveis. Quer que os orcs sejam fortes, para que vocês prosperem. Você quer realizar feitos notáveis para que não seja esquecido quando for reduzido a pó. Tudo isso eu entendo... entendo mesmo. Mas o resto? Alexstrasza? A estalagem? Os trolls? *Theramore*? — Lentamente, ele sacudiu a cabeça adornada de cabelos dourados. — Não consigo entender.

Conforme Anduin falava, Garrosh também foi se aquietando. O orc o escutou extasiado, quase paralisado pelas palavras do rapaz. Sua resposta foi proferida com uma voz tão calma como a de Anduin.

— Você nunca vai entender.

Por um instante, Anduin não respondeu. Depois, concordou:

— Pode ser que você esteja certo.

— Príncipe Anduin, por favor, se afaste da cela — instruiu Li Chu. Anduin se assustou com sua voz e obedeceu. O olhar de Li estava fixo em Garrosh. — Está tudo bem, Vossa Alteza?

— Não poderia estar melhor — respondeu Anduin. Atrás de Li, Lo carregava uma bandeja. Sobre ela, trazia uma tigela de curry verde fumegante, outra de arroz, dois pêssegos, uma frutassol tropical cortada em quatro e uma jarra de água fresca. Pelo menos, Garrosh não poderia reclamar de ser maltratado como ele mesmo maltratara seus prisioneiros.

Yu Fei murmurou um encantamento, e o brilho das barras se esvaiu. Sob o olhar atento de Li, Lo depositou a refeição sobre uma mesinha próxima à porta.

Anduin deixou Garrosh com seu jantar. Na entrada da rampa, ele hesitou por um instante e se virou.

— Entretanto — disse ele a Garrosh —, pode ser que você esteja errado.

Desta vez, foi Sylvana quem se atrasou. Quando ela chegou ao pico dos Correntos, Vereesa já estava lá, andando de um lado para o outro na praia. Quando Sylvana apeou do morcego, Vereesa correu até ela.

— Encontrei um jeito! — gritou ela. — É perfeito!

Sylvana notou que estava sorrindo com o entusiasmo de Vereesa. Sendo verdade, era uma notícia maravilhosa.

— Fale logo. Estou ansiosa para ouvir!

— Uma das refeições dentre as quais eles alternam é o curry verde — explicou. — Costuma ser a cada três dias, mas Mu-Lam Shao disse que depende mais do que estiver fresco que de qualquer outra coisa. Eles o preparam na cozinha em um caldeirão de onde todos se servem.

As duas caminhavam com movimentos rápidos e animados, e seus passos estavam em sintonia quase perfeita. Sylvana tinha a impressão de que seus sentidos haviam se intensificado; como se ela estivesse acordada pela primeira vez em muito tempo.

— Prossiga.

— Quando a refeição de Garrosh é preparada, ela é enviada a ele em uma bandeja com arroz e algum tipo de fruta... também variando de

acordo com o que estiver fresco. Eles também dão a Garrosh uma frutassol cortada em quatro. — Vereesa mal conseguia se conter. — Sylvana... a preparação do prato é concluída pelo próprio Garrosh. Você mistura o curry com arroz a cada garfada e espreme um pouco de frutassol por cima. A fruta em si é azeda, mas a casca é doce, então você pode comer a casca depois da refeição. Não precisamos envenenar o curry...

Sylvana deteve os movimentos.

— Podemos envenenar a frutassol — murmurou. — E Garrosh envenenará *a si mesmo!*

— Exatamente! — A alegria de Vereesa irradiava como a luz de um sol. — Só precisamos trocar a frutassol logo antes de o prato sair da cozinha.

As duas se deram as mãos ao mesmo tempo. Os dedos enluvados de Vereesa apertavam com força. “Ela está tão feliz”, percebeu Sylvana. “E eu... também.”

— É uma ideia brilhante, Pequena Lua — disse Sylvana à outra. — *Você é brilhante.* — A irmã ruboresceu de prazer. — Você vai conseguir chegar até a cozinha para fazer a troca?

Vereesa consentiu com a cabeça.

— Sim. Estou sempre por lá. Converso com Mu-Lam enquanto ela prepara a comida. Ninguém nunca reclamou; acho que Mi Shao contou a eles sobre meu interesse. Eu os observei preparar o curry hoje. A frutassol é cortada logo antes de o curry ser servido na tigela e colocado na bandeja. Eu posso levar uma frutassol que já tenha sido cortada e envenenada, e trocá-la pela outra em um piscar de olhos.

— E você sabe se o orc usa a frutassol?

— Sim. Mu-Lam diz que ele ama frutassol.

— Fascinante — ponderou Sylvana. — Garrosh, talvez um dos orcs mais perigosos de toda a história, morto por gostar de uma fruta

pandariana.

— Parece uma dádiva — disse Vereesa. — Como se fosse destino.

Sylvana olhou para as mãos entrelaçadas das duas. Ela sentiu um... calor dentro dela. Não um calor físico, é claro; ela nunca experimentaria tal sensação novamente. Se ela e a irmã não estivessem usando luvas, Vereesa ficaria sobressaltada ao tocar a pele gélida de Sylvana.

Ou... talvez não.

— Talvez *seja* destino — murmurou Sylvana. — Talvez eu e você estejamos destinadas a nos aproximar. Talvez Garrosh Grito Infernal não possa ser derrubado por nada além da união das forças das duas últimas Correntes de Azeroth.

Ela ergueu a cabeça, e seus olhos vermelhos penetravam os azul-celeste de Vereesa.

— A Horda e a Aliança mal puderam detê-lo. Mas eu e você sozinhas, minha irmã, acabaremos com ele. E... talvez possamos iniciar outra coisa.

— Como assim?

— Não precisamos parar quando Garrosh morrer — sugeriu Sylvana. Sua voz tremia levemente. Quanto tempo se passou desde a última vez que isso ocorreria? Só uma vez desde seu assassinato. Uma vez, já fazia anos, quando um aventureiro lhe deu um medalhão adornado de safiras.

— Quais são suas perspectivas agora na Aliança? — pressionou ela, torcendo para ler a irmã corretamente. — Garrosh pode ser apenas o começo. Nós, as irmãs Correntes, somos poderosas. Já mudamos o mundo. E podemos *continuar* mudando... juntas. Quando Garrosh for morto, venha se juntar a mim.

— *Como?*

— Venha reinar ao meu lado. Você odeia a Horda; e eu também odiava, até encontrar um lugar de poder nela. Podemos fazer nossas

próprias leis, Pequena Lua. Podemos remodelar a Horda à nossa própria imagem. Nada poderá nos deter. Vamos pulverizar nossos inimigos e engrandecer nossos aliados. É o que sinto; e acho que você sente o mesmo.

Ela segurou as mãos de Vereesa com força. Mas a patrulheira élfica superior não recuou. Ela ficou com o olhar fixo, os lábios ligeiramente afastados, e seus olhos procuravam os de Sylvana.

— Eu...

— Eu quero você ao meu lado, minha irmã — suplicou Sylvana, antes de sua voz pausar. — Eu tenho me sentido tão... sozinha. Eu não tinha percebido até agora. Não pensava que pudesse... fique comigo. Por favor... fique, minha Pequena Lua.

*Dia Seis*

- **C**hu'shao Murmuréolo, pode chamar sua primeira testemunha.
- Obrigada, Fa'shua. Eu convoco Gakkorg, ex-Kor'kron.

Não restavam muitos Kor'kron. A maioria se aliara a Garrosh, chegando até a lutar contra as forças de Go'el quando ele chegou às Ilhas do Eco. Vol'jin ainda não escolhera seus guardas especiais, e Baine imaginava que haveria um número considerável de trolls entre eles. Os poucos Kor'kron que sobreviveram estavam presos, menos este. Gakkorg desertara antes mesmo de Pandária ter sido descoberta. Ofereceram uma recompensa por sua cabeça, mas o astuto orc conseguiu permanecer escondido.

Ele era mais jovem que Baine imaginara e, como a maioria dos Kor'kron, era um exemplar fisicamente admirável. Sua pele era de um tom profundo de verde, quase esmeralda, e ele mancou até a cadeira de testemunha para prestar seu depoimento.

— Por favor, diga-nos seu nome e cargo — pediu Tyrande.

— Sou Gakkorg. Como você disse, já fui membro dos Kor’kron. Eu servi sob o comando do chefe guerreiro Thrall e, posteriormente, de Garrosh Grito Infernal.

— Poucos dos que “já” serviram sobreviveram — comentou Tyrande.

— Com todo respeito, eu protesto! — gritou Baine.

— Concordo com a Defensoria — disse Taran Zhu. — Por favor, faça suas perguntas sem tecer comentários, Chu’shao.

— Quando o senhor parou de servir Garrosh? — prosseguiu Tyrande.

— Logo após sua campanha inicial para conquistar o continente de Kalimdor.

— Obrigada. Crona, a Visão, por favor.

O dragão da Visão do Tempo acordou sob a persuasão suave de Crona. O Gakkorg do passado apareceu, com um saco bojudo e manchado de sangue sobre as costas. Ele se aproximava de uma das várias malocas de metal em ruínas que se encontravam espalhadas pelo ancoradouro Borraquilha.

O chão da maloca estava coberto de palha, e ela abrigava prisioneiros.

Eles estavam dormindo, mas acordaram quando a porta se abriu. Havia quatro deles, cada um amarrado pelas patas dianteiras com correntes fortes. Eles bocejaram, esfregando o sono dos olhos grandes e amarronzados e murmurando com curiosidade. Seus rostos superavam os de um humano adulto em tamanho, mas ainda eram pequenos para sua espécie. Seus cabelos longos e densos escorriam pelas costas em cachos pueris em tons de preto, marrom e cinza. Trajavam apenas as peças mais rudimentares confeccionadas com pele de animal. Começaram a farejar o ar e descobriram o que Gakkorg trazia. Contentes, bateram palmas e

emitiram sons de prazer. Suas pequenas caudas chicoteavam e eles batiam os pés maciços contra o chão.

Eram a prole dos magnatauros.

— É isso aí, pequenos — encorajou Gakkorg. — Façam muito barulho para que seus pais escutem vocês. — Ele retirou um naco de carne ensanguentada do saco, e os filhotes ficaram loucos. Um deles até gargalhou. O resto gritou, todos desejosos, e lágrimas cintilaram nas bochechas redondas de cada um deles enquanto esticavam os braços até a comida.

A imagem de Gakkorg os contemplou por um momento; depois, ele balançou a cabeça e resmungou algo consigo mesmo. Ele arremessou o naco de carne para um deles, uma fêmea franzina, que saltitou o máximo que pôde com as pernas presas antes de se jogar ao chão e devorar a carne adocicada. Os outros protestavam aos brados por suas porções, e Gakkorg atendia aos pedidos. Logo, todos os quatro — desde o menor, quase ainda um bebê, até o mais velho, um macho com uma minúscula indicação de presas salientes dos dois lados da cabeça — estavam mastigando a comida.

— Pare aí, por favor. — A cena paralisou. — Quem e o que são essas criaturas? — inquiriu Tyrande.

O rosto de Gakkorg se empalideceu de tristeza.

— Filhotes de magnatauro — respondeu. — Garrosh os sequestrou para forçar os adultos a lutar ao seu lado no vale Gris.

— Eles passaram por algum tipo de tortura?

— Não — disse o orc. — Minha função era alimentá-los e cuidar deles. Quando seus pais ficavam arredios, eu dava alguma comida especial para eles fazerem muito barulho assim de repente. Eles gostavam de carne embebida em mel. Os pais não sabiam o que a gente estava fazendo com

eles e, só de se preocuparem, ficavam mais dóceis. Eu não torturaria um filhote, elfa noturna.

— Mas o senhor cuidou de filhotes sequestrados — constatou Tyrande.

Gakkorg esfregou o rosto.

— Sim, cuidei — confirmou, com dificuldade.

— Os adultos lutaram pela Horda naquela batalha? — perguntou Tyrande, embora Baine soubesse que a própria grã-sacerdotisa os vira lutar.

— Lutaram.

— O que aconteceu com eles?

— Foram todos mortos — respondeu Gakkorg.

— Então os pequenos ficaram órfãos — continuou Tyrande. — Os adultos morreram, cumprindo sua parte do trato. Qual era a parte de Garrosh?

— Ele disse aos magnatauros que mataria a prole se os adultos não lutassem. Se eles lutassem pela Horda, ele libertaria os filhotes.

— Entendi. E ele honrou sua palavra?

Gakkorg não respondeu de pronto. Ele apenas ficou sentado com o olhar detido nas imagens dos filhotes, congelados no tempo, e no sangue da refeição, contrabalanceado pelo prazer inocente que eles demonstravam sentir.

— Por favor, responda à pergunta — insistiu Tyrande.

Gakkorg se sacudiu e voltou a si.

— Sim... e não. Os magnatauros... bem, eles não são as criaturas mais espertas do mundo. E Garrosh escolheu bem as palavras. — Ele desviou o olhar da cena, focando-o em Garrosh. Ele quase cuspiu as palavras. — Sim, ele libertou os filhotes. Os magnatauros imaginaram que Garrosh queria

dizer que levaria eles para casa. Em vez disso, ele deu ordens para que fossem soltos nas praias de Azshara.

Baine fechou os olhos. Ele não se atrevia a encarar Garrosh com medo de que atacasse o orc fisicamente por essa última atrocidade.

— Mas eles sabiam se defender, não?

— Talvez soubessem em Nortúndria, onde eles sabiam o que era perigoso e o que não era. Onde poderiam encontrar adultos de sua espécie. Mas eles foram libertados no Areal Despedaçado.

— E lá não era seguro?

— Há nagas no Areal Despedaçado. — A voz de Gakkorg estava cavernosa. Ele não disse mais nada; não foi necessário.

— E o que o senhor fez quando ficou sabendo disso?

— Peguei meu tabardo e desapareci — respondeu. — E não fui o único.

— Obrigada. Assim, temos mais uma acusação de abdução e de assassinato de crianças contra Garrosh Grito Infernal. Chu'shao Casco Sangrento, a testemunha é sua.

Baine não foi sequer capaz de falar que se recusaria a interrogar Gakkorg. Ele simplesmente acenou com um gesto negativo. O tauren não tinha nada a dizer ao orc e temia que, caso se dirigisse a ele, seria apenas para parabenizá-lo pela deserção.

Enquanto Tyrande caminhava de volta a seu assento e Gakkorg, para seu lugar dentre os outros presentes, uma sentinela emergiu e seguiu diretamente até a elfa noturna. Eles conversaram brevemente, e as sobrancelhas de Tyrande se arquearam. De início, ela parecia incrédula, mas algo que a sentinela dissera parecia tê-la convencido.

— Chu'shao Murmuréolo — disse Taran Zhu —, tem algo que queira compartilhar com este tribunal?

— Um momento, Fa'shua. — Os dois elfos noturnos continuaram conversando aos silvos e sussurros, até que Tyrande finalmente concordou com a cabeça. A sentinela correu para fora enquanto Tyrande se recompunha. Ela aparentava estar, ao mesmo tempo, perplexa, satisfeita e oprimida. Depois de algum tempo, ela se ergueu, fazendo suas vestes farfalharem, e ficou parada em frente à mesa por um longo momento. Ela não convocou nenhuma testemunha. Em vez disso, examinou a multidão e, em seguida, voltou o olhar para os celestiais, como se tentasse tomar uma decisão. Baine estava alerta. Tyrande sempre se apresentava confiante e controlada, mas, agora, ela parecia... discretamente triunfante.

— Lorde Zhu — disse ela —, gostaria de registrar uma solicitação formal para que este julgamento seja qualificado como irremediavelmente comprometido.

O público começou a zumbir, e Taran Zhu soou o gongo. Pela primeira vez desde o início do julgamento, Garrosh se inclinou para conversar com Baine.

— O que está acontecendo?

— Dependendo do motivo que a levou a tomar essa atitude, ou ela acha que você será absolvido, no que eu não acredito nem um pouco... ou ela quer um novo júri.

— O que significa que, sem sombra de dúvida, eu vou ser executado.

Sua voz soou plácida, quase entediada. Baine o mirou com um olhar cortante.

— Há apenas um bocado de seres capazes de emitir um veredito imparcial. Quatro deles compõem seu júri atual.

— Isso não muda minhas expectativas.

Baine não respondeu. Quando o furor se arrefeceu, Taran Zhu disse:

— Chu'shao Casco Sangrento e Chu'shao Murmuréolo. Os senhores e seus assessores temporais poderiam, por favor, se aproximar?

Quando todos eles estavam diante do pandariano, Taran Zhu mirou Tyrande com irritação. Baine observou que Crona não parecia particularmente feliz.

— Acusadora, explique por que, nesta altura do julgamento, a senhora deseja que eu declare que o mesmo está comprometido.

— Fiquei sabendo e devo informá-los que existe um conflito de interesses por parte do Chu'shao Casco Sangrento ao representar o Acusado. Não acredito que ele possa fazer um trabalho justo e, assim, solicito que o julgamento seja declarado formalmente comprometido e que um novo Defensor e um novo júri sejam designados.

— Chu'shao — disse Taran Zhu, com uma combinação de seriedade e irritação —, não estou certo de que você esteja ciente da absoluta impossibilidade de encontrar *qualquer criatura*, seja na Horda, na Aliança ou fora de ambas, que seja capaz de represar o Acusado de maneira completamente justa.

— Bem, o senhor terá de encontrar alguém mesmo assim — exigiu Tyrande.

— Qual é a natureza dessa evidência?

Tyrande foi elegante ao transparecer um pouco de desconforto.

— Fui avisada de que uma testemunha foi localizada, a qual prestará um depoimento que, para dizer o mínimo, não fará bem à imagem do Chu'shao Casco Sangrento. Prefiro não manchar sua reputação sem necessidade. Creio que ouvir tais informações influenciará tanto o júri que eles serão incapazes de emitir um veredito justo.

Taran Zhu cruzou as patas e a examinou minuciosamente.

— Eu não gostaria de ser seu inimigo, lady Tyrande.

— Fico feliz que não seja, lorde Zhu.

— E quem é essa testemunha surpresa?

— Eu prefiro...

— No exato momento — interrompeu Baine, furioso —, eu não ligo a *mínima* pro que você prefere, Chu'shao! *De quem se trata?*

Taran Zhu ergueu uma pata.

— Silêncio, Chu'shao Casco Sangrento. Chu'shao Murmuréolo, a opinião do Chu'shao Casco Sangrento sobre Garrosh não é novidade. Em seu discurso de abertura, ele até falou a respeito das tendenciosidades que podem o acometer. Se você discordasse, deveria ter protestado naquela hora.

— Eu ainda não havia encontrado essa testemunha naquele momento, Fa'shua.

Taran Zhu ficou quieto por um longo momento. Finalmente, ele falou:

— Chu'shao Casco Sangrento, é evidente o que a Chu'shao Murmuréolo pretende conseguir. Em comparação a ela, tenho mais fé de que os celestiais têm capacidade de chegarem a um veredito justo, mas sei o que se passa pela sua cabeça, Chu'shao Casco Sangrento. Parece que é o senhor quem seria prejudicado com isso.

Baine percebera que aquele era o momento certo. Taran Zhu faria o que achasse que fosse melhor, é claro. Era seu direito como fa'shua. Mas ele fizera a pergunta a Baine e o tauren responderia com honestidade. Ele também entendia que Tyrande não precisava fazer aquilo. Se o depoimento fosse tão contundente como ela parecia acreditar — e ele não tinha motivos para duvidar de sua certeza —, ela simplesmente poderia ter trazido a testemunha e deixar as coisas seguirem seu rumo natural. Ela estava tentando lhe demonstrar respeito; e, talvez, lhe prestar uma gentileza.

— Foi-se o tempo em que eu teria aceitado a gentileza de bom grado — disse ele. — Ter cumprido meu dever o melhor que pude e, ainda assim, ser desobrigado da necessidade de continuar. A Mãe Terra sabe que eu sofri com minha decisão. Não pedi para carregar este fardo e tenho certeza de que qualquer testemunha que Tyrande tenha encontrado fará aflorar o grau de meus sentimentos com relação ao Acusado. Posso ser um herói medíocre, mas sou o melhor que Garrosh Grito Infernal encontrará. Fui chamado a defendê-lo e assim o farei. Independentemente dos riscos pessoais que eu corra. É isso que passa pela minha cabeça, lorde Zhu.

Para sua surpresa, Tyrande pareceu insatisfeita. Ela se voltou para o tauren e disse seriamente:

— Não acho que o senhor entendeu a gravidade do que está prestes a acontecer. Não desejo que o julgamento se transforme em um ataque pessoal.

— Mesmo assim, é o que a senhora vai fazer.

— É o que eu *tenho* que fazer! — Ela manteve a voz suave, mas a emoção de suas palavras vertia a cada sílaba pronunciada. — Se for necessário, Baine Casco Sangrento, eu vou sacrificar o senhor para apresentar o argumento mais consistente possível. Vou sacrificar o que for preciso e quem for preciso.

Baine inspirou profundamente e, depois, soltou o ar. Ele ficou ereto e, de toda aquela altura, olhou para baixo, na direção da elfa noturna, dizendo-lhe calmamente:

— Faça isso, então.

Taran Zhu observava os dois. Então, o pandariano disse:

— Que assim seja. Chu'shao Murmuréolo, a senhora pode apresentar sua testemunha. Com base nas evidências, o Acusado poderá escolher se continua com Baine como chu'shao ou não.

Jaina fechou os olhos por um instante.

— Baine Casco Sangrento, o que vai acontecer... será por sua conta. Obrigada, fa'shua.

Antes de Kairoz se sentar, ele pegou Baine pelo braço e sussurrou:

— Eu sei o que ela sabe sobre você. Não tenho tempo para pesquisar uma Contravição e não consigo pensar em nada assim rapidamente!

— Não será necessário — respondeu Baine, impassível. — Se Crona estiver envolvida, é claro que Tyrande planeja mostrar a evidência que encontrou, não apenas discuti-la. Tenho que acreditar que a verdade falará por si mesma, e eu aceito as consequências.

— Você é tão idealista quanto o jovem príncipe — sibilou Kairoz, frustrado.

Baine bufou, mostrando-se ironicamente entretido.

— Já fui chamado de coisa pior — retrucou, antes de retornar ao seu assento.

Garrosh se inclinou novamente e perguntou:

— O que aconteceu?

— O julgamento vai prosseguir. Desta vez, você poderá decidir parte dele. Você pode continuar comigo, ou não. Se você decidir que outra pessoa o defenderá, Taran Zhu indicará o novo Defensor.

— Por que eu iria querer isso? Você tem tornado meus últimos dias bem mais divertidos.

Tyrande postou-se ao lado da cadeira da testemunha, parou para respirar e, então, anunciou:

— Por favor, estejam cientes de que eu considero minha testemunha extremamente hostil ao argumento da Acusação. Eu convoco o passolongo Perith Casco Feroz a falar.

E, naquele momento, Baine entendeu exatamente até que ponto Tyrande Murmuréolo estava disposta a ir a fim de garantir a execução formal de Garrosh.

25



○ passolongo tauren Perith Casco Feroz se aproximou lentamente da cadeira, como se estivesse indo para a forca. Ele se sentou com dignidade e esperou.

— Por favor, diga seu nome para o tribunal — pediu Tyrande.

— Eu não vou testemunhar — anunciou Perith. Sua voz era grave, quase sem emoção, mas Baine sabia que ele não era assim.

— Perith Casco Feroz — disse Taran Zhu —, o senhor é obrigado a prestar depoimento quando convocado.

— Eu fiz um juramento a Caerne Casco Sangrento e, depois, a Baine Casco Sangrento: eu nunca direi ou farei qualquer coisa que os prejudique. Sou o guardião encarregado de seus segredos. Ninguém pode me forçar a falar.

— De acordo com a lei pandariana, posso detê-lo indefinidamente, até que aceite testemunhar — explicou Taran Zhu.

— Ficarei na prisão e mantereí minha honra imaculada até o fim de meus dias, mas não trairei meu grande chefe.

Baine estava farto da situação e se ergueu.

— Perith Casco Feroz, ordeno que fale. Você forneceu provas mais que suficientes de sua lealdade, tanto a mim quanto a meu pai, e é por nós dois que eu lhe digo que não ficarei ressentido com nada que você disser. Este é um lugar para se dizer a verdade, que eu e Caerne sempre prezamos. Então diga a sua verdade, conforme exige a lei pandariana.

A máscara desapareceu, e Perith o mirou angustiado. Claramente, ele achava que Baine não compreendia todo o impacto do que ele seria obrigado a revelar. Mas Baine compreendia e estava quase aliviado. Ele fez um gesto com a cabeça. *Vá em frente.*

— Eu vou falar, mas só porque meu grande chefe me disse que eu devo — anunciou Perith, demonstrando uma dor quase palpável.

— Gostaria que o júri tomasse ciência de que esta é uma testemunha hostil — disse Tyrande. Ela não expressava alegria ante a submissão de Perith; tampouco demonstrava arrependimento. — Por favor, diga seu nome e cargo.

— Meu nome é Perith Casco Feroz. Sou um passolongo a serviço de Baine Casco Sangrento e, antes dele, servi seu pai, Caerne.

— Conte-nos o que faz um passolongo.

— Em primeiro lugar, somos mensageiros, mas também mais que isso. Sabemos o conteúdo das missivas que carregamos. Sabemos os segredos do grande chefe. — Sua voz soava monótona, derrotada. — Sabemos como viajar em segurança, em todos os aspectos, para que nós e nossas missões não sejamos prejudicados.

— Quando o senhor não está enviando mensagens para o grande chefe Casco Sangrento, onde costuma estar?

— Próximo a ele.

— Como um conselheiro, um assessor?

Perith sacudiu a cabeça encanecida.

— Não. Como uma sombra, a não ser quando precisa de mim.

Garrosh se inclinou na direção de Baine e disse, em tom de conversa:

— Ela vai te destruir, tauren.

— Tenho certeza que sim — concordou Baine.

— Então por que...

— Acalme-se — ressoou a voz de Baine, perigosamente suave.

— Então o senhor é cúmplice de muitos segredos — continuou Tyrande. — A Acusação solicita que constem dos autos que este depoimento está sendo utilizado *apenas* para fins pertinentes a este julgamento. Não desejo desvendar segredos da Horda a fim de favorecer a Aliança.

— Se eu achasse que a senhora fosse fazer isso, Chu'shao, solicitaria a *sua* remoção deste julgamento — disse Taran Zhu, quase contente.

Baine não olhou para o público a fim de ver a reação dos membros da Aliança. Ele deixaria as coisas correrem. “Por favor, Mãe Terra, peço que esta seja a melhor decisão para todos nós... Estamos tão cansados das guerras.”

Tyrande exprimiu uma leve carranca, mas, mesmo assim, curvou a cabeça. Ela voltou a atenção a Perith.

— Quando o senhor começou a servir a Baine Casco Sangrento?

— Na noite do assassinato de seu pai — respondeu o passolongo. — Os Temível Totem haviam tomado o penhasco do Trovão e atacado a Aldeia Casco Sangrento. Baine recebeu um aviso a tempo e pôde escapar, graças à Mãe Terra.

— E foi o senhor quem o alertou?

— Não. Eu acompanhei Caerne até Orgrimmar. Eu... me atrasei durante minha volta após o mak'gora. Os Temível Totem estavam vigilantes. Depois, alcancei Baine na aldeia Taurajo.

— Então quem o alertou?

— Um xamã Temível Totem chamado Canção da Tempestade, que era mais honrado que Magatha.

— Baine teve sorte. Sendo de interesse do tribunal, gostaria de apresentar uma Visão daquela noite terrível.

Baine fechou os olhos por um instante, rezando para manter a calma enquanto a cena se revelava. Nela, estavam ele, Jorn Vidente do Céu, Hamuul Runa Totem e Perith, sentado ao fundo, como de costume. Perith era muito respeitado por Baine, mas preferia ficar à margem de toda a atividade. Era parte de seu treinamento como passolongo.

— Magatha conseguiu o que queria — disse a imagem de Hamuul, enquanto lhe serviam comida. — Ela detém o controle do penhasco do Trovão, da aldeia Casco Sangrento, provavelmente da aldeia Mojache e, a não ser que a detenhamos, de todos os taurens.

— Mas não da Rocha do Sol — mencionou Jorn em voz baixa. — Eles enviaram um mensageiro e foram capazes de repelir o ataque.

Baine se observou fazer um gesto com a cabeça, rosnar suavemente e morder um pedaço da comida, mais por necessidade que por apetite.

— Arquidruida — disse a imagem de Baine, depois de um momento —, meu pai sempre confiou em seu conselho. Nunca precisei dele mais do que agora. O que vamos fazer? Como lutamos contra ela?

Hamuul não respondeu de pronto. Depois de um tempo, disse:

— Pelo que sabemos, a maioria dos taurens estão sob o controle de Magatha... de livre e espontânea vontade, ou não. Garrosh pode ser inocente quanto à acusação de traição, mas, sem dúvida, tem a cabeça

quente e, de um jeito ou de outro, queria ver seu pai morto. A Cidade Baixa não é segura para você. Não patrulhada por orcs provavelmente leais a Garrosh, como ela está atualmente. É provável que os trolls Lançanegra sejam confiáveis, mas eles não são muitos. E, quanto aos elfos sangrentos, eles estão longe demais para nos oferecer qualquer tipo de ajuda. Creio que Garrosh chegará a eles antes de nós.

A gargalhada de Baine retumbou, embora fosse amarga.

— Então parece que nossos inimigos são mais confiáveis que nossos amigos.

— Ou mais acessíveis, pelo menos — corrigiu Hamuul.

A imagem de Baine ficou em silêncio, perdida nos pensamentos. Por fim, ele balançou a cabeça e sacudiu as orelhas; tomara uma decisão.

— Sempre vou preferir um inimigo honrado a um amigo desonrado. Então vamos até um inimigo honrado. Vamos procurar a mulher em quem Thrall confiava. Vamos até lady Jaina Proudmore.

O tribunal caiu em alvoroço.

Enquanto Jaina fitava Tyrande, as vozes ao seu redor soavam abafadas e não faziam sentido, como se ela estivesse debaixo d'água. Ela não pôde sentir a mão que segurou a dela própria ou a que lhe sacudia os ombros. Jaina só era capaz de deter o olhar em Tyrande, com um sentimento terrível e inabalável de traição. A elfa noturna devolveu-lhe um olhar com uma combinação de determinação implacável e compaixão profunda.

— Como ela pôde fazer isso? — murmurou Jaina. Ela meio que esperava esse tipo de atitude vindo de Baine, mas de Tyrande...

— Jaina! — A voz de Kalec estava mais forte e plena do que ela jamais ouvira. Ele a sacudiu pelos ombros. O movimento a tirou do feitiço e, de repente, tudo acelerou e ficou mais ruidoso; todos gritavam, e Taran Zhu

soava o gongo. Jaina desviou os olhos de Tyrande, direcionando-os para Varian. Ele também gritava.

— *Jaina, por que você não me contou?*

Os olhos de Anduin se arregalaram, transformando-se em duas grandes moedas de ouro. Aparentemente, ele também decidira que o silêncio era a melhor opção quando se tratava de ajudar o grande chefe tauren deposto.

Que a Luz ajude Jaina e Anduin neste momento.

— Tudo está desmoronando — murmurou ela. — Tudo. Absolutamente tudo está desmoronando.

— Jaina — chamou Kalec. — Taran Zhu acabou de pedir um recesso de dez minutos. Você pode sair se quiser. Você não tem que ficar aqui e aguentar isso tudo.

— Que “isso tudo” é esse que ela não precisa ficar aqui e aguentar? — inquiriu Varian. Visivelmente, ele se esforçava para manter a calma, mas só conseguia em parte. — Isso é exatamente o que aconteceu com os Fendessol. Jaina, você deveria ter me contado. Diga, para que mais eu preciso me preparar agora?

Jaina meneou a cabeça e alinhou os ombros.

— Eu não tenho dúvida de que o senhor verá em breve — respondeu ela. — Não posso contar tudo em dez minutos.

— Então diga o que *puder!* Que a Luz me cegue, Jaina, acabei de descobrir que alguém que eu considerava uma de minhas melhores amigas se encontrava às escuras com Baine Casco Sangrento! — vociferou ele, cruzando os braços sobre o peito largo, talvez como um esforço para não atacá-la. — Você ter saído escondida constantemente para se encontrar com Thrall já foi ruim o bastante, mas...

— Pai — interrompeu Anduin em voz baixa. — Também tenho algo a lhe dizer.

Baine estava sentado, quieto, sentindo-se estranhamente calmo enquanto o mundo enlouquecia ao seu redor.

Taran Zhu pediu um recesso de dez minutos, mas levou pelo menos o dobro do tempo para interromper a luta e conduzir os combatentes a seus novos “alojamentos”. Tyrande não podia saber que ele não tentara esconder seu contato inicial com Jaina Proudmore. Baine ficara tão irritado com a decisão de Garrosh de esperar para ver quem venceria o conflito entre Temível Totem e Casco Sangrento que o fato de que um líder da Aliança dera mais apoio que seu próprio chefe guerreiro se tornou uma informação de conhecimento geral. Ele chegara ao ponto de usar o apoio de Jaina como razão para não atacar Theramore durante uma enorme assembleia de líderes da Horda e seus povos. Ninguém o considerara um traidor. Jaina era respeitada por alguns membros da Horda e não era, nem de longe, tão detestada como Varian ou Tyrande.

Não naquela época, pelo menos.

Garrosh olhou para o tauren com uma expressão perplexa.

— Então parece que você vai se juntar a mim na prisão, Casco Sangrento — disse o orc.

— Possivelmente — respondeu Baine. — Mas eu solicitaria outro companheiro de cela.

— Jaina, talvez?

— Não. Mas, talvez, Anduin.

Taran Zhu soou o gongo novamente, e, desta vez, as pessoas pareciam prontas a retomar seus lugares.

— Eu cogitei a ideia de encerrar o julgamento por hoje — anunciou Taran Zhu, com a voz mais dura que o normal e com os olhos irradiando indignação, sentimento raramente demonstrado pelo pandariano. — Mas tenho a esperança de que, ao final do depoimento desta testemunha, todos nós ficaremos mais civilizados. De outro modo, saibam que colocarei imediatamente qualquer testemunha ou pessoa nomeada neste tribunal sob proteção Shado-pan, caso eu sinta que estão em perigo. Aqui não é a Feira de Negraluna; tampouco é uma arena de gladiadores. Estamos em um tribunal. É um lugar apropriado para a justiça e para a verdade. E eu vou *garantir* que assim seja.

Todos ficaram em silêncio. Ele contemplou os presentes por um momento; em seguida, voltou os olhos para Tyrande.

— Chu'shao, pode dar continuidade ao seu interrogatório.

— Obrigada, Fa'shua. — Sem se apressar, ela se ergueu, aprumou a toga e caminhou até Perith. — Acredito que, onde paramos — disse ela, como se tivessem feito apenas um recesso comum —, víamos que Baine Casco Sangrento planejava se encontrar com a grã-senhora Jaina Proudmore.

Todos os olhos se dirigiram a Jaina. Ela estava calma, sentada com boa postura, as mãos dobradas sobre o colo, mas seu rosto enrubescido e sua respiração ofegante desmentiam sua frieza exterior. Ao seu lado, Kalec parecia pronto a entrar em ação caso julgasse necessário, e o rosto de Varian trevejava. O olhar do rei oscilava entre Perith e Tyrande, e Baine não soube dizer com qual dos dois ele estava mais furioso.

— Correto.

— O senhor esteve presente em tal encontro?

— Não estive.

— Mas o senhor sabe o que aconteceu?

— Sei o que o meu grande chefe me contou.

— E o que ele contou?

Perith olhou Baine de relance, revelando um semblante de profunda tristeza.

— Lady Jaina não faria a Aliança entrar em guerra contra a Horda, mas concordou em ela mesma ajudar.

— Que tipo de ajuda?

— Ela lhe forneceu ouro.

Uma onda de reprovação ecoou pelos presentes.

— Quanto ouro? — inquiriu Tyrande.

— Não fiquei sabendo desses detalhes.

— Essa foi a única vez que seu grande chefe fez um acordo com lady Jaina?

Baine ficou tenso. Essa segunda visita *não* era de conhecimento geral. A voz de Perith estava áspera quando ele respondeu:

— Não, não foi.

Tyrande fez um sinal com a cabeça para Crona.

— Sendo de interesse do tribunal, tenho uma segunda Visão para apresentar.



Jaina ainda estava entorpecida com a revelação. Ela sabia que a sensação passaria, mas, naquele momento, ela a acolhia de bom grado. Suas emoções estavam tão aguçadas e em conflito tão intenso que ela não ousava examiná-las; certamente, não naquele lugar ou momento. Varian não se voltara imediatamente contra ela — ou contra seu filho — como se ela fosse uma traidora, e, por enquanto, isso bastava. Ele estava esperando para ver as coisas se desdobrarem.

Verdade seja dita, ela também.

A saleta aconchegante de Jaina apareceu. A lareira estava ladeada por duas cadeiras e fileiras de livros, e ela ficou um pouco tonta. Era simples, sua saleta. Apenas um aposento. E ela já não existia mais, pois fora reduzida a pó violeta junto com todos e tudo em Theramore. O crepitar do fogo, o tilintar das xícaras nos pires, o som das risadas ou das conversas intelectuais animadas... nada seria ouvido novamente.

Ela não pôde tirar os olhos da cena, mas tateou às cegas por Kalecgos. Ele a tomou pela mão, segurando-a com firmeza.

E a visão de si mesma, com um robe vestido às pressas...

Cabelos dourados, um olhar doce, um semblante marcado por um único sulco na sobancelha, lábios que conheciam mais palavras gentis que gritos de dor.

Era um rosto estranho.

O coração de Jaina foi despedaçado à evidência flagrante do quão inocente ela fora havia não muito tempo. Ela não queria entrar em colapso, não na frente de todos, e Kalec sabia disso. Então, ele não fez qualquer menção de alçar o braço ao redor dela ou de reconfortá-la, detendo-se apenas a segurar sua mão com a firmeza de uma pedra.

A Jaina da Visão andou compassadamente e, então, virou-se para cumprimentar o visitante. Ela parecia minúscula perto do tauren; Jaina pensou que a observação prosaica era um pequeno oásis em meio ao turbilhão emocional pelo qual passava. Ele trajava uma capa e ficou parado, quieto, sem reclamar da rudeza demonstrada pelos guardas que o escoltaram.

— Deixem-nos a sós — ordenou Jaina.

“Minha voz... Será que eu soava tão jovem assim?”

— Milady? Deixá-la a sós com esta... criatura? — protestou um dos guardas. Jaina lançou-lhe um olhar severo.

— Ele veio com boas intenções, e você não deve falar assim dele.

O guarda enrubesceu levemente, envergonhado. Então, prestando reverência à senhoria, ele e o outro se retiraram.

Perith removeu o capuz.

— Grã-senhora Jaina Proudmore. Meu nome é Perith Casco Feroz. Venho por ordem de meu grande chefe. Ele me pediu para lhe entregar

esta maçã. Ele disse que... ela a ajudaria a acreditar que digo a verdade.

Quebramedo. Uma arma anã antiga e requintada, dada por Magni Barbabronze a Anduin Wrynn, que, por sua vez, a entregara a Baine Casco Sangrento naquela mesma saleta. Só então Jaina se lembrou de que a segurara durante aquele encontro. A Jaina de outrora empunhava a maçã, tão perfeita e imaculada quanto no dia em que fora forjada. Ela apresentava uma cabeça de prata envolta em tiras de ouro e era talhada de runas e salpicada por pequenas pedras preciosas.

— Eu nunca confundiria a Quebramedo — constatou a Jaina de outrora. Ninguém confundiria. Os que conheciam Anduin conheciam, também, a Quebramedo. Logo, Tyrande expusera o príncipe de Ventobravo, bem como a grã-senhora de Theramore.

— Ele sabia que não. Lady Jaina... meu grande chefe tem-lhe grande estima e gratidão, e é por causa da memória da noite em que recebeu a Quebramedo que ele me enviou com este aviso: a Fortaleza da Guardanorte sucumbiu à Horda.

Gritos enfurecidos começaram a surgir, alguns direcionados a Jaina, mas, a maioria, a Baine. Jaina compreendia o porquê. Pedir ajuda a Jaina contra Magatha, um conflito interno, não era o mesmo que avisá-la sobre um ataque da Horda contra a Aliança. Pela primeira vez no que pareciam longas eras, Jaina se viu preocupada com o bem-estar de um membro da Horda.

Taran Zhu soou o gongo, e, embora a tensão não tenha diminuído, os espectadores ficaram em silêncio. Ninguém queria ser expulso do tribunal naquele ponto.

A imagem de Perith continuava falando:

— Dói-lhe ainda mais que essa vitória tenha sido conquistada através do uso de magia negra xamânica. Ele abomina o fato de ter que agir assim,

mas, para proteger seu povo, Baine concordou que os taurens devem continuar a servir à Horda de acordo com a necessidade. Ele pediu que eu enfatizasse que, às vezes, essa obrigação lhe traz pouco de prazer.

Parte da raiva se apaziguara, mas a fúria ainda crepitava pelo aposento com intensidade considerável.

— E eu realmente acredito nisso — ouviu-se dizer Jaina. — Ainda assim, ele participou de um ato de violência contra a Aliança. A Fortaleza da Guardanorte...

— É só o começo — interrompeu Perith. — Grito Infernal pretende chegar muito mais longe que uma mera fortaleza.

— *O quê?!* — Jaina ainda se lembrava do sentimento, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Seu objetivo não é outro que não conquistar todo o continente. Não tardará até que ele ordene que a Horda marche na direção de Theramore. E acredite quando eu digo que eles estão em grande número. Do jeito que estão, vocês vão sucumbir. Meu grande chefe ainda se lembra da ajuda que a senhora prestou a ele e pediu que eu viesse alertá-la. Ele não deseja que vocês sejam pegos desprevenidos.

— Seu grande chefe — disse ela, sentindo o coração pleno — é um tauren muito honrado. Tenho orgulho de que me tenha em grande estima. Agradeço pelo aviso a tempo. Por favor, diga a ele que ajudarei a salvar vidas inocentes.

— Ele lamenta não poder fazer mais nada, milady. E... pede encarecidamente que fique com a Quebramedo e a devolva àquele que foi tão gentil ao dá-la de presente ao meu grande chefe. Baine não se sente mais no direito de carregá-la.

“Pronto”, pensou Jaina, “sem dúvida, Vol’jin vai entender; talvez até já saiba...”

— Garanto que a Quebramedo será devolvida ao antigo dono — afirmou a imagem de Jaina. Sua voz estava cheia de ternura e gratidão. “Eu era... boa”, percebeu Jaina. “Eu era *boa* naquela época...”

Ela pôde afirmar que Perith percebeu sua bondade quando ele lhe prestou uma reverência. Rapidamente, Jaina escreveu um bilhete, dobrou-o e o deu ao Passolongo.

— Isto vai garantir sua passagem em segurança pelo território da Aliança, caso seja capturado.

Ele emitiu uma gargalhada retumbante.

— Não serei, mas agradeço a preocupação.

— E diga ao seu nobre grande chefe que não haverá rumores sobre um Passolongo tauren ter me visitado. A todos que me perguntarem, direi que fui informada por um patrulheiro da Aliança que conseguiu escapar da batalha. Coma alguma coisa e volte em segurança.

— Que a Mãe Terra a abençoe, milady — desejou Perith. — Entendo a escolha de meu grande chefe ainda melhor, agora que a conheci.

— Algum dia — disse a Jaina do passado sinceramente —, talvez lutemos do mesmo lado.

— Talvez algum dia. Mas não hoje.

Nem hoje, no presente, pensou Jaina.

— Então, Vossa Majestade — disse ela, se dirigindo a Varian e detendo o olhar à frente enquanto a cena desaparecia. — Vai me prender por traição?

— Tenho uma pergunta.

Ela se virou a fim de olhar para ele. Seu rosto marcado por cicatrizes estava de perfil, e seu olhar furioso se dirigia não a ela, mas a Baine.

— Você acredita que Baine sabia a respeito da bomba de mana? Acha que ele foi parte do plano de trazer todos os generais a Theramore?

— Não. — Sem dúvida, a resposta veio rápido, e aquela única palavra trouxe um estranho conforto ao peito de Jaina.

Varian fez um gesto lento com a cabeça.

— Ótimo — disse ele. — E eu ainda não decidi. Quando este julgamento acabar, você e Anduin terão de me contar tudo. — Naquele momento, ele a encarava e seus olhos azuis mostravam as chamas acumuladas de suas emoções. — *Tudo*.

— Chu'shao Murmuréolo — disse Taran Zhu —, tem algo mais a perguntar a esta testemunha?

— Não, lorde Zhu — respondeu Tyrande.

— Chu'shao Casco Sangrento, você tem direito a um tempo com o Acusado a fim de...

— Não preciso de um tempo — interrompeu Garrosh. Passara-se tanto tempo desde que Garrosh não fizera nada além de ficar sentado ouvindo, que Jaina se surpreendeu com sua voz. Era alta, poderosa, e ecoava, mas não era o rugido arrogante que ela se acostumara a ouvir do orc. — Já tomei minha decisão.

— A Defensoria pode se pronunciar... — começou a falar Taran Zhu.

— *Eu* vou falar — interrompeu Garrosh, elevando ainda mais a voz — e eu vou continuar com Baine Casco Sangrento como meu advogado.

As orelhas de Baine giraram na direção daquelas palavras. Claramente, ele, assim como todos, supunha Jaina, haviam assumido que Garrosh ficaria revoltado com a confraternização entre o tauren e o inimigo.

Tyrande parecia incapaz de acreditar.

— Fa'shua, eu...

— O Acusado está satisfeito com seu chu'shao — disse Taran Zhu. Até ele parecia um tanto surpreso, mas se recuperou quase imediatamente. —

Sugiro que aceite esse fato de boa vontade, Chu'shao Murmuréolo. A senhora pretende apresentar outra testemunha?

— Só mais uma, Fa'shua.

— Amanhã, você a apresentará. Chu'shao Casco Sangrento, o senhor está preparado para convocar suas testemunhas depois?

— Estou, sim — respondeu Baine.

— Muito bem. Acho que já tivemos surpresas demais para um dia só. Antes de partirem, devo lembrar a todos que este templo é um lugar de paz. Quaisquer que sejam seus sentimentos com relação aos eventos de hoje, falem deles com gentileza, e não levem nenhum às últimas consequências. — Ele soou o gongo três vezes para encerrar formalmente as atividades do dia.

Jaina se ergueu para sair, mas Varian a segurou pelo braço.

— Ainda não. Precisamos ter uma conversinha.



Não foi uma “conversinha”.

Foi uma conversa longa; foi uma conversa desconfortável; e, em última análise, Anduin descobriu que não era de fato uma conversa, mas uma disputa para ver quem gritava mais alto.

Seu pai estava furioso, o que era compreensível. Tanto Anduin como Jaina sabiam que Varian ficaria assim, motivo pelo qual eles nunca mencionaram a participação de Anduin nas conversas que Jaina tivera com Baine, ou mesmo que elas sequer haviam ocorrido.

— Como você pôde prestar auxílio a Baine, Jaina? Como pôde lhe dar *ouro*? — Varian explodiu assim que chegaram ao pico Violeta. Ele erigira um enorme toldo próximo à sua tenda, onde resolvia o que quer que precisasse de resolução. Embora houvesse assentos, e o do rei de Ventobravo não era maior que os outros, ninguém se sentou. A chuva desenhava uma tatuagem fixa no tecido.

— Eu lhe dei ouro de meus fundos pessoais, não de Theramore ou da Aliança. E não é possível que o senhor acredite que ter Magatha Temível Totem como líder dos taurens fosse algo bom para qualquer um, inclusive a Aliança! — redarguiu Jaina.

— Não tive a chance de dizer o que pensava, pois você nunca me consultou!

— Ele não foi até o senhor; foi a mim que ele procurou. E Theramore se acostumou... — Jaina ficou pálida e engoliu em seco. — Theramore *tinha* se acostumado a zelar por si mesma! Aliás, o senhor não teria se disposto a ouvir mesmo, assim como não está disposto agora.

Varian esfregou os olhos.

— Mas eu ouvi — discordou ele. — Hoje, no tribunal. Eu ouvi um Passolongo tauren me informar que você teve conversas de natureza política bastante delicadas com uma raça que era inimiga da Aliança.

— Naquele momento, não estávamos em conflito com os taurens ou com a Horda — defendeu-se Jaina.

— Nós *sempre* estamos em conflito! — berrou Varian. — Em algum lugar, sempre vai ter alguém fazendo alguma coisa que levará a uma contenda. Você é esperta demais para não saber disso. E é por isso que assuntos dessa natureza são tão cruciais; cada coisa faz diferença. Isso era importante, e eu não deveria ter descoberto da maneira que descobri.

— O senhor sabe tão bem quanto eu que não daria ouvidos a Baine, independentemente do que ele dissesse ou dos motivos que ele apresentasse, pois ele é da Horda. E foi pelo que *eu* fiz que, pelo menos, pudemos salvar as crianças de Theramore!

— E, agora, *você* está fazendo a mesma coisa — retrucou Varian. — É você quem não escuta nada do que a Horda tem a dizer. — Antes que Jaina pudesse protestar, ele ergue as mãos em gesto preventivo. — Vamos dar um

passo para trás. — Ele se forçou a falar com calma. — Deixemos Baine e você fora disto. O que eu realmente quero saber é por que, em nome da Luz, você pensou que era uma boa ideia envolver o meu filho nessa história!

— Eu meio que... acabei envolvido — explicou Anduin, inserindo-se na discussão, na tentativa de apaziguá-la. — Eu fugi da Altaforja usando a pedra de regresso de Jaina e fui parar no meio da conversa. Não fique nervoso com ela, pai; ela não teve opção.

— Estou com muita vontade de mandar vocês dois passarem um tempo na prisão — vociferou Varian.

— O senhor não falará comigo nesse tom. Sou uma líder e tenho meus direitos; *não sou* sua tenente, tampouco sua filha — retrucou Jaina, com a voz fria como gelo. Um trovão ressoou, como se respondesse. Ela tremia de raiva.

— Você é um membro da Aliança — contrapôs Varian, aproximando-se de Jaina.

— O senhor sabia — perguntou ela, marcando bem as palavras — que, quanto mais eu penso sobre isso, mais acredito que os antigos líderes dos Kirin Tor estavam certos, e que é melhor ser independente? Não me pressione, Varian Wrynn. Porque eu também posso pressioná-lo se for necessário.

— Jaina... — começou a falar Anduin, mas ela balançou a cabeça.

— Perdoem-me, mas acho que já aturei o bastante dos Wrynn por um bom tempo. Vejo vocês no jantar. — Ela moveu as mãos com destreza, com a prática de muitos anos, teleportando-se para sabe-se lá onde, enquanto seus traços demonstravam-se indelicados e severos na luz azul-púrpura. E, no instante seguinte, ela não estava mais lá.

Pai e filho permaneceram em silêncio por um tempo. A chuva continuava tamborilando em suas cabeças.

— Então — disse Anduin, quando a pausa se tornou embaraçosa —, o senhor vai me mandar para a prisão sem comer?

— Ela não deveria ter envolvido você nessa história — comentou Varian, sem sorrir.

— Ela não teria me envolvido se eu não tivesse, *puf*, aparecido na sala dela — constatou Anduin. Ele se sentou e ficou traçando, distraído, um padrão no braço da cadeira com o dedo. — Baine é uma boa pessoa, pai.

Varian se sentou e apoiou o rosto nas mãos.

— Magni... ele era seu amigo, Anduin. A Quebramedo foi algo precioso que ele lhe deu. Por que você a deu para um *tauren*? Para ele simplesmente... jogá-la de volta na sua cara?

E lá estava ela: a mágoa subjacente à raiva.

— Porque eu senti que era a coisa certa a se fazer. A Luz gostava de Baine. E ele a devolveu a mim porque era honrado. Ele havia escolhido por que lado lutaria e a última coisa que queria era ter de usar a Quebramedo contra Jaina em uma batalha.

Varian fechou os olhos por um instante.

— Não tinha pensado por esse lado. Ainda estou muito irritado com Jaina, meu filho.

— Ela entende o motivo. Mas, agora, ela está sofrendo. Acho que... ver sua antiga casa hoje foi difícil para ela.

— Claro que foi. Este julgamento... — Ele sacudiu a cabeça. — Vou ficar feliz quando ele acabar. Independentemente do resultado, Garrosh não está mais no poder. Não creio que ainda importe se ele morrerá ou apodrecerá na prisão, contanto que seja detido.

— Vossa Majestade! — Era um dos guardas de Varian chamando de fora da tenda. — Tenho uma correspondência para o senhor.

— Entre — chamou Varian. O guarda entrou, cumprimentou-os com elegância, pingando água por toda a parte, e deu ao rei um pergaminho enrolado que, de algum modo, permanecera seco. Estava selado com cera e trazia os caracteres pandarianos que indicavam que se tratava de um documento da corte oficial. Varian passou o dedo por baixo do selo, quebrou a cera e leu a missiva. Ele pareceu completamente furioso por um instante, antes de romper em gargalhada.

— O que é?

Como resposta, Varian arremessou o pergaminho a Anduin.

A Sua Majestade, Rei Varian Wrynn:

*VOSSA SENHORIA ESTÁ SENDO CONVOCADO
a comparecer no Templo do Tigre Branco a fim de
prestar depoimento para o Acusado no julgamento
de Garrosh Grito Infernal.*

A assinatura era a marca de um casco tauren.

Após o jantar, Anduin desceu até a praia. A chuva parara, pelo menos por enquanto, e ele não queria estar perto de seu pai ou de Jaina. Ele se sentou sobre uma pedra e contemplou o oceano, os navios flutuando no porto e a luz violeta da torre.

Ele ouviu um bater de asas. Alerta, pôs-se de pé em um salto, empunhou a Quebramedo, mas relaxou ao ver uma forma do tamanho de

um cachorro grande pairando a alguns metros acima de sua cabeça. Em uma de suas patas dianteiras, a criatura carregava uma bolsa de couro.

— Quer companhia? — perguntou Wrathion.

— Sabe — respondeu Anduin —, Jaina e meu pai preferem que eu não converse mais com você, então, *por favor*, peço que desça e me faça companhia.

Wrathion riu e desceu com leveza até outra pedra próxima à do príncipe. Mais rápido que um piscar de olhos, ele assumiu sua forma humana. Ele ainda sorria.

— Não vejo Esquerda e Direita — constatou Anduin, referindo-se aos guarda-costas quase onipresentes de Wrathion.

— Dei-lhes folga esta noite. Vim ver se você estava bem depois dos acontecimentos acalorados do julgamento hoje — disse ele. — Estava até preparado para ajudá-lo a escapar da prisão, caso seu pai estivesse disposto a colocar você lá. Só queria garantir que você soubesse disso.

— Muito gentil de sua parte — agradeceu Anduin. — Essa ideia foi rejeitada por enquanto, pelo menos até depois do julgamento. Acho que meu pai gostaria de me ver trancafiado até eu atingir os 37 anos.

— Estou começando a achar que, em certos momentos, é um sentimento compartilhado pela maioria dos pais humanos — ironizou Wrathion. — Imagino que você não tenha ido ver Garrosh hoje.

— Como você... deixa para lá. — Não se pode dizer que ele tentou esconder, mas Anduin não tinha espalhado a informação voluntariamente e tinha certeza de que ninguém mais o fizera. Mas Wrathion sempre parecia conseguir descobrir tudo que desejava. — Eu... não tenho certeza se o verei novamente.

— Não me diga que desistiu da ideia de tentar trazer aquele sujeito até a Luz! — Wrathion levou uma mão ao coração e recuou de forma

melodramática. — Confesso ter ficado um tanto triste ao ouvir isso, embora não seja de hoje que digo que sua ingenuidade será sua ruína.

Anduin esfregou o queixo e suspirou.

— Não sei. Acho que só estou cansado. Cansado de tudo isso. E estou preso aqui, principalmente agora.

— Quando eu for um pouco mais velho — anunciou Wrathion —, se me pedir com educação, vou levar você em meu dorso a lugares fascinantes, onde passaremos por aventuras que farão seu pai envelhecer dez anos em uma só noite.

— Você não tem ideia do quão maravilhoso isso soa — disse Anduin, melancólico.

— Enquanto isso — continuou o dragão negro —, ali há um pouco de lenha. Podemos fazer uma fogueira para espantar o frio e prover iluminação para... — Com um floreio, ele sacou algo da bolsa. — Jihui.

O ânimo de Anduin se acendeu. Um jogo cujo objetivo era ter ambas as partes do equilíbrio soava como a forma perfeita de passar aquela noite em particular.

— Desafio aceito — respondeu o príncipe.

28



Dia Sete

— **A** acusação pode chamar sua última testemunha — instruiu Taran Zhu.

Tyrande parecia cansada, pensou Jaina.

— Sendo de interesse do tribunal, convoco a falar Jaina Proudmore.

Jaina se ergueu e, sem pressa, desceu os degraus até o chão do templo. Ela questionava a sabedoria do que Tyrande fizera no dia anterior por muitas razões, e o fato de que a elfa noturna manchara a reputação de sua melhor testemunha não era a menor delas. Não importa, pensou Jaina. É claro que existiam evidências mais que bastantes das atrocidades de Garrosh e até mesmo seres tão compassivos como os celestiais enxergariam a necessidade de prendê-lo em algum lugar frio, úmido e escuro... e esquecê-lo lá.

Kalec tentara falar com ela na noite anterior, mas Jaina lhe dissera que estava bem e muito cansada, e que poderia vê-lo na manhã seguinte no tribunal. Ela tivera pesadelos, tanto em reação ao depoimento de Perith como em sinal de uma ansiedade nauseante em reação ao próprio depoimento.

— Primeiramente, deixe-me dizer, lady Jaina, que sinto muitíssimo por forçá-la a reviver certos momentos.

Jaina encarou Tyrande diretamente, olhos nos olhos. De repente, ela disse:

— Chu'shao, eu revivo Theramore todos os dias. Faça suas perguntas.

Tyrande consentiu com a cabeça, aparentando ter sido castigada de alguma forma, e começou a andar e falar.

— Lady Jaina, como ouvimos ontem de Perith Casco Feroz, a senhora estava avisada quanto ao ataque a Theramore.

— Estava.

— O que a senhora fez após receber esse aviso?

— Instruí que os civis de Theramore fossem notificados. Os que desejassem partir não seriam impedidos. Acabou que a maioria deles quis ficar e lutar. Em seguida, enviamos um navio cheio de civis, incluindo todas as crianças, a Geringontzan. Depois, entrei em contato com o rei Varian.

Não foi tão difícil quanto ela temera. “Apenas responda às perguntas”, disse ela a si mesma. “Não deixe nada chegar ao nível pessoal.”

— E qual foi a resposta dele?

— Ele me disse que mandaria a frota naval da 7ª Legião e que chamaria vários de seus generais de volta de seus postos em diversas partes de Azeroth. Ele também iria entrar em contato com Genn Greymane, e eu pediria auxílio a outros líderes da Aliança.

Tyrande continuava andando. Suas mãos estavam cruzadas em frente ao peito, e seu olhar estava fixo não em Jaina, mas no júri.

— O que aconteceu depois?

— Depois, fui informada de que vários navios da Horda haviam chegado. Eles ancoraram bem próximo ao território marítimo da Aliança.

— Quando a senhora ficou sabendo disso, lançou um ataque?

Naquele momento, Jaina começou a experimentar uma sensação nauseante no fundo do estômago. Ela sacudiu a cabeça.

— Não.

— Por que não?

— Porque eles não estavam em nosso território marítimo. E eu não queria ser aquela que provocaria uma guerra. — “Mas eu deveria. Que a Luz me ajude... eu deveria. Talvez, se tivéssemos atacado antes da chegada dos generais...”

— A senhora disse que buscou o auxílio de outros líderes da Aliança. Pediu a ajuda de mais alguém?

Jaina molhou os lábios.

— Sim — respondeu ela. — Fui a Dalaran e conversei com o Conselho dos Seis. Eles atenderam o meu pedido e enviaram o próprio Rhonin, junto de vários outros magos proeminentes. A esposa de Rhonin, Vereesa Correventos, patrulheira-general do Pacto de Prata, também o acompanhou.

— E o que vocês fizeram em seguida?

— Aguardamos os reforços prometidos pelo rei Varian. A cidade se tornou um centro de preparação para uma guerra, acumulando comida, armas e curativos. Os soldados treinavam todos os dias. Esperávamos que a Horda chegasse por mar ao nosso porto a qualquer momento. — Seu

coração começou a bater mais rápido conforme as perguntas se aproximavam inexoravelmente do tema da Destruição de Theramore.

— E a ajuda prometida chegou?

Jaina conteve uma resposta incisiva. Todos sabiam sobre esses acontecimentos. Todos sabiam o que ocorrera em Theramore. Certamente, até os celestiais sabiam. Mas era por aquele momento que ela esperara, não? Para fazer com que Garrosh Grito Infernal pagasse pelo que fez. E, se fosse necessário rememorar os eventos daquele dia horrível novamente, ela o faria.

Jaina pigarreou e respondeu:

— Chegou, sim. A 7ª Legião chegou com vinte navios e meia dúzia dos melhores generais da Aliança... e um grande almirante. Cochrane, que mal sobrevivera ao ataque à Fortaleza da Guardanorte, e que acabou morrendo em Theramore.

— Lady Proudmore? — perguntou Tyrande.

— Peço... peço desculpas. Pode repetir a pergunta?

— Vou repetir. O ataque da Horda aconteceu, não?

— Sim.

— E vocês estavam preparados?

— Sim. Acabamos vencendo, mas foi uma vitória difícil, e tivemos um número significativo de mortes. No meio de tudo que estava acontecendo, descobrimos um traidor. Thalen Tececanto. Um membro dos Kirin Tor... um dos Fendessol. — Jaina tentava falar de forma imparcial, mas a última palavra soou como um rosnado. Ela cerrou os punhos. Por que ela não percebera outrora que eles não eram dignos de confiança?

— A senhora perdeu alguém próximo?

— Sim, o capitão Walmor. Ele foi meu amigo por muitos anos.

— Alguém mais cuja morte lhe tenha sido especialmente dolorosa?

Jaina sacudiu a cabeça.

— Não... Não naquela época.

— A senhora tinha alguma suspeita de que a Horda estava fazendo alguma coisa além do melhor que podia para destruir Theramore através de métodos convencionais?

— Não. Eles lutaram com afinco e mataram muitos dos nossos. Tínhamos todos os motivos para acreditar que estavam se esforçando ao máximo, assim como nós estávamos.

— Então a senhora pensou que fosse uma vitória genuína.

Jaina consentiu com a cabeça.

— Sim.

— O que a senhora fez depois que a Horda recuou?

— O que sempre deve ser feito — respondeu Jaina. — Cuidamos dos feridos. Enterramos os mortos. Reconfortamos os que haviam perdido entes queridos. Amparamos os que haviam sobrevivido.

Kinndy...

Ela engoliu em seco.

— Descobrimos que, durante a batalha, alguns membros da Horda haviam libertado Thalen Tececanto. Vereesa e Shandris Plumaluna partiram para ver se podiam encontrar o rastro antes que desaparecesse. Por isso, elas não estavam... — Sua garganta se fechou.

— Por isso, elas não estavam lá quando a bomba de mana caiu — completou Tyrande, demonstrando uma compaixão profunda.

Jaina ficou feliz por ter enfiado um lenço na manga. Ela o sacou, levando-o aos olhos.

— Não — respondeu ela —, graças à Luz, elas sobreviveram.

— Chu'shao — disse Taran Zhu —, a senhora gostaria de pedir um recesso? — Tyrande examinou Jaina. A arquimaga balançou a cabeça. Jaina

se empenhara ao máximo para estar lá, naquele momento, dizendo aquelas coisas, e a elfa não tinha certeza se a outra poderia repetir o esforço caso parassem naquele momento.

— Não, vamos prosseguir — declarou Tyrande. — Então, a senhora pensou que a batalha havia terminado e que a Aliança tivesse se saído vitoriosa. Vocês começaram a cuidar do povo. Quando percebeu que algo estava errado?

— Kalecos viera a Theramore antes de tudo isso acontecer. — Os “e se” não podiam ser ignorados. Eles galopavam em sua mente como um rebanho de talbuques, nunca um de cada vez; sempre muitos. E se eles tivessem se empenhado ainda mais para encontrar a Íris Focalizadora? E se ela não tivesse sido roubada? E se... — Um artefato precioso, conhecido como a Íris Focalizadora, fora roubada da revoada azul, e Kalec buscou meu auxílio para localizá-lo. Logo após a batalha, ele me informou que era capaz de sentir a presença da Íris Focalizadora... e que ela se aproximava rapidamente de Theramore.

— A Íris Focalizadora — ponderou Tyrande. — Pode nos falar mais a respeito dela?

— Ela ficou adormecida por milênios, até que Malygos começou a usá-la para controlar agulhas de mana. Essas agulhas sugavam a magia arcana das linhas do meridiano de Azeroth e a canalizavam para o Nexus — explicou Jaina. — Após a morte de Malygos, a Íris Focalizadora foi utilizada para animar Chromatus, o único dragão cromático experimental bem-sucedido. Para derrotá-lo, foram necessários todos os quatro Aspectos, juntos da assistência de Go'el, que detinha o poder sobre o elemento da terra. — Novamente, Jaina fora forçada a lembrar a contribuição fornecida ao mundo pelo antigo chefe guerreiro. Nervosa, ela afastou o pensamento.

— Sem dúvida, um artefato poderoso e, obviamente, devastador se em mãos erradas — comentou Tyrande. — O que aconteceu em seguida?

— Kalec foi procurá-lo — contou Jaina. — E Rhonin... — A voz dela se estilhaçou. Ela pegou um copo d'água com a mão trêmula e bebeu um gole. Seu coração batia tão rápido quanto o de um coelho.

Tyrande fez um movimento como se quisesse reconfortar Jaina com a mão, mas não completou o gesto. Em vez disso, ela se voltou a Crona e disse, em voz quase reverente:

— Sendo de interesse deste tribunal... com grande respeito, eu apresento a Visão do evento em questão.

Crona parecia mais cerimoniosa que Jaina jamais vira. A pequena gnomida pôs as mãos gentilmente na Visão do Tempo e, então, começou a tecer o feitiço que despertaria o dragão metálico adormecido.

Jaina mordeu os lábios com força. Uma imagem começou a se formar, e ela reconheceu a si mesma e a Rhonin, que dera absolutamente tudo de si. Os olhos dela ardiam em lágrimas, e ela procurou Vereesa entre os presentes. As mãos da elfa superior estavam cerradas em punhos apertados, e ela não parecia respirar. Jaina não sabia se deveria sentir tristeza ou alegria por Vereesa testemunhar aquele momento. Seria devastador, mas ela veria *realmente* o verdadeiro heroísmo do homem que ela amara. Todos veriam.

A cena se passava em sua torre — em sua amada torre, repleta de livros e pergaminhos e pequenas áreas para se sentar e ler, com poções sendo preparadas e frascos de elixires de toda a sorte espalhados com um improvisado de acalantar o coração. Uma janela estava aberta, deixando entrar a luz e um pouco de ar; e exibindo o galeão aéreo dos goblins, que, naquele momento, não passava de um pontinho no céu. Era esse o local onde ela, Dolorae e Tervosh haviam passado incontáveis horas. E, agora, era onde Rhonin, tão vivo e vibrante, esperava pela Jaina do passado

enquanto ela corria escada acima, seguida de alguns voluntários que a estiveram ajudando e, como ela percebeu tardiamente, cujos nomes lhe eram desconhecidos.

— Essa é a Íris Focalizadora? — perguntou a imagem de Jaina.

— Sim — respondeu Rhonin. — Ela está provendo energia à maior bomba de mana jamais feita e criando um campo de atenuação para que ninguém possa escapar. Mas eu posso desviá-la. Mas, primeiro, me ajude... eu posso conter o campo de atenuação o suficiente para que essas pessoas fujam em segurança.

— Claro! — A imagem de Jaina começou a conjurar um portal. Ventobravo, lembrou-se Jaina; ela planejara enviar seus companheiros para lá. Mas ela viu, e, agora, todos também viam, que o portal se abriria em uma pequena ilha rochosa no Grande Oceano.

— Por que você está redirecionando meu portal?

— Consome... menos energia — grunhiu Rhonin. Nitidamente, seus esforços para deter o campo de atenuação lhe estavam drenando as forças. Jaina começou a protestar, mas ele a cortou. — Não discuta. Apenas... passem pelo portal, todos vocês!

Os companheiros de Jaina obedeceram, mas ela não. Ela se observou assumir uma expressão incrédula direcionada a Rhonin.

— Você não pode desarmá-la! Você está planejando morrer aqui!

— Cale. A. Boca. Passe logo pelo portal! Eu tenho que fazer isso aqui, *bem aqui*, para salvar Vereesa, Shandris e... o máximo de pessoas que eu conseguir. As paredes desta torre são impregnadas de magia. Eu devo conseguir localizar a detonação. Não seja uma menininha tola, Jaina. Vá!

— Não! Não posso deixar você fazer isso! Você tem família. É o líder dos Kirin Tor!

— E você é o *futuro* deles! — esbravejou Rhonin. Ele aparentava estar a ponto de entrar em colapso, como se se mantivesse de pé por um simples ato de sua força de vontade.

— Não! Não sou! — insistiu a imagem de Jaina. — Theramore é a minha cidade. Preciso ficar e defendê-la!

— Jaina, se você não for logo, nós dois morreremos e meus esforços de atrair a bomba amaldiçoada para cá, em vez de deixá-la atingir o coração da cidade, serão em vão. É isso que você quer? *É?*

O som do galeão aéreo se aproximando se intensificou.

— Eu não vou abandonar você! — gritou Jaina. — Talvez, juntos, possamos desviá-la! — Jaina se observou virar e olhar para a nave se aproximando; ela viu Kalecgos cair e a bomba ser lançada. A Visão se ajustou e, de repente, era como se todos os presentes vissem o que Jaina então vira. Todos se sobressaltaram conjuntamente no tribunal.

O que se seguiu não fora mais que um borrão na mente de Jaina, mas, agora, ela pôde ver tudo. Rhonin pausou seu encantamento o bastante para agarrar Jaina fisicamente e empurrá-la pelo portal. Ela lutou, mas foi pega pelo feitiço.

Jaina olhava diretamente para Rhonin quando tudo aconteceu.

O líder dos Kirin Tor fitou a janela com os braços abertos, e seu rosto, adornado pelo cavanhaque, exibia uma expressão absolutamente desafiadora.

E, então...

O mundo de Jaina se embranqueceu. O corpo inteiro de Rhonin se tornou violeta — o matiz da magia arcana perfeitamente pura. Depois, ele explodiu em uma nuvem nauseante de cinzas cor de lavanda.

Antes de sequer perceber o que estava fazendo, Jaina arranhou a garganta de tanto gritar. Ela não foi a única; não aqui no tribunal,

tampouco no passado, quando os que observavam a descida da bomba de mana berravam com horror e sem esperança.

Ela mal ouviu o tom reverberante do gongo de Taran Zhu, determinando um recesso. Jaina sentiu-se grata pelo fato de que o tormento de Vereesa acabara, embora o seu estivesse apenas começando.

Anduin não havia conversado diretamente com Jaina a respeito do que ela testemunhara em pessoa. Ele ouvira a respeito e julgara ser capaz de imaginar o pesadelo pelo qual ela passara. O príncipe percebeu, então, que ele só compreendia o mínimo. Ele não sabia o que mais Tyrande planejava mostrar, mas, depois do que ela fizera no dia anterior, ele esperava pelo pior. Ela já mostrara ao júri e aos espectadores a visão horrenda do sacrifício de Rhonin. Não parecia propensa a medir esforços, imaginou Anduin.

Era-lhe forçoso admitir que a atitude brutal e implacável da elfa noturna, que não poupava os sentimentos de ninguém, estava funcionando. Anduin, furioso, encarou Garrosh, que estava sentado, incapacitado, marcado pela cicatriz do sha, acorrentado à beira da morte, próximo de Baine, que apoiava a cabeça nas mãos. Anduin sabia que não era a ameaça de aprisionamento que evitava que a multidão enfurecida invadisse o templo. Era a ameaça de ser impedido de ver a próxima Visão, ouvir a próxima testemunha, ou experimentar indiretamente a próxima atrocidade.

O recesso durou apenas vinte minutos. Vereesa se levantara e saíra sem dizer uma palavra sequer. Anduin não imaginou que ela voltaria, tampouco a culpava por isso. Jaina também saiu quase imediatamente com Tyrande, embora, julgando por sua linguagem corporal, Anduin pôde notar que a relação entre as duas estava tensa. Ele esperara que Kalecgos as acompanhasse, mas, em vez disso, o dragão azul permaneceu em seu lugar.

— Você não vai atrás de Jaina? — perguntou Anduin. — É um recesso curto, mas tenho certeza de que ela ficará feliz em ver você.

Kalec lançou a Anduin um gesto desanimado com a cabeça.

— *Eu* não tenho tanta certeza — retrucou ele.

Anduin mudava de posição na cadeira de forma desajeitada. Varian não prestava atenção. O rei se recostou na cadeira com os braços cruzados e o olhar detido fixamente em Garrosh.

— Sinto ouvir isso — disse Anduin em voz baixa. — Ela passou por tanta coisa... Vocês dois realmente pareciam feitos um para o outro.

— É o que eu desejava — admitiu o dragão. Então, como se tivesse falado demais, ele bateu no ombro de Anduin com um bom humor um tanto rude. — Vou esticar minhas asas.

— Acho que farei o mesmo — disse Anduin.

— O que, esticar suas asas? — Foi uma piada ruim, mas fez Anduin rir de si mesmo.

— Bah! Eu bem queria. Mas só tenho pernas. Vejo você daqui a pouco, Kalec.

Três bolinhos de lótus e uma xícara de chá de leite de iaque depois, Anduin flagrou-se questionando por que raios tentava ajudar Garrosh Grito Infernal. E, se Tyrande mostrasse o que ele acreditava que mostraria, Anduin não se julgava capaz de continuar.

Jaina estava pálida, porém mais serena que antes. Ela e Tyrande pareciam mais calmas ao lado uma da outra ao entrarem e retomarem seus assentos. Taran Zhu anunciou que a sessão do tribunal recomeçara e instruiu Tyrande a prosseguir.

— Como vimos na Visão do Tempo, Rhonin obteve sucesso ao transportar a senhora em segurança pelo portal e ao atrair a bomba de

mana diretamente para a torre — lembrou Tyrande. — O que aconteceu em seguida?

Jaina sentou-se com a postura ereta e as mãos dobradas sobre o colo. Seus olhos estavam vermelhos, mas, ao falar, sua voz estava calma.

— Eu recobri a consciência na ilha. Kalecos me encontrou, e eu disse a ele que iria voltar a Theramore para ver se ainda havia alguém a quem eu pudesse ajudar. Ele se ofereceu para vir comigo, mas insisti em ir sozinha.

Anduin vislumbrou Kalecos pelo canto do olho. Os lábios do dragão estavam apertados, formando uma linha tênue, e ele não olhava para Jaina. Anduin supôs que a conversa que os dois tiveram na verdade não fora, nem de longe, tão civilizada quanto o que ela descrevera.

— E a senhora foi?

— Fui.

— Eu gostaria de mostrar ao tribunal o que Jaina Proudmore viu ao retornar à cidade que ela fundou, amou, e pela qual estava disposta a morrer. — Ela fez um sinal com a cabeça para Crona.

Um murmúrio de horror coletivo correu por entre os espectadores, e Anduin viu que até mesmo os Celestiais Majestosos, geralmente tão impassíveis, pareciam abalados. A bomba de mana deixara uma cratera gigantesca que parecia bocejar diante dos destroços; era tudo o que sobrara da grande torre. O céu fora lacerado e ferido, e apresentava as cores insanas que, como Anduin ouvira, eram visíveis em Nortúndria.

E os corpos...

Anduin engoliu em seco e sentiu gosto de bile. Havia tantos... Alguns pareciam normais — bem, tão normais quanto um cadáver pode parecer, supôs ele —, enquanto outros pairavam no ar e seu sangue escorria *para*

cima. Outros ainda vestiam um uniforme em tom violeta. A forma assumida pela morte parecia desordenada e despropositada.

Ele observou a imagem de Jaina, cujo rosto estava esmaecido e inexpressivo diante do choque, caminhar em meio às ruínas. O cabelo dela — agora, branco — parecia flutuar ao seu redor, e ele pôde ouvir o canto e o crepitar da energia arcana remanescente.

Os detritos da vida cotidiana impunham-se em contraste gritante à escala esmagadora da destruição. Anduin notou objetos como cálices, escovas de cabelo e páginas de livro que se pulverizavam em poeira púrpura ao serem tocados por Jaina.

O enorme templo permanecera em silêncio enquanto todos assistiam a Jaina vasculhar os destroços à procura de algum sinal de vida, de algum sinal de esperança. A única coisa que quebrou o silêncio foram os sons suaves de dor emitidos quando a imagem de Jaina cruzava com corpos que alguém reconhecia e de quem alguém sentia a falta. Dolrae, que sobrevivera a tantas batalhas, ainda empunhava a espada quando Jaina se abaixou para acariciar-lhe os longos cabelos. Os fios se estilhaçaram ao toque da maga.

Anduin reconheceu outros: almirante Cochrane e Marcus Jonas, um acessório quase imóvel do portão principal de Ventobravo. Ele percebeu que, por egoísmo, desejava que a Jaina de outrora simplesmente fosse embora, para que ele não fosse obrigado a testemunhar todo aquele horror, mesmo que indiretamente.

Havia uma pequena figura no chão, do tamanho aproximado de uma criança. O príncipe voltou o olhar a Jaina e viu que ela enterrara o rosto no lenço. Ela não era capaz de ver aquilo novamente. E Anduin não a culpava; nem um pouco.

A imagem de Jaina deteve o olhar no pequeno cadáver, deitado de bruços sobre uma poça escarlate. O sangue embaraçara suas marias-chiquinhas cor-de-rosa. Com ternura, Jaina se aproximou do corpo de Kinndy Centelume, a gnomida que fora sua aprendiz.

Ele se desfez em areia violeta, e a Jaina do passado emitiu um urro de agonia.

Anduin tentou desviar o olhar, mas ele estava perplexo, incapaz de parar de contemplar a visão da grã-senhora Jaina Proudmore, uma das maiores magas desta era, berrando e chorando, pegando punhados de poeira arcana como se pudesse reconstruir a menina.

Ao seu lado, Kalecgos inspirou um hausto penetrante. Anduin quis pôr-se de pé em um pulo e gritar a Tyrande: “Pare com isso, por favor!” Como se, de alguma forma, Tyrande tivesse escutado o grito silencioso, ela acenou para Crona. Como em um ato de misericórdia, a cena desapareceu. Anduin soltou o ar que ele nem percebera ter retido nos pulmões por tanto tempo.

Tyrande se virou, e seus olhos chamuscavam triunfantes; triunfo comprado a um preço alto. Com a voz forte como um sino, ela disse:

— A testemunha é sua, Chu’shao Casco Sangrento.



Baine Casco Sangrento não se levantou de imediato. Estava atordoado com o que acabara de ver. Ele não acuaria Jaina com uma série de perguntas, muito menos tentaria dizer algo de positivo sobre Garrosh Grito Infernal. Não conseguia nem olhar para o orc. Fez uma prece rápida para a Mãe Terra pedindo orientação, ergueu-se e se aproximou da antiga grã-senhora de Theramore.

— Grã-senhora Jaina — disse Baine calmamente. — Gostaria de pedir um intervalo se a senhora quiser.

Ela olhou para ele com um misto de emoções indecifráveis e falou com uma voz monotônica:

— Não, gostaria de terminar logo com isso.

— Tenho certeza de que ninguém pode culpá-la por isso. — Baine não demonstrou piedade. Jaina não queria isso, não dele. — E enquanto nós aqui na sala sofremos com o que acabamos de ver, só podemos imaginar o que você sentiu com esse ataque covarde. — Ele não mediu as palavras.

Baine era um tauren e nomeava as coisas pelo o que elas eram. Ninguém que tivesse testemunhado a Destruição de Theramore poderia chamá-la de outra coisa. — Você poderia, por favor, nos contar, com as próprias palavras, como se sentiu?

Ela o encarou e, então, começou a rir. Uma risada ríspida, amarga. Baine tapou os ouvidos, surpreso. Jaina tentou se recompor.

— Acho que não existem palavras para expressar o que senti.

— Por favor, tente, grã-senhora.

— Raiva. Muita raiva. Havia tanta... *fúria*. Eu não conseguia respirar, não conseguia comer. Mal podia me mexer, estava com muita raiva. O que assistiram aqui? Sim. Foi horrível. Vi muitos chorando. Mas vocês não *estavam* lá. Não testemunharam seus amigos...

Ela comprimiu os lábios e se calou. Baine esperou um tempo e depois a incentivou gentilmente:

— Você estava com raiva. O que queria fazer?

— Queria matá-lo.

— Garrosh Grito Infernal?

— É. Garrosh e todos os orcs em que eu conseguisse colocar as mãos. Queria matar cada goblin, cada troll, cada renegado, cada maldito elfo e cada tauren, inclusive *você*, Baine Casco Sangrento. Queria destruir a Horda do mesmo jeito que Garrosh Grito Infernal destruiu meu lar, que destruiu minha *vida*.

Baine não estava zangado. A voz dele continuou gentil quando falou:

— O que você fez?

— Fui até o rei Varian e contei o que Garrosh havia feito. Que o rei estava certo em sua desconfiança e ódio pela Horda, e que eu estava errada. Disse que precisávamos declarar guerra à Horda e que deveríamos começar destruindo Orgrimmar.

— Como o rei reagiu?

— Ele concordou que a guerra era necessária. Mas não queria atacar logo, como eu. Ele disse que precisávamos bolar uma estratégia e reconstruir a Base da Guardanorte. Prometi a Íris Focalizadora e garanti que sabia usá-la para destruir Orgrimmar da mesma forma que Garrosh tinha destruído meu lar.

— O que ele respondeu?

Jaina baixou o olhar para suas mãos de novo.

— Respondeu que... arriscaríamos mais perdas para a Aliança se agíssemos de maneira precipitada. E Anduin disse que achava que até mesmo alguns membros da Horda deviam estar com raiva de Garrosh por suas ações covardes. E eu falei que era tarde demais para isso.

— O que você disse exatamente?

— Não me lembro.

— Grã-senhora Jaina. Posso reproduzir uma Visão desse encontro se não conseguir me contar o que falou. — A voz de Baine era amável, no entanto, ainda assim, ela levantou a cabeça, e ele viu... a vergonha em seu rosto.

— Isso não será necessário — afirmou Jaina tranquilamente. — Acusei Varian de ser um covarde e... me desculpei com Anduin por qualquer contribuição que eu tivesse dado para sua ingenuidade. Então... fui embora.

— E o que você fez depois?

— Fui até Dalaran e contei a Vereesa o que acontecera. Disse que o marido dela tinha sido muito corajoso, que fora ele quem salvara a mim, a ela e a todos que conseguiu. — Baine não procurou pela reação de Vereesa, que não retornara depois do intervalo. — Implorei por ajuda a Kirin Tor.

Queria que eles arrancassem Dalaran do solo, como já haviam feito antes, e a usassem para arrasar Orgrimmar. Eles se recusaram.

— Então, parece que ninguém estava disposto a aniquilar uma cidade inteira. — observou Baine.

— Não, não queriam.

— E o que você fez?

— Eu tinha recuperado a Íris Focalizadora antes que a Horda o fizesse. E como ninguém estava disposto a me socorrer, aprendi a usá-la.

— Sem nenhum exército ou cidade voadora para ajudá-la?

— Isso mesmo.

— E qual era seu plano?

Os olhos de Jaina não se desviaram dos dele. Ela empinou o nariz.

— Enviar um maremoto de água elemental para varrer Orgrimmar.

— Acho que todos podemos dizer que isso não aconteceu — observou Baine. — Você foi alertada? Ou mudou de ideia?

— Eu... um pouco dos dois.

— Pode explicar melhor?

Jaina franziu a testa.

—Eu... já estava com tudo pronto. Sabia exatamente o que planejava fazer. — Ela parou, talvez tentando escolher as palavras com cuidado, talvez tentando se lembrar de como se sentira na época.

Kairoz achou o momento crucial e se irritou por o tauren não explorá-lo. Baine não pensou que ajudaria a causa de Garrosh ao mostrar uma Jaina raivosa e arrasada arquitetando cuidadosamente sua vingança, também não achou que causaria nada além de mais dor a uma mulher que já sofrera mais do que o suficiente.

— Eu estava na Ilha do Combate e tinha criado a onda. Estava prestes a enviá-la para o norte, para Orgrimmar, e ela ganharia mais força no

caminho.

— Por que você não a enviou, grã-senhora Proudmore?

— Go'el me impediu.

— Como ele sabia onde encontrá-la?

— Os elementos lhe deram uma visão. Eles o chamaram e pediram ajuda, e ele garantiu que não me deixaria inundar Orgrimmar. Nós... lutamos pelo controle da onda.

Baine olhou para Go'el. Ele estava com Aggra, inclinado para a frente, prestando atenção com seus tristes olhos azuis. A amizade entre a diplomata humana e o líder orc fora única. Garrosh destruíra aquilo também.

— Quem estava ganhando?

Jaina seguiu o olhar de Baine com o seu e o desviou para baixo rapidamente.

— Eu. Estava quase o matando.

— O que aconteceu?

— Kalec me encontrou. Ele se uniu a Go'el na tentativa de me dissuadir.

— Eles a convenceram? Ou a venceram?

Jaina parecia preocupada.

— Eles... me disseram que eu seria igual a Garrosh. Igual a... Arthas. Então percebi... — Ela ergueu o rosto. — Percebi que estavam certos.

— E que Garrosh também seria igual a você?

— Com todo o respeito, protesto! — interveio Tyrande.

— Fa'shua, estou tentando me certificar de que todos entendam corretamente as palavras da testemunha.

— Concordo com a defesa — disse Taran Zhu. — A testemunha pode esclarecer.

— Sim — respondeu Jaina. — Nós seríamos iguais.

— E você não queria isso.

— Não. Nunca.

— Contudo, por um momento, você entendeu como ele poderia querer aquilo: destruir uma cidade inteira, inclusive civis.

— Sim... sim, entendi.

Baine inclinou a cabeça.

— Obrigado, grã-senhora Jaina. Sem mais perguntas.

— E você, Acusadora? — perguntou Taran Zhu. Sua garra alcançou o martelo, concluindo, aparentemente, que a resposta seria negativa.

— Sim, Faʃhua, tenho — respondeu Tyrande levantando-se e indo até a cadeira de Jaina. — Grã-senhora Jaina... depois você também descobriu que, se tivesse lançado o maremoto, teria destruído a esquadra da Aliança. Você diria que é por isso que está aliviada por ter desistido?

Baine prendeu a respiração. Seria simples para Jaina responder que sim. Essa era a resposta que Tyrande queria, e Jaina estaria livre para partir e tentar fazer o que pudesse para curar as feridas que tinham sido tão brutalmente reabertas. Ele sabia que a traição dos fendessol em Dalaran — sua nova cidade, sua nova Theramore — fora um golpe duro para ela. Muitos diziam que a havia deixado tão abalada quanto quando Theramore sucumbiu, e rumores davam conta de que Jaina pressionara Varian para desmantelar a Horda.

Ela não respondeu de imediato. Deu à questão a consideração merecida.

— Claro, fiquei aliviada em saber que não tinha, inadvertidamente, arrasado a esquadra. Mas não, não foi por isso que fiquei aliviada. — Ela encarou Garrosh e sustentou o olhar. — Sou agradecida por ter desistido porque eu nunca, jamais, quero ser igual a ele.

Em retrospecto, Baine acharia que Tyrande deveria ter encerrado por ali. No entanto, para a elfa noturna não era o suficiente. Jaina era a última e melhor testemunha de Tyrande. A Acusação passaria a fazer indagações complementares, e estava claro que queria terminar por cima. Mas, então, fez a pergunta que não devia:

— Ou como a Horda?

Jaina ficou imóvel. Tyrande aguardou. Depois de um tempo, interveio:

— Grã-senhora Jaina? Minha pergunta foi: você não deseja nunca, jamais, ser igual à Horda?

Então Jaina — a agredida, furiosa, ferida, devastada e honesta Jaina — simplesmente respondeu:

— A Horda não é Garrosh.

Os olhos de Tyrande se arregalaram quando, tarde demais, ela percebeu seu erro.

— Sem mais perguntas, Faʃhua — disse ela, com sobriedade, então olhou demoradamente para Jaina e voltou para seu lugar.

Quando Sylvana chegou ao Lago Águas Claras nas Clareiras de Tirisfal, perto da Cidade Baixa, encontrou a irmã a sua espera.

— Recebi seu recado — disse Sylvana — e trouxe os cavalos. — Sylvana não esperava que Vereesa voltasse ao tribunal depois do intervalo. Ela acabara de assistir à morte do marido, ou, para ser mais exata, sua transformação em pura manifestação arcana, e, *então*, morte. Ainda assim, Sylvana se surpreendeu com o bilhete, que dizia apenas: “Lago Águas Claras. Quero cavalgar.” Ela encarou como um bom sinal que Vereesa escolhesse um lugar tão embrenhado nas terras dos renegados. Estava orgulhosa por sua irmã até mesmo conhecer o local e por ter chegado ali sã e salva. As “luas” de Correventos eram patrulheiras superiores. A atividade

escolhida por Vereesa, então, não era uma surpresa. Elas amavam cavalgar quando crianças, sobretudo Vereesa.

Ela se sentou, recostando-se no tronco de uma árvore morta, e virou a cabeça lentamente. Parecia abatida, frágil, e Sylvana ficou feliz por poder — assim esperava — oferecer algum divertimento à irmã. Os olhos de Vereesa se arregalaram em direção às montarias. As criaturas mortas a fitavam de volta. Uma delas esticou o longo pescoço descarnado e mordeu um punhado de grama, que caiu de volta na terra enquanto era mastigada, o cavalo, porém, não pareceu notar e curvou suas vértebras para outra abocanhada.

— São... esqueletos — murmurou Vereesa. — Esqueletos de cavalos.

— Poucos seres vivos me suportariam de bom grado, irmã, nem mesmo suportariam ficar perto de mim. Terá que aprender a cavalgá-los se quiser viver na Cidade Baixa. Prometo que eles serão obedientes.

— Imagino que sim.

Ela não fez menção de se levantar. Sylvana soltou as rédeas dos cavalos, sabendo que eles não iam a lugar algum, e se sentou ao lado da irmã. Sem jeito, perguntou:

— Como você está? — Fazia muito tempo desde que se importara com o bem-estar alheio.

Vereesa fechou os olhos, mas as lágrimas escorreram sob seus cílios.

— Sinto tanta falta dele, Sylvana. Tanta...

Sylvana não sabia como consolá-la. Não podia nem reviver o corpo de Rhonin para a irmã. Então permaneceu em silêncio.

— Estou muito, *muito* feliz por matarmos Garrosh — disse Vereesa. — Espero que qualquer que seja o veneno, aja devagar e dolorosamente. Quero que ele sofra, como me fez sofrer. Ainda bem que vi o que vi hoje. É

um combustível para o meu fogo. Nunca mais quero assistir àquilo de novo, nem pensar na morte dele. Não quero ter mais nada a ver com o mundo.

— Bem — respondeu Sylvana, tirando um pequeno frasco de sua bolsa. — Acho que posso tornar seus sonhos realidade. Este vidrinho tem veneno suficiente para matar 20 orcs. E, sim, da forma que nós duas queremos: devagar, agonizante e definitivamente sem cura.

Vereesa reagiu como se Sylvana tivesse acabado de lhe dar um presente de aniversário. Seu rosto se iluminou, a tristeza se amenizou, e ela aceitou o frasco de maneira quase reverente.

— Tão pequeno, contudo tão letal — murmurou.

— Uma gota para cada gomo de frutassol, e será o fim de Garrosh Grito Infernal.

Vereesa apertou o frasco com força, a outra mão se fechou em torno do medalhão pendurado em seu pescoço magro. Sylvana devolvera o cordão de Vereesa, e as duas irmãs agora revezavam o uso da joia quando estavam juntas.

— Obrigada, irmã. Sabia que poderia contar com você.

Sylvana sorriu.

— Não faz ideia do quanto fico feliz com isso. E quanto a deixar aquele mundo, abro o meu para você. Foi esse o motivo para querer me encontrar aqui?

Vereesa anuiu.

— Era triste demais ficarmos nos encontrando no pico. Queria explorar o lugar em que vou viver em breve.

Sylvana escondeu um sorriso pela escolha das palavras e não disse nada. As estranhas dores fantasmas aumentavam, mas ela as ignorava com a mesma determinação de ferro com que conquistara sua liberdade de Arthas. Pela primeira vez desde que ele marchara sobre seu povo, deixando

para trás a Trilha da Morte, como o rastro de uma lesma, Sylvana estava... *feliz*. Ela perdera quase tudo, e parecia que o destino lhe dera um presente inesperado, tanto pessoalmente quanto para a possibilidade de conquistar mais poder para vencer a Horda. Sylvana e a irmã seriam irrefreáveis. A violência e o horror levaram Sylvana até ali e também fizeram Vereesa procurar por ela.

Como seria bom ter alguém em quem confiasse, Sylvana refletiu. Confiasse de verdade, alguém que não apenas obedecesse a suas ordens por medo ou para lucrar com isso. Alguém que pensasse e sentisse igual a ela. E parecia que Vereesa também ansiava por isso.

Sylvana não contou tudo a Vereesa, claro. Ninguém seria igual à rainha banshee a menos que fosse um banshee. Seu povo se ofenderia se tivesse que obedecer a uma criatura viva. Mas ela providenciaria uma morte muito mais gentil e fácil que a sua. Suave. Vereesa simplesmente dormiria e acordaria transformada, renascida com a intuição e a ambição que seus traidores jamais compreenderiam.

— Talvez você goste de saber que aprendi a fazer curry verde de peixe — disse Vereesa, guardando com cuidado o precioso veneno em sua bolsa.

— Você sabe comandar uma cozinha, pelo visto.

— Sim. Mais um dia ou dois, então... — Vereesa franziu a testa. — Sylvana, pode mesmo ser assim tão fácil? Fico achando que alguma coisa vai dar errado.

— Nada vai dar errado, pequena lua — garantiu Sylvana. — Este momento não nos foi dado, nós o compramos com suor, lágrimas e tormento. Conquistamos o direito a esta vitória.

— Conquistamos. Só lamento não assistir ao último suspiro de Garrosh Grito Infernal.

— Ah, mas certamente podemos imaginar, e isso terá que bastar. O que nós *veremos* é o cadáver e o caos que a morte dele causará. E quando, um dia, pudermos reclamar o crédito pela matança, aqueles que forem muito devagar ou muito tímidos nos invejarão.

Vereesa olhou além do lago, abraçando os joelhos.

— Sempre imaginei estas terras sombrias e... tristes. No entanto, há um estranho tipo de beleza na escuridão, não há?

— Sim, há — respondeu Sylvana. — Não sou nenhuma elfa noturna, mas eles entendem isso. Há doçura e pureza na noite enquanto a lua brilha e o sol se esconde. Há beleza na morte.

— Você... você acha que eles aceitarão sua decisão? Trazer-me para liderar ao seu lado?

— Os renegados ou a Horda?

— Qualquer um. Os dois.

— Talvez não a princípio — disse Sylvana. — Eles precisarão de um tempo para se acostumar com a ideia. Contudo, logo aprenderão a lhe dar valor e ficarão felizes com sua presença na Cidade Baixa.

— Não me preocupo comigo — continuou Vereesa —, mas com os meninos. Será... muito estranho para eles.

Sylvana foi pega totalmente de surpresa pela declaração. Vereesa estava mesmo pensando em... não. Aquilo era impossível.

Ela escolheu as palavras com cuidado:

— Seria — concordou, como se ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. — Eles não teriam nenhum amigo da idade deles, e seria difícil explicar o motivo. Poderiam ficar muito infelizes. A Cidade Baixa... não é um lugar para crianças, irmã.

Vereesa desviou o olhar. Sylvana a observou como um falcão, se maldizendo por não ter levado em consideração o fato de Vereesa não ser

apenas uma viúva, mas mãe de dois filhos órfãos de pai. Era a primeira vez que ela mencionava as crianças desde que tinham começado a se encontrar em segredo. Era como se, com a morte do marido, Vereesa não pensasse em nada além de vingança.

— Não. — Vereesa suspirou. — Não, acho que não. — Sua mão escorregou para o solo e, distraída, pegou uma pinha.

Algo na voz dela alertou Sylvana.

— Claro que, se você realmente quiser que eles venham, farei meu melhor para que se sintam acolhidos. Afinal, eles são meus parentes mais próximos, além de você.

Ela sacudiu sua cabeça branca.

— Não, você está certa. Não consigo acreditar que seria um bom lugar para eles. Estão melhor onde estão agora. — Vereesa riu sem vontade. — Não tenho sido a melhor das mães de qualquer forma. — Abruptamente, ela esmagou a pinha na mão. Os cones se partiam e caíam conforme ela os jogava fora.

Sylvana se acalmou. Vereesa compreendera. Sylvana se alegrou, pois tão cedo não teria que matar os próprios sobrinhos. Ainda assim, ficaria mais tranquila quando a irmã estivesse morta. Então estariam juntas.

Para sempre.

30



Oitavo dia

– **C**onvoco o rei Varian Wrynn — disse Baine.

Anduin não resistiu, inclinou-se para o pai e cochichou:

— Atenha-se às perguntas. Fale somente o necessário.

— Hã-hã — murmurou Varian, enquanto se levantava.

Anduin viu a expressão chocada de Jaina e percebeu que Varian contara apenas para ele que Baine queria chamá-lo como testemunha de defesa. Os olhos azuis dela passaram do pai para o filho. Então Jaina comprimiu os lábios e olhou para a frente, imóvel.

Ela não era a única surpresa. Ter o rei de Ventobravo falando a favor do líder da Horda já seria estranho sob qualquer circunstância, mesmo que fosse Goël. Mas Garrosh? Anduin recostou-se, imaginando o que Baine teria em mente.

Varian fez o juramento e olhou ansioso para Baine.

— Se a corte me permitir — disse Baine —, antes de começar a interrogar a testemunha, gostaria de apresentar uma prova. A maioria de vocês sabe que o rei Varian Wrynn foi quem desencorajou a execução imediata do acusado. No entanto, ele nem sempre foi tão moderado.

— Com todo o respeito, eu protesto — interveio Tyrande, levantando-se. — O rei Varian não está em julgamento.

— Não, não está — concordou Baine. — Mas, sem a decisão dele, Garrosh não estaria vivo e não estaríamos reunidos hoje, aqui.

Jaina resmungou alguma coisa sobre *erro*. Kalec franziu a testa contrariado, e, sentada atrás de Jaina, Vereesa parecia presunçosa. Ela era uma bela mulher, sua expressão, porém, estava feia. Anduin mordeu os lábios e voltou a atenção ao pai.

— Ainda que isso seja incontestável — ponderou Taran Zhu —, não é motivo suficiente para eu ignorar o protesto.

— Faʃhua, por mais estranho que pareça, quero estabelecer a credibilidade do rei Varian como testemunha de caráter para o acusado.

— Mesmo que seu pedido não fosse razoável — disse Taran Zhu —, isso é algo que eu gostaria de ver. Concordo com a defesa.

Tyrande aceitou a decisão com graciosidade, mas seus lábios estavam finos quando ela se recostou de volta na cadeira e começou a fazer anotações.

— Então, se a corte me permite, exibirei uma Visão para determinar isso.

Kairoz caminhou em direção à Visão do Tempo. Anduin percebeu que a ampulheta fora invertida, e o bulbo superior, que se esvaziara com a apresentação de Tyrande da Destruição de Theramore, agora estava cheio. Delicadamente, o dragão de bronze de carne e osso soltou o feitiço sobre o artefato, e o talhado em metal ganhou vida, soltando areia brilhante.

No início a cena estava escura. Então vieram os sons abafados de uma batalha: berros raivosos, gritos, o choque do metal com metal.

— O que é isso? — perguntou uma frágil voz feminina, uma que só recentemente começara a incorporar o sotaque típico de seu povo.

Moira Thaurissan. Agora, Anduin sabia o que veria a seguir. O que ele não sabia era se fortaleceria o caso da defesa, ou mesmo se desejava que assim fosse.

Uma lâmpada se acendeu, e Moira espreitou temerosa. Não estava sozinha em seu quartel de Altaforja. Perto da cama havia um berço com uma criança adormecida, e dois anões Ferro Negro estavam parados à porta. Um deles começou a abri-la.

— Não — chiou Moira, e ficou de pé na cama, encarando a porta. Ela estava com uma camisola e levou as mãos à garganta. — Eu ordeno, não vão lá fora! Eles não podem nos encontrar!

Eles empunharam as armas, por garantia. Não tiveram que esperar muito. Ouviram uma forte pancada na porta, e Moira engasgou. Por uma segunda e terceira vez, alguém do outro lado tentou entrar.

A porta se curvou e depois cedeu totalmente na quarta tentativa. Moira se encolheu aterrorizada. O bebê acordou assustado e somou seu gemido agudo e assustado ao estrondo. Os três intrusos irromperam no quarto e começaram a atacar os guardas. Os Ferro Negro lutaram com bravura, mas estavam em desvantagem. O líder mascarado dos invasores desembainhou com destreza duas espadas, aniquilando rapidamente um anão com um golpe tão poderoso que não conseguiu puxar a arma de volta imediatamente, e a deixou enterrada no corpo sem vida.

Ele se virou para encarar Moira e, arfando, tirou a máscara. Os espectadores, assim como a imagem de Moira, arquejaram quando perceberam que era Varian. Anduin já sabia, contudo, percebeu que ainda

se abalava com a violência. Se ele, pelo menos, houvesse chegado antes... olhou para onde a Moira real estava sentada, e ela lhe pareceu serena, talvez desconfortável. Anduin se lamentou por ela estar sendo obrigada a assistir aquilo, e detestou Baine por mostrá-lo.

Varian agarrou a anã aterrorizada, arrancando-a da cama e arrastando-a para fora do quarto enquanto Moira lutava para escapar. A Visão continuou com Varian levando sua prisioneira até a área externa perto da Grande Forja. Anões e gnomos começaram a se aglomerar, assistindo assustados e sem entender. Varian puxou Moira pelo colarinho da camisola e pressionou a espada contra sua garganta.

— Vejam a usurpadora! — bradou Varian. — Esta é a filha por quem Magni Barbabronze derramou lágrimas incontáveis. Sua amada garotinha. O quão desgostoso ele não ficaria ao ver o que ela fez com a cidade dele, com o povo dele!

Varian virou a cabeça para encarar os olhos arregalados de Moira.

— Este trono não é seu. Você o comprou com ardis, mentiras e trapanças. Traiu seus próprios súditos sem que eles tenham feito nada de errado, e forçou seu caminho até um título que ainda não merece. Não a verei sentada nesse trono roubado por nem mais um minuto!

— Pare aqui — pediu Baine. Anduin sentiu os espectadores voltando juntos para o presente, todos os olhos focados em Varian. — Reconhecemos você e a rainha regente Moira Thaurissan, que obviamente sobreviveu à provação. Pode, por favor, nos contar o que está acontecendo?

— Isso aconteceu logo antes do Cataclismo — disse Varian. — Foi depois que o rei Magni tentou realizar um antigo ritual, na esperança de se conectar com a terra e descobrir o que estava acontecendo. Alguma coisa saiu errada, e Magni se tornou parte da terra, literalmente. A rainha

regente Moira apareceu do nada, reivindicando o trono. Ela bloqueou Altaforja e fez meu filho de refém. Felizmente, ele fugiu.

— O que você fez então?

— Eu me infiltrei em Altaforja.

— Com que finalidade?

— Neutralizar Moira e libertar Altaforja.

— Como pretendia neutralizá-la?

— Acho que realmente não sabia. Matando-a, suponho, caso ela resistisse.

— Houve baixas.

— Sim.

Anduin espiou Tyrande. Ela recostou na cadeira com os braços cruzados e calculadamente inexpressiva. Ele sabia que Tyrande queria protestar, mas já fora impedida nessa questão. Baine olhou para Kairoz e gesticulou para que continuasse.

— *Pai!*

Anduin observou a si mesmo abrir caminho na multidão, desesperado para alcançar Varian. *Pareço tão jovem*, pensou distraído.

— Não deveria estar aqui, Anduin. Vá embora. Aqui não é lugar pra você.

— Mas é meu lugar! — respondeu a imagem de Anduin. — Você me mandou para cá! Queria que eu conhecesse os anões, e conheci. Conhecia bem Magni e estava aqui quando Moira apareceu. Vi a desordem que a chegada dela causou. E vi que quase chegamos a uma guerra civil quando as pessoas pegaram em armas para resolver seus problemas com ela. Não importa o que você pense, ela é a herdeira por direito!

— No sangue, talvez — rosnou Varian —, no entanto não em sua mente. Ela está enfeitiçada, filho, era o que Magni pensava. Ela tentou fazê-

lo prisioneiro. Encarcerou várias pessoas sem motivo. Ela não serve para ser líder! Vai destruir tudo o que Magni tentou fazer! Tudo pelo que ele... morreu!

Mais perto do pai, o Anduin do passado estendeu a mão. *Eu estava morrendo de medo*, pensou Anduin. *Com medo de dizer algo errado, e ele cortar a garganta dela, e seria minha culpa. A que ponto chegamos, todos nós. A maioria de nós, pelo menos.*

— Não há nenhum feitiço, pai. Magni preferia acreditar nisso que na verdade: que ele afastara Moira porque ela não era um herdeiro homem.

— Está cuspiendo na memória de um homem honrado, Anduin.

— É possível ser um homem honrado e ainda assim cometer erros.

— Pare — disse Baine. — Rei Varian, o que você acha que o príncipe Anduin quis dizer com isso?

— Ele se referia a alguns de meus atos do passado — explicou Varian. — Eu disse e fiz muitas coisas das quais não me orgulho. Fiz ameaças, perdi a calma, fui intolerante, bem, essa é uma forma educada de dizer, com outras raças. Acho que é evidente que Anduin não pensa ou se comporta dessa forma.

A cena continuou. Anduin assistia a si mesmo argumentando que dependia dos anões decidir se aceitavam Moira ou não. E, pelo resto de sua vida, ele se lembraria da resposta de Varian.

— *Ela o fez refém, Anduin!* Você, meu filho! Ela não pode se livrar disso! Não permitirei que ela faça você e uma cidade inteira prisioneiros. Não permitirei, está entendendo?

— Pare — ordenou Baine. — Parece que você queria matar Moira não por usurpar Altaforja, e sim por colocar Anduin em perigo.

Varian concordou.

— Eu... estava com raiva. Meu filho e eu tínhamos um relacionamento tenso na época, e eu... — Ele mediu as palavras, claramente consciente de quantos ouvidos o escutavam. — Eu me surpreendi ao descobrir o quanto não queria perdê-lo. E, quando ele estava a salvo, quis punir Moira por fazer com que me sentisse daquele jeito.

Os olhos dele procuraram Anduin, e um carinho transpareceu entre pai e filho. A cena escureceu.

— Como o episódio acabou, afinal? — perguntou Baine.

— Anduin argumentou, com razão, que os anões tinham o direito de decidir o próprio destino.

Baine acenou de novo para Kairoz. No momento, o Varian do passado parecia chegar a uma decisão.

— Por mais que eu não queira — disse ele a Moira, que ainda mantinha presa —, sua reivindicação ao trono é legítima. Mas, assim como eu, Moira Barbabronze, você precisa ser uma pessoa melhor. É necessário mais que linhagem sanguínea para liderar bem seu povo. Você precisa fazer por merecer.

— Pare. E assim foi fundado o Conselho dos Três Martelos, que, atualmente, está do agrado dos anões, certo? — continuou Baine.

— Sim, está certo.

— E quando ela concordou?

— Eu a deixei ir, e meu povo e eu nos retiramos.

A cena foi retomada alguns segundos depois. Varian foi até Anduin e o abraçou com força. Ao redor deles, os anões, aliviados e prontos, como sempre, para comemorar com uma boa cerveja, gritavam e assobiavam, bradando “Martelo Feroz!”, “Barbabronze!”, “Ferro Negro!”

— Viu, pai? — falou o Anduin da Visão. — Você sabia exatamente a coisa certa a se fazer. Eu sabia.

A imagem de Varian sorriu.

— Eu precisava que alguém acreditasse nisso por mim, antes que eu mesmo pudesse.

Baine acenou para Kairoz, e a cena congelou.

— Você acha que mudou, Vossa Majestade?

O olhar de Varian mirou Anduin. O jovem príncipe sorriu. Varian se voltou para Baine e concordou.

— Sim, mudei.

— Os outros concordariam com você?

— Os outros parecem perceber isso mais que eu mesmo, então, sim.

— Por que você tentou mudar?

— Porque aquele meu lado impedia que eu me tornasse o homem que realmente queria ser.

— A certa altura, você foi, quase que literalmente, um homem dividido — continuou Baine. — A reintegração não foi fácil, e, por um tempo, toda a sua história se resumiu a nada além de violência. Para um homem que queria mudar a própria natureza, você não tinha muito a seu favor. Como conseguiu?

— Não foi fácil — admitiu Varian. — E eu estava, estou, longe de ser perfeito. Eu... tenho recaídas de tempos em tempos. Primeiro precisei compreender que realmente queria mudar e, então, com força de vontade, disciplina e bons motivos, fiz a batalha valer a pena.

— Força de vontade. Disciplina. Motivos para se empenhar em uma batalha tão difícil — repetiu Baine. — Onde você encontrou a força de vontade, a disciplina e os motivos?

— Eu tinha pessoas dispostas a me ajudar, e lhes dei ouvidos — respondeu Varian. — Eles... bem, eles conseguiram colocar na minha cabeça dura que a forma como eu me comportava não correspondia com a

que eu almejava. Eu queria ser o melhor pai possível para um filho órfão de mãe. O melhor líder de um povo que enfrentava tempos muito difíceis. Sentia como se devesse a eles fazer meu reinado em função do que precisavam, fazer a vida deles melhor, em vez de ceder a meus impulsos mesquinhos.

— Então estaria correto dizer que não foi porque alguém o ameaçou ou forçou a mudar, mas que mudou porque quis ser uma pessoa melhor para aqueles que dependiam de você?

— Sim, está correto.

— Você acha que Garrosh Grito Infernal se importa com o povo dele?

— Protesto — disparou Tyrande.

— Concordo com a defesa — disse Taran Zhu, e acenou para Varian. Ciente de que estava sob juramento, o rei pensou por um momento antes de responder, encarando Garrosh com seus olhos azuis.

— Acredito que já tenha se importado. Acredito que ainda se importa com os orcs, mas não com a Horda como um todo.

— Então, isso é um sim.

— Se por “povo dele” se refere aos orcs, então sim.

— Diria que Garrosh é inteligente?

— Sim, muito.

— Então, aqui temos alguém que até mesmo você, um inimigo, diz que se importa com seu povo. Que é, nas suas palavras, muito inteligente. Alguns podem dizer o mesmo de você, Vossa Majestade. Você acha que essa pessoa é capaz de mudar?

O rei deixou escapar um som, que podia ter sido uma leve risada.

— Duvido *muito* que Garrosh possa...

— Apenas responda à pergunta, por favor. Sim ou não? Uma pessoa que se importa com seu povo e que é muito inteligente é capaz de mudar?

Varian fez uma careta, abriu a boca e a fechou de novo. Respirou fundo e disse tranquilamente:

— Sim, é *possível*.

— Obrigado, Vossa Majestade. Sem mais perguntas.

Tyrande parecia fazer um grande esforço para permanecer sentada e praticamente saltou para interrogar Varian, que parecia quase tão aliviado quanto ela.

— Vossa Majestade — começou Tyrande —, tenho só algumas perguntas. Primeira: você é genocida?

— O quê? — Varian a encarava.

Baine disparou:

— Com todo o respeito, protesto!

— Fa'shua — ponderou Tyrande suavemente —, não estou acusando a testemunha de nada, apenas pedindo que ele se defina.

— Com que propósito, Chu'shao? — perguntou Taran Zhu.

— A defesa trouxe o rei Varian como uma testemunha de caráter para Garrosh. Ele teve a oportunidade de definir a testemunha, e agora estou fazendo o mesmo.

— Concordo com a Acusação. Enquanto eu considerar que você não está assediando a testemunha, pode continuar. A testemunha pode responder.

Tyrande inclinou a cabeça e voltou o olhar para Varian.

— Vossa Majestade é um genocida?

— Não — afirmou Varian, com as sobrancelhas unidas. Anduin se perguntou aonde Tyrande queria chegar com aquele interrogatório.

— Você almeja e sempre almejou o poder?

— Não — respondeu Varian. — Eu diria que o manto do poder e da responsabilidade é muito pesado. — Anduin sabia que, a certa altura, o pai

teria preferido uma vida simples como Lo’Gosh, o gladiador, em vez de ser o rei Varian.

— O Defensor acabou de nos mostrar uma cena em que você e membros da Avin, infiltrados em Altaforja, atacam membros da população de Ferro Negro e ameaçam uma mulher desarmada. Você diria que isso é algo que faz parte de sua rotina?

— Claro que não! Isso é ridículo! — começou Varian.

— Por favor, Vossa Majestade, apenas responda à pergunta. — Tyrande estava imperturbável.

— Não.

— Em seu momento mais furioso e sombrio, você arquitetou e botou em ação um plano para dizimar toda a população de uma grande cidade?

Então, Anduin compreendeu.

— Não — respondeu seu pai.

Tyrande se voltou tranquilamente para Taran Zhu.

— Fa’shua, a defesa trouxe o rei Varian como um expert nas questões com as quais Garrosh Grito Infernal precisa lidar. Alego que, mesmo o rei Varian podendo, de fato, ter enfrentado desafios semelhantes, ele não é, não foi, nem *nunca* será igual a Garrosh Grito Infernal. Portanto, ele não pode ser considerado um perito no que Garrosh faz ou deixa de fazer. Por sua vez, peço que exclua dos registros tudo o que a testemunha falou.

— Com todo o respeito, eu...

Taran Zhu ergueu a pata.

— Entendo seu ponto, Acusadora, mas não excluirei o depoimento de uma testemunha. Acredito que tanto sua linha de interrogatório quanto a da defesa são válidas.

— Mas Fa’shua... — começou Tyrande.

— Você já provou seu ponto, Acusadora. Tem mais alguma pergunta para a testemunha?

— Não, lorde Zhu.

— Muito bem. A corte está encerrada por hoje. Amanhã apresentaremos as alegações finais. Chu'shao Murmuréolo, Chu'shao Casco Sangrento, será a última chance de se dirigirem ao júri. Recomendo que não a desperdicem.

31



Nono dia

Era o último dia do julgamento, e a tensão crepitava no ar. Ao entrar no templo, Sylvana passou por um dos goblins apostadores, que até então conseguira evitar os guardas pandarianos.

— Ei, senhora — disse ele, com os óculos presos em sua grande cabeça careca e os botões de seu colete polidos à perfeição. — Tem certeza de que não quer apostar?

Sylvana estava de bom humor, e a ideia a divertiu, então parou e sorriu para o pequeno vigarista verde.

— Quais são as chances? — perguntou, com um sorriso nos lábios.

— Tudo igual e caindo para execução imediata, 2 para 1 para prisão perpétua, e estatísticas fascinantes para os resultados mais inusitados.

— Que seriam...

Ele consultou suas anotações.

— Vamos ver... 25 para 1 para júri dividido, 18 para 1 para tentativa de fuga, 50 para 1 para uma infeliz morte súbita do acusado, e 200 para 1 para arrependimento total, incluindo, mas não se limitando, a trabalho voluntário no orfanato de Orgrimmar. — Ele a mirou, os óculos deixavam seus olhos perturbadoramente grandes.

— Alguém apostou nessa opção? — indagou ela, achando graça.

— Ei, você ficaria surpresa. Azarões vencem todo dia. Uma vez vi um carro de corrida gnômico tinindo de perfeito que liderava por voltas não conseguir cruzar a linha de chegada na antiga Pista de Corrida Miragem.

Ah, a tentação... Mas Sylvana não podia correr o risco de o goblin se lembrar da aposta, então lhe afagou a brilhante cabeça verde e entrou.

Naquela noite, depois das alegações finais, os Celestiais Majestosos se retirariam para debater, e Garrosh teria sua última refeição. Ela sabia que curry verde de peixe era o prato favorito dele, e Vereesa confirmara que seria servido. O que quer que acontecesse no tribunal não passaria de um entretenimento inconsequente. Deixariam que os outros se preocupassem, franzissem a testa, debatessem, discutissem e se desgastassem. Sylvana e Vereesa eram as únicas que entendiam o quão maravilhosamente inútil era aquilo tudo.

Taran Zhu teve que soar seu gongo mais vezes que o normal para silenciar o burburinho.

— Como estou certo de que todos já sabem, hoje é o último dia do julgamento de Garrosh Grito Infernal. — Ele olhou para Tyrande. — Chu'shao Murmuréolo, há alguma testemunha que você gostaria de reconvocar?

Sylvana notou que a elfa noturna usava uma túnica mais formal que antes, sem dúvida antecipando a vitória. Que, em outras circunstâncias, Sylvana adoraria que ela comemorasse.

— Nenhuma, Fa'shua.

— Chu'shao Casco Sangrento, há alguma testemunha que *você* gostaria de reconvocar?

Baine sacudiu a cabeça cornuda.

— Não, Fa'shua.

— Registrado. Antes dos argumentos finais começarem, no que me parece um esforço vão de evitar que as últimas horas deste julgamento se transformem em um carnaval, eu gostaria de informar a todos os presentes o que podem esperar. O dia se desenrolará assim: a Acusação apresentará seus argumentos pela execução do acusado. A Defesa, então, defenderá a prisão perpétua. Faremos um recesso de duas horas para que o acusado possa comer sua possível última refeição antes de prestar seu depoimento final se assim quiser.

Sylvana ficou tensa. O quê? Ela pensou que o curry seria servido à noite, depois que o júri saísse para deliberar, não no meio da tarde! Todos os seus planos... Olhou para a irmã. Não conseguia decifrar a expressão de Vereesa de longe, mas ela pareceu tomar um interesse repentino por sua bolsa. Vereesa vasculhou, então acenou em afirmação e se virou para olhar na direção onde o renegado estava sentado.

O júbilo substituiu o pânico momentâneo. *Minha querida irmã*, pensou ela, contendo um sorriso, *que time seremos!* Vereesa levou o veneno consigo o tempo todo, pelo visto. Não falhariam, não importava quando o maldito orc empurrasse a comida para dentro daquela boca prepotente.

Desastre evitado, Sylvana voltou a prestar atenção no juiz. Ele examinou a multidão com o rosto austero.

— Espero que não haja nenhuma interrupção nessa hora. Seu destino está prestes a ser definido diante de todos nós. Ele tem o direito de dizer o

que estiver em sua mente e em seu coração, de ser ouvido e de falar pelo tempo que desejar. Se ainda não entenderam, ficarei feliz em esclarecer, dando a qualquer um a que falte compreensão um mês no coração do Monastério Shado-Pan.

Sylvana não duvidou nem por um segundo que o pandariano faria aquilo, assim como, pelo visto, todos ali. Taran Zhu parecia satisfeito com a circunspeção que sua declaração gerou e concluiu:

— Depois que o acusado falar, o júri deliberará. Nós nos reuniremos novamente quando tiverem um veredito. Chu'shao Murmuréolo, estamos prontos para sua declaração final.

Jaina observou concentrada Tyrande se levantar e dar uma olhada em suas anotações antes de enrolá-las e deixá-las de lado. A elfa noturna sabia que aquele era o momento mais aguardado por muitos que estavam ali. Tinha a atenção total de todos e não teve pressa. Colocou a bolsa de runatrama, um objeto simples, na mesa e tirou de lá uma pedra do tamanho de um ovo de galinha.

— Na minha declaração de abertura — começou ela, com sua voz lírica e clara —, disse a vocês que havia recebido uma tarefa simples. Meu trabalho como Acusadora era provar que Garrosh Grito Infernal não merecia uma “segunda chance”, não merecia “se redimir” ou qualquer outra expressão que a defesa possa ter apregoadado, apelando para a compaixão de vocês. Antes mesmo de eu falar, Garrosh admitiu a culpa pelos crimes que está sendo acusado, e... — Tyrande deu um sorrisinho e encolheu os ombros — não tenho dúvidas de que se lembram de sua atitude.

Ela voltou para a mesa. Colocou a pedra sobre o tampo, mexeu na bolsa, de onde tirou uma segunda pedra, e continuou seu discurso:

— A defesa pergunta: as pessoas podem mudar? Claro que podem. A mudança está na natureza das coisas. Mas, às vezes, as coisas não mudam para melhor. Uma árvore cresce, com certeza. Assim como a maldade. — Mais uma vez Tyrande deixou a pedra na mesa, e dessa vez pegou mais duas. — Fiz uma promessa a vocês em minha declaração inicial. Disse que assistiriam à tramoia de Garrosh Grito Infernal, que o ouviriam mentir e seriam testemunhas de suas traições.

Ela parou e olhou para Jaina.

— Eu me arrependo da terrível necessidade que me obrigou a mostrar vários desses cenários. Mas teria me omitido em meu dever se não fizesse tudo que estava ao meu alcance para deixar este caso o mais completo e convincente possível. — Então Tyrande se curvou, levando as pedras ao coração.

Jaina compreendeu. Engoliu em seco e assentiu. Tyrande não demonstrou reação, mas Jaina achou que ela parecia aliviada. Mais uma vez, a alta sacerdotisa dispôs as duas pedras e sacou outras duas. Quatro delas formavam uma linha curta na borda da mesa, e mais de uma pessoa espiava com curiosidade.

— São dez acusações, no total — contabilizou Tyrande. — Multipliquem algumas, muitas, de cada uma delas. — Ela pegou mais pedras enquanto falava, colocando-as do lado das outras, ordenadas em fileira. — Genocídio. Assassinato. Transferência forçada de população. Desaparecimento forçado de indivíduos. Escravidão. Abdução de crianças. Tortura. Matança de prisioneiros. Gravidez forçada. Destruição arbitrária de cidades, lugarejos e vilas, sem justificativa militar ou civil.

Tyrande parou. Examinou as pedras, fingindo contá-las.

— Nove pedras aqui. — Levantou o olhar para a tribuna, seus olhos radiantes estudavam os rostos. — Vocês devem estar se perguntando por

que há apenas nove, quando eu disse que eram dez as acusações contra Garrosh. É porque estas pedras não representam as acusações.

Virou-se para a mesa e pegou a primeira, examinando-a.

— Estas rochas — falou ela devagar — são mais que representações. São pedaços de cada terra que jamais se esquecerá de Garrosh Grito Infernal. Por exemplo... esta veio da Cordilheira das Torres de Pedra. O Suserano Krom'gar matou uma vila inteira de inocentes, seguindo o que ele acreditava ser a filosofia de Garrosh para a nova Horda. Como ele fez isso? Lançando uma bomba. Garrosh o executou por isso... desonra.

Tyrande bateu a pedra na mesa com força, e Jaina deu um pulo assustada. Um pequeno arquejo de surpresa ecoou pela arena. Tyrande ergueu seus belos e destemidos olhos e pegou a rocha seguinte.

— Esta tem manchas vermelhas escuras... pois já viu muito derramamento de sangue. Foi tirada da arena de Orgrimmar. — Ela alisou a pedra com cuidado. — O lugar onde a mak'gora é realizada. O lugar onde o pai de Baine Casco Sangrento morreu, traído.

Tyrande depositou a pedra na mesa com delicadeza e passou para a terceira.

— Esta rocha cheia de musgo é de Guilnéas. Alvo do ataque de Garrosh Grito Infernal e onde muitos pereceram. E outra, de Azshara, a bela e outonal Azshara. Não tão bela agora, não é? Não depois que Garrosh Grito Infernal deu a terra para os goblins que, com suas máquinas, a esculpiram em um grande símbolo da Horda. E transformaram a água da capital em imprópria para o consumo! — Essa ela bateu na mesa como fez com a primeira, e Jaina viu dor verdadeira em seu rosto.

A dor se aprofundou quando, com delicadeza, Tyrande pegou outra pedra, com estrias azuis e verdes.

— Vale Gris. O rico em florestas, córregos e vida, Vale Gris. Devastado pelos orcs sob o comando de Garrosh, o cenário de uma batalha marcada pelo sequestro de crianças e o assassinato de seus pais.

Jaina, abalada, preparou-se para a pancada da pedra na mesa. Mas, em vez disso, a elfa noturna a depositou com delicadeza, acariciando-a tristemente antes de alcançar a seguinte. Essa parecia diferente das demais — como um pedaço de lava de vulcão e, de repente, Jaina percebeu de onde vinha.

— Não satisfeito em saquear Azshara e Vale Gris, ou deixar que a morte de inocentes por suas mãos o detivesse, Garrosh queria mais. Muito mais. Ele não só acreditava que a Horda tinha o direito de sobreviver e prosperar, mas que *ele* tinha o direito de fazer o que quisesse para conquistar esse objetivo, independentemente do mal que pudesse causar. — Tyrande segurou o pedaço de rocha para que todos vissem. — Este é um pedaço de um gigante fundido! Um poderoso elemental forçado a uma submissão brutal, usado por um xamã sombrio que não se importou se a terra chorava de dor e raiva ao ser tão abusada. E isso... foi *depois* do Cataclismo!

Ainda restavam três. Jaina olhou para a próxima da fila. Era cinza e... macia, como uma rocha desgastada por séculos pela água. Tyrande a pegou, com o cuidado com que se pega um ovo delicado, e olhou direto para Jaina.

A arquimaga prendeu a respiração. Ela sentiu a mão de Kalec, tão clara, próxima à dela, pronta para se retirar se Jaina não precisasse ser consolada. Ela não olhou para ele. Não conseguia desviar os olhos daquele singelo pedaço de rocha. Em vez disso, abriu a mão e enlaçou seus dedos firmemente nos dele.

— Theramore — disse Tyrande, com a voz tomada pela emoção. E não precisou falar mais nada.

Ela apertou a pedra contra seu coração antes de devolvê-la à mesa.

— Darnassus — falou suavemente, tocando a última rocha. — A casa dos elfos noturnos, violada quando os Fendessol traíram Dalaran e usaram sua mágica não para ajudar este mundo, mas para roubar o Sino Divino.

E, por último...

— O Vale das Flores Eternas — anunciou Tyrande, e sua voz vacilou. Jaina sabia que não era fingimento. — Um lugar antigo, por tanto tempo escondido. Só recentemente pudemos contemplá-lo. E, agora, está tão destruído que pode demorar outra eternidade para voltar a desabrochar por completo. Tudo por causa da indescritível e incontrolável sede de poder de Garrosh Grito Infernal para uma facção da Horda!

Ela se virou, sua raiva e paixão estavam marcadas em cada linha tensa de seu físico forte e flexível.

— O que alguém como ele faria com uma segunda chance a não ser causar mais estragos? Acumular mais poder, trair mais aliados? Celestiais Majestosos! Vocês são mais sábios que todos nós para entender isso de verdade. Eu insisto... eu imploro. Sentenciem Garrosh Grito Infernal à morte pelo o que ele fez a seus inimigos, a seus aliados, à própria terra. Ele não mudará. Ele não pode mudar. Tudo o que há nele é orgulho e voracidade. Enquanto seu coração bater, Garrosh irá conspirar. Enquanto respirar, ele irá matar.

Ela respirou fundo e ficou de pé, em toda sua altura elegante.

— Acabem com isso. Acabem com *ele*. Agora.



O tribunal estava em silêncio quando Tyrande retornou a seu lugar. Jaina podia quase sentir a intensidade com que todos julgavam Garrosh Grito Infernal. Tantas vidas. Tanta dor. Tanta destruição... Tudo graças a um orc. *Um!* Seria possível um indivíduo causar mais dano que sua raça inteira?

Um que estava sentado bem ali. Um simples golpe de espada, uma bola de fogo bem mirada, e tudo estaria acabado. Garrosh Grito Infernal nunca mais faria mal a ninguém.

Os dedos dela coçaram para realizar os gestos do feitiço.

Depois de um instante, Baine Casco Sangrento se levantou. O som de seus cascos soava alto na câmara silenciosa. Jaina chegou a sentir pena do tauren em sua missão impossível.

Ele parou, organizou os pensamentos e se dirigiu aos solenes e atentos celestiais:

— Sei que esperam por um discurso passional por misericórdia, um apelo à sabedoria e compaixão de vocês. Posso vir a fazer tal pedido, ainda

não me decidi. O que quero dividir com vocês agora não é sobre Garrosh Grito Infernal, mas sobre mim.

Baine uniu as mãos nas costas e começou a caminhar pela circunferência da arena.

— Quando me pediram para defender Garrosh, eu definitivamente não tinha vontade de fazê-lo. Invejei Chu'shao Murmuréolo, não só por sua vitória ser mais provável, mas porque queria a chance de fazer o que ela fez. — Ele parou em frente à mesa de Tyrande. Ela olhou para ele curiosa, porém desconfiada. Baine pegou a segunda pedra, da arena da mak'gora. A que estava manchada, como Jaina tinha certeza agora, com sangue e que, provavelmente, por isso havia sido escolhida por Tyrande. E eram grandes as chances do sangue ser de Caerne.

Tyrande apertou os olhos, mas não o deteve. Baine continuou com seu passo.

— Como deve ter sido gratificante juntar estas pedras! Permitir-se pensar sobre o que aconteceu nesses lugares e em como esses eventos foram trágicos e desnecessários. — A mão dele se fechou com cuidado em volta da pequena rocha. — Sentar-se com Crona e procurar por evidências através do próprio tempo para cada um deles e trazer para o júri e os espectadores. “Aqui, veja isto! E isto! Vejam, vejam o que Garrosh Grito Infernal fez!”

O que ele está fazendo, perguntou-se Jaina. Desistindo? Admitindo que defender Garrosh é uma tarefa perdida desde o princípio?

— Então fui ao Penhasco do Trovão. Para o lar que meu pai e o chefe guerreiro Thrall fundaram para meu povo. Fui respirar o ar de lá, sentar em suas pedras vermelhas e perguntar a meu pai o que eu deveria fazer. — Baine apontou para Kador Canta Nuvens, sentado na plateia. — Pedi por uma visão. E ela veio.

A voz de Baine estava levemente trêmula, e sua mão procurava pela pedra que provavelmente trazia manchas do sangue de seu pai.

— Meu pai sabia que eu não poderia ceder ao meu ódio e à minha dor e ainda manter a cabeça erguida. Ele sabia que eu precisava aceitar e defender Garrosh de verdade, com toda a minha habilidade, não importando o resultado, ou não haveria paz. Ele sabia disso porque me conhecia, e também porque meu pai, que morreu pelas mãos de Garrosh, faria o mesmo se ainda estivesse vivo. Então concordei em defender Garrosh. Passei muitas horas com Kairoz, pesquisando os acontecimentos, assim como Tyrande. E descobri que não é possível realmente *defender* Garrosh Grito Infernal. Não é. A única “defesa” é ir além dos eventos e chegar ao que importa de verdade.

Baine olhou de novo para a pedra aninhada em sua mão.

— Tyrande foi até muito longe para encontrar estas pedras para suas alegações finais. Não diminuo isso ou a dor que estou certo que ela sentiu ao coletá-las e meditar sobre o que significavam. Mas preciso dizer que, por mais comovente que sua apresentação tenha sido, foi exatamente isso. Uma apresentação. Um show, assim como as Visões do Tempo e, de certo modo, como a Feira de Negralua, à qual este julgamento foi desfavoravelmente comparado.

Olhando para o júri, ele esfacelou a pequena pedra com seus dedos poderosos.

— Não significa nada.

Jaina sentiu uma onda de raiva, de ofensa, como Baine podia fazer aquilo? Destruir de forma tão insensível o que devia ser uma lembrança preciosa do pai dele? Outros murmúrios descontentes soaram pela sala. Taran Zhu pegou sua marreta, e o burburinho silenciou.

Baine, imperturbável pela reação, abriu a mão e deixou a poeira cair ao chão.

— No fim, é nisto em que tudo se transforma. Somos todos poeira. Pedras, árvores, criaturas do campo e da floresta, tauren, elfo noturno, orc, é isso que nos tornamos. E não importa. Não importa se morremos. O que importa é que *vivemos*.

Ele passou os olhos pela arena, levemente desafiador dessa vez.

— Só quando há vida as coisas podem mudar. Só quando podemos consolar um amigo, ou criar os pequeninos, ou construir uma cidade. Meu pai *viveu*, e de uma forma boa e completa. Ele me ensinou muitas lições.

Baine, então, olhou para Jaina e Anduin.

— Ele uma vez falou que a destruição é fácil. Mas criar algo que dure, isso, disse meu pai, era um desafio.

Baine pegou outra pedra, a de Theramore, onde ele, Jaina e Anduin tinham conversado sobre tantas coisas.

— Eu poderia esmagar o crânio de Garrosh Grito Infernal com esta pedra. Ou... poderia usá-la para construir uma cidade. Poderia moer milho, ou aquecê-la para cozinhar. Poderia cobri-la de tinta colorida e usá-la em uma cerimônia em honra à Mãe Terra. O que quer que nós façamos ou deixemos de fazer com esta pedra, ela virará poeira um dia. Tudo o que importa é o que fazemos com ela enquanto estamos vivos. E acredito que, se olharmos dentro de nosso coração, com sinceridade, além do medo e das mágoas, saberemos que isso é verdade.

— Todos já fizemos coisas das quais nos envergonhamos. Todos já fizemos coisas das quais nos arrependemos. Todos carregamos dentro de nós o potencial de virarmos nossas próprias versões de Garrosh Grito Infernal. Como assisti na Visão do Tempo exibida neste julgamento. Vi isso em Durotan, que atacou Telmor, mas que depois foi exilado por seu povo

por suas crenças. Em Gakkorg, que deixou uma posição invejável como membro da Kor’Kron porque ficou enojado pelo o que era ordenado a fazer com jovens inocentes. Rei Varian — Baine apontou para ele —, você uma vez colocou uma espada no pescoço de uma mulher indefesa, vestida apenas com uma camisola. E agora vocês dois são amigos e aliados. Alexstrasza, tão terrivelmente abusada, seu perdão foi tão profundo quanto seu sofrimento, porque ela sabe, como todos deveríamos saber, que esse é o único caminho.

Baine fitou Jaina mais uma vez, com os olhos cheios de compaixão.

— A senhora de Theramore, que já não o é, sofreu perdas e traições. Ela não é nenhum Aspecto imbuído de extraordinária paciência e propósito para sustentá-la, e nós vimos e ouvimos seu pesar e sua fúria. No entanto, mesmo ela entende. Ela não quer ser igual a Garrosh.

Baine se virou de costas para os celestiais, que o observavam atentamente.

— Tyrande fala de justiça de verdade. Acredito que saibam o que é isso. E acredito que nós a veremos hoje. Obrigado.

Baine talvez não tivesse convencido a todos, mas muito do que disse calou fundo, pelo menos em Jaina. Diversas coisas passaram por sua cabeça e por seu coração durante as duas horas de recesso. Kalec perguntou se ela queria ir comer com ele, mas Jaina gentilmente recusou.

— Preciso... preciso pensar — disse, e ele aquiesceu com os olhos tristes, ainda que sorrisse.

Jaina comprou uma tigela de macarrão e encontrou um local discreto ao ar livre para comer, embaixo de uma cerejeira em flor. O macarrão estava bom, e a vista era esplêndida, mas ela ignorava isso tudo, levando a comida à boca automaticamente.

Não invejava a tarefa dos celestiais. Pensou no que havia ouvido, visto e sido obrigada a falar. Pensou em Kinndy e em sua alegria vivaz em contraste com a seriedade com que encarava as coisas e em sua firmeza e força vital. Pensou em Kalec e na decisão que ele lutava para tomar. Jaina não tinha dúvidas de que ele a amava. Mas o coração de Kalec — melhor, mais forte e gentil que o dela, como Jaina compreendia com uma sombra de amargura — não suportava a virulência do rancor dela. Aquilo o machucaria, Jaina percebia. Kalec poderia ficar e continuar ferido, ou partir e permanecer inteiro.

Quantas decisões, pensou ela. Baine, porém, estava certo em um ponto. Jaina não queria ser como Garrosh. E se os papéis fossem invertidos, o que Garrosh decidiria fazer com ela?

— Senhora Jaina? — Era Jia Ji, um dos mensageiros do tribunal. Ele fez uma reverência. — Perdoe a intromissão em seu isolamento. Tenho um recado para a senhora.

Ele estendeu-lhe um pergaminho. Jaina o pegou, franzindo a testa, e empalideceu quando viu o selo. Na cera rubra estava a inconfundível marca da Horda.

Um milhão de pensamentos passou por sua cabeça, todos terríveis, ao partir a cera com os dedos trêmulos, desenrolar a mensagem e ler:

Levei um tempo para descobrir o que aconteceu em Dalaran. Você costumava ser uma mulher de paz, no entanto não mais. Garrosh castiga a terra, e os mortos não são as únicas vítimas. Não a culpa ou o ódio, não importa que sentimentos tenha por Garrosh, ou pela Horda. Todos temos nossos fantasmas.

Jaina releu o bilhete diversas vezes e, então, abriu um sorriso devagar.

— Deseja que eu transmita a resposta, grã-senhora Jaina? — perguntou Jia.

— Sim. Por favor, diga ao chefe guerreiro que agradeço pela compreensão.

— Claro, grã-senhora. — Jia fez outra reverência e se virou para ir entregar sua mensagem.

Jaina o observou partir, o sorriso continuava em seu rosto, aquecendo-a. De onde estava, enxergava a multidão abaixo. Somente um deles tinha o cabelo preto-azulado. Ele conversava com Varian e Anduin e, enquanto ela o observava, apertou a mão dos dois e começou a se afastar, parecendo abatido.

Ele está indo embora.

Segurando a carta de Vol'jin, Jaina começou a correr.

— Kalec! — gritou, ignorando as cabeças que se voltavam em sua direção. — *Kalec!*

Seus pés voavam sobre o caminho, e ela saltava uma raiz ou pulava um degrau. A multidão abria caminho. Jaina não percebia ou se importava. Seu olhar estava fixo em Kalecgos, e ela fez uma prece rápida para a Luz pedindo para não ser engolida pela aglomeração.

— Kalec!

Ele diminuiu o passo e, então, parou. Levantou a cabeça como se estivesse ouvindo, depois se virou, buscando com o olhar em meio ao mar de pessoas. Seus olhos se encontraram, e o rosto de Kalec se iluminou como o sol. O coração de Jaina disparou de alegria. Ela diminuiu o espaço entre eles e se jogou nos braços abertos dele.

Bem ali, na frente de todos, eles se beijaram, alegre e ansiosamente, e Jaina estava extremamente grata.

Garrosh Grito Infernal já destruíra o suficiente.
Ele não destruiria aquilo, ele não *a* destruiria.



— Vereesa! — Mu-Lam Shao cumprimentou a amiga calorosamente. — Não sabia se a veria hoje, já que é o último dia do julgamento.

Vereesa sorriu para a pandariana, que picava o gengibre, a cebola e outros itens tão rápido que a faca não passava de um borrão.

— Ah, não. Eu queria pegar a receita desse prato. É bem popular aqui, parece, se até mesmo um orc o comerá.

Mu-Lam riu, um ronco caloroso, seus olhos brilhavam.

— Alguns dizem que até mesmo um elfo. — Ela piscou. — Mas sim, seria negligência minha não ensiná-la a cozinhá-lo. Você sabe que é sempre bem-vinda na minha cozinha. Vai voltar para nos visitar?

Mu-Lam olhou para cima esperançosa. Inesperadamente, Vereesa sentiu um desassossego. Não, ela não voltaria. Não iria para nenhum lugar em que já estivera antes. Somente os lugares sombrios seriam dela em breve, as terras empoeiradas de Orgrimmar e os cortiços enfumaçados dos goblins. Mas aquilo não era de todo verdade. Ela poderia ir a Luaprata,

sentir como tudo estava diferente da época em que viveu ali e visitar o pico de sua família...

— Ah, claro — mentiu, com facilidade. — Eu me apeguei a você, Mu-Lam. — Isso, pelo menos, era verdade.

Mu-Lam sorriu. Então, como se ligeiramente encabulada, disse com certa brusquidão:

— Aqui... faça alguma coisa de útil. Pique o manjericão e fatie a frutassol.

A frutassol. Ali estava, com sua fragrância picante e deliciosa antes mesmo de ser cortada. Vereesa usou a faca com atenção redobrada, cuidando para não se cortar acidentalmente.

Seriam oito refeições, e Mu-Lam dispusera oito pratos. Vereesa cortava a frutassol em quatro enquanto Mu-Lam descrevia tudo o que o curry de peixe levava, inclusive a pasta de curry. Vereesa não a escutava. Só conseguia pensar em Garrosh Grito Infernal, morto, apesar do apelo final de Baine Casco Sangrento. Rhonin se fora... era hora de Garrosh pagar por isso.

— Qual é o de Garrosh? — perguntou ela, torcendo para soar casual.

— A bandeja dele é a de bambu marrom — disse Mu-Lam, apontando com a colher. — Dê a ele um quarto a mais. Pode ser a última refeição que vai comer, e sei que ele gosta.

— Você é muito gentil com um assassino — falou Vereesa, sem pensar. Mas Mu-Lam conhecia as perdas dela e olhou para a elfa superior com compaixão.

— Amanhã acordarei nesta bela terra, com comida saudável e parentes e amigos amorosos e com um trabalho que faz a diferença. Garrosh Grito Infernal, independentemente do que os Celestiais

Majestosos decidam, nunca terá isso. Com esse conhecimento, é fácil ser gentil.

A vergonha, quente e elétrica, varreu Vereesa. Seguida imediatamente pela raiva. Ela aquiesceu de leve e pegou outro pedaço de frutassol. Mu-Lam enxugou as patas e se virou para mexer o curry.

Agora.

Vereesa deslizou o frasco para fora da bolsa e o destampou. Suas mãos já não tremiam quando pingou três gotas — uma teria sido suficiente — em cada gomo. O líquido se dissolveu rapidamente no suco da fruta apetitosa. Ninguém perceberia. Vereesa tampou o vidrinho, apertando com firmeza para vedá-lo, e lavou as mãos com sabão.

Estava feito.

— Obrigada, Vereesa — agradeceu Mu-Lam. — Sentirei saudades, até sua próxima visita.

Vereesa deu um sorriso fraco.

— Obrigada, Mu-Lam. Por tudo. Até a próxima.

Ela se virou e saiu. Mu-Lam a chamou:

— E quando vier, traga os pequenos! Eles devem ser meninos lindos!

Os meninos dela.

A reação atingiu Vereesa de uma só vez, e ela começou a tremer. Continuou andando, acenando um adeus, saiu do espaço abaixo do templo, que havia sido transformado temporariamente em cozinha, e se apressou no corredor.

Recostou-se na pedra fria, respirando com dificuldade. Vereesa conhecia bem a violência. Já tirara vidas antes. Mas sempre em batalhas, quando lutava por algo ou alguém. Aquilo era diferente. Era deliberado, calculado, uma morte planejada com cuidado, a arma não era de um

patrulheiro, mas de um assassino. Era pior que uma flecha no olho, pior que uma faca no escuro.

“Eles devem ser meninos lindos.”

Ela não pensava neles, pelo menos não de verdade, havia muito tempo. Primeiro precisou lidar com os Fendessol e Lor’Themar, depois com o cerco de Orgrimmar, então, com o julgamento. Mal tivera um tempo com eles nos últimos anos, nem mesmo logo depois de...

Eles *eram* lindos, com o cabelo ruivo de Rhonin e os olhos dela; Giramar, o mais velho por alguns minutos, e Galadin. Vereesa de repente percebeu o quanto sentia falta da risada deles. Como costumavam ser levados, mas com bom coração, seus meninos, e o pai deles ficaria muito orgulhoso do quão corajosos...

Ela tentou imaginá-los na Cidade Baixa e... não conseguiu. Onde correriam, brincariam e ririam? Ou levantariam a cabeça para os beijos do céu? Como aprenderiam qualquer coisa sobre a vida em uma cidade da morte?

— Vereesa?

Absorta nas imagens de seus vibrantes filhos na sombria e cinzenta Cidade Baixa, Vereesa se sobressaltou.

— Anduin — disse, rindo um pouco. — Desculpe-me... Estava perdida em meus pensamentos.

— Não, desculpe-me *ocê*. Não quis assustá-la. Tudo bem?

Ela voltou ao presente, de frente a outro belo rapaz, ainda que fosse muito mais velho que seus gêmeos. No entanto, aquele príncipe louro tinha a mesma bondade no coração.

— Estou bem. O que está fazendo aqui embaixo?

Ele pareceu um pouco tímido.

— Vou ver Garrosh. Ele me chamou, há um tempo, e temos conversado todos os dias depois das sessões. Depois do depoimento de Alexstrasza, eu não queria vê-lo de novo, mas... bem, esta pode ser a última oportunidade que terei. Sinto que devo ir, mesmo que ele apenas grite comigo de novo.

Vereesa o encarou e pensou em seus meninos sorridentes. Antes que pudesse mudar de ideia, ela subitamente avançou sobre Anduin e agarrou seu braço. Ele a olhou confuso.

— Vereesa?

— Acredito que a Luz está trabalhando aqui. — As palavras saíram trêmulas e velozes, antes que o medo fechasse seus lábios. — Entrego minha escolha a você. A comida de Garrosh está envenenada. Faça o que quiser com essa informação.

Sem esperar por uma resposta, ela saiu correndo pelo corredor. Vereesa encontraria Yu Fei, iria até Dalaran e abraçaria seus filhos — seus filhos calorosos, amáveis e *vivos* — bem apertado, e nunca mais pensaria em abandoná-los de novo.

Anduin olhava para a patrulheira elfa superior com a boca aberta de perplexidade.

Envenenada? Vereesa estava prestes a envenenar Garrosh? Ele mal podia acreditar. Então pensou no quão amarga e desgostosa ela estava desde Theramore, e em como Vereesa e Jaina se apoiaram uma na outra, e, com pesar, reconheceu que, sim... podia acreditar.

Um pensamento repentino o despertou: e se a comida já tivesse sido servida? Ele disparou pelo corredor e parou deslizando na entrada da rampa.

— O jantar — perguntou ofegante — já foi servido?

— Não, príncipe Anduin — respondeu Lo. — Talvez você devesse comer o seu e retornar quando estiver mais calmo.

Anduin sentiu uma fraqueza com o alívio e soltou uma risada trêmula.

— Desculpe-me. Posso vê-lo?

Os irmãos se encararam.

— Ele está... com um humor muito desagradável — avisou Lo.

— Muito — concordou Li.

O alívio vertiginoso de Anduin foi substituído por um ar solene.

— Ele está encarando a morte, e um tipo de morte que jamais imaginou para si mesmo. Garrosh tem demonstrado coragem, mas agora, tudo o que pode fazer é esperar. Posso entender que esteja... desagradável. Gostaria de falar com ele a sós, pode ser?

— Como quiser, Vossa Majestade — concordou Li, com óbvia relutância, e abriu a porta.

Garrosh não estava sentado nas peles, como costumava fazer. Ele caminhava lentamente pela cela, conseguindo mover os pés apenas alguns centímetros por vez. O orc ergueu a cabeça com raiva quando a porta se abriu, e sua expressão se fechou ainda mais quando viu quem era. Anduin se preparou para um ataque verbal, mas Garrosh não disse nada, só continuou com o andar limitado.

Anduin pegou sua cadeira e esperou, ouvindo o som do arrastar das correntes. Depois de vários minutos, Garrosh parou.

— O que está fazendo aqui, criança humana?

Anduin não esperava por aquilo. Garrosh não soava amargo ou raivoso, mas... resignado.

— Vim para o caso de você precis... querer falar comigo.

— Bem, eu não quero. Pode ir agora. — O desdém começou a substituir a resignação na voz do orc. — Vá fazer seus joguinhos com a Luz e acene com sua clava Quebramedo. Pelo menos Baine foi tauren o suficiente para devolver seu brinquedo.

— Está tentando me irritar?

— Está funcionando?

— Sim.

— Ótimo, agora vá.

— Não — disse Anduin, surpreendendo a si mesmo. — Você me chamou uma vez. Uma parte sua queria um sacerdote, mas você não conseguiria encarar alguém da Horda. Porque esse desejo, essa *necessidade*, seria muito real. Era melhor me solicitar, seu, assim chamado, inimigo. Era melhor fazer joguinhos de palavras e trocar insultos do que enfrentar o fato de que, adivinhe, você pode acabar sendo *executado*. Mas o que não entende, Garrosh, é que acredito no que significa ser um sacerdote. Vou ficar aqui, querendo você ou não. Porque pode vir o minuto, ainda que apenas um minuto, em que minha presença o conforte.

— Apodrecerei nas profundezas mais escuras da Espiral Etérea antes de me alegrar com a sua presença deprimente. — Garrosh mudou bem diante de seus olhos, e Anduin percebeu como fora difícil para o orc sustentar a fachada de tranquilidade. Ela havia caído agora, como uma capa que não lhe servia mais. Os olhos dele não estavam vermelhos, mas a raiva dentro dele era visível. Garrosh fervia, abrindo e fechando os punhos algemados.

— Você se senta aqui todos os dias, presunçoso e hipócrita — continuou o orc, suas palavras carregadas de nojo. — Você e sua preciosa Luz. Tão certo de que aturando minhas palavras e assistindo ao meu

destino se desenrolar na sua frente poderá me mudar. Todos aí fora querem alguma coisa de mim, *garoto*, inclusive você.

— Só estou aqui para ajudá-lo...

— Ajudar com o quê? — Garrosh elevou a voz. — Vai me ajudar a morrer? Ou a viver como um lobo de estimação, choramingando por afagos e um eventual pedaço de carne? Já não se dá por satisfeito por eu não poder caminhar como um guerreiro, mas estar acorrentado como um animal? É isso que quer que sua Luz faça por mim?

Anduin sentiu como se as palavras o bombardeassem fisicamente.

— Não, não é nada disso. A Luz não trabalha dessa forma...

— Claro, porque um humano *adolescente* sabe tudo sobre a Luz — zombou o orc, e então começou a rir.

— Sei o suficiente — retrucou Anduin, irritando-se também. Esforçou-se para ser paciente. — Sei que...

— Você não sabe de nada. *Garoto*. Saiu do colo da mamãe há tão pouco tempo que ainda cheira a leite!

Anduin estremeceu como se tivesse levado uma ferroadada.

— Minha mãe não tem nada a ver com a história, Garrosh. Isso é entre nós dois e o fato de que você provavelmente só tem mais algumas horas antes de... já sabe...

— Isso é sobre o que *eu* disser que é! E eu digo que é sobre sua arrogância, a maldita arrogância da *Aliança*, que acha que sabe o que é melhor, o que é certo, para todos, inclusive para mim!

A respiração de Anduin estava acelerada, e seus punhos, cerrados. A porta se abriu, e Yu Fei e os irmãos Chu entraram serenos, como se não tivessem ouvido o falatório do orc. Garrosh rosou para eles.

— Para trás, Garrosh. Sabe que não queremos machucá-lo — disse Lo.

A pequena Yu Fei aguardou, e Anduin subitamente percebeu que ela era a ameaça ali, não os irmãos Chu. Garrosh os encarou e rugiu impotente, então recuou enquanto a maga desativava o feitiço e a bandeja de curry verde de peixe era entregue. Yu Fei reativou o encanto, e, sem mais palavras, os três pandarianos saíram. A porta foi fechada e trancada atrás deles.

— Garrosh, escute-me — começou Anduin, querendo avisá-lo sobre o prato envenenado.

— Escute-me você, garoto. Espero que viva para se tornar rei. Porque independentemente de eu estar aqui para ver ou não, no dia em que você subir ao trono, os orcs celebrarão. E nós viremos a Ventobravo. Está me escutando? Correremos pelas ruas, matando seu povo. Empalaremos seu corpo ansioso por paz em um espeto e queimaremos sua cidade com você dentro, ainda fedendo a leite. E, em qualquer vida após a morte que sua preciosa Luz lhe promete, seus pais desejarão que a rainha Tiffin tivesse sofrido um *aborto*.

Anduin tinha parado de respirar. Sentia-se prestes a estourar em uma fúria incandescente. Queria calar o orc, para sempre, explodir sua mente e arrancar dali tudo o que fosse Garrosh Grito Infernal. Ele sabia como usar a Luz. Poderia usá-la naquele momento, não como um escudo ou um bálsamo curativo, mas como uma arma.

Talvez Vereesa estivesse certa, talvez a Luz *já* estivesse trabalhando. E iria cuidar de Garrosh Grito Infernal. Tudo o que Anduin precisava fazer era ficar em silêncio. Ele seria um idiota se achasse que podia ajudar. Que conseguiria, de alguma forma, sensibilizar Garrosh. O orc estava certo em um ponto: nada de bom jamais poderia sensibilizá-lo.

Ele tentou matá-lo, pensou Anduin. Ele o mataria agora se pudesse. Deixe-o morrer. O mundo seria melhor sem ele.

Garrosh observou o príncipe de Ventobravo lutar contra sua fúria, e riu. Ele espremeu um pedaço de frutassol sobre o curry e pegou a tigela, levando-a aos lábios.

Com um soluço angustiado, quase um rosnado, Anduin se lançou para a frente, alcançou o braço de Garrosh através da janela enfeitiçada e derrubou a tigela das mãos dele. Ela caiu no chão, e seu conteúdo se espalhou pelas peles.

Garrosh prendeu o braço de Anduin e puxou, batendo o rosto do príncipe contra o ferro duro. Ele torceu bem o braço, deixando-o em uma posição quase impossível, Anduin engasgou.

— Sucumbiu à raiva, não foi, *garoto*? Então eu ganhei!

— Sua comida... está envenenada — chiou Anduin, rangendo os dentes de dor.

— Mentiroso! Não posso enforcar seu pescocinho magrelo através das barras, mas tenho seu braço e posso arrancá-lo.

Anduin deixou que a Luz o preenchesse, e a dor desapareceu. A calma substituiu a agitação de sua alma, e ele não protestou. Simplesmente observou Garrosh. O orc estava certo. Ele poderia arrancar seu braço tão facilmente quanto arrancaria uma planta da terra. Anduin estava à mercê dele e desistiu de se preocupar. Fizera o que era certo, e era o que importava. O que tivesse que acontecer, aconteceria.

Garrosh o observava tomado pela fúria, mas o olhar de Anduin não vacilou.

Um leve movimento perto dos pés de Garrosh chamou a atenção de ambos. Era o rato que Anduin vira antes, atraído pelo sedutor aroma do curry de peixe. Ele se aproximou com os bigodes tremendo, como se farejasse, então pegou um bocado com as patas dianteiras e começou a comer.

O rato se sacudiu, sentou quieto e depois voltou a comer. Seu corpo tremelicou de novo e, dessa vez, começou a convulsionar. Sangue e espuma brotaram de seu focinho, e ele começou a se debater em agonia, tentando rastejar de volta para seu esconderijo, mas seus membros se recusavam a obedecer. O animal grunhiu, a respiração soava úmida enquanto os pulmões lutavam por ar, e então, misericordiosamente, ele parou de se mexer.

Anduin engoliu em seco, vidrado no rato, então ergueu os olhos da pobre criatura para ver Garrosh encarando-o intensamente. O orc desviou o olhar e empurrou Anduin com tanta força que o príncipe tropeçou.

Ele hesitou por um momento, esfregando o braço recém-salvo, então se virou e subiu a rampa. Com a mão firme, bateu à porta. Ela se abriu, e Anduin saiu sem dizer mais nenhuma palavra a Garrosh.

Ele estava em paz. Era hora de Garrosh fazer o mesmo. Antes de seguir pelo corredor, se virou para Li Chu:

— Quando Garrosh for levado para ouvir o veredito, por favor, removam as correntes.

— Não podemos fazer isso, príncipe Anduin.

— Então tire, pelo menos, as das pernas. Deixem-no caminhar como um guerreiro. Seis guardas com certeza são o suficiente para detê-lo caso ele tente fugir. Eu não acho que vá tentar. Ele sabe que provavelmente morrerá.

Eles trocaram olhares.

— Muito bem. Pediremos a Taran Zhu — disseram. — Não prometeremos nada.

Havia sido um dia atribulado para Jia Ji. Como um dos mensageiros do tribunal, ele jurara não falar de suas missivas ou sobre quem as enviara e

para quem, e seus serviços estavam sendo muito requisitados. Aquele era seu dia mais atarefado até então.

Primeiro fora a carta do chefe guerreiro Vol'jin para a grã-senhora Jaina, então a resposta verbal da grã-senhora para o chefe guerreiro. Houve também um recado da general-patrolheira Vereesa Correventos para sua irmã. Ele esperou pela resposta e ouviu um “Saia!” em uma voz bem alta e furiosa. Ainda assim, tinha uma mensagem verbal para a general-patrolheira, do príncipe Anduin, não de Sylvana. Yu Fei o transportou até Dalaran, onde Jia Ji a encontrou sentada em uma fonte, observando seus filhos. Eles faziam pedidos e riam, cada um com a mão cheia de moedas.

— General-patrolheira — disse ele, fazendo uma reverência educada —, tenho uma mensagem para você. — Jia Ji olhou significativamente para os dois meninos ruivos meio-elfos.

Vereesa empalideceu um pouco e levantou-se de seu lugar próximo à fonte. Os garotos pararam e a fitaram com preocupação.

— Eu já volto — prometeu ela, e se afastou até onde não pudessem escutá-los. — Sim? — Vereesa sou educada, mas desconfiada.

— A mensagem é de Sua Alteza Real, príncipe Anduin Wrynn de Ventobravo. Ela diz: “Ele está vivo. Não deixarei duas crianças órfãs de pai e de mãe. O que fizer agora, será sua escolha.” Devo levar uma resposta de volta?

O rosto de Vereesa se suavizou, a paz tornou-o belo de novo.

— Sim. Diga a ele... que Rhonin agradece.

O cavalo morto galopava tão rápido quanto galopara em vida, e nunca se cansava. Sua amazona matava tão rápido quanto matara em vida, e também nunca se cansava. Os cadáveres começavam a encher a floresta: lobos,

ursos, veados, aranhas. O que quer que tivesse o azar de cruzar seu caminho morria, nem sempre rápido e raramente de forma limpa.

A rainha banshee bramiu o grito horripilante de sua espécie, infundindo-o com a sensação nauseante do insano e furioso pesar pela traição que a dominava. Um urso caiu, enfraquecido e apavorado com o barulho. Ela salpicou a espessa pele marrom de flechas, a fera rugiu de dor e se contorceu na terra musgosa. Sylvana sorveu o sofrimento do animal. Ela saltou de sua montaria e pegou um lobo, que se deparou com seu rosnado, até Sylvana arrancar sua cabeça usando apenas as mãos.

A dor era insuportável. Era a mesma agonia fantasma que experimentara ao longo dos dias anteriores, quando se sentiu tão feliz com Vereesa. No momento, porém, até mesmo a alegria que acompanhava a dor havia sumido, e não sobrara nada além do tormento.

Tormento e ódio.

Sua roupa de couro estava manchada de sangue, mas ela não se importava. O único jeito de parar com a dor era causando-a em outros, descarregando sua angústia, seu sofrimento e seu desespero em algo vivo, já que não podia descarregar em Vereesa, sua irmã, sua Pequena Lua...

Sylvana cambaleou, segurando a cabeça do lobo e piscando com os cílios pegajosos com o líquido vermelho. Ela soltou a cabeça, que produziu um som oco ao bater no chão. A rainha caiu de joelhos, enterrou o rosto nas mãos e chorou, chorou como uma criança que perdera tudo, tudo.

Pequena Lua...!

Aos poucos, os soluços cessaram, e uma familiar paz gélida expulsou o calor do sofrimento. Sylvana levantou-se e lambeu o sangue dos lábios.

Ela devia ter adivinhado. A dor que sentira a princípio, quando tola mente se permitiu sonhar com algo diferente do que tinha agora, importar-se com outra pessoa... amar de novo... fora um aviso. Um aviso

de que já não era mais feita para sentimentos como esperança, amor, confiança ou alegria. Essas coisas eram para os vivos, essas coisas eram para os vivos. No fim, escorreriam por seus dedos, fugindo-lhe como os restos de Kinddy, a aprendiz de Jaina Proudmore, e Sylvana ficaria sozinha. De novo, e sempre. Com a calma recuperada depois das lágrimas e da matança, ela voltou para a garupa do cavalo. Sylvana Correntos, a rainha banshee dos renegados, jamais repetiria o erro de acreditar que era capaz de amar.



Goël ficou surpreso ao ver o lugar de Sylvana vazio. De todos os líderes da Horda, ele achava que era ela quem nutria o ódio mais pessoal e virulento por Garrosh. O que Baine falara? Vol'jin dissera ao tauren “Ninguém conhece mais o ódio que a Dama Sombria. E ela gosta de servi-lo frio.”

E, ainda assim, no dia em que Garrosh finalmente quebraria seu silêncio, Sylvana não estava presente para desfrutar do sofrimento dele. Estranho...

Os espectadores entraram e ocuparam os lugares, mas ninguém se atreveu a tomar o de Sylvana. Kairoz, sozinho na mesa de bronze, mexia com a Visão do Tempo. Goël achou que ele a estivesse desativando, uma vez que já cumprira seu papel. E se incomodou por Kairoz resolver executar a tarefa àquela hora, em vez de na noite anterior, ou até mesmo antes. O dispositivo não fora usado durante os argumentos finais, todas as provas já haviam sido apresentadas. Ainda que não tivesse amor nenhum por Garrosh, Goël achava falta de educação Kairoz trabalhar em algo tão

mundano. E imaginou por que Taran Zhu permitira, já que era um desrespeito aos procedimentos judiciais, então ponderou que deveria importar de uma forma que apenas um dragão brônzeo poderia compreender. Sem dúvida, Crona logo se juntaria a Kairoz. Goël estava certo de que nenhum dos dragões de bronze, que desempenharam um papel fundamental no caso, perderia o discurso de Garrosh.

Até aquele momento, o julgamento tinha criado mais tensões do que resolvido as já existentes. Muitos da Horda expressaram sua raiva contra Baine pela aparentemente sincera defesa de Garrosh. As táticas que a defesa usou com Vol'jin e o próprio Goël com certeza incomodaram. Contudo, os argumentos finais de Baine deixaram claros os motivos para ele ter feito o que fez, e Goël entendia. Ainda assim, porém, estava feliz por ver aquilo terminar. Qualquer que fosse a decisão dos Celestiais Majestosos, seria um alívio.

A arena zumbia com o som das vozes mais excitadas que o normal. A conversa cessou quando Taran Zhu entrou, andando em direção a seu lugar com o mesmo passo sem pressa dos outros dias. Ele soou o gongo e anunciou:

— A sessão está aberta. Por favor, que entre o júri.

Os quatro celestiais assumiram suas posições de costume, serenamente indecifráveis, prontos para ouvir o que o acusado tinha a dizer. Ao lado de Goël, Aggra ficou tensa.

— Aí vem ele —murmurou ela.

Garrosh Grito Infernal ainda era escoltado por seis guardas, mas sem as correntes em volta de suas pernas, que deixavam seu passo curto e hesitante, ainda assim, ele mancava. Estava preso apenas às algemas nos punhos. Andava mais ereto que antes, com um aspecto cansado, porém estoico.

— Fico feliz por Taran Zhu ter permitido isso — disse Go'el a Aggra. — Apesar de tudo, ele é um guerreiro. E deve enfrentar a morte como um orc, não como um animal.

— Hummm... — resmungou Aggra. — Você é mais generoso que eu. Não acho que ele mereça qualquer demonstração de respeito. Garrosh já desperdiçou todas que possa ter recebido.

— E isso também é uma tragédia.

Anduin foi ensinado desde criança a como se sentar quieto durante ocasiões formais. “Um príncipe não fica se remexendo”, disseram-lhe. Mas, depois de seu encontro com Vereesa e seguido do episódio com Garrosh, ele estava agitado e era difícil permanecer imóvel em sua cadeira. Ainda bem que todos pareciam tão ansiosos quanto o príncipe, ainda que esperasse que ninguém tivesse experimentado o mesmo tipo de incidente que ele. Pela forma como agiam, Jaina e Kalec pareciam ter vivido um bastante bom. Estavam de mãos dadas e com expressões felizes. Anduin se alegrou. Queria que algo desse certo, para variar.

— Como você está? — perguntou Varian.

— Eu? Bem — respondeu ele, rápido demais.

— Não gostei quando começou as conversas com Garrosh — comentou Varian. — Mas... acho que era o certo a se fazer. Agora é com os celestiais.

— Você acha que se ele pedir clemência, eles concederão? — Anduin não conseguiu segurar a pergunta.

— Não posso nem imaginar o que um celestial fará ou deixará de fazer — falou Varian. — O que me interessa é que você está certo.

— Estou — concordou Anduin, e então percebeu que era verdade. Havia feito tudo o que podia por Garrosh e estava satisfeito. Ainda que um

pouco inquieto. Percebeu um movimento em uma das portas. — Aí vem ele.

Quando Garrosh entrou, o príncipe percebeu que Taran Zhu considerara seu pedido para reduzir as correntes de Garrosh. O orc recebera uma túnica limpa. E parecia melhor do que quando Anduin o deixara, mais calmo, mais... digno.

— Hã... — comentou Varian. — Onde está Crona? Achei que ela gostaria de ver isto.

Anduin olhou em volta, e, com certeza, apenas Kairoz estava na mesa dos dragões de bronze, ainda mexendo na Visão do Tempo.

— Não tenho ideia — disse ele, então voltou sua atenção total a Garrosh.

Os guardas o escoltaram até o centro do tribunal, então quatro deles se retiraram. Apenas dois permaneceram e, ainda assim, alguns passos atrás do orc enquanto ele encarava o fãshua.

— Garrosh Grito Infernal — falou Taran Zhu. — Você foi julgado em uma corte formal da lei pandariana. Antes que o júri comece a decidir seu destino, tem algo que deseja dizer para mim, para o júri ou para qualquer espectador?

Garrosh analisou a multidão como se a visse pela primeira vez. Moveu-se em um pequeno círculo observando entorno, parando aqui e ali de vez em quando. Em determinado momento trocou olhares com Anduin, e algo cintilou em seu rosto.

— Sim — afirmou ele. com sua voz grossa, que se espalhou facilmente pelo ambiente amplo. — Tenho algo a dizer. Honorável Taran Zhu. Majestosos Celestiais. Espectadores de toda Azeroth. Ouvi tudo o que ouviram. Vi tudo o que viram. — Virou-se para encarar Tyrande, que estava sentada quieta, perfeitamente composta. — Tyrande Murmuréolo

apresentou um caso forte e condenatório contra mim. Um caso que provocou a fúria e pensamentos de vingança em alguns de vocês. Pensamentos sobre minha morte. Não os culpo por ansiarem por ela.

Garrosh deu um sorrisinho malicioso para Tyrande, então se voltou para seu advogado. Baine parecia calmo, ainda que mais austero que a Acusação.

— Baine Casco Sangrento, que tinha muito pouco com o que trabalhar, conseguiu, com honestidade, apresentar um caso não em defesa de minha inocência, mas pedindo a compreensão de vocês. A compaixão de vocês. Que o júri e os espectadores buscassem em seus corações e vissem que ninguém está livre de culpa.

Então, para a surpresa de Anduin, Garrosh virou o rosto para ele.

— E o príncipe Anduin, que teria todo o direito de ser o primeiro a clamar por minha morte, escolheu passar horas em minha companhia. Tentei destruí-lo, de uma forma brutal, cruel e dolorosa. E o que ele fez? — Garrosh sacudiu a cabeça em descrença. — Falou comigo sobre a Luz. Ele diz que acredita que eu posso mudar. O príncipe me ofereceu bondade quando lhe dei ódio e violência. É por causa dele que estou diante de vocês, encarando o que penso ser o pronunciamento de minha morte como um guerreiro, não como um escravo subjugado. — Garrosh ergueu as mãos algemadas e fez uma leve reverência para Anduin antes de se voltar para a multidão novamente. — Ah, sim. Estou bem ciente da quantidade de sangue que há em minhas mãos. Sei a exata magnitude e as consequências do que fiz. — Ele respirou fundo e pareceu estar pondo os pensamentos em ordem.

Anduin se inclinou para a frente, não queria criar esperanças, mas as criara, fortes e belas, mesmo assim.

— Crona — disse Goël.

— O que tem ela? — indagou Anduin.

Goël se virou para ele.

— Ela ajudou Tyrande com o caso da Acusação, e agora não está aqui?

— Deve haver algo errado — conjecturou Varian.

— Posso procurá-la — ofereceu-se Anduin imediatamente. —

Conheço bem este lugar depois de tanto tempo. — Sua voz soava amarga. Ele queria ajudar, mais que isso, porém, não achava que suportaria continuar ouvindo Garrosh.

Anduin correu com leveza escada abaixo até a área da cela do orc, pensando em perguntar aos irmãos Chu se tinham visto Crona e pedir que ficassem atentos, caso contrário. Virou a esquina e derrapou até parar.

Os dois pandarianos jaziam inertes no chão, parecendo sacos preto e branco de cereais jogados de lado. As correntes que até então haviam sido usadas para deter Garrosh estavam firmemente presas em volta dos corpos robustos, e eles estavam amordaçados.

— Ah, não — lamentou-se Anduin, correndo até eles. Os dois irmãos tinham levado golpes na cabeça e sangravam, mas ainda respiravam. Anduin botou a mão sobre o coração de Li e orou para a Luz. Um suave brilho amarelo envolveu sua mão, deixando-a quente e dormente. A bênção da Luz o atravessou, limpando-o como uma chuva gentil, e passou para Li. O pandariano abriu os olhos, e Anduin tirou a mordaça.

— Duas... mulheres — murmurou Li, enquanto Anduin ia até Lo Chu pedindo que a Luz curasse o outro irmão. — Elas tinham balestras, não deveriam, mas tinham.

O enorme galo na cabeça de Lo diminui nas mãos de Anduin, e ele também piscou voltando a si. O príncipe retirou-lhe a mordaça.

— Se elas tinham balestras, vocês têm sorte de estarem vivos — disse Anduin, imaginando quem seriam as guerreiras e o que queriam. — Deixem-me soltá-los. — Ele sabia que Lo Chu levava as chaves das correntes e da porta na fiel algibeira caída a seu lado. Anduin procurou-as lá dentro, mas franziu a testa. — Lo, onde estão as chaves?

— As mulheres devem tê-las roubado! — ganiu ele, com uma irritação impotente.

— Vocês as reconheceram? — perguntou o príncipe. Os irmãos sacudiram a cabeça. — Mas... não faz sentido. Garrosh já estava fora da cela. Para que iriam querê-las... — Ele deu um pulo e bateu à porta fechada. — Crona?

Pensou ter escutado algo e colou o ouvido à porta, concentrado.

— Anduin! — O som era fraco, no entanto a voz aguda e gnômica pertencia a Crona. Ele respirou aliviado.

— Alguém amarrou Lo e Li e roubou as chaves, mas vamos tirá-la daí! — assegurou-lhe o príncipe, gritando para que Crona pudesse ouvi-lo. — Não se preocupe. O que aconteceu?

— Foi Kairoz!

— O quê? — Anduin ficou boquiaberto.

— Por favor, escute, não temos muito tempo! Acho que ele vai fazer alguma coisa com a Visão do Tempo. Eu o peguei mexendo nela, perguntei por que, e Kairoz deu uma desculpa sobre “desativá-la”. Comecei a questioná-lo e então... então acordei trancada aqui. Você precisa impedir que ele faça o que quer que esteja planejando! Por favor, rápido!

— Vá! — disparou Li.

— Nós meditaremos e cultivaremos paciência — completou Lo.

— Isso será bem útil — concordou uma voz suave e sedosa. — Principalmente para Li.

Anduin se virou, nauseado enquanto seu coração se apertava com outra traição naquele dia funesto.

— Duas mulheres com balestras — repetiu ele amargamente. — Uma orc e uma humana, não é, Li? Eu deveria saber.

— Talvez, mas ainda não é intrínseco a você suspeitar de uma traição, Anduin Wrynn — disse Wrathion, com um sorriso triste. — Se serve de consolo, sinto muitíssimo pelo que farei agora.

Anduin riu desdenhoso.

— Claro que sente.

O Príncipe Negro deu de ombros.

— acredite no que quiser, mas é verdade. Somos amigos, eu e você.

— Amigos? Amigos não matam uns aos outros!

Os olhos brilhantes do dragão se arregalaram, e ele pareceu quase magoado.

— Por que eu faria isso? Olhe para os irmãos Chu. Estão vivos, ainda que com uma terrível dor de cabeça no momento, devo admitir. E eu me importo muito menos com eles do que com você.

— Wrathion, o que está acontecendo? O que você está *fazendo*?

O jovem dragão negro suspirou.

— Você uma vez me pediu que observasse e escutasse, e então me decidisse sobre o que era melhor para Azeroth. Fiz exatamente o que propôs. Você é o herdeiro do trono de Ventobravo. Tem um dever: manter seu reino seguro. Faz o que acredita ser o melhor para seu povo. Como o último dos dragões negros, a antiga responsabilidade de minha revoada, manter Azeroth segura, recai apenas sobre mim. Devo honrar minha missão.

— Não dê ouvidos a ele, Anduin! — choramingou Crona.

O príncipe de Ventobravo gesticulou na direção do pandariano ainda acorrentado.

— *Isto é manter Azeroth segura?*

— Neste caso, eu lhe garanto, o fim justifica os meios. Espero sinceramente que um dia você compreenda. E nesse dia, você e eu enfrentaremos um terrível inimigo. Talvez o façamos até mesmo como irmãos.

Desesperado, Anduin agarrou a mão dele.

— Não precisa ser assim. Diga-me o que está acontecendo. Podemos resolver juntos. Encontrar um jeito de...

— Adeus, por ora, jovem príncipe — despediu-se Wrathion. Ele levantou a



— Nada, *nada* neste mundo pode me deter! — rugiu Garrosh, erguendo os punhos ainda algemados e sacudindo-os em um gesto de triunfo.

Naquele momento, Jaina percebeu o que a incomodava. Todos estavam transtornados — Garrosh, Taran Zhu, os guardas, os espectadores. Mas Kairoz estava simplesmente sentado à mesa com um sorrisinho em seu belo rosto. Entre uma batida e outra de seu coração, tudo se encaixou. Jaina tomava fôlego para alertar Taran Zhu quando o dragão de bronze esticou languidamente sua mão elegante e, com os olhos ainda no verborrágico Garrosh, empurrou a Visão do Tempo para fora da mesa, apenas o suficiente.

— Não! — gritou Jaina, sua voz se perdeu no furor enquanto, quase que em câmera lenta, ela assistia à Visão do Tempo tombar sobre a implacável rocha. Ao cair rodopiando, a areia do interior do artefato começou a brilhar, e os dois pequenos dragões decorativos de metal presos à ampulheta abriram as asas e voaram.

O dispositivo se espatifou com um barulho desconcertante, ainda que musical, os globos se estilhaçaram, e a areia voou para fora e para cima. Uma tempestade de energia quase ofuscante se ergueu, um tornado de luz dourada e espiralada. Os sons da multidão se tornaram gritos de terror, não de raiva, e Jaina percebeu uma mudança no ar: o *frisson* da magia. O campo de atenuação que cobria o templo se fora. O único feitiço que permanecera fora o dos dragões de bronze e que o eliminara o campo. Diante do olhar entorpecido de Jaina, uma enorme fenda no tempo e no espaço se abriu. Garrosh e Kairoz pareceram ser engolidos pelo solo, e outros seres surgiram dali.

Não eram demônios ou elementais ou nada tão comum. Quando Jaina reconheceu as criaturas que sacudiam a cabeça, olhavam em volta e brandiam suas armas, o choque a deixou incapaz de falar por um momento.

Seu olhar se cravou na mulher com uma mecha dourada no cabelo branco usando um vestido esvoaçante branco, roxo e azul e empunhando um cajado ornamentado. Os lábios da mulher se comprimiam em uma linha dura e brava, e seus olhos tinham um brilho azul-pálido. Pairava sobre ela, perto o bastante para agarrá-la com as patas dianteiras, um dragão azul, esplêndido em todos os tons do gelo e do céu, rindo insanamente. Ao lado da mulher de cabelo branco estava uma elfa noturna, com as feições cruéis e duras, e, ao lado dela...

— Kalec! — gritou Jaina. — Somos nós!

Mas ele já estava de pé, correndo em direção à abertura no chão para encontrar um lugar grande o suficiente para se transformar. Jaina ativou seu modo de batalha com a mente mais clara e afiada do que estivera durante todo o julgamento. Ela e Kalec tinham uma vantagem que muitos não possuíam. Com o campo de atenuação desfeito, eles recuperaram suas armas.

E Jaina pretendia usá-las. A mulher no chão, que mirava nas raças da Horda e enviava bolas de fogo em sua direção, não era nenhuma estranha. Jaina se lembrava muito bem de como aquela mulher se sentira. Não era uma possível Jaina, mas uma que ela *fora*, nessa linha do tempo, e estava determinada a impedi-la. Jaina conjurou uma crepitante bola de fogo e lançou-a na direção de seu outro eu.

A outra Jaina se virou e anulou o golpe com uma rajada de pura energia arcana. Um sorriso frio contorceu seu rosto, e Jaina teve uma epifania: *sei exatamente o que farei, assim como ela... como lutarei contra mim mesma?*

Goël e Varian recostaram-se em uma das pilastras de pedra que ladeavam a entrada do templo e ficaram ouvindo Garrosh Grito Infernal esbravejar.

— Ele cava a própria cova a cada palavra — disse Goël, balançando a cabeça. — Que desperdício.

Varian começou a assentir, então levantou a cabeça e franziu a testa de leve. De repente, Goël ficou em alerta e deu as costas ao frenesi dentro do templo. Ele também ouvia, o som ainda era fraco, mas crescia, uma batida constante, porém irregular, como a de várias...

— Asas — decifrou Varian. Nem acabara de falar e outro som se tornou audível, mais regular e vibrante, um ritmado *whump-whump-whump*.

— Zepelim! — disparou Goël. Imediatamente, os dois guerreiros habilidosos, com décadas de experiência combinadas, agiram em sintonia perfeita. Varian correu pelo corredor até lá fora, gritando um alerta enquanto sacava a espada da garra de um guarda surpreendido. Goël girou nos calcanhares e voltou ao solo do templo. Tinha acabado de convocar os combatentes para a luta quando viu Kairoz, tão casual quanto

calculadamente, esbarrar na Visão do Tempo e o chão do Templo do Tigre Branco ser engolfado pelo caos.

Goël levantou a mão para proteger os olhos da tempestade de energia que rodopiava e emitia um ruído que quase, porém não completamente, abafava os gritos da multidão. Uma enorme fenda temporal se abriu. Comprimindo os olhos, ele assistiu, com uma fúria impotente, a Kairoz e Garrosh desaparecerem pelo chão sorrindo vitoriosos. Goël esperou que a cratera se fechasse, mas Kairoz não deixara nada ao acaso. Onde antes estavam dois, no momento havia dez, e Goël conhecia a todos. Seus olhos foram direto para o poderoso orc vestido com uma armadura humana. Sobre o peito reluzente estava um tabardo vermelho e dourado, com a insígnia de um falcão negro. O orc balançava um gigantesco machado de batalha ao mesmo tempo em que, mais veloz que seus companheiros, avançava diretamente para os assentos repletos de espectadores histéricos.

Goël conhecia aquela insígnia. Um inimigo de outra época, que viera para matá-lo, já a usara. Goël fulminara aquele inimigo. E fulminaria esse também.

— Thrall! — berrou Goël, e o poderoso orc, usando o tabardo de Aedelas Pantanegro, se virou para encará-lo com um sorriso faminto.

Zaela riu quando os dragões infinitos, com os leais orcs presa do dragão montados em suas costas, se aproximaram do Templo do Tigre Branco. Lá dentro, seu chefe guerreiro colocava sua fuga em ação, graças a Kairozdormu. Ela lembrou o primeiro encontro com o dragão de bronze em Grim Batol, no mesmo lugar em que Alexstrasza fora mantida

prisioneira pelos presa de dragão anos antes. *Darei a você, a líder dos presa de dragão, um exército dracônico para comandar*, dissera ele.

— Dragões de bronze? — indagou Zaela.

Ele balançou a cabeça.

— A Revoada Bronze deixaria o tempo se desdobrar por vontade própria, não importando as consequências. A Revoada Infinita e eu acreditamos em alterar o tempo para atender a *nossa* vontade.

Não houve pista nem aviso, nada que tirasse a atenção da glória daquela vitória certa. Os principais inimigos de Garrosh estavam todos reunidos no mesmo lugar, Zaela tinha certeza de que, quando Kairoz lhe contasse todo o plano, ele apreciaria o tributo à própria estratégia brilhante em Theramore. Atacar tanto de dentro quanto de fora do templo deixaria para aqueles obcecados com a morte Grito Infernal a opção de morrer pelas mãos dos pata de dragão ou pelas de seus “outros eus”.

Era um plano elegante. Zaela não se abalava com a ideia de matar integrantes da Horda durante o ataque. Em sua opinião, os únicos verdadeiros membros da Horda estavam com ela no momento.

Zaela teve dificuldade em conter sua violência habitual com o animal que montava. O dragão infinito não era um animal de carga domado, e sim um aliado solícito oferecido por Kairoz. Ela inclinou-se para a esquerda, e o dragão, com as membranas de sua asa na bela cor do metal das armas, acompanhou e a levou para o lado do zepelim semirrecuperado de Tormentaiser.

— Sua adorável tripulação está pronta? — gritou Zaela, para se fazer ouvir apesar do barulho.

O goblin olhou por cima do ombro para seus piratas, todos armados, e fez sinal de positivo para ela. Alguns dos piratas a princípio quiseram trucidar Tormentaiser, mas a promessa de ouro os aplacou.

— Sim. Mas alguns deles não confiam nos paraquedas. O que me deixa profundamente ofendido. Shokia já está a postos na proa, pronta para acertar os retardatários e os alvos principais, e Thalen está na popa, preparado para fazer o mesmo. Então — ele apontou para a bola e a corrente que ainda envolviam seus pés —, quando poderemos tirar isso?

Zaela jogou a cabeça para trás e riu, livre e alegremente. E pensar que estava desesperada alguns dias antes!

— Você comemorará sua vitória dançando, goblin. Eu prometo!

— É bom mesmo... Já investi muito dinheiro nessa empreitada — disse Tormentaiser.

— Vou na frente para ver se Kairoz foi bem-sucedido! — berrou ela, e, mais uma vez, com apenas uma pressão de sua coxa direita, o dragão compreendeu e retomou seu curso.

Zaela ainda ouviu a voz de Tormentaiser desaparecendo enquanto se esgoelava:

— Ei, ei, não toque nisso... não, não, não *beba* isso, pelo amor de...

Ainda que não houvesse meio de se criar outra arma de mana que se aproximasse do poder daquela que reduziu a uma vez austera cidade da Aliança a um buraco, Thalen conseguira fabricar dúzias de versões menores. Explorando ao máximo o respeito mútuo recém-adquirido, Tormentaiser acoplou a algumas das granadas cronômetros aleatórios. Elas pareceriam defeituosas, mas explodiriam em intervalos variados nos, assim esperava-se, piores momentos possíveis. Cada cavaleiro estava equipado com pelo menos duas ou três, que elevariam sua moral a cada vítima que fizessem. Zaela já via o templo àquela altura. Ele se revelava diante dela, com sua serenidade prestes a ser brutalmente interrompida. As pontes, caminhos e pequenos pagodes estavam repletos de pandarianos, e sua arena central, de inimigos de Garrosh Grito Infernal.

Ela guiou o voo, levando sua montaria mais para baixo. O animal sabia o que fazer. Dobrando as asas, o dragão mergulhou, e Zaela se agarrou a ele como um carrapato em um lobo. A besta sacudiu a cabeça bruscamente e exalou um tornado negro devastador de ar em direção ao grupo de comerciantes pandarianos, que apontavam para o céu e gritavam.

Zaela uivou de prazer. Kairoz removera o campo de atenuação, como garantira que faria. Ela alcançou sua algibeira e sacou uma pequena esfera. A líder dos presa de dragão atirou a primeira granada mana e sorriu diante da pequena explosão de lavanda.

Anduin piscou, tentando enxergar através de uma névoa de dor. Ouviu Crona chamando seu nome e outros sons vindos de cima, além dos gritos que ouvira antes. Não conseguia identificar o clamor e tocou a parte de trás de sua cabeça com cuidado. Soltou um assobio quando a dor cresceu vários graus e sentiu o galo do tamanho de um ovo. Sua mão voltou vermelha. O ruído continuou, e, de repente, ele compreendeu.

O príncipe reconheceu o tilintar do metal e a música aguda da magia. Ele foi subitamente tomado por uma onda de náusea que nada tinha a ver com seu ferimento. Por causa dele, Garrosh entrara no tribunal usando apenas a mais frágil das correntes. *Se ele ferir alguém, será minha culpa.*

— Anduin?

— Estou bem, Lo — mentiu ele, quase desmaiando de novo só com o esforço de se sentar ereto. Estava esgotado depois de curar os irmãos Chu, e não lhe restara muita força, contudo pediu ajuda à Luz, e a dor diminuiu para meramente excruciante. — Preciso ir lá para cima... impedir Kairoz. Enviarei alguém aqui para ajudar vocês e Crona.

— Está muito ferido para se juntar à batalha — disse Li, com firmeza.

Não quando eu sou o responsável por ela, pensou Anduin desesperado, mas não disse nada. Ignorando os protestos deles, subiu as escadas em um esforço de pura força de vontade e, quando passou tropeçando pela porta, imaginou se não estaria alucinando.

O príncipe reconheceu os combatentes que, ao mesmo tempo, eram estranhos: o troll de pele azul com um cordão de orelhas humanas e élficas, que grasnava enquanto tentava adicionar outras para sua coleção. O poderoso tauren, bradando uma enorme clava e usando uma armadura de chefe guerreiro...

E o garoto louro humano, vestindo a túnica real do rei de Ventobravo, encolhido no chão, com os joelhos dobrados no peito, paralisado de terror. Ele agarrava, ironicamente, Quebramedo.

As palavras de Wrathion voltaram a sua mente: *Temo que você seja muito delicado para usar sua coroa de rei, príncipe Anduin*. Em outra linha do tempo, pelo menos, o dragão traidor estava certo. Anduin saiu de seu estupor e se aproximava do outro rapaz com a mão estendida quando o jovem rei de Ventobravo gritou:

— Atrás de você! — E cobriu a cabeça.

O príncipe se jogou para a esquerda e caiu, as tediosas horas dos intensos treinos de combate corpo a corpo instintivamente entraram em ação quando ouviu o zunido de uma glaiive que, por pouco, não o acertou. Pôs-se de pé e se virou para ver o enorme troll correndo em sua direção.

— Cê pode ser rápido, pequeno príncipe, mas mesmo assim vô usar suas orelhas — ameaçou Vol'jin.

Anduin encarou o troll gigantesco se aprumar em toda sua altura, com a glaiive erguida. O príncipe mergulhou em direção ao outro Anduin, tirou Quebramedo de sua mão e brandiu a clava. Uma luz amarela irradiou dela,

fazendo Vol'jin urrar de dor. Essa pausa deu a Anduin tempo suficiente para gingar a arma em um arco suave e quase imperceptível, e, por um momento louco, pareceu que a clava se movia sozinha. Sua cabeça de prata atingiu o lado esquerdo do troll. A armadura de couro impediu que o golpe fosse fatal, mas Anduin ainda conseguiu sentir as costelas dele cederem.

Vol'jin cambaleou, gemendo, e virou seu rosto cruel para Anduin.

— Cê vai sofrer por isso, pequeno príncipe — prometeu ele. — Bwonsamdi vai ter que esperar um pouquinho pelo seu espírito!

Ele se aproximou de Anduin como um alucinado, gritando em seu idioma gutural, e o príncipe percebeu, para o próprio horror, que o troll não vinha para matá-lo, e sim para decepar sua orelha direita.

Berrando incoerentemente, Anduin ergueu Quebramedo, e a clava brilhante mais uma vez salvou-lhe a vida desviando a glaiive para longe de seu rosto. Vol'jin reagiu em seguida, golpeando o ombro desprotegido do príncipe e fazendo-o cambalear para trás. Quebramedo caiu de suas mãos. Ele segurou o ombro ferido e olhou para cima a tempo de ver Vol'jin recuar para o golpe mortal...

E então o troll tropeçou, com uma expressão de choque no rosto cheio de presas e pintado de branco, quando o jovem rei Anduin se jogou sobre ele.

Foi inútil, claro.

Vol'jin se recuperou de imediato, girando e jogando para longe o rei franzino, com tanta facilidade com que um cão se livra de um rato. O troll apunhalou o jovem no peito, arrancou a glaiive gotejante e se abaixou para decepar-lhe a orelha.

Uma garra dourada gigante apareceu do nada, agarrou Vol'jin e o arremessou para o outro lado da arena. Crona aproximou sua cabeça grande de Anduin:

— Você está bem?

Ele estava bem e estava morrendo, e não sabia como responder. Anduin foi até seu outro eu, torcendo para chegar a tempo. Rapidamente murmurou uma prece, e o ferimento parou de sangrar, entretanto percebeu, pela palidez do rei, que a morte fora apenas adiada, e não evitada.

— Ele avançou sobre Vol'jin desarmado — contou Anduin, com a voz rouca. — Salvou minha vida. — O príncipe olhou para Crona como se a visse pela primeira vez. — Você escapou! — disse estupidamente. — Eu me esqueci, desculpe. — Ele embalou o príncipe, sentindo o sangue quente escorrer por sua blusa. A glaiive de Vol'jin o atravessara.

— Os guardas nos encontraram — falou ela. — Preciso fazer tudo o que puder para desestabilizar esta fenda. É a única maneira de mandá-los de volta.

Era bem surreal, pensou Anduin, segurar a si mesmo moribundo.

— O que precisa que eu faça? — Ele não parecia capaz de desviar os olhos do rosto pálido e inerte... o *próprio* rosto ...

— O que já está fazendo — avisou Crona, com uma gentileza infinita. — A aceitação ajudará a atenuar a realidade deles neste lugar. É fácil para você aceitar seu eu alternativo. Os outros... — disse ela levantando a cabeça e olhando a violência em volta — terão mais dificuldade.

Crona se metamorfoseou em gnomo, correu até os pedaços da Visão do Tempo, que ainda jaziam no chão, e começou a lançar um feitiço. Anduin voltou o rosto para o rei, que o mirava de volta com os olhos azuis estranhamente serenos.

— Você está... bem — balbuciou o rei.

— Sim, estou — afirmou o príncipe. — Você me salvou.

— Salvei...? — A voz era mais fraca, mas o rei parecia satisfeito. Ele engasgou e estremeceu de dor. — Eu estava tão apavorado... Não consegui fazer nada, só observá-lo...

— Mas você fez. — Anduin o interrompeu com gentileza. — Quando precisou, você agiu.

O rei ficou em silêncio, depois disse:

— Está frio aqui.

Anduin o aconchegou mais junto de si, tomando cuidado com o ferimento.

— Estou aqui com você.

A luta continuava, contudo parecia turva e distante deles. Houve outra pausa longa, e Anduin pensou que talvez fosse o fim. Então o rei falou, tão baixo que o príncipe teve que se esforçar para ouvir:

— Estou com medo...

Anduin engoliu em seco.

— Não fique. Você estará com nossa mãe e... nosso pai.

— Nosso pai está vivo? Aqui?

— Sim, sim ele está.

O Anduin agonizante fechou os olhos.

— Fico feliz. Gostaria de poder vê-lo.

— Você o verá. Só... espere um pouco, tudo bem?

A sombra de um sorriso.

— Você mente tão mal quanto eu. — O sorriso sumiu. — Diga a ele que o amo.

— Eu direi.

O rei suspirou suavemente, e seu peito não voltou a se erguer. Sua pele ficou mais pálida, mais do que deveria ficar pelo toque simples, porém

solene, da morte. Para a surpresa de Anduin, o corpo do rei começou a emitir um brilho sutil e puro, e então esmaeceu.

O rei Anduin voltara para casa.

Devagar, o príncipe Anduin Wrynn levantou-se, agarrou Quebramedo, passou uma das mangas pelo rosto suado e começou a curar aqueles ainda envolvidos na batalha.



Os guardas se apressavam em carregar as armas. Um pandaren arremessou um pequeno machado para Baine. O tauren pegou o machado no ar com facilidade e foi em direção aos dois Thralls em combate. Ele agradecia por Goël estar vestido com roupas xamânicas, pois não havia nada para diferenciá-lo do outro a não ser suas roupas e sua arma. Assim que os alcançou, ele teve que parar e lutar para manter o equilíbrio. Baine escutou o estrondo de uma risada dragônica e olhou para cima somente para ver o enlouquecido Kalecgos rindo para ele. Aquela encarnação do dragão azul era completamente insana e era o principal motivo de não haver mais mortos na arena. Ele parecia não fazer distinção de seus alvos, atacando tanto aliados quanto inimigos, e mostrava não ter nenhuma estratégia de batalha.

Mas era diferente com o outro Kalecgos. Ele investiu contra seu eu alternativo, desviando a atenção do Kalecgos insano de Baine. Os dois orcs continuavam a lutar, mas o outro Thrall parecia estar em desvantagem. É

claro, pensou Baine. O Thrall alternativo nunca teve treinamento xamânico, no entanto Goël era um mestre xamã, além de ter perícia em combate.

Baine estava quase chegando até os orcs quando percebeu o ataque. O tauren quase não teve tempo de virar-se e desviar-se do golpe da enorme maça que era empunhada pelo que parecia ser uma montanha de armadura que acabara de ganhar vida, e então Baine encarou seus próprios olhos. Seu outro eu pareceu surpreso e recuou por um momento. Foi tempo suficiente para Baine perceber que estava vestido apenas com roupas leves, enquanto sua contraparte usava armadura completa.

Pelo canto do olho, Baine viu que os Celestiais não haviam se movido, e ficou furioso. Eles não veem que há gente morrendo? Eles estavam muito “acima deste plano” para poder ajudar?

Naquele momento, como se tivessem ouvido seus pensamentos, um grito ecoou penetrando a névoa e a cacofonia da batalha. Era uma voz forte, imponente e rica, que vinha da boca de um tigre, e era tanto um apelo quanto um aviso. A voz daquele a quem este templo pertencia: Xuen.

— Lembrem-se do sha! Lembrem-se do sha!

Então Baine entendeu.

As contrapartes que ele, Goël e os outros estavam enfrentando não eram encarnações aleatórias. Kairoz selecionou deliberadamente as versões mais sombrias, mais perturbadas e beligerantes que pôde encontrar. Kalecgos era insano. Thrall era o campeão do odiado Aedelas Pantanegro. O próprio Baine era o Chefe Guerreiro da Horda, e, de alguma forma, ele sabia que conseguira o posto assassinando Garrosh Grito Infernal para vingar seu pai Carne Casco Sangrento.

Não era de se estranhar que os Celestiais não tivessem entrado na luta. Tudo que fizessem apenas alimentaria a batalha.

— Você matou Garrosh Grito Infernal, não foi? — perguntou ao seu outro eu. — Porque ele matou seu pai.

Os olhos do outro Baine se encolheram, e ele rosnou.

— Eu destrocei Grito Infernal com minhas próprias mãos — disse ele. — E o dragão bronze disse que você *o defendeu!*

Com um rugido, ele investiu, mas Baine aparou o golpe forçando a lâmina do machado contra a maçã. As próprias palavras de Baine retornaram a ele tão claras e afiadas quanto qualquer cristal dos draeneis.

— Todos temos dentro de nós o potencial de nos tornarmos nossa própria versão de Garrosh Grito Infernal.

Sabedoria — a dádiva de Yu'lon.

— Eles são o que todos nós poderíamos ser! Eles não são o inimigo, eles são nós mesmos! — Baine gritou para os outros. — Nós não podemos enfrentá-los, temos que aceitá-los!

Uma certeza súbita se apoderou do tauren: era a resistência de Niuzao. Baine sentiu seu braço ficar mais forte ao defender mais um golpe. Quanto mais ele entendia o que os Celestiais estavam tentando dizer, mais ele recebia suas dádivas.

O outro Baine atacou de novo, e, dessa vez, a maçã encontrou o ombro de sua contraparte. Baine rosnou, mas não contra-atacou.

— Meu outro eu é um covarde? — rugiu o Chefe Guerreiro Baine.

— Não — disse Baine. — Nós somos iguais. Você apenas escolheu outro caminho, Baine. Mas eu entendo como você se sentiu. O motivo da vontade de matar Garrosh.

— Você mente. Se fosse assim, você teria feito o mesmo.

O outro touro investiu. Desta vez, sua raiva o deixou descuidado. Baine conseguiu acertar um golpe, mas usou o lado cego do seu machado.

— Não vou machucar você — ofegou. — Mas vou me defender!

O Chefe Guerreiro Baine hesitou. Ele estava ouvindo — quem poderia dizer por quanto tempo?

A sabedoria de Yu'lon preencheu o coração do tauren novamente, e ele soube o que deveria dizer, como ele poderia atingir seu aflito outro eu. Baine falou rapidamente:

— Nosso amigo Go'el, que talvez você conheça como Thrall, disse-me uma vez que mesmo em outra linha do tempo, permanecemos sempre nós mesmos no íntimo. E Caerne, nosso pai, acreditava que é mais difícil, mas muito melhor...

— Criar algo que perdure — murmurou o chefe guerreiro.

E Baine sentiu esperança.

Kalec sabia que de todos os combatentes de outro tempo, sua duplicata era a que representava a maior ameaça. Além de ser um dragão, a contraparte de Kalecgos era completamente insana. E isso o aterrorizava.

Somente Kalecgos sabia o quão perto ele chegara da loucura enquanto ele sofria pela morte de Aveena. Somente Jaina sabia que ele quase perdera a sanidade ao reviver os eventos da alvorada dos Aspectos pelos olhos de Malygos — ele próprio tendo enlouquecido mais tarde. Essa versão alternativa dele era possível demais.

Ele ouviu as palavras de Baine, mas como ele poderia aceitar *isso*? Mesmo com esses pensamentos o atormentando, o dragão azul mergulhou e jogou sua cauda contra um grupo de espectadores amontoados. Alguns deles não se levantaram.

—Não! — gritou Kalec. — Ele atingiu Kalecgos com gelo, o que o deixou lento, mas não foi o suficiente para pará-lo.

Kalecgos girou a cabeça, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Por que não? — implorou ele. — Deixe que me odeiem. Deixe que acabem comigo! *Por favor!*

Kalec tivera seus momentos sombrios, mas ele nunca sentira o que o dragão à sua frente estava sentindo.

— O que aconteceu? O que pode ter causado isso a você? — perguntou ele, com a voz embargada, temendo a resposta.

— Eles se foram! Todos eles! — disse o outro.

Pelo menos eles estavam se comunicando. Kalec não estava matando naquele momento.

— Aveena! Jaina... todos os dragões azuis, *todos eles*, até mesmo Kirygosa...

— O quê? — interrompeu Kalec.

— Depois da queda de Orgrimmar, eles morreram na guerra — todos menos eu... todos *por minha causa*. Não pude impedi-la, e agora estão todos mortos...

Kalec não podia acreditar. Sua versão insana não conseguira dissuadir a Jaina de sua linha do tempo de destruir Orgrimmar, e a guerra que se seguiu exterminou a revoada dragônica azul. Por um momento, Kalec não fez nada a não ser absorver o choque e sentir ele próprio uma pincelada da insanidade. Então, sua mente ficou clara e ele entendeu como faria para tocar Kalec.

— Não é culpa sua — disse ele. — Jaina fez a escolha dela e ela escolheu não dar ouvidos a você ou a Goël. — A lucidez tomava conta de Kalec enquanto ele pronunciava as palavras e percebia o quanto elas eram verdadeiras. Como ele não enxergara isso antes?

— Eu deveria tê-la impedido! — suplicou Kalec.

— Ela não é sua para comandar! — bradou Kalec. — Ela não deve obediência a ninguém! Kalec, eu sinto muito, sinto tanto pelo que você

perdeu, mas este fardo não é seu!

— É tão fácil para você dizer essas coisas! A *sua* Jaina ainda vive! Ela o ama! — gritou Kalecgos, e então ele hesitou. — Ela está viva, não está?

Kalec sentiu pesar com a pergunta.

— Sim, ela está viva. Mas ainda carrega uma sombra consigo. E somente ela pode escolher se afastar da sombra, você não entende? — implorou Kalec. Nós somos iguais. Nós agimos da mesma forma. A única diferença está na decisão que Jaina tomou. Não tem nada a ver com o que *você* fez ou deixou de fazer.

Kalecgos parecia aturdido.

— E Aveena...?

A outra que ele amara de todo seu coração.

— Ela também fez sua escolha — respondeu Kalec.

Kalecgos não voltou instantaneamente à sanidade com esta compreensão. Ele parou por um momento com o rosto plácido e um olhar contemplativo.

E num instante, havia sumido.

Com os sentimentos conflitantes, Varian percebeu que estava ansioso para a próxima batalha. O julgamento fora uma provação maior do que ele esperava, e ele apreciava a chance de poder fazer algo físico, útil e certamente correto.

Ele não prestou muita atenção enquanto os espectadores saíam de forma desordenada da arena e os monges os separavam em dois grupos: os que podiam lutar e aqueles que deveriam ficar fora da luta. Os monges começaram a enviar aqueles que não lutariam escadaria abaixo na direção do pátio de treinamento gramado e então por sobre a ponte. A maioria deles estava aterrorizada. Varian não os culpava, ainda mais se realmente o que ou *quem* ele esperava estivesse chegando. Tinha que ser os Presa do

Dragão. Quem mais invadiria o templo no último dia do julgamento de Garrosh Grito Infernal? Seria uma longa fuga para um lugar seguro, se houvesse algum. O templo não tinha defesas aéreas. Era um lugar de treino para a batalha, onde a força era valorizada, mas era a força do corpo e força de vontade, não era sobre magia ou máquinas de guerra. *Esta é a maior fraqueza de Pandária, pensou ele. E, de alguma forma, o que a tornava tão especial.*

Ele estava disposto a morrer para proteger esta terra.

Aqueles que trouxeram feras voadoras levantaram voo. Eram caçadores, magos, xamãs e outros. Varian não tinha certeza se os lançadores de feitiço seriam capazes de atacar. Ele não era sensível à magia, portanto não saberia dizer se o campo de supressão fora removido ou não.

O som de asas batendo se aproximava. Varian se empertigou. Se os caçadores fizessem seu trabalho direito, eles matariam alguns deles rapidamente ou pelo menos derrubariam alguns dos Presa do Dragão. Sem seus mestres, os protodracos provavelmente fugiriam.

Ele permaneceu ao lado do braseiro no pátio, ajustou a pegada de sua espada de duas mãos e colocou o peso na ponta dos pés. A fúria da batalha se apoderava dele, e ele a aceitava sem restrições. Ao seu lado estavam vários monges pandarens. Eles pareciam tranquilos, mas Varian sabia que estavam prontos para lutar.

Os inimigos eram pequenos pontos no céu a princípio, chegando cada vez mais perto. Varian piscou.

— As silhuetas — indicou aos pandarens. — É difícil dizer dessa distância, mas... tem algo estranho com elas.

— O que você quer dizer? — perguntou um pandaren.

— Os orcs Presa do Dragão usam protodracos de montaria, não dragões, não mais. E aqueles...

— São dragões — completou o pandaren. — Portanto, eles *ainda* montam dragões.

Uma terrível suspeita começou a se apoderar de Varian. Não eram dragões negros, com certeza. E a revoada crepuscular não existia mais...

— O que aconteceu lá dentro? — perguntou Varian.

— Ninguém soube me explicar direito, mas algo deu errado com a Visão do Tempo.

Varian xingou.

— A revoada infinita — disse ele. — Meus amigos pandarens... temos um grave problema.

Nesse momento, o dragão do líder mergulhou soprando uma nuvem escura de areia rodopiante. A proteção foi derrubada! Varian deu um sorriso brutal. — As forças acabaram de ficar mais equilibradas.

— Equilibradas? Eles têm dragões! — protestou o pandaren.

— E *nós* temos bruxos! — Brados de exaltação soaram enquanto pessoas de várias raças começaram a lançar feitiços de evocação. Canisvis — criaturas vermelhas, horríveis, vindas direto das profundezas da Espiral Etérea — ganhavam vida. Perto dali, uma bruxa humana — cujo rosto jovem contradizia seus cabelos brancos — inclinou-se distraidamente e afagou a fera, dizendo “bom garoto”. Estes demônios se alimentavam de magia, lembrava-se Varian. Ele se pegou sorrindo, e a mulher que tratava o demônio com tanta afeição lhe deu uma piscadela.

Os magos começaram a arremessar bolas de fogo, estilhaços de gelo e mísseis de energia arcana. O líder dos Presa do Dragão soltou alguma coisa a vários metros de distância. Um pequeno globo de luz púrpura e branca circundava a área, tinha uma beleza que não condizia com uma bolha opaca. Varian sabia o que devia ser, e a prova de que estava certo veio momentos depois.

Três cadáveres jaziam estatelados nas lajes, e seus corpos ficaram púrpura com a energia da granada de mana. Outras pessoas também reconheceram o que era, e o pânico voltou a se apoderar da multidão.

Uma fúria justa tomou conta de Varian.

— Derrubem-nos! — gritou ele para os usuários de magia. — Derrubem-nos para que o resto de nós também possa ter um gostinho deles!

Suas palavras encorajaram os lançadores de feitiço, e eles renovaram os ataques. Um ou dois orcs caíram de suas montarias, sendo deixados à própria sorte. Um mago Renegado lançou uma poderosa bola de fogo diretamente na asa membranosa de um dragão infinito. O dragão rugiu de dor, caindo sem rumo e acertando o chão bem na frente da escadaria principal do templo, onde aqueles que não tinham como recorrer à magia investiram contra ele sem piedade.

Mas outros dragões vieram. Pelo menos uma dúzia deles voava numa formação em V sobre o templo e seu entorno. Poderosas feras aladas derrubaram dezenas de onde estavam. Varian avançava na direção de um orc ferido que caía, mas movia-se como se estivesse correndo na lama. Ele ouviu o barulho de flechas e sibilou quando uma delas encontrou o alvo, acertando seu ombro. Varian não usava armadura. Ninguém usava. Ele estava participando de um julgamento, e não se preparando para a guerra. Ele teve sorte, perto dali, um xamã orc caiu com uma flecha negra enterrada em sua garganta.

As flechas não eram as únicas coisas que os Presa do Dragão usavam como projéteis. Mais duas granadas de mana explodiram, enviando seus globos profanos de morte arcana instantânea, e agora seus próprios magos estavam fazendo chover fogo e gelo.

Os dragões ganharam os céus novamente, desviando da rajada de flechas. E agora o zepelim goblínico se posicionava. Por um breve, porém terrível instante, Varian pensou que de alguma forma os Presa do Dragão tivessem obtido uma nova bomba de mana verdadeira, como aquela que obliterara Theramore, mas o zepelim não parecia estar carregando nada. Então por quê...

Dezenas de figuras saltaram da embarcação voadora com seus paraquedas se abrindo sobre eles. Os caçadores e lançadores de feitiço não precisaram do incentivo de Varian para investir contra os inimigos que chegavam. Muitos deles já estariam mortos quando chegassem ao chão. Mas não todos.

A flecha se alojara onde o braço esquerdo juntava-se com seu ombro, e a dor era lancinante. Varian achou melhor deixar a flecha lá ao em vez de tentar arrancá-la e, ignorando a dor que sentia, levantou sua espada de duas mãos e investiu contra os paraquedistas. Ele estava incrédulo e sentiu um prazer sombrio ao saber que os Presa do Dragão contrataram não só mercenários como bucha de canhão, mas também piratas.

— Vocês estão tornando isso muito divertido, Presas do Dragão! — bradou ele em desafio, e atacou o primeiro pirata. O inimigo ainda estava tentando se desvencilhar do paraquedas, portanto foi uma presa fácil, mas outros já haviam se libertado e convergiam para Varian. O sangue do rei estava quente, e ele girou a espada como se fosse brinquedo de criança, decapitando o troll que investia contra ele com um facão. Ele seguiu em frente e quase cortou em duas uma mulher de cabelos escuros que vinha logo atrás. O enorme tauren de um olho só deu um pouco mais de trabalho. Varian aproveitou o momento e girou o corpo, impelindo a lâmina para cima para cortar o braço direito do tauren.

Mas sua mão esquerda também levava uma arma, que acertou em cheio a cintura de Varian. O rei ficou tonto e cambaleou para trás, impossibilitado de levantar sua espada para se defender. Mas o ataque não veio. Alguma coisa ainda maior do que o tauren, de pele cinza e usando uma armadura vermelha e amarela, avançava. Com um só golpe, a cabeça chifruda do tauren foi separada de seu corpo. O guarda vil encarou Varian com seus pequenos e brilhantes olhos e rugiu:

— Seu destino será o mesmo.

Varian não conseguiu juntar energia suficiente para uma réplica espirituosa. Ele piscou, tentando se concentrar. Suas pernas perderam a força, e ele caiu de joelhos pensando que talvez o guarda vil estivesse certo.

Mãos gentis o tocaram. Houve uma explosão abrupta de agonia enquanto arrancavam a flecha de seu ombro, mas a dor foi substituída imediatamente por calor e uma sensação de bem-estar. Ele olhou com gratidão para a sacerdotisa elfa noturna, uma delicada criatura com cabelos roxos e pele cor de lavanda. Ela abaixou a cabeça timidamente e se virou, levantando suas mãos em súplica para rezar pela bruxa de cabelos brancos que usara o guarda vil para salvar a vida de Varian.

Varian avançou de novo para o combate, atacando um grupo de cinco piratas que se juntavam contra um jovem xamã orc. Juntos, ele e o orc derrotaram os piratas, assentiram com a cabeça em reconhecimento e foram atrás de novos inimigos.

Novas sombras passavam por eles. Varian esperava um novo ataque, mas desta vez sete dragões se afastavam da área do interior do templo. Por um momento ele indagou o motivo, mas então ele soube. Os dragões estavam indo para as pontes. Quase com indiferença, um dragão acertou uma delas com sua enorme cauda, arrebatando as cordas que a mantinham no lugar e arremessando os reforços pandarens que tiveram a

infelicidade de estar atravessando naquele momento para a morte certa. Outro dragão agarrou as cordas de uma segunda ponte e simplesmente as arrancou.

Todas as pessoas que não conseguiram chegar a um lugar seguro a tempo estavam presas no pátio e nos campos de treinamento.

Mais piratas caíam dos céus. Varian pensou que eles haviam sido enviados para ocupar os guardas do lado de fora, mas agora ele via que, apesar de alguns estarem em combate, a maioria deles se dirigia para o interior do templo.

Seu filho estava lá dentro. Rosnando baixo, Varian foi naquela direção. Ele ouviu um tiro de espingarda e sentiu como se seu lado esquerdo tivesse sido atingido por uma maça. Varian fez uma careta com a dor que se seguiu quase imediatamente. Ele pressionou sua mão sobre o ferimento e seguiu em frente. Mas antes que pudesse avançar mais alguns metros, uma enorme sombra caiu sobre ele. Varian parou e levantou a espada.

— Zaela! — resmungou, incrédulo.

Ela estava montada no grande dragão infinito, rindo loucamente e empunhando um machado.

— Rei Varian Wrynn! Eu libertarei meu chefe guerreiro e arrancarei sua cabeça no mesmo dia!

— Então venha pegá-la! — gritou ele. Agindo rapidamente e ignorando a dor e agonia lancinante do tiro que levara, ele saltou o mais alto que pôde, agarrou-lhe seu tornozelo e o puxou Zaela de cima do dragão.

Ela não esperava isso e aterrissou mal. Seu dragão teve que se virar e subir abruptamente para não bater na parede do templo. Se Varian estivesse usando uma espada melhor, aquele teria sido o fim de Zaela, mas ele teve que recuar para usar sua espada de duas mãos. Ao fazer isso, Zaela rosnou,

mordeu a mão desprotegida do rei e enrolou uma perna ao redor da dele. Varian não caiu, mas tropeçou. A orquiza senhora da guerra ficou de pé e levantou seu machado — mais fácil de empunhar — prestes a acertar o flanco de Varian.

Zaela gritou conforme uma explosão de fogo a atingia.

Ainda na laje, Varian virou-se para ver Jaina Proudmore com as mãos estendidas, já formando um feitiço mais mortal. Uma bola de fogo começava a ganhar vida em suas mãos. Então houve um estalo, e Jaina se contraiu, seus olhos se abriram de surpresa. A bola de fogo se esvaiu conforme seu peito ficava vermelho.

— Jaina! — gritou Varian.

Tropeçando, com o tronco chamuscado, Zaela começou a descer o corredor que levava ao interior do templo. Varian ainda podia alcançá-la, mas não o fez. Outros poderiam impedi-la ou não. Mas uma pessoa precisava mais de sua ajuda do que ele precisava matar.

Varian foi ao encontro de Jaina.



Apesar da dor excruciante das queimaduras em seu corpo, Zaela desejava ter mais tempo para tomar a cabeça de Varian Wrynn, como prometera. Garrosh certamente exibiria o troféu ao som da comemoração de seu exército, e seria ela, Zaela, a executora do feito. Mas mais importante do que seu ego era certificar-se de que Garrosh seria libertado facilmente. Num primeiro momento ao entrar no templo, era impossível dizer. Era um campo de batalha comprimido em uma pequena arena. Ela avistou pelo menos um dragão azul e outro bronze sobrevoando a confusão, fazendo o possível para atacar um ao outro sem atingir seus aliados. Alguns dos infinitos menores haviam entrado no templo, e esses não tinham tais restrições. Em outro lugar, os piratas gritavam de alegria ao dar vazão à sua sede de sangue, parando o massacre somente o suficiente para vasculhar bolsos e bolsas dos caídos — aliado ou inimigo.

Zaela resmungou com desprezo. Ela não entrou na luta, apesar de seu coração acelerado desejar isso. Em vez disso, rangendo os dentes por causa

das queimaduras, ela passou pelos combatentes, procurando seu chefe guerreiro. Não havia sinal do poderoso Garrosh ou do seu amigo, o andarilho do tempo, elfo superior que ele dizia ser, e ela se encheu de alegria. Sua missão fora um sucesso e estava concluída. Não havia mais necessidade de ficar ali.

— Presas do Dragão! — gritou ela, levantando seu machado sujo de sangue sem revelar a dor que o gesto causava. — Os infinitos nos aguardam do lado de fora para nos levar à segurança e à vitória! Deixem os piratas para trás!

Uma comemoração se alastrou pelos orcs de seu povo, e ela sentiu satisfação ao ver os olhares traídos de seus ex-aliados. Tolos. Nenhum deles sequer perguntou como iriam abandonar a batalha. Eles podem morrer ou apodrecer na prisão. Sua falta não será sentida por ninguém.

A sensação era de que terminara *assim* que começara. Os piratas, tomados de surpresa pelo súbito abandono de Zaela, foram rapidamente cercados e entregues aos pandarens. Mas era ainda mais frustrante a fuga da maioria dos Presa do Dragão nas costas dos dragões infinitos. Aqueles que ficaram para trás já estavam mortos ou caíram numa questão de minutos.

Assim que a luta acabou, Goël foi atrás de Aggra. Ele a encontrou segurando seu filho, de pé sobre três cadáveres de piratas que foram tolos o suficiente para atacá-la. Ela parecia cansada, *provavelmente de curar e também lutar*, pensou Goël. Aggra virou-se para ele enquanto se aproximava. Goël envolveu mãe e filho em seus poderosos braços.

— Você lutou contra si mesmo antes e agora, meu amor — disse Aggra ao dar um passo para trás para encará-lo de forma afetuosa. — Mas antes sempre foi de forma mais... metafórica.

Seu olhar era sombrio quando olhou de volta para ela.

— Rezo aos ancestrais para que nunca tenha que fazer isso de novo.

Ver a si mesmo como um peão obediente de Pantanegro fora desanimador. Ele teve que lutar para aceitar esta parte de si mesmo, pelas palavras sábias de Baine, em vez de matar aquele Thrall, um servo em todos os sentidos da palavra. E, no fim, foi o próprio nome, Thrall, o servo, que permitiu que ele fizesse isso. Ele havia sido Thrall, o servo, e ele entendia o que havia deixado para trás. Este orc nunca soube que poderia se tornar Goël. E parecia que todos os outros haviam vencido suas próprias e difíceis batalhas.

— Goël! — A voz pertencia a Varian, mas estava rouca e fraca. Goël se virou, e seus olhos azuis se alargaram de horror. *Jaina...*

Varian, que também estava muito ferido e sangrando, veio mancando e carregando o corpo inerte da arquimaga. Ele conseguiu dar mais alguns passos antes de perder a força nas pernas, mas não deixou cair seu fardo. Goël estava lá, segurando Jaina e a colocando no chão com cuidado. Aggra entregou seu filho para Eitrigg e foi atrás de Goël.

— Ela perdeu muito sangue — disse Aggra, mas mesmo assim, suas mãos castanhas já estavam abrindo sua bolsa de totens. Goël fez a mesma coisa, pegando o totem de água e pedindo por seu toque de cura, mas ele sentia a esperança se esvaír a cada respiração.

Parecia haver apenas uma bala no ferimento, mas estava próxima ao coração, e ele estava exausto. Havia uma palidez mórbida no rosto de Jaina, e Goël sequer conseguia ver se ela estava respirando. Varian grunhiu quando outros tentavam ajudá-lo.

— Eu estou bem — disse ele, com uma careta. — Ela primeiro.

— Jaina! — Anduin se aproximava com o coração na mão. Ele caiu de joelhos ao lado da mulher que ele chamava de “tia”. Sem hesitar e com o

maior cuidado, ele cobriu a ferida com as mãos. Uma luz fraca começou a emanar delas, e o tecido coberto de sangue fez um barulho suave, macio.

Goël não sentia os elementos. Seu chamado era fraco demais. Ele lutara contra si mesmo e contra outros inimigos, e ele e Aggra estavam exaustos. O jovem príncipe também estava, como mostravam suas olheiras profundas e o ferimento em seu ombro. Até mesmo Tyrande, que rezava para sua Mãe Lua numa voz que vacilava, e Velen, mesmo sendo o ancião e sábio que era, pareciam ter chegado tarde demais.

Kalec correu até eles com o rosto quase tão pálido quanto o de Jaina enquanto a arquimaga exalava sangue pela boca. O dragão azul caiu de joelhos, colocando o rosto dela entre as mãos e suspirou.

— Jaina... Não vá embora. Você já enfrentou situações piores que essa. Jaina, você é tão forte. Agente firme, está me ouvindo? Agente firme! — suplicou Kalec.

— Jaina — insistiu Anduin. — Por favor... por favor não nos deixe. Eu já me vi morrer hoje. Não posso ver você morrer também. — Lágrimas rolaram de seus olhos ao pronunciar as palavras, a Luz de esvaiu. Seu peito mal se mexia. Mais alguns suspiros e ela partiria. A amiga de Goël de tanto tempo estaria perdida para sempre. Não haveria chance de reparar o malfeito. Jaina morreria como sua inimiga, e Goël não poderia pensar em nada pior do que isso. Incapaz de falar, ele colocou a mão gentilmente no ombro de Aggra, interrompendo seu feitiço. Ela olhou para ele, e ele balançou a cabeça. Seu rosto se contorceu, não com a própria dor, mas com empatia de seu consorte, então abraçou Goël com força.

Anduin levantou as mãos. Elas estavam molhadas com o sangue de Jaina. Ao lado dele, Kalec ficara imóvel. Ele parecia surpreso, completamente incrédulo.

— Anduin — chamou Varian, da maneira mais gentil que Goël já ouvira o humano falar. — Venha. Não há mais nada a fazer.

Até mesmo aqueles que se opunham a Jaina pareciam abatidos. Não havia expressão de alegria ou triunfo em nenhum rosto, apenas o choque de ver alguém tão lendário, tão maior do que a vida para alguns, ainda estar submetida às suas regras.

— Não — murmurou Anduin. — Não posso...

— Então o aluno se lembra das lições que aprendeu no meu templo — falou uma voz que era, ao mesmo tempo, jovem e antiga, impaciente e solene, e indescritivelmente gentil. — A esperança é o que lhe resta, quando todas as outras coisas já falharam. Onde há esperança, há espaço para cura, para tudo o que é possível e algumas coisas que não o são.

Goël olhou para cima e viu Chi'ji, a Garça Vermelha, pairando no ar sobre eles. O vento de suas asas era fresco, tão refrescante depois do ardor da batalha e do calor das lágrimas. Tinha o cheiro da primavera, de recomeços, de vida e esperança. O pesar no coração do orc foi substituído por paz. Os machucados do corpo e da alma. As feridas e mágoas, as grandes e as pequenas derreteram como neve sob o sol. Calma e contentamento se abateram sobre ele, e, quando Goël olhou de volta para Jaina, o ferimento se fechara e sua pele parecia saudável novamente. Jaina abriu os olhos e viu um mar de rostos — de humanos, dragão, orcs e tantos outros — olhando para ela com admiração e alegria. Ela estendeu a mão para Kalec, e ele pressionou a mão dela em seu rosto.

Para Anduin, ela falou em uma voz ainda fraca.

— Você está ficando muito bom nisso. — O príncipe riu, ainda trêmulo.

Kalecos a segurou em seus braços, abraçando-a gentilmente e pressionando seu rosto contra o pescoço de Jaina por um instante. Goël

percebeu que Jaina parecia... feliz. Talvez não só seu corpo tenha sido curado. Ele se perguntava como ela fora capaz de aceitar sua contraparte tão furiosa. Ele supôs que nunca saberia. Seus olhares se encontraram e ele sorriu para ela. E, quando ela estendeu a mão para ele, Goël a tomou. Jaina a apertou uma vez e a soltou. Por todo lado, outros estavam se levantando, curados e inteiros, não parecendo nem um pouco aturdidos.

— Esta é a bênção de Chi-Ji — disse a garça. — Ninguém mais morrerá neste dia. Aceitem esta segunda chance e usem-na de forma sábia.

— Eu o agradeço, Garça Vermelha — respondeu Varian, com uma longa medida. Ele voltou-se para Crona: — Garrosh se foi. Isso foi obra de Kairoz, não foi? Como isso aconteceu?

Crona parecia mais furiosa e derrotada do que Goël jamais a vira antes. Pálida, com seu tabardo marrom e dourado sujo de sangue e poeira das Areias do Tempo, ela falou com eles.

— Antigamente nós conhecíamos os caminhos do tempo de trás pra frente — começou ela. — Nós podíamos ver o passado e o futuro com total clareza. O dever de nossa revoada, desde o momento em que Nozdormu se tornou nosso Aspecto, era proteger a santidade da linha do tempo. E nos deram vastos poderes para conseguirmos isso. Agora... as coisas não são tão claras. Nós ainda podemos viajar pelos caminhos do tempo, mas não temos mais o conhecimento exato. É por isso que alistamos mortais para nos ajudar a manter a linha do tempo a salvo. Mas houve alguma falção. Alguns de nós acreditam que nós deveríamos usar as habilidades que nos restam para manipular os caminhos do tempo. Alterar o passado e mudar o futuro para algo melhor.

Ela sorriu com tristeza.

— Bom, e quem pode dizer o que é “melhor”? Principalmente agora que não temos a compreensão que tínhamos antes. Foi isso que impediu a

maioria de nós. Mas é óbvio que Kairoz estava entre aqueles que acreditam que os dragões bronze podem e devem mudar as coisas. Ele sempre gostou de construir coisas... — A voz dela desvaneceu.

— Como isso foi acontecer? Você nos disse que a Visão do tempo tinha habilidades limitadas — disse Tyrande. Era claro que ela não tinha a intenção de atacar Crona, que estava obviamente devastada — assim como todos os outros —, mas a alta sacerdotisa estava frustrada e com raiva. — Que ela mostraria apenas imagens do passado e do futuro, que não poderia manifestá-las ou alterá-las de maneira nenhuma.

— Isso era verdade até esta manhã — respondeu Crona. — Nozdormu foi categórico quanto a isso. Mas a Visão do Tempo era uma criação de Kairoz. Ele deve tê-la construído com algum dispositivo capaz de contornar as medidas de segurança.

Varian franziu a testa e olhou para Goël. Os dois se lembravam de ter achado o comportamento de Kairoz estranho.

— Ele o fez hoje de manhã — disse Varian. Bem na frente de todos. Ele foi corajoso, eu admito isso.

— Wrathion também está envolvido — disse Anduin. — Foi ele que derrubou a mim e os Chus.

Um silêncio apreensivo pairou sobre eles. Vol'jin foi o primeiro a falar.

— Então agora a gente tem um dragão bronze inventor, muito poderoso, além de grande; o último dragão negro e o filho de Grito Infernal mancomunados e a gente não sabe nem onde ou quando procurar — disse, balançando a cabeça.

Goël se voltou para os Celestiais. Tirando Chi-Ji, eles ficaram em silêncio e um tanto distantes.

— Vocês não se juntaram a nós no combate físico, mas nos deram a dádiva do entendimento. Eu entendo por que vocês não fizeram mais —

disse ele. — E todos nós não temos palavras para agradecer a você, Chi-Ji, pela vida de Jaina e dos outros. Mas eu pensei que vocês estariam mais... — ele pensou na palavra — aflitos com a fuga de Garrosh, já que era seu dever pronunciar a sentença.

— Celestiais Majestosos, sanem a curiosidade deste pandaren — interpelou Taran Zhu. — Vocês sabem qual veredito seria sido conferido?

— De fato, sabemos — rosnou Niuzaio. — Sabíamos desde o início.

Todos olhavam para os celestiais. Go'el lutava contra sua raiva, e Tyrande parecia aturdida.

— E o que vocês teriam decidido? — continuou Taran Zhu.

— Garrosh Grito Infernal viveria, para que continuasse a aprender — respondeu Yu'lon, ondulando sua forma graciosa. — Meus queridos, sabedoria, resistência, força e esperança não podem ser aprendidos na morte.

— A vida não gira em torno de recompensas e punições — completou Xuen. — É sobre entender, aceitar quem uma pessoa é agora, para saber o que mudar, e como mudar.

— Acreditamos que a justiça foi feita — disse o Boi Negro, batendo seu casco e balançando a cabeça.

— Então por que se incomodar com um julgamento? — exigiu saber Tyrande. — Se já sabiam qual seria a sentença no final? Vocês estavam brincando conosco?

Yu'lon disse suavemente:

— Nunca, impulsiva Acusação. Seus esforços foram vitais para o resultado deste julgamento. Veja bem... Não era somente Garrosh Grito Infernal que estava sendo julgado. — Por um momento, Go'el não entendeu, mas a compreensão veio logo em seguida.

— Nós também fomos julgados — compreendeu ele. Goël estava surpreso de não estar furioso por ter sido manipulado, mas uma parte mais profunda de si, uma parte mais sábia — a parte que comungou com o Espírito da Vida —, aceitava completamente. Ele viu nos rostos dos outros — taurens, humanos, trolls, elfos e até mesmo do dragão — que eles também aceitavam.

Chi-Ji inclinou a cabeça.

— O jovem príncipe e o Defensor tauren perceberam primeiro. Mas, agora, todos vocês entendem. Vocês foram julgados e sentenciados. Com nossas bênçãos e o conhecimento que vocês adquiriram de seus próprios corações e mentes e também dos outros, sua tarefa é voltar ao mundo e fazer o que precisa ser feito.

Eles se entreolharam. Varian, firme e forte, com uma mão no ombro do filho. Kalecgos e Jaina, de mãos dadas. Tyrande e Baine, Acusadora e Defensor, lado a lado. Vol'jin, parecendo contemplativo. Crona e Lor'themar e tantos outros.

Goël não tinha mais uma posição de liderança entre eles. Mesmo assim, ele percebeu que todos os rostos voltaram-se para ele no final. Humildemente, Goël, filho de Durotan e Draka, falou por todos eles.

— Nós encontraremos Garrosh.

EPÍLOGO



Garrosh saiu do portal dos caminhos do tempo com Kairoz ao seu lado.

— O que você acha? — perguntou o dragão bronze. Ele parecia bem satisfeito consigo mesmo, como deveria estar.

Garrosh não respondeu logo. Ele ficou ali parado, sentindo a brisa suave em seu rosto, e vislumbrou as colinas verdejantes de Nagrand. Ele colocou os pés na grama ondulante e sentiu uma terra forte e saudável sob seus pés.

— Este não é meu lar — murmurou ele, fechando os olhos por causa do sol. — Este não é meu céu.

— Sim e não — disse Kairoz. — Você está em casa, Garrosh Grito Infernal, mas não, este não é o céu com o qual você cresceu.

Um rebanho de fenocerontes passou por eles, não muito distante de onde estavam. Eram feras fortes, com o pelo lustroso. Aqui foi o lugar onde seu povo nasceu. Ele via a mesma terra, o mesmo céu que seu pai vira

antes. Esta era a dádiva do dragão bronze — um mundo que não mais existia, mas que poderia se tornar... qualquer coisa.

— Grito Infernal! — gritou uma voz órquica rouca.

Garrosh virou-se com a menção de seu nome, acreditando que de alguma forma seu aliados os tinham seguido até ali.

— Quem... — começou ele, mas Kairoz, com um sorriso mais malicioso do que nunca, simplesmente apontou. Totalmente confuso, Garrosh virou a cabeça. O chamado era para outro Grito Infernal.

De pé, no topo de uma colina, com o vento soprando em seus cabelos pretos e o sol brilhando sobre seu musculoso corpo castanho, um feroz orc tatuado, cujo sangue corria nas veias de Garrosh, respondeu à saudação com um brado poderoso, e levantou...

...Uivo Sangrento.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

CRIMES DE GUERRA

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/407940-crimes_de_guerra

Wikipedia do jogo

http://pt.wikipedia.org/wiki/World_of_Warcraft

Página do facebook do jogo

<https://www.facebook.com/WarcraftBrasil>

Wikipedia da autora

http://en.wikipedia.org/wiki/Christie_Golden

Site da autora

<http://www.christiegolden.com/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/ChristieGolden>

Matéria sobre a autora na revista época

<http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2012/10/romancista-christie-golden-faz-sucesso-com-livros-baseados-em-games.html>

SUMÁRIO

Capa

Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas pela Galera

Record:

Rosto

Créditos

Dedicatória

Ilha do trovão | Mapa

Pandaria | Mapa

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

Epílogo

Colofon

Saiba mais